

ONOMÁSTICA EM LIBRAS



Alexandre Melo de Sousa
Liliane Lemos Santana Barreiros
Ronice Müller de Quadros
Marianne Stumpf
(Organizadores)

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

A produção deste livro contou com o apoio financeiro do Programa Interno de Auxílio Financeiro aos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu (AUXPPG) da Universidade Estadual de Feira de Santana, conforme Termo de Outorga 006/2024 - SEI no 071.3705.2024.0017431-81

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo – SP)

S725o Sousa, Alexandre Melo de (org.) et al.

Onomástica em Libras / Organizadores: Alexandre Melo de Sousa, Liliane Lemos Santana Barreiros, Ronice Müller de Quadros e Marianne Stumpf.

1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2025;
figs., gráfs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-217-0609-0.

1. LIBRAS. 2. Linguística. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística. 410
2. Outras linguagens que não as escritas e faladas – Linguagem de sinais. 419

ONOMÁSTICA EM LIBRAS

Alexandre Melo de Sousa
Liliane Lemos Santana Barreiros
Ronice Müller de Quadros
Marianne Stumpf
(Organizadores)

Copyright © 2025 – Dos organizadores representantes dos autores

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Revisão: Joana Moreira

Editoração: Vinnie Graciano

Capa: Acessa Design

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman

(Unicamp – Campinas)

Clarissa Menezes Jordão

(UFPR – Curitiba)

Edleise Mendes

(UFBA – Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros

(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi

(Unicamp – Campinas)

Glaís Sales Cordeiro

(Université de Genève – Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho

(UNB – Brasília)

Rogério Tilio

(UFRJ – Rio de Janeiro)

Suzete Silva

(UEL – Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteado, 1038 – Jd. Chapadão

Campinas – SP – 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>André Nogueira Xavier</i>	
O lugar da Onomástica em Libras nos estudos linguísticos atuais	11
<i>Alexandre Melo de Sousa</i>	
<i>Liliane Lemos Santana Barreiros</i>	
<i>Ronice Müller de Quadros</i>	
<i>Marianne Stumpf</i>	

ANTROPONÍMIA

Os sinais-nome de Surdos participantes do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: análise semântico-motivacional	29
<i>João Carlos Paiva Xavier</i>	
<i>Alexandre Melo de Sousa</i>	
<i>Ronice Müller de Quadros</i>	
Sinais de nome formados por meio da interação entre metáforas e metonímias conceptuais	55
<i>Gabriele Cristine Rech</i>	
<i>Fabíola Sucupira Ferreira Sell</i>	
Sinais-nome de surdos e não-surdos acreanos: uma análise comparativa	77
<i>Alexandre Melo de Sousa</i>	
<i>Pablo Henrique Lira Cruz</i>	
<i>Rosane Garcia</i>	
<i>Magno Prado Gama Prates</i>	

Antroponímia em Libras: análise de sinais-nomes de Formosa, Goiás	105
--	------------

Karime Chaibue

Mariângela Estelita Barros

TOPONÍMIA

Toponímia e saúde: os mimetopônimos nos hospitais de Feira de Santana, Bahia	135
---	------------

Midian Jesus de Souza Marins

Liliane Lemos Santana Barreiros

A toponímia em Libras e a linguística de corpus: processo de etiquetagem na análise motivacional de topônimos de cidades goianas	153
---	------------

Kássia Mariano de Souza

Ariel Novodvorski

Paisagem linguística e iconicidade: os sociotopônimos em Libras das ruas do centro comercial de Feira de Santana, Bahia	181
--	------------

Daniela Betânia dos Santos Ferreira

Iago Gusmão Santiago

Liliane Lemos Santana Barreiros

Análise fonológica e referencial dos sinais toponímicos dos bairros de São Luís, Maranhão	209
--	------------

Zanado Pavão Sousa Mesquita

Antonio Hercles Coêlho Almeida

Maria Célia Dias de Castro

A motivação de sinais no ato de nomeação de escolas em Araguaína, Tocantins	247
--	------------

Mariana Ferreira Albuquerque

Karylleila dos Santos Andrade

Bruno Gonçalves Carneiro

Sociotopônimos em Libras: sinais de estádios de futebol do Brasil	267
--	------------

Alexandre Melo de Sousa

Higor Soares Pereira

João Renato dos Santos Junior

Israel Queiroz de Lima

Como os surdos nomeiam as escolas municipais em Feira de Santana, Bahia	291
<i>Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas</i>	
<i>Liliane Lemos Santana Barreiros</i>	
<i>Thaiane Souza Macambira</i>	
Toponímia bíblica em línguas de sinais	313
<i>Brenno Barros Douettes</i>	
<i>Sandra Patrícia de Faria-Nascimento</i>	
Sinais de cidades do estado do Tocantins: aspectos linguísticos e culturais	335
<i>Roselba Gomes de Miranda</i>	
<i>Bruno Gonçalves Carneiro</i>	
<i>Karylleila dos Santos Andrade</i>	

ONIONÍMIA, TEONÍMIA E ZOONÍMIA

Onionímia em Libras: as relações entre iconicidade e identidade visual nos sinais que nomeiam instituições financeiras	367
<i>Beatriz França de Moraes</i>	
<i>Alexandre Melo de Sousa</i>	
Teonímia em Libras: a iconicidade presente nos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé do Recôncavo da Bahia	389
<i>Carlos Messias de Jesus</i>	
<i>Liliane Lemos Santana Barreiros</i>	
Meu pet tem um sinal porque ele faz parte do meu mundo! – uma análise dos sinais zoonímicos em Libras	427
<i>Alexandre Melo de Sousa</i>	
<i>Monalisa Abreu Teixeira</i>	
<i>Ivani Rodrigues Silva</i>	
Organizadores e autores	447

PREFÁCIO

A obra “Onomástica em Libras” representa, sem dúvida, um marco nos estudos do léxico da libras. A edição primorosa reúne o trabalho de pesquisadores de diferentes partes do Brasil e permite o leitor ter uma visão bastante abrangente do que se tem desenvolvido no campo da onomástica da libras.

Embora seja uma área relativamente recente nos estudos linguísticos da libras, a presente obra revela a pujança dos estudos onomásticos desenvolvidos sobre a libras, que já compreende diferentes subdomínios, a saber, a antroponímia, a toponímia, a ononímia, a teonímia e a zoonímia.

Os capítulos que tratam especificamente de antropônimos em libras nos permitem observar diferenças regionais (Acre *versus* Goiás) e diferenças identitárias (surdos *versus* não-surdos) em seu processo de criação. Além disso, eles analisam também aspectos semântico-motivacionais que subjazem aos sinais-nomes em libras, bem como os processos cognitivos, metáfora e metonímia, que os engendram.

Os capítulos sobre sinais da libras que designam lugares, por sua vez, abrangem não apenas estudos toponímicos prototípicos, ou seja, acerca de nomes de bairros e cidades, mas também de outros espaços como hospitais, ruas, estádios de futebol e escolas municipais. Com isso, ampliam nosso conhecimento sobre o processo de criação de sinais toponímicos na libras.

Por fim, a obra “Onomática em Libras” contém ainda um capítulo sobre sinais que nomeiam em libras instituições financeiras (onionímia), outro sobre Orixás do Candomblé do Recôncavo baiano (teonímia) e um terceiro sobre animais de estimação (zoonímia).

Sendo assim, trata-se de uma obra com potencial de representar um marco nos estudos onomásticos da libras, um material de referência para disciplinas relacionadas aos estudos do léxico nos cursos de letras libras ou mesmo uma fonte de conhecimento sobre aspectos linguísticos e culturais da comunidade surda brasileira.

Desejo aos leitores uma excelente incursão no universo da onomástica em libras. Graças à seleção cuidadosa de trabalhos e ao trabalho primoroso de edição, certamente esta será uma experiência de leitura marcante e enriquecedora.

Prof. Dr. André Nogueira Xavier
Universidade Federal do Paraná

O lugar da Onomástica em Libras nos estudos linguísticos atuais

Alexandre Melo de Sousa

Liliane Lemos Santana Barreiros

Ronice Müller de Quadros

Marianne Stumpf

Os homens se organizam, interagem e organizam as coisas do mundo por meio das línguas. As línguas, por sua vez, são geradas, sistematizadas e funcionam por meio de dois domínios principais: léxico e da gramática – interdependentes e socioculturalmente constituídos. O léxico, de modo particular, é gerado por meio dos processos de nomeação das distintas realidades culturais, dos diversos contextos históricos, das diferentes expressões culturais, das permanentes evoluções científico-tecnológicas, das infinitas formas de inter-relações humanas e de visões de mundo. Por essa razão, Biderman (2001, p. 13) diz que a constituição do universo lexical se processa “por atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos”: as palavras (nas línguas de modalidade oral-auditiva) e os sinais (nas línguas de modalidade visual-espacial).

No vasto domínio lexical, no caso específico das línguas de sinais, os sinais podem ser observados e estudados em diferentes perspectivas: quanto aos processos criativos e de expansão, quanto aos fenômenos de formação estrutural, quanto às organizações em grupos

semânticos, quanto às variações, quanto aos usos em contextos de especialidade entre outras. Nesta obra, reunimos um conjunto de itens que nomeia de forma particular – específica e singularizadora – as pessoas, os lugares, os animais, os estabelecimentos comerciais e financeiros, as divindades religiosas e espirituais. Trata-se, neste caso, de um estudo onomástico com foco na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A Onomástica é a ciência do léxico que estuda os nomes próprios. Trata-se, como pontuou Sousa e Dargel (2020), de um domínio interdisciplinar, uma vez que examina o elemento linguístico a partir de perspectivas e conhecimentos que dialogam com outras áreas do saber: a Geografia, a História, a Psicologia, a Teologia, a Zoologia etc.

Como elemento da língua, Sousa (2022) aponta que além dos componentes estruturantes e funcionais do elemento lexical em Libras (fonético-fonológico, morfossintático e semântico), no caso das línguas de sinais, é necessário associar os aspectos que envolvem: as experiências surdas, as culturas surdas e os contatos linguísticos e todas as formas como as visões de mundo do Povo Surdo se reflete (ou pode se refletir) na constituição da língua e dos seus processos interacionais.

A Onomástica possui subáreas que abrangem as nomeações próprias (específicas) de pessoas (*Antroponímia*); de espaços geográficos urbanos e rurais (*Toponímia*); de animais (*Zoonímia*); de deuses, divindades e seres sagrados das diferentes manifestações espirituais e religiosas (*Teonímia*); de estabelecimentos comerciais, financeiros, de serviços, marcas e produtos (*Onionímia*); de astros celestes (*Astronímia*); de fenômenos atmosféricos (*Metereonímia*).

Sousa e Barreiros (2020) apresentaram um panorama histórico dos estudos toponímicos em Libras realizados no Brasil entre 2012 e 2020. Foram apresentados 15 estudos e os autores ressaltaram o crescimento de investigações sobre os processos de nomeação de espaços geográficos por surdos, especialmente com foco na iconicidade e nos empréstimos linguísticos e concluíram da seguinte forma:

[...] vale ressaltar que ainda há muito a se pesquisar a respeito do ato de nomear os espaços geográficos em Libras e que os estudos toponímicos sem línguas de sinais, pelo caráter interdisciplinar inerente ao campo léxico de nomeação de lugares, têm muito a contribuir no conhecimento da relação entre língua e cultura, e quanto às questões identitárias refletidas nos usos da linguagem – tal como tem sido observado nos estudos toponímicos relacionados às línguas orais (Sousa; Barreiros, 2020, p. 18).

Os estudos onomásticos em Libras tiveram crescimento importante nos últimos anos. A temática passou a ser vista nos principais eventos científicos do país e aumentaram o número de artigos científicos, monografias, dissertações e teses sobre o assunto. Aqui, vamos destacar alguns desses estudos.

Quanto aos eventos, mencionamos a mesa redonda *A pesquisa toponímica no Brasil: estudos contemporâneos*¹ que integrou a programação de conferências remotas *Abralin Ao Vivo*. A mesa, que ocorreu no dia 23 de julho de 2020, foi composta por Aparecida Negri Isquermo (UFMS), Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG) e Alexandre Melo de Sousa (UFAC) – este último tratou da Toponímia em Libras. Pela primeira vez, a Associação Brasileira de Linguística (Abralin) colocou em evidência os estudos toponímicos em Libras. Santos (2020, p. 2) avalia:

Um aspecto inovador da mesa se deu pela temática abordada pelo professor Alexandre Melo de Sousa, que descreveu e analisou a *Toponímia em Libras* – Língua Brasileira de Sinais –, idioma cooficial do Brasil desde 2002. O professor afirma que topônimos em língua oralizada e na Libras, língua visual-espacial

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YcU-obkeuc>.

amplamente usada pela comunidade surda brasileira, coexistem socialmente, não sendo os sinais-nomes, necessariamente, transliterações de signos linguísticos em língua portuguesa. Dada a natureza desse *corpus*, Sousa didaticamente apresenta especificidades daquele sistema linguístico, como a adoção do *signwriting* como sistema de escrita dos sinais-nome; o destaque da iconicidade como relevante propriedade do léxico toponímico em Libras, bem como descreve e analisa, nos níveis gramatical e semântico-referencial, sinais-nomes do estado do Acre.

Em 20 de outubro de 2021, também na programação da *Abralin Ao Vivo*, a toponímia voltou a ser debatida pelo professor Alexandre Melo de Sousa (UFAC), agora na perspectiva aplicada ao ensino: *O ensino do léxico para estudantes surdos – o caso da toponímia*. A mesa redonda – *Léxico, Lexicografia e Aprendizagem: interfaces*² – moderada pela professora Ana Claudia Castiglioni (UFNT) era composta também pelos professores Renato Rodrigues-Pereira (UFMS) e Odair Luiz Nadin (UNESP). Os debates da mesa abordaram: a) o léxico na perspectiva da Lexicografia Pedagógica e sua interface com o ensino e a aprendizagem numa perspectiva funcional e pragmática; b) as unidades terminológicas em contextos de ensino de línguas para fins específicos, com foco na Abordagem Terminológico-Discursiva; e c) as unidades léxicas toponímicas em Libras e os aspectos pedagógicos que precisam ser considerados em contextos escolares da Educação Bilíngue de Surdos.

Outro evento promovido pela Abralin³ (em 25 de janeiro de 2023), em parceria com o Conselho Internacional de Ciências Onomásticas⁴ (ICOS), foi a conferência *Estudos toponímicos em Língua Brasileira*

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dVSWrwXMxMU>.

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dy51giSIjJA>.

4 International Council of Onomastic Sciences (ICOS).

de Sinais⁵ proferida pelo professor André Xavier (UFPR), na qual o pesquisador apresentou resultados dos estudos empreendidos por ele e seus orientados sobre as nomeações em Libras de espaços geográficos do Paraná, destacando os processos de formação dos sinais e o fenômeno de variação linguística. Na oportunidade, Xavier destacou, ainda, outros estudos sobre a temática desenvolvidos no Brasil, como o projeto *Atlas Toponímico em Libras do Brasil*.

Um avanço das pesquisas onomásticas em Libras no Brasil pode ser comprovado, ainda, pela publicação do Dossiê *Toponímia em Libras*, da Revista *Porto das Letras*, organizado em 2023 pelos professores Alexandre Melo de Sousa (UFAC), Daiane Ferreira (UFPR), André Nogueira Xavier (UFPR), Karylleila dos Santos Andrade (UFT), que reuniu 11 artigos científicos sobre a temática, produzidos por estudiosos (surdos e ouvintes) que se dedicam às pesquisas sobre as nomeações de espaços geográficos por surdos brasileiros. O dossiê se destaca por apresentar artigos também em videolibras.

O *Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (UEFS-CONSEPE 044/2018)⁶ – coordenado pela Professora Liliane Lemos Santana Barreiros (e que tem como membros: Midian Jesus de Souza Marins, Carlos Messias Alves de Jesus, Daniela Betânia dos Santos Ferreira, Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas, Caroline da Silva Pereira Santos, Thiane Souza Macambira) – tem divulgado resultados das investigações em diferentes eventos, nacionais e internacionais, dentre os quais destacamos: V CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (2018), Abralín em Cena Bahia (2018), XII Encontro Intermediário do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (2019), VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (2019), Abralín 50 – Linguística na Contemporaneidade: desafios, debates e propos-

5 Toponymic studies on Brazilian Sign Language.

6 O projeto foi ampliado e, atualmente, é intitulado *Estudo da toponímia baiana: línguas orais e línguas de sinais (Etapa I)*.

tas (2019), X SEF – Seminário de Estudos Filológicos: por uma ética na pesquisa filológica (2021), XXVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia (2023), XIII Congresso Internacional da Abralín (2023), VI Congresso Internacional de Letras – CONIL (2023), IX ECLAE – Encontro de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (2023), IV SEMINEL – Seminário Interno do Núcleo de Estudos Lexicais (NEL/PPGEL/UNEB) (2023), 37º Enanpoll – Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística na reconstrução de um Brasil democrático e plural (2023), XI Seminário de Estudos Filológicos (SEF) – Filologia e Ensino: perspectivas críticas e editoriais (2024). Além das participações em eventos científicos, o grupo de pesquisa tem divulgado seus achados em periódicos especializados e em capítulos de livros.

Em relação às investigações científicas com temáticas onomásticas com foco em Libras, destacaremos sete: 5 teses de doutoramento – Rech (2021), Chaibue (2022), Douettes (2023), Souza (2023) e Marins (2024) e 2 trabalhos científicos para a promoção de professor titular: Barreiros (2023) e Sousa (2023).

Rech (2021) estudou as características socioantroponomásticas dos sinais de nome em Libras. Ela utilizou como instrumento de coleta um questionário aplicado de forma *on-line* que gerou 393 respostas de pessoas ouvintes. Os resultados do estudo mostraram que a metonímia conceptual se constituiu como o principal mecanismo envolvido na formação dos sinais de nome. Essa foi a primeira tese com foco na antroponímia em Libras do Brasil.

Chaibue (2022), por sua vez, analisou 32 sinais de lugares (topônimos) e 109 sinais-nome de pessoas (antroponimos) de Formosa (GO). O estudo foi o primeiro a abordar as duas subáreas onomásticas num mesmo recorte espacial. A pesquisa verificou a forte iconicidade dos sinais onomásticos e destacou que 41% dos sinais antroponímicos foram motivados por características físicas dos sujeitos nomeados.

Douettes (2023) estudou topônimos bíblicos em línguas de sinais de países da Europa (Itália, Grécia, Turquia, Chipre, Malta) do Oriente Médio (Israel, Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque) da África (Egito e Líbia) e da América do Sul (Brasil). O pesquisador selecionou 74 sinais em Libras e verificou suas respectivas correspondências nas demais línguas de sinais, especialmente em relação à iconicidade e à motivação. Como resultado, ele constatou a iconicidade em 23 sinais. O estudo mostrou, ainda, que a maioria dos sinais (49) foi influenciada por tradições culturais e/ou aspectos sociais das cidades, estados, países e/ou regiões que os utilizam.

Souza (2023), com base na Linguística de *Corpus*, desenvolveu entrevistas com indivíduos surdos e descreveu 112 topônimos em Libras que nomeiam cidades de Goiás. A pesquisadora verificou que os aspectos antropoculturais foram os principais motivadores semânticos dos sinais toponímicos analisados. A maioria dos topônimos (57) se constituía por empréstimos da língua oral (inicialização), o que evidencia a influência do português na formação dos sinais – possivelmente decorrente do contato linguístico.

Marins (2024) analisou os topônimos em Libras e em português brasileiro que nomeiam espaços de saúde de Feira de Santana (Bahia). A autora investigou as motivações dos topônimos que nomeiam as unidades de saúde nos dois idiomas com base em dados coletados na secretaria municipal de saúde, no banco de dados DataSUS (departamento de informática do SUS, Sistema Único de Saúde) e na Associação de Surdos de Feira de Santana. Quarenta por cento dos topônimos foram influenciados pelos logotipos dos locais. Assim, a autora propôs a taxa mimetopônimos.

Barreiros (2023) apresenta uma proposta metodológica para o estudo da toponímia baiana, numa perspectiva bilíngue – línguas orais e línguas de sinais. A investigação, vinculada à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), objetivou catalogar, analisar e classificar

os topônimos de natureza física e humana para criar ferramentas tecnológicas que possibilitem acessibilidade e inclusão social para pessoas surdas. Os dados da pesquisa foram coletados nas Folhas Cartográficas do IBGE, no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), nas Prefeituras, no Centro de Documentação e Pesquisa da UEFS e nas Associações de Surdos da Bahia.

Sousa (2023) analisou sinais atribuídos por surdos de Rio Branco (Acre) e de Campinas (São Paulo) para seus animais de estimação. O estudo zoonímico analisou os sinais a partir da perspectiva estrutural e semântico-motivacional – o que possibilitou a criação das seguintes taxonomias: *zooanatômicos* (para os sinais motivados por características físicas dos animais), *zooetológicos* (para os sinais que se referem aos comportamentos dos animais) e *zooextrínsecos* (para os sinais que têm relação com aspectos externos aos animais, como uso de acessórios, empréstimos da língua oral etc.).

Merece destaque, ainda, a publicação da *Gramática da Libras* – organizada por Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva, Miriam Royer e Vinícius Silva – publicada em 2023, que em seu segundo volume traz uma seção intitulada *Onomástica em Libras*. Nesse espaço, Sousa e Quadros (2023) descrevem a Antroponímia, a Toponímia e a Zoonímia em Libras com exemplos selecionados do Projeto Inventário Nacional de Libras para ilustrar as discussões.

Esse apanhado de produções onomásticas em Libras constituem um recorte do que se tem desenvolvido sobre a temática no Brasil. E foi isso que nos motivou a organizar esta obra, convidando pesquisadores que estão investigando diferentes subáreas da Onomástica com foco na Libras. Neste livro, reunimos estudos onomásticos sobre a Antroponímia, a Toponímia, a Onionímia, a Teonímia e a Zoonímia, divididos em três blocos.

O primeiro bloco é dedicado aos estudos antroponímicos em Libras. Nele constam 4 capítulos. João Carlos Paiva Xavier,

Alexandre Melo de Sousa e Ronice Müller de Quadros, em **Os sinais-nome de Surdos participantes do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: análise semântico-motivacional**, discutem sobre o processo de nomeação de pessoas em Libras, com base nas entrevistas do projeto Inventário de Libras desenvolvido na capital acreana. O estudo aborda a questão motivacional dos sinais-nome em perspectivas quantitativa e qualitativa.

No segundo capítulo, intitulado **Sinais de nome formados por meio da interação entre metáforas e metonímias conceituais**, Gabriele Cristine Rech e Fabíola Sucupira Ferreira Sell descrevem de que forma as metáforas e metonímias conceituais interagem na formação dos sinais de nome na Libras. O estudo apresenta um diálogo entre a Onomástica e a Linguística Cognitiva, de modo particular, entre os estudos das metáforas e metonímias conceituais.

No terceiro capítulo, **Sinais-nome de surdos e não-surdos acreanos: uma análise comparativa**, Alexandre Melo de Sousa, Pablo Henrique Lira Cruz, Rosane Garcia e Magno Prado Gama Prates analisam sinais-nomes de surdos e não-surdos de Rio Branco, Acre, tomando como ponto de partida a proposta taxonômica de Barros (2018) para a classificação dos sinais-nome em Libras. Os dados obtidos por meio de entrevistas com 18 surdos e 18 não-surdos que moram em Rio Branco e que possuem vivência efetiva na comunidade surda: alunos, egressos e professores do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre, professores, além de Tradutores-Intérpretes do Centro de Apoio ao Surdo (CAS) municipal e estadual.

No último capítulo do primeiro bloco – **Antroponímia em Libras: análise de sinais-nomes de Formosa, Goiás** – Karime Chaibue e Mariângela Estelita Barros descrevem e analisam aspectos estruturais e motivacionais dos sinais-nomes de participantes de Formosa, cidade de Goiás. O *corpus* é formado por 109 sinais-nomes, sendo a maioria, referente a familiares de surdos. Participaram do estudo 13 membros

da comunidade surda local, sendo 03 (três) ouvintes e 10 (dez) surdos, todos na faixa etária adulta, com idades de 23 a 50 anos. Os dados são classificados conforme a proposta taxonômica em línguas de sinais de Barros (2018).

O segundo bloco agrega 9 capítulos sobre Toponímia em Libras. No primeiro – intitulado **Toponímia e saúde: os mimetopônimos nos hospitais de Feira de Santana, Bahia** – Midian Jesus de Souza Marins e Liliane Lemos Santana Barreiros analisam os sinais toponímicos de 19 hospitais (entre públicos e particulares) de Feira de Santana, Bahia. O estudo apresenta os mimetopônimos – que se configuram como uma taxa criativa de experiência visual em que novos sinais são criados, geralmente inspirados na logomarca do lugar nomeado, seguindo a estrutura fonológica da Libras.

No segundo capítulo, **A toponímia em Libras e a linguística de corpus: processo de etiquetagem na análise motivacional de topônimos de cidades goianas**, Kássia Mariano de Souza e Ariel Novodvorski estudam a toponímia em Libras de Goiás, integrando a Toponímia e a Linguística de *Corpus*. Os dados foram gerados por meio de entrevistas com pessoas surdas nascidas e/ou residentes no estado de Goiás e informações coletadas em *sites* de material didático para o ensino da Libras. O estudo apresenta a transcrição das entrevistas para a Língua Portuguesa (que possibilitou a identificação do léxico toponímico), a descrição fonético-fonológica dos topônimos em Libras (que permitiu as análises quanto à origem motivacional para a criação dos sinais em análise) e o *corpus* de etiquetagem dos topônimos (que contribuiu significativamente para a constatação de nossa hipótese a respeito da influência da Língua Portuguesa no processo de nomeação em Libras, por meio de empréstimos linguísticos).

Daniela Betânia dos Santos Ferreira, Iago Gusmão Santiago e Liliane Lemos Santana Barreiros, no capítulo **Paisagem linguística e iconicidade: os sociotopônimos em Libras das ruas do centro**

comercial de Feira de Santana, Bahia, analisam sociotopônimos do centro comercial de Feira de Santana, com destaque para as influências da paisagem linguística na nomeação dos lugares. Os autores relacionam a toponímia em Libras e a ecolinguística, com ênfase na relação entre a nomeação dos lugares por pessoas surdas e a paisagem linguística.

Em **Análise fonológica e referencial dos sinais toponímicos dos bairros de São Luís, Maranhão**, Zanado Pavão Sousa Mesquita, Antonio Hercles Coêlho Almeida e Maria Célia Dias de Castro analisaram os sinais toponímicos dos bairros de São Luís, Maranhão. Os autores descreveram os sinais toponímicos presentes na videoaula em Libras do CAS/MA e os sinais divulgados no projeto “Maranhão em Sinais” da UFMA, quanto aos aspectos formais e referenciais.

No capítulo **A motivação de sinais no ato de nomeação de escolas em Araguaína, Tocantins**, Mariana Ferreira Albuquerque, Karylleila dos Santos Andrade e Bruno Gonçalves Carneiro identificaram, descreveram e analisaram (quanto à forma e a motivação) o processo de nomeação e motivação dos sinais de escolas do município de Araguaína, estado do Tocantins. O levantamento desses sinais ocorreu por meio de entrevistas com membros da comunidade surda do município, nos anos de 2012 e 2013.

Alexandre Melo de Sousa, Higor Soares Pereira, João Renato dos Santos Junior e Israel Queiros de Lima, em **Sociotopônimos em Libras: sinais de estádios de futebol do Brasil**, analisam 14 sinais toponímicos que nomeiam estádios de futebol brasileiros em Libras. Os dados foram informados por pessoas surdas (homens e mulheres) de diferentes cidades do Brasil. Os sinais toponímicos foram gravados e disponibilizados no canal *Onomástica em Libras*, do YouTube. Os sinais foram descritos quanto à estrutura e analisados quanto à iconicidade.

No sétimo capítulo, **Como os surdos nomeiam as escolas municipais em Feira de Santana, Bahia**, Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas, Liliane Lemos Santana Barreiros e Thaiane Souza Macambira analisam o processo de nomeação de escolas municipais feirenses pelos sujeitos surdos locais. Os resultados apontaram como motivação uma tendência denominativa visual na atribuição dos sinais das instituições selecionadas, tal questão reflete o quanto a experiência visual do povo surdo e a modalidade visual-espacial da Libras influência no ato de nomear.

Brenno Barros Douettes e Sandra Patrícia de Faria-Nascimento, em **Toponímia bíblica em línguas de sinais**, realizam um levantamento linguístico-documental envolvendo especialmente topônimos bíblicos de natureza física (cidades, montanhas, montes e vales, mares, rios, ilhas, jardins) e topônimos religiosos judaicos de natureza humana que denominam tanques, templos, sinagogas. Foram analisados 125 sinais quanto às motivações linguísticas de tais topônimos a partir das bases conceituais, históricas e culturais, a partir da topografia do local e da iconicidade (descrição imagética).

Em **Sinais de cidades do estado do Tocantins: aspectos linguísticos e culturais**, Roselba Gomes de Miranda, Bruno Gonçalves Carneiro e Karylleila Andrade dos Santos analisam os topônimos em Libras das cidades do Tocantins. A partir de uma análise das propriedades articulatórias dos sinais, os topônimos foram categorizados em (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados. Em relação à análise da motivação, os topônimos foram categorizados em (1) material e em (2) cultural, dentro de um domínio maior, intitulado de Motivação Icônica, e em (3) calque e em (4) grafia, dentro de outro domínio maior, intitulada de Motivação em Português.

O terceiro bloco de capítulos deste livro apresenta 1 estudo ononímico, 1 estudo teonímico e 1 estudo zoonímico.

Beatriz França de Moraes e Alexandre Melo de Sousa – em **Onionímia em Libras: as relações entre iconicidade e identidade visual nos sinais que nomeiam instituições financeiras** – analisam e verificam as relações entre os sinais em Libras dos bancos e/ou instituições financeiras e os elementos das identidades visuais dos estabelecimentos selecionados: Banco do Brasil, Bradesco, Banco da Amazônia, Caixa Econômica Federal, Banco Itaú, Banco Santander, Banco Cooperativo Sicoob, Banco Cooperativo Sicredi, Banco Digital Inter e Banco Digital Nubank.

Carlos Messias de Jesus e Liliane Lemos Santana Barreiros, no capítulo **Teonímia em Libras: a iconicidade presente nos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé do Recôncavo da Bahia**, analisam sinais atribuídos por surdos para Orixás – divindades do candomblé – utilizados por surdos do Recôncavo da Bahia. Os resultados mostram forte relação entre os sinais e elementos característicos das divindades nomeadas.

Em ***Meu pet tem um sinal porque ele faz parte do meu mundo!* – uma análise dos sinais zoonímicos em Libras**, Alexandre Melo de Sousa, Monalisa Abreu Teixeira e Ivani Rodrigues Silva analisam, quanto ao aspecto semântico-motivacional, 86 sinais atribuídos por surdos aos seus animais de estimação, com o intuito de verificar quais as motivações mais frequentes na escolha, pelos surdos, dos sinais para seus animais de estimação. Os dados foram gerados a partir de entrevistas, via WhatsApp, realizadas com 45 surdos residentes em sete cidades: Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Porto Velho, Rio Branco, Rio de Janeiro e São Paulo. A classificação taxonômica segue a proposta de Sousa (2023).

Como se vê, neste livro *Onomástica em Libras*, conseguimos reunir uma diversidade de pesquisadores, surdos e ouvintes, das cinco regiões do Brasil que se dedicam aos estudos dos sinais (nomes) próprios em Língua Brasileira de Sinais. Há muitos outros pesquisado-

res e muitas outras investigações de igual importância. Que venham novos resultados para que possamos, em breve, organizar outros volumes e fortalecer este campo linguístico, tão necessário à descrição do léxico em Libras ou de outra língua de sinais. Assim, poderemos, cada vez mais, marcar o lugar da Onomástica em Libras nos estudos linguísticos atuais.

Referências

BARREIROS, Liliane Lemos de Santana. **Estudo da toponímia baiana**: línguas orais e línguas de sinais. Trabalho monográfico para promoção à Professor Titular. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

BARROS, Mariângela Estelita Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

CHAIBUE, Karime. **Onomástica em Libras de Formosa-GO**. 2022. 500 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

DOUETTES, Brenno Barros. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais**: levantamento, catalogação e motivação linguística. 2023. 263f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

RECH, Gabriele Cristine. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras**: onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. Panorama das pesquisas toponímicas no Brasil. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1-5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1636. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1636>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de Línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Zoonímia em Libras**: como os surdos nomeiam seus animais de estimação e proposta taxionômica. 2023. 120 f. Tese (Promoção para Professor Titular) – Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; BARREIROS, Liliane Lemos de Santana. Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 5, 2020. DOI: 10.5216/rs.v5.64069. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/64069>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Onomástica em Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius (org.). **Gramática da Libras**. V. 2. Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 404-419.

SOUZA, Kássia Mariano. **Registro, descrição e análise motivacional dos sinais de cidades do estado de Goiás**: a toponímia em Libras numa interface com a Linguística de Corpus. 2023. 340 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ANTROPONÍMIA

Os sinais-nome de Surdos participantes do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco,* Acre: análise semântico-motivacional

*João Carlos Paiva Xavier
Alexandre Melo de Sousa
Ronice Müller de Quadros*

Introdução

Os estudos dedicados aos nomes próprios em Libras têm crescido consideravelmente nos últimos anos. Sousa (2022) apresenta alguns exemplos de pesquisas que abordam os nomes próprios de pessoas, as designações de lugares, as nomeações de espaços comerciais, os nomes atribuídos a animais, entre outros. Além das pesquisas citadas pelo autor, outros estudos no Brasil têm se dedicado à Onomástica em línguas de sinais, como: Rech (2021), que estudou os sinais próprios de pessoas; Douettes (2023), que analisou os sinais de lugares presentes em textos bíblicos; Sousa (2023), que investigou sinais atribuídos por surdos aos seus animais de estimação; Marins (2024), que pesquisou os sinais atribuídos aos espaços de saúde de Feira de Santana (BA); Moreira (2023), que estudou os sinais atribuídos aos Orixás do Candomblé, entre outros.

Neste artigo, tratamos das nomeações de pessoas surdas acreanas, participantes do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco*,

*Acre*¹, que constitui um projeto desenvolvido por diversos pesquisadores da Universidade Federal do Acre (professores, técnicos e discentes – surdos e ouvintes), e que tem o propósito de constituir um banco de dados para estudos sobre a descrição e o funcionamento da Libras falada por surdos da capital acreana (e regiões próximas), sobre aspectos de variação linguística da Libras, sobre aspectos identitários e culturais dos surdos acreanos entre outros fatos que constituem a língua e as visões de mundo do povo surdo.

A construção do Inventário se dá a partir de entrevistas, atividades de elicitación e conversas livres, cujo propósito é construir um *corpus* representativo da Libras falada no Acre. Num dos primeiros contatos filmados entre os surdos (pesquisador e participante), o convidado para a entrevista é estimulado a falar sobre sua vida. Nessa oportunidade, ele informa seu nome, seu sinal-nome e explica por que recebeu aquele sinal. É a partir desse trecho que centramos nossa atenção para observar quais os principais motivadores para a criação dos sinais-nome dos participantes do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre*.

A Onomástica e a Onomástica em Libras

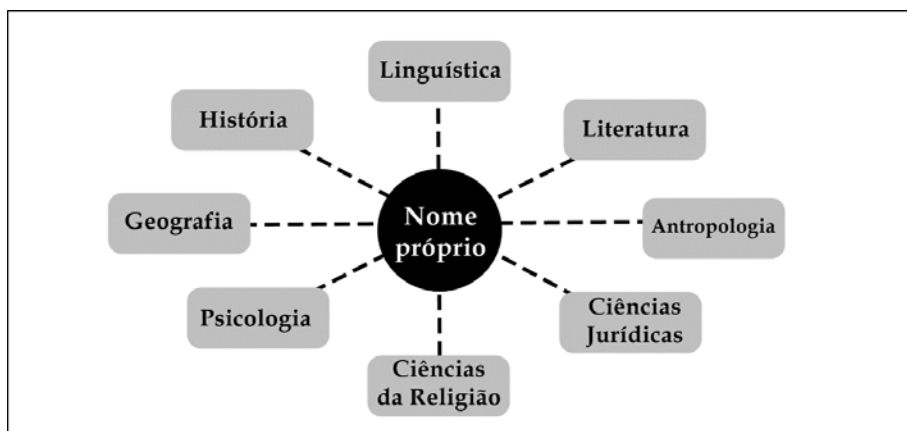
É uma necessidade linguística do homem nomear tudo que faz parte do seu universo referencial: pessoas, lugares, sentimentos, objetos (Biderman, 2001). No caso de pessoas e lugares, essa necessidade é ainda mais perceptível pelo pertencimento e pelo afeto que se estabelece entre o nomeador e o nomeado. Neethling (2017) afirma que os nomes próprios carregam fortes indícios da cultura, da história, dos movimentos humanos e dos simbolismos de um povo. A Onomástica é a área de estudos do léxico que se interessa pelos nomes próprios em geral. Seabra e Isquardo (2018, p. 993) afirmam que:

1 O Projeto Inventário de Libras de Rio Branco, Acre, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 35002620.9.0000.5010) e os participantes concordaram na exposição de suas imagens para fins de divulgação dos resultados da pesquisa. O projeto tem apoio do CNPq ((#301948/2022-4).

Ultrapassando a mera função de nomenclatura, os nomes de pessoas e lugares são produtos de um sistema de denominações que refletem o modo de vida de uma determinada cultura e como isso representa seus valores. Embora possam nos parecer familiares, porque os conhecemos e fazemos uso delas rotineiramente, quando paramos para contemplar a natureza os nomes próprios de pessoas e lugares, quase sempre percebemos que estes decorrem de significados incompreensíveis que nos são estranhos, mesmo quando se referem a pessoas e lugares conhecidos.

Sousa e Dargel (2020) explicam que a Onomástica é uma área interdisciplinar que necessita de conhecimentos de outras áreas para o estudo dos nomes próprios. Para ilustrar essa conexão entre o nome próprio e as diferentes áreas do conhecimento, os autores propõem o esquema a seguir.

Figura 1 – Onomástica e interdisciplinaridade



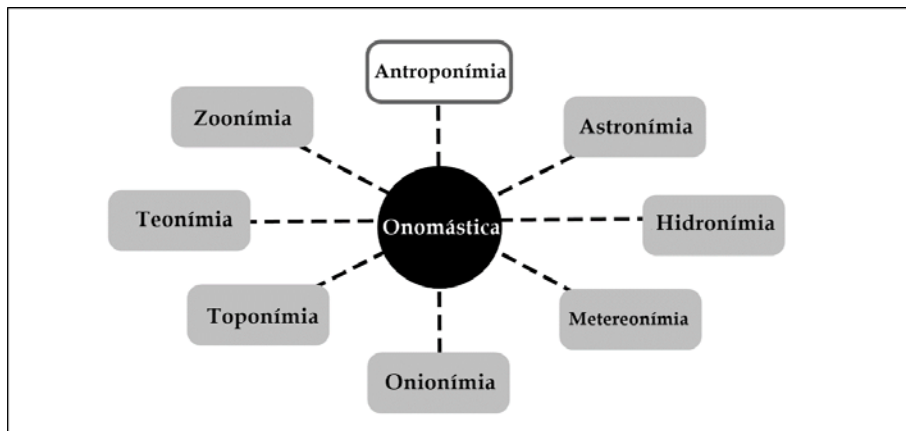
Fonte: Adaptado de Sousa e Dargel (2020, p. 12).

Desse modo, para estudar o nome próprio de lugar, por exemplo, é necessário entender as relações históricas do povo que habita

o lugar, as características da paisagem geográfica do local, os costumes culturais do povo etc. Para analisar o nome próprio de pessoas recorremos a conhecimentos teológicos, psicológicos, antropológicos, legais entre outros. Como elemento da língua (item lexical), o nome próprio deve ser estudado tomando como ponto de partida a Linguística. Esta, por sua vez, dialogará com outros campos do conhecimento para descrever os aspectos semântico-motivacionais inerentes ao nome próprio (Sousa, 2022).

No caso da Onomástica em Libras, Sousa (2022) apresenta a seguinte subdivisão a partir dos interesses de cada subárea, conforme a figura 2 a seguir ilustra.

Figura 2 – Onomástica e suas subáreas



Fonte: Adaptado de Sousa (2022, p. 14).

De acordo com Sousa (2022), a *Antroponímia* se dedica aos nomes próprios de pessoas (primeiro nome, nome de família, apelidos, alcunhas, nome social etc.); a *Toponímia* investiga os nomes próprios de espaços geográficos físicos (serra, praia etc.) e humanos (cidade, bairro, rua, praças, fazendas, seringais etc.); a *Onionímia* estuda os nomes próprios de produtos e estabelecimentos comerciais, educacionais e bancários; a *Teonímia* pesquisa os nomes próprios atribu-

idos a divindades das diferentes manifestações religiosas e espirituais (Santos, Entidades, Orixás etc.); a *Astronímia* investiga os nomes próprios de diferentes astros celestes (cometas, planetas, estrelas etc.); a *Metereonímia* estuda os nomes próprios dos fenômenos atmosféricos (furacões, tufões, maremotos etc.), a *Hidronímia* tem como objeto de estudos os nomes próprios dos cursos d'água em geral (rios, cachoeiras etc.); e a *Zoonímia* estuda os nomes atribuídos aos animais, como os de estimação.

Sousa (2022) acrescenta que no estudo onomástico em línguas de sinais é necessário considerar as especificidades da modalidade visual-espacial das línguas sinalizadas, a cultura surda, a experiência surda e o contato entre as línguas de sinais e as línguas orais que ocorrem no mesmo espaço social, pois esses fatores são determinantes para entender a dinâmica onomástica. Como nosso interesse são os nomes próprios de pessoas em Libras (sinais-nome), daremos atenção à Antroponímia.

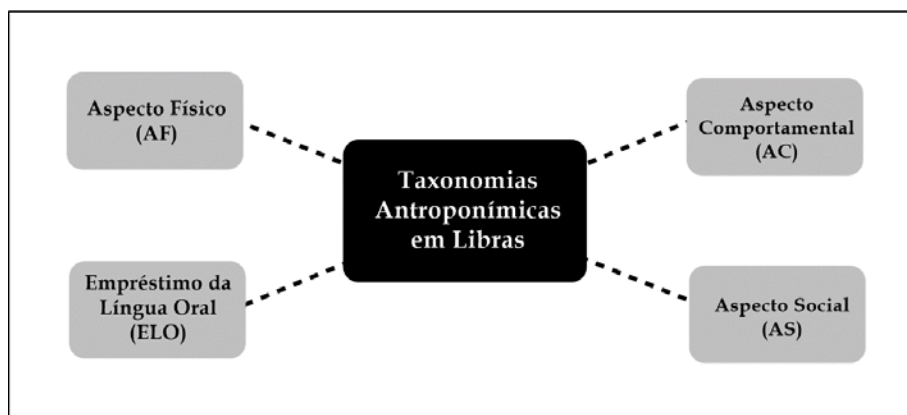
Antroponímia em Libras

Amaral e Seide (2020, p. 27) afirmam que “Os nomes próprios de pessoa fazem parte do nosso cotidiano e estão presentes em quase todos os atos que realizamos”, exercendo “funções de nomeação, referência ou interpelação”. Nomes próprios de pessoas existem tanto em línguas orais, quanto em línguas de sinais.

De acordo com Sousa (2022), a Antroponímia em Libras se dedica ao estudo dos sinais próprios (sinais-nome) atribuídos por surdos. Embora seja muito natural o uso de sinais-nome na comunidade surda, há pessoas que não participam da comunidade surda e recebem um sinal porque nas interações entre surdos há a necessidade de fazer referências pessoais (é o caso de artistas, políticos, personalidades históricas etc.).

Os estudos antroponímicos em Libras iniciaram com Barros (2018) que pesquisou os sinais-nome de 113 participantes de Goiânia. Os dados foram descritos e classificados a partir das seguintes categorias, que influenciaram a criação do sinal-nome para os sujeitos nomeados. Essas categorias podem ser visualizadas a seguir.

Figura 3 – Categorias taxionômicas antroponímicas



Fonte: Adaptado de Barros (2018).

Barros (2018) organizou essas taxonomias da seguinte maneira: (a) sinais que indicavam Aspectos Físicos (AF) do informante (formato do cabelo, formato dos olhos, cor da pele, presença de sinal na pele etc.); (b) sinais influenciados por Aspectos Comportamentais (AC) do informante (humor, hábito, habilidades cognitivas etc.); (c) sinais motivados por Aspectos Sociais (AS) do nomeado (profissão, origem etc.); e (d) sinais influenciados pelo nome do informante em língua oral: Empréstimos da Língua Oral (ELO). Em alguns casos, essas categorias podem ser combinadas. Um sinal-nome pode ser motivado, por exemplo, pelo Aspecto Físico associado ao Empréstimo da Língua Oral.

A pesquisa de Sousa *et al.* (2020) analisou os sinais-nome dos participantes do Inventário de Libras da Grande Florianópolis

e aplicou a taxonomia de Barros (2018). O resultado mostrou que as taxas Aspecto Físico e Aspecto Comportamental foram as mais produtivas – 19 casos e 6 casos, respectivamente. O estudo mostrou, ainda, que houve pouca influência da língua oral na constituição dos sinais-nome analisados.

No Acre, no âmbito do *Grupo de Pesquisa Educação de Surdos, Libras e Inclusão* (ESLIN), foram desenvolvidos alguns estudos relacionados à Antroponímia em Libras. Menezes (2021) analisou os sinais dos estudantes ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre. Souza (2022) tratou dos sinais atribuídos aos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol. Souza (2023) estudou os sinais em Libras dos participantes do Big Brother Brasil 22. Os estudos de Menezes (2021) e Souza (2023) mostraram a forte influência dos aspectos físicos dos nomeados refletidos nos seus sinais-nome. Já no estudo de Souza (2022) o aspecto comportamental foi preponderante entre os motivadores.

Nossa proposta de estudo se somará a essas investigações e pretende contribuir para a descrição do léxico em Libras e para os debates que se estabelecem no Grupo de Pesquisa ESLIN, uma vez que utilizará como *corpus* os sinais-nome dos participantes do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre*, especificamente os surdos com idades entre 18 e 29 anos (Grupo 1).

Procedimentos Metodológicos

O *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, AC* é um projeto coordenado pelo professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, da Universidade Federal do Acre que tem por objetivo, segundo Quadros e Sousa (2021), constituir um *corpus* de Libras representativo do estado do Acre, além de fomentar a reflexão social, intelectual e cultural do público surdo e valorizar a língua e a cultura surda.

Os dados foram gravados no primeiro semestre de 2023 em estúdio estruturado de acordo com os critérios do projeto matriz, Inventário Nacional de Libras, com sede na Universidade Federal de Santa Catarina. Os participantes da pesquisa eram surdos e surdas nascidos no Acre ou residentes no local há, pelo menos, dez anos. Esses participantes precisavam, ainda, ter fluência em Libras. Foram gravadas 31 entrevistas divididas da seguinte forma: 12 entrevistas (6 homens e 6 mulheres) com participantes entre 18 e 29 anos; 12 entrevistas (6 homens e 6 mulheres) com participantes entre 30 e 49 anos; 7 entrevistas (4 mulheres e 3 homens) com participantes surdos com idade igual ou superior a 50 anos.

Para Quadros e Sousa (2021), a principal função do *Inventário da Libras da Região de Rio Branco, Acre* é disponibilizar um consistente *corpus* empírico de Libras, bem fundamentado em bases teóricas e metodológicas – o que representará a realidade linguística da região de Rio Branco, no estado do Acre. Os dados gerados na pesquisa, representativos dos surdos acreanos, serão disponibilizados a pesquisadores e profissionais que lidam com a comunidade surda e que o utilizariam com diversas finalidades: científicas, educacionais, culturais, políticas entre outras.

No caso do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, AC*, havia 3 pesquisadores locais: Israel Bissat Amim, Daniel Braga Gomes e Lucas Vargas Machado da Costa – os três são professores da Universidade Federal do Acre, atuantes no curso de Letras Libras. Para a escolha dos pesquisadores, foram observadas as características descritas por Quadros *et al.* (2020):

- i) Ser natural da capital, ou residir e conviver com a comunidade surda local há, pelo menos, 10 anos;
- ii) Ser extrovertido e articulado (preferencialmente, com experiência acadêmica em nível de graduação ou pós-graduação);

iii) Possuir conhecimento tecnológico básico para as finalidades do projeto e com facilidade de acesso diário a computador e internet (Quadros *et al.*, 2020, p. 169).

Já os surdos e surdas participantes (informantes) da pesquisa apresentam as seguintes características, seguindo as orientações de Quadros *et al.* (2020):

- i) ser natural do estado da capital onde o projeto estiver em desenvolvimento ou nela residir há pelo menos 10 anos;
- ii) ter adquirido a Libras em idade pré-escolar (até 7 anos de idade), ou no mínimo por mais de 7 anos (tempo de exposição à língua), ou com proficiência reconhecida na comunidade surda;
- iii) constituir duplas, que deve ser formada por pessoas íntimas entre si (amigos ou parentes), preferencialmente do mesmo gênero e faixa etária;
- iv) representar aproximadamente 3 gerações diferentes de surdos, incluindo jovens (até 30 anos), adultos (entre 30 e 60 anos) e idosos (a partir de 60 anos) – homens e mulheres;
- v) Possuir diferentes graus de escolarização (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior completo) (Quadros *et al.*, 2020, p. 170).

Além dos pesquisadores e participantes surdos, compõem a equipe do projeto os seguintes ouvintes: Alexandre Melo de Sousa (Coordenador – ouvinte), Rosane Garcia (Pesquisadora – Ouvinte), Israel Queiroz de Lima (Pesquisador – ouvinte), João Renato dos Santos Junior (Pesquisador – Surdo), João Carlos Paiva Xavier (Pesquisador – Ouvinte), Diemes Farias de França (Pesquisadora – Ouvinte).

A *Gramática de Libras* (Quadros *et al.*, 2023) apresenta uma descrição do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, AC*, destacando as etapas do projeto e a equipe de pesquisadores envolvidos no estudo – conforme imagem a seguir:

Figura 4 – Pesquisadores do Inventário de Libras da Região de Rio Branco, AC



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 127).

Os dados do Inventário já foram gravados e editados e estão em fase armazenamento e transcrição. Todas as entrevistas foram captadas por câmeras em quatro ângulos que permitem a melhor visualização das produções dos sinais (Quadros *et al.*, 2023). Um exemplo de captação dos dados pode ser visualizada a seguir:

Figura 5 – Gravação do Inventário



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados, que por enquanto estão disponíveis apenas para a equipe de pesquisadores, foram gerados, como dissemos, a partir de entrevistas com participantes surdos e contemplaram as seguintes atividades, conforme Quadros *et al.* (2020, p. 172):

- I) Atividade inicial de descontração e entrevista de vida (30 minutos): por meio de uma entrevista semiestruturada e semiaberta, o pesquisador buscará eliciar do participante relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a Libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais;
- II) Atividade de eliciação gramatical e lexical (30 minutos): o participante será apresentado a estímulos criados especificamente para a eliciação de construções

gramaticais e itens lexicais da Libras, que foram adaptados do projeto de *corpus* da língua de sinais alemã. Foram exibidos 2 filmes curtos para que os participantes pudessem recontar as narrativas. Também foi apresentado uma lista de imagens para que os participantes informassem os sinais em Libras;

III) Conversação (até 20 minutos): a dupla será deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema (ou um conjunto de temas) do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo.

Para nosso estudo, os sinais-nome dos participantes foram informados na primeira atividade, quando os participantes discorreram sobre seus sinais e explicaram o porquê de terem recebido os sinais.

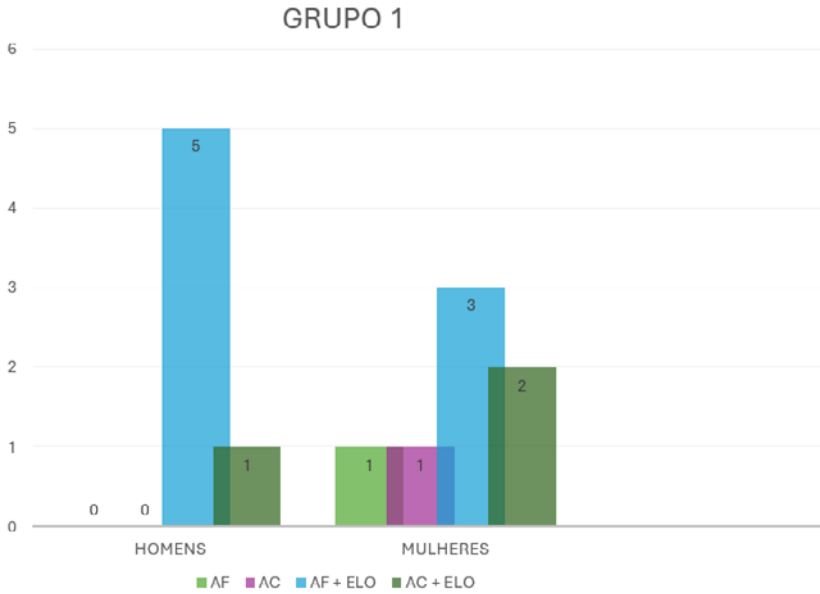
Os sinais serão analisados quanto à motivação, quando tomarmos como base os estudos de Barros (2018), que apresenta os sinais de pessoas em Libras a partir dos aspectos que influenciam o nomeador: Aspecto Físico, Aspecto Comportamental, Aspecto Social, Empréstimo da Língua Oral – conforme explicado anteriormente. Em seguida, faremos análises comparativas a partir: a) dos três grupos etários separadamente e b) do quantitativo geral. A proposta é verificar quais os aspectos motivacionais preponderantes em cada grupo selecionado.

Análise dos dados

Os sinais-nome constituem fator cultural da comunidade surda (Supalla, 1992). Receber um sinal próprio possui significado de pertencimento, de acolhimento e de referência entre os surdos. A análise será iniciada pelo primeiro Grupo etário (G1) do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre*. O Gráfico 1, a seguir, apresenta, em valo-

res numéricos, as categorias mais frequentes na motivação semântica dos sinais-nome.

Gráfico 1 – Grupo 1 (motivações semânticas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os participantes do sexo masculino do G1, 5 sinais-nome foram motivados por Aspectos Físicos associados à influência do nome próprio dos sujeitos em português. As referências físicas foram: formato do olho, cor do olho, formato do cabelo, cicatrizes entre outros. E apenas um sinal-nome foi motivado pelo Aspecto Comportamental associado ao Empréstimo da Língua Oral. A referência comportamental refletida no sinal-nome foi o costume de pentear o cabelo.

Na figura 6, a seguir, vemos o sinal-nome do Participante 01 (Grupo 1) que é realizado com a configuração de mão relativa à letra inicial do seu nome em português, com ponto de articulação na testa, onde ele possui uma cicatriz decorrente de um acidente na infância. Trata-se, portanto, de um sinal com taxonomia híbrida: AF + ELO.

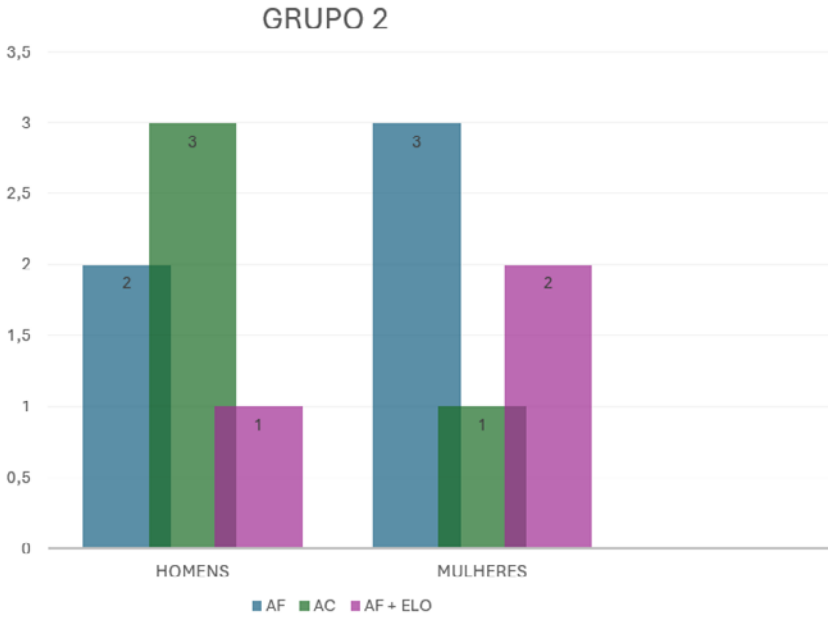
Figura 6 – Participante 1 (Grupo 1)

Fonte: Dados do projeto.

As participantes do sexo feminino apresentaram maior variedade de taxonomias. Aspecto Físico e Aspecto Comportamental tiveram 1 caso cada um. A associação entre Aspecto Físico e Empréstimo da Língua Oral ocorreu em 3 sinais-nome, e Aspecto Comportamental associado ao Empréstimo da Língua Oral ocorreu em 2 casos.

A distribuição taxonômica do Grupo 2 (participantes surdos rio-branquenses de 30 até 49 anos) pode ser visualizada no gráfico 2 apresentado a seguir:

Gráfico 2 – Grupo 2 (motivações semânticas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se vê, entre os homens, a taxonomia mais relevante foi de Aspectos Comportamentais (3 casos), seguido de Aspecto Físico (2 casos) e em menor quantidade o Aspecto Físico associado ao Empréstimo da Língua Oral (apenas 1 caso).

Entre as mulheres, a taxonomia preponderante foi de Aspecto Físico (3 casos), seguido de Aspecto Comportamental (2 casos) e, em menor número, Aspecto Físico + Empréstimo da Língua Oral (1 caso).

Na figura 7, a seguir, vemos um exemplo de sinal-nome motivado pelo Aspecto Físico associado ao Empréstimo da Língua Oral (AF + ELO). A participante 21 realiza o sinal com a configuração de mão referente à letra S (inicial do seu nome em português), com ponto de articulação na sobrancelha. De acordo com a participante, a marcação da sobrancelha é devido à espessura que apresentava na infância.

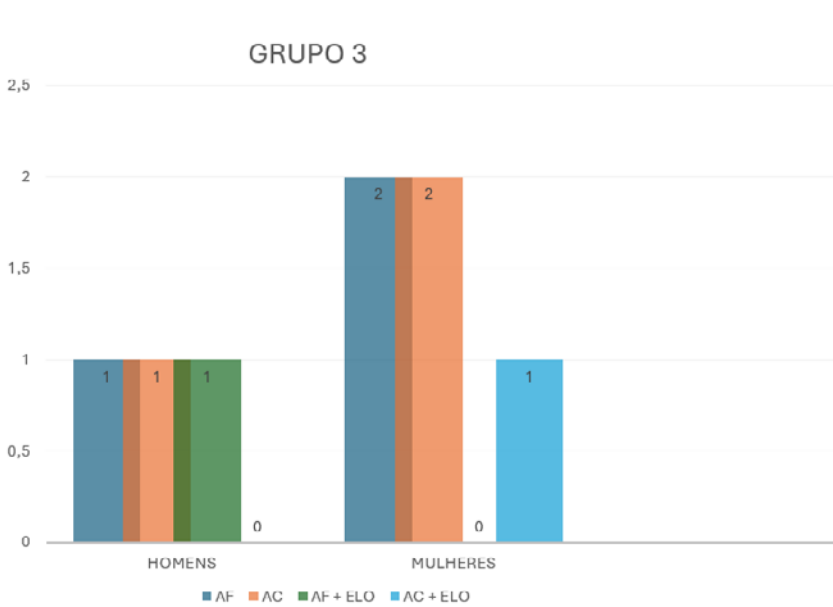
Figura 7 – Participante 21 (Grupo 2)

Fonte: Dados do projeto.

Como dissemos anteriormente, o Grupo 3 teve 8 participantes surdos: 5 mulheres e 3 homens. Embora houvesse surdos na faixa etária a partir de 50 anos, muitos não cumpriam as exigências de participação no projeto, especialmente pelo não-uso da Libras e/ ou por não integrar efetivamente a comunidade surda local.

No Gráfico 3, apresentado a seguir, podemos visualizar a distribuição quantitativa das taxonomias do Grupo 3 (de 50 anos em diante).

Gráfico 3 – Grupo 3 (motivações semânticas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

No terceiro grupo etário, apenas 3 surdos do sexo masculino participaram da pesquisa. Quantitativamente, cada sinal-nome apareceu com 1 caso: Aspecto Físico, Aspecto Comportamental e Aspecto Físico + Empréstimo da Língua Oral.

Na figura 8, a seguir, o participante apresenta seu sinal-nome referente ao acessório de vestuário – pochete – que ele costumava usar quando jovem. O sinal é produzido no lado direito do abdômen.

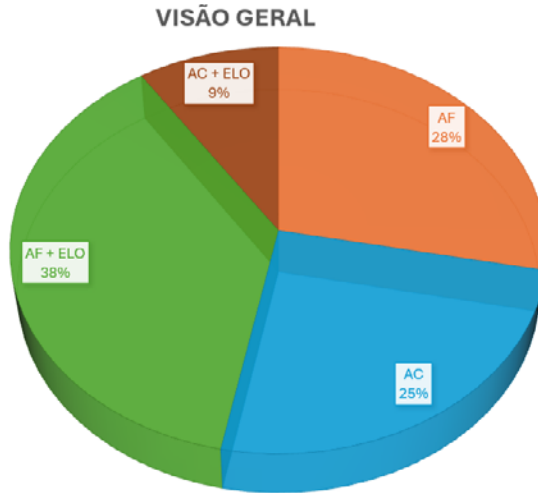
Figura 8 – Participante 32 (Grupo 3)



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre as mulheres, foram contabilizados casos: 2 sinais-nome motivados por Aspectos Físicos, 2 sinais-nome motivados por Aspectos Comportamentais e 1 sinal-nome motivado por Aspecto Comportamental + Empréstimo da Língua Oral.

Quando observados os motivadores semânticos numa visão geral, temos os seguintes números percentuais como exibidos no Gráfico 4, a seguir:

Gráfico 4 – Taxonomias (Visão Geral)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Numa visão geral dos dados, podemos perceber que o maior percentual incide na taxonomia Aspecto Físico associado ao Empréstimo da Língua Oral: foram 12 sinais-nome perfazendo 38% do total. Em segundo lugar, aparece a taxonomia Aspecto Físico, somando 28% (9 sinais-nome); e em terceiro, a taxonomia Aspecto Comportamental motivou 8 sinais-nome: 25%. Por fim, a associação do Aspecto Comportamental + Empréstimo da Língua Oral foi identificada em 9% dos casos: 3 sinais-nome.

Os dados, quando comparados os três grupos etários, mostram o seguinte:

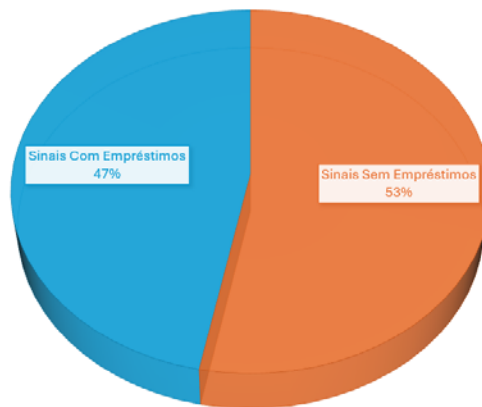
a) o primeiro grupo é o que mais apresenta influência da língua oral na constituição semântico-motivacional dos sinais. Dos 12 sinais-nome, apenas 2 são formados sem Empréstimo da Língua Oral (e os 2 sinais nomeiam participantes do sexo feminino);

b) O Empréstimo da Língua Oral não apareceu como taxonomia única em nenhum dos grupos, mas, quando visto em associação com as

taxonomias Aspecto Físico e Aspecto Comportamental, apresentou 47% dos dados – como pode ser visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Empréstimo da Língua Oral

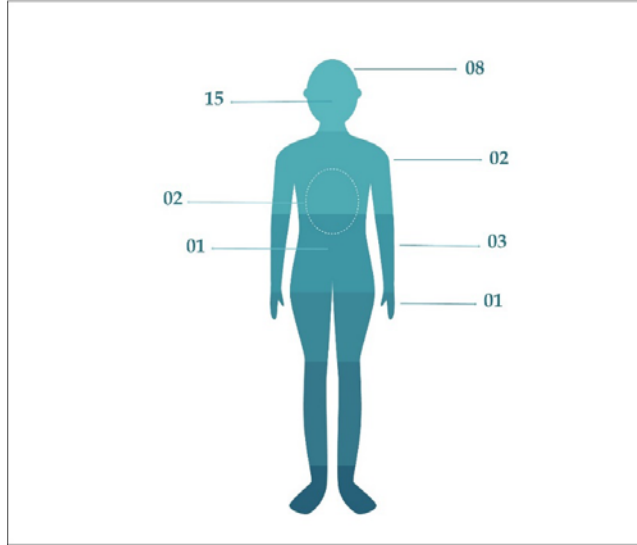
EMPRÉSTIMO DA LÍNGUA ORAL



Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse resultado se alinha com os estudos de Sousa *et al.* (2020), Menezes (2021), Souza (2022) e Souza (2023) que mostraram que as motivações preponderantes em seus estudos foram as relacionadas às características físicas e comportamentais dos sujeitos nomeados em Libras.

Outra observação deste estudo consistiu no mapeamento dos pontos de articulação dos sinais-nome apresentados. Distribuímos os sinais na figura 9 a seguir:

Figura 9 – Ponto de Articulação dos Sinais-nome

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados mostraram que a maior parte dos sinais-nome (23 casos) tem a cabeça como ponto de articulação, sendo 15 sinais-nome na face (boca, olhos, bochecha, orelha) e 8 sinais-nome na parte superior da cabeça. Os outros sinais, em menor número, foram produzidos no braço (3 casos), no ombro (2 casos), na mão (1 caso), no abdômen (1 caso) e no espaço neutro (2 casos).

Essa constatação pode indicar que os sinais-nome são preferencialmente criados no melhor campo de visão para os interlocutores – as partes superiores do corpo humano: a cabeça e a face. Nenhum sinal foi produzido nos membros inferiores do corpo.

Considerações finais

Sousa (2022) afirma que por meio do léxico em Libras é possível observar reflexos linguísticos e culturais da comunidade surda, uma vez que a iconicidade inerente aos itens lexicais favorecem a ob-

servação de marcas e visões de mundo da comunidade linguística (comunidade surda).

A constituição do *corpus* de Libras, a partir do *Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre*, tem possibilitado a realização de pesquisas sobre a Libras em diferentes níveis linguísticos – como foi o caso do presente estudo sobre o léxico onomástico.

Os dados revelaram que: a) os sinais-nome tiveram motivações preponderantes relacionadas às características físicas e comportamentais dos sujeitos nomeados: 53% dos casos. Os sinais cujas formações tiveram influência da língua oral somaram 43%. O estudo de Sousa *et al.* (2020), sobre o Inventário de Florianópolis, também mostrou maior incidência de sinais-nome motivados por características físicas e comportamentais dos nomeados.

Além disso, os pontos de articulação mais privilegiados na produção dos sinais foram a face e a cabeça – o que pode indicar que o campo de visão dos interlocutores é um fator considerado no ato de nomear.

Os resultados carecem de mais aprofundamentos a partir da observação e comparação com outros Inventários de Libras: de Maceió, de Fortaleza, de Palmas, ou de outros *corpora* que estão sendo desenvolvidos em outras instituições a partir do projeto matriz – *Inventário de Libras Nacional*.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoas**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia antroponímica nas línguas de sinais: a motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**:

lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

DOUETTES, Brenno Barros. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais: levantamento, catalogação e motivação linguística**. 2023. 263f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MENEZES, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira. **Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre**. 2021. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes, UFAC, Rio Branco, 2021.

MOREIRA, Gabrielly Oliveira. **Teonímia em Libras: análise motivacional dos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco, 2023. Disponível em: http://www2.ufac.br/cela/libras/documentos/copy_of_GABRIELLYOLIVEIRAMOREIRA.pdf. Acesso em: 6 maio 2024.

NEETHLING, Bertie. **Onomastics** – a multidisciplinary field of study. What's in a name? Republic of Moldova: Lambert Academic Publishing, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUSA, Alexandre Melo de. Brazilian Sign Language corpus: Acre libras inventory. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 2, 2021, p. 805-828. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17344>. Acesso em: 27 jun. 2023.

QUADROS, Ronice Müller de *et al.* Inventário Nacional de Libras. **Fórum linguístico**, v. 17, n. 4, p. 457-5474, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334/45483>. Acesso em: 5 set. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius R. (org.). **Gramática da Libras**. V. 1. Rio de Janeiro: INES, 2023.

RECH, Gabriele Cristine. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras:** onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Onomastics in different perspectives: research results. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte. v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de Línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Zoonímia em Libras:** como os surdos nomeiam seus animais de estimação e proposta taxionômica. 2023. 120 f. Tese (Promoção para Professor Titular) – Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. **Sign Language Studies**, Gallaudet University Press, v. 22, n. 1, p. 75-105, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; GONÇALVES FILHO, José Sinésio Torres; QUADROS, Ronice Müller de. Antroponímia em línguas de sinais: os sinais-nome de Florianópolis, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 26, p. 112-124, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SOUZA, Thiago dos Santos. **Antroponímia em Libras:** sinais-nome dos participantes do Big Brother Brasil 22. 2023. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes, UFAC, Rio Branco, 2023.

SOUZA, Weliton Lima de. **Os sinais-nome dos jogadores de futebol da seleção brasileira:** análise formal e semântico-motivacional. 2022. 76f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes, UFAC, Rio Branco, 2022.

SOUZA, Weliton Lima de; SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane. Onomástica e futebol: descrição e análise dos sinais-nome de jogadores da seleção brasileira. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de línguas 7**. Rio Branco: EDUFAC, 2023.

SUPALLA, Samuel James. **The book of name signs**: naming in American Sign Language. San Diego: DawnSignPress, 1992.

Sinais de nome formados por meio da interação entre metáforas e metonímias conceptuais

Gabriele Cristine Rech
Fabíola Sucupira Ferreira Sell

Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever de que forma as metáforas e metonímias conceituais interagem na formação dos sinais de nome na Língua Brasileira de Sinais. Insere-se no campo da Onomástica, mais especificamente nos Estudos Antroponomásticos em diálogo com a Linguística Cognitiva, mais especificamente entre os estudos das metáforas e metonímias conceptuais, conforme abordado em Rech (2022). Neste sentido, a pesquisa descrita aqui faz parte de um estudo mais extenso e inovador, que foi abordado na tese de doutorado defendida por Rech (2022).

A Onomástica é uma ciência interdisciplinar (Ainala; Saarelma; Sjöblom, 2016) dedicada ao estudo dos nomes próprios, abordando-os sob várias perspectivas, tais como gramatical, etimológica, antropológica, sócio-histórica e geográfica (Amaral; Seide, 2020), uma vez que os nomes próprios fazem parte da cultura e surgem da interação entre indivíduos em uma comunidade linguística e seu ambiente.

Uma das áreas dessa ciência é a Antroponomástica, que foca no estudo dos nomes próprios de pessoas, tanto os registrados oficialmente quanto os não oficiais. Sendo assim, os nomes pessoais são considerados uma fonte valiosa de informações sobre relacionamentos sociais, identidades, história e processos linguísticos em todas as culturas (McKee; McKee, 2000).

Nos últimos anos, os nomes próprios de pessoas nas línguas de sinais, denominados no Brasil como sinais-nome ou sinais de nome (Rech; Sell, 2024) começaram a ser descritos. Diferentes estudiosos apontam que a prática de nomear pessoas por meio de sinais linguísticos é comum em várias comunidades surdas, conforme descrito nas Línguas de Sinais Americana (Mindess, 1990; Supalla, 1990), Britânica (Day; Sutton-Spence, 2010), Estoniana (Paales, 2010, 2011), Sueca (Börstel, 2017), Francesa (Delaporte, 1998), Grega (Kourbetis; Hoffmeister, 2002), Da Nova Zelândia (McKee; McKee, 2000) e Brasileira (Souza; Gediel, 2017; Barros, 2018; Rech; Sell, 2019, 2020, 2024; Rech, 2021, 2022; Sousa; Menezes, 2021).

Rech (2022) observa que os antropônimos nas línguas de sinais, isto é, os sinais de nome, são criados para referenciar uma única pessoa dentro das comunidades surdas, formados e percebidos através do canal gestual-visual, de forma semelhante à organização das línguas de sinais. Os sinais de nome emergem, portanto, de formas e percepções baseadas em informações visuais, espaço cultural histórico, crenças culturais do grupo e meios de expressão linguística (Paales, 2011) e geralmente é empregado ao lado de um nome pertencente à comunidade que utiliza a língua oral (Börstel, 2017).

Neste trabalho abordamos a forma como as pessoas surdas, principais agentes de nomeação na Libras (Rech, 2022), conceptualizam uma pessoa em termos de um sinal de nome, o qual pode ser formado a partir de processos metafóricos em interação com processos metonímicos.

As metáforas conceptuais sob a perspectiva da linguística cognitiva

A Linguística Cognitiva, segundo Silva (1997) é uma teoria que se opõe aos paradigmas do Estruturalismo e do Gerativismo, posto que nega a autonomia da linguagem, pois, para ela, a linguagem é parte integrante da cognição e deve ser estudada em seu uso, baseando-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais (Silva, 2008). No bojo da Linguística Cognitiva há muitas linhas de investigação, tais como a Semântica Cognitiva, Gramática Cognitiva, Teoria dos Protótipos, Teoria dos Frames, Teoria da Metáfora Conceptual, Teoria da Metonímia Conceptual, dentre outras.

Neste trabalho, concentraremos nas Metáforas e Metonímias Conceptuais. As metáforas são objetos de estudos de vários pesquisadores há séculos, especialmente aqueles dedicados à Retórica, que é a arte do uso da linguagem para persuasão e cuja origem remonta à Antiguidade. Ricoeur (2000) esclarece que, na tradição grega, a retórica não abrangia todos os usos do discurso, excluindo, por exemplo, a poética. Segundo ele, essa separação entre retórica e poética é relevante para o estudo da metáfora, pois, em Aristóteles, ela se insere em ambos os domínios. A Retórica, enquanto técnica da eloquência, busca a persuasão, enquanto a poética, como arte de construir poemas, promove a “purificação das paixões do terror e da piedade” (Ricoeur, 2000, p. 23). O autor observa que, embora a metáfora possa ser vista como uma simples operação de transferência de sentido, ela exerce funções distintas em cada domínio: retórica e poética (Ricoeur, 2000, p. 23).

Aristóteles atribui um papel significativo às metáforas na elaboração do discurso, definindo-as como a transferência de palavras de um domínio para outro, seja do gênero para a espécie ou vice-versa (Aristóteles, 2008, p. 83). É importante notar que Aristóteles não estabeleceu uma classificação detalhada das figuras de linguagem, apli-

cando o conceito de “transferência” de maneira geral à metáfora, metonímia e sinédoque, entre outras. Posteriormente, outros estudiosos da Retórica fizeram essa diferenciação. Nesse contexto, Vereza (2010) reforça a ideia de que Aristóteles não apresentou uma teoria sistemática da metáfora, como mencionado por Leesenberg (2001 *apud* Vereza, 2010).

Na teoria tradicional, a metáfora é considerada uma figura de linguagem, onde seu lócus é a linguagem, e o uso figurado não tem um papel expressivo significativo na produção de sentidos. Esse uso figurado não estabelece uma relação direta entre realidade, conceito e palavra, ao contrário do sentido literal (Vereza, 2010). A *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, por exemplo, define o tropo da metáfora como um desvio da significação própria de uma palavra, originado de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos (Cegalla, 2008, p. 614). A percepção da metáfora como um desvio, segundo Vereza (2010), a considera um recurso supérfluo, típico do discurso poético ou retórico, ambos vistos como menos “sérios” devido à ausência de sentidos “legítimos”.

Com a publicação de *Metaphors We Live By* (1980) de George Lakoff e Mark Johnson, surgiu a Teoria da Metáfora Conceptual, aprofundada em trabalhos subsequentes dos mesmos autores (por exemplo, Lakoff, 1987; Lakoff; Turner, 1989; Lakoff; Johnson, 1999). Essa teoria, também chamada de Teoria Contemporânea da Metáfora, propõe que as metáforas (assim como as metonímias) são mais do que meras figuras de linguagem; são ferramentas cognitivas amplamente utilizadas na vida cotidiana, tanto na linguagem quanto no pensamento e na ação (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]).

Os linguistas cognitivos argumentam que o sistema conceitual humano é, em essência, metafórico. Evans e Green (2006) relacionam os postulados da teoria das metáforas conceptuais com duas premissas fundamentais da Linguística Cognitiva: a cognição incorporada,

que defende que a estrutura conceptual se baseia em experiências, e a noção de que a estrutura conceptual é refletida pela estrutura semântica. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) afirmam que a essência da metáfora está em compreender e experienciar um tipo de coisa em termos de outro. Soriano (2012) explica que uma área semântica se representa conceptualmente em termos de outra. Em outras palavras, o conhecimento de um domínio mais concreto é utilizado para explicar um domínio mais abstrato.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), os conceitos que operam em nosso pensamento também moldam nosso cotidiano, influenciando percepções, comportamentos e relacionamentos. Assim, o sistema conceptual desempenha um papel central em nossa vida diária. Os autores argumentam que, se o sistema conceptual é em grande parte metafórico, então nossa forma de pensar, experimentar e agir é, em grande parte, baseada em metáforas.

Como exemplo, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) apresentam a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, demonstrando como um conceito metafórico pode estruturar uma atividade cotidiana. Expressões como “Ele atacou todos” e “Suas críticas acertaram o alvo” exemplificam como conceptualizamos discussões em termos de guerra. Silva (1997) observa que, mesmo sem experiência pessoal com guerra, utilizamos imagens mentais associadas a ela para compreender discussões, estabelecendo analogias estruturais entre os dois domínios.

Além de exemplificar a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) indicam que expressões do vocabulário de guerra são frequentemente usadas em discussões cotidianas. A teoria sustenta que parte do domínio conceptual de guerra influencia o conceito de discussão e a linguagem. Isso se deve à necessidade de referir-se a conceitos abstratos, como tempo e relacionamentos, por meio de metáforas espaciais, de viagem e guerra (Silva, 2003).

É crucial diferenciar metáforas conceptuais e metonímias conceptuais das metáforas linguísticas e metonímias linguísticas. As primeiras são esquemas do pensamento, como na metáfora *X É Y*, onde *X* é um elemento do domínio alvo e *Y* é um elemento do domínio fonte, e na metonímia *X ESTÁ POR Y*. As metáforas e metonímias linguísticas são expressões desses padrões de conceptualização (Silva, 2003). Essa distinção ajuda a entender que uma mesma metáfora conceptual, como *DISCUSSÃO É GUERRA*, pode gerar várias expressões metafóricas na linguagem. Da mesma forma, metonímias conceptuais produzem diferentes expressões linguísticas, como na expressão “*passa-me a água*”, que exemplifica a metonímia *CONTEÚDO POR CONTINENTE* (Silva, 2003). Embora frequentemente identificadas através da linguagem, metáforas conceptuais também aparecem em outras formas de representação, como pintura e gestos (Soriano, 2012).

Lakoff (1993) descreve várias características das metáforas conceptuais. A primeira é o princípio da invariância e parcialidade, que afirma que apenas uma parte da estrutura do domínio fonte é projetada no domínio alvo. Isso se deve à base nas experiências corporais e interações com o mundo. Por exemplo, na metáfora *COMPREENDER É VER*, o conhecimento sobre visão é parcialmente projetado no modelo de entendimento (Soriano, 2012). Outra característica é a unidirecionalidade, onde o domínio fonte projeta-se sobre o domínio alvo, e não o contrário. Por exemplo, a metáfora *TEMPO É DINHEIRO* permite conceptualizar tempo como dinheiro, mas não o contrário (Soriano, 2012, p. 105). Além disso, as metáforas conceptuais podem ser hierárquicas, onde metáforas mais específicas derivam de metáforas mais genéricas. Por exemplo, a metáfora *AMOR É UMA VIAGEM* herda a estrutura da metáfora mais geral *VIDA É UMA VIAGEM* (Silva, 2003).

Finalmente, metáforas conceptuais não são fenômenos isolados; muitas delas são casos específicos de metáforas mais gerais, formando parte de uma hierarquia. Por exemplo, *ATIVIDADES DE LONGO*

PRAZO COM UM OBJETIVO são frequentemente conceptualizadas como uma JORNADA, o que se reflete em expressões metafóricas sobre a vida e outras atividades (Silva, 2003).

Finalmente, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) categorizam as metáforas conceituais em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas orientacionais, por exemplo, organizam o sistema conceitual com base em experiências físicas e culturais, como a metáfora FELIZ É PARA CIMA, TRISTE É PARA BAIXO, que pode variar entre culturas dependendo da percepção espacial do futuro (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]).

As metáforas ontológicas têm finalidades variadas e suas diferenças refletem esses objetivos distintos. Por exemplo, os autores ilustram isso com a experiência da alta de preços, que é metaforicamente interpretada como uma entidade através do termo inflação. A metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE possibilita uma série de expressões, tais como: “a inflação está diminuindo nosso padrão de vida”, “precisamos enfrentar a inflação” e “a inflação está nos colocando em um impasse” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980], p. 76).

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 80) afirmam que “as metáforas ontológicas são tão naturais e prevalentes em nosso pensamento que frequentemente as consideramos auto evidentes e descrições diretas de fenômenos mentais”. Isso significa que muitas vezes não percebemos que estamos utilizando metáforas em nossas expressões, como é o caso da frase “ele explodiu sob pressão”, que é comumente usada em nossa língua.

Dentro das metáforas ontológicas, existem algumas mais evidentes, como a personificação, na qual objetos físicos são vistos como se fossem pessoas. Segundo os autores, essas metáforas nos ajudam a entender experiências, como eventos, atividades, emoções e processos, como se fossem pessoas. Exemplos disso incluem: “sua teoria me ajudou a entender o comportamento de frangos criados em am-

biente industrial”, “esse fato desafia as teorias clássicas” e “a vida me enganou” (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]).

Em relação à interação entre metáforas e metonímia, Barcelona (2003) propõe, com base em estudos anteriores, que existem dois tipos de interação metáfora-metonímia em termos de interação no nível conceptual: a motivação conceptual metonímica da metáfora e a motivação conceptual metafórica da metonímia. A motivação conceptual metafórica em algumas metonímias só pode ser descoberta “em interpretações metonímicas de uma expressão linguística que são possíveis com a coocorrência do mapeamento metafórico” (Barcelona, 2003, p. 244, tradução nossa). O autor exemplifica isso com um caso analisado por Gomoses (1990 *apud* Barcelona, 2003, p. 244): “Ela tomou o ouvido do ministro e o convenceu a aceitar o seu plano”. Nesse exemplo, a metáfora é ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO, e a versão específica da metonímia é PARTE DO CORPO POR FUNÇÃO ou, mais especificamente, OUVIDO POR ATENÇÃO. De acordo com Goossens (2003 *apud* Barcelona, 2003, p. 244), a metonímia OUVIDO POR ATENÇÃO só ocorre em mapeamentos metafóricos em que a atenção é o domínio alvo. Em outras palavras, “somente quando atenção for transformada em domínio alvo em um mapeamento metafórico é possível, dentro do domínio alvo, realizar um mapeamento metonímico em que o ouvido representa um atributo específico (atenção) de sua função típica (audição)” (Barcelona, 2003, p. 244). Isso significa que essa metonímia específica aparece apenas em expressões linguísticas que envolvem metáforas conceptuais como ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO, onde a atenção é o domínio alvo.

Por outro lado, Barcelona (2003) observa que a motivação conceptual metonímica da metáfora é bastante problemática e desafiadora para a teoria da metáfora, já que muitas metáforas são motivadas por uma base metonímica. Um exemplo disso é a metáfora RAIVA

É O CALOR DE UM FLUIDO, investigada por Lakoff e Kövecses (1987), que resulta em expressões como “eu havia atingido o ponto de ebulição” e “quando eu falei a ele, ele simplesmente explodiu”. Barcelona (2003, p. 242, tradução nossa) destaca que “essa metáfora é motivada por um grupo de metonímias em que certos efeitos fisiológicos da raiva representam essa emoção”. Para ilustrar, o autor apresenta exemplos de metonímias e os tipos de efeitos fisiológicos da raiva representados metonimicamente, como “não es quente do colarinho para baixo” (calor corporal) e “quando descobri, quase estourei uma veia” (pressão interna). Nesse contexto, Barcelona (2003) sugere que uma área interessante de pesquisa é explorar até que ponto toda a extensão metafórica da linguagem é motivada pela metonímia.

Até este ponto, Rech (2022) chama a atenção para o fato de explorarmos a metáfora e a metonímia como mecanismos conceituais distintos. No entanto, esses elementos frequentemente interagem entre si (Silva, 2003). O estudo pioneiro sobre essa interação foi conduzido por Goossens (1990), que introduziu o conceito de *metaftonímia* (ou *metaphonymy*). Goossens classificou essa interação em dois tipos principais: 1) *metaftonímia integrada*, em que a metonímia está incorporada dentro da metáfora, e, mais raramente, a metáfora incorporada dentro da metonímia; e 2) *metaftonímia cumulativa*, na qual a metáfora emerge a partir da metonímia e a metonímia emerge a partir da metáfora.

Em suma, as metáforas conceituais moldam nossas percepções, influenciam nossos comportamentos e afetam nossos relacionamentos interpessoais (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]). De acordo com os autores, as metáforas nos permitem entender e vivenciar um conceito por meio de outro. Na próxima seção, abordamos os procedimentos metodológicos e em seguida discutimos os dados apresentados por Rech (2022) em relação às metáforas e metonímias conceituais presentes nos sinais de nome da Libras.

Procedimentos Metodológicos

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é de natureza descritiva e predominantemente qualitativa, conforme a classificação de Gil (2002), pois visa explorar processos conceptuais subjacentes à formação de sinais de nome na Libras. A pesquisa envolveu tanto a coleta de dados preexistentes, ou seja, os sinais de nome já estabelecidos, quanto a geração de dados novos, que emergiram das interações do pesquisador com os informantes. Os dados gerados referem-se às informações sobre os processos de nomeação, obtidas a partir das respostas dos informantes durante as entrevistas.

As atividades de coleta e geração de dados tiveram início em 2018, no âmbito do projeto de pesquisa denominado Estudos Onomásticos na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Este projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa de uma universidade pública, na qual uma das autoras atua como professora. Durante o projeto, foram registrados 383 sinais de nome e coletadas informações detalhadas sobre os processos de nomeação, baseadas nas perspectivas dos portadores e em suas memórias durante as entrevistas.

O processo de coleta e geração de dados foi realizado por meio de um questionário fechado, acessível através de um formulário no Google Docs e amplamente divulgado via grupos de WhatsApp e *e-mails*. O questionário incluía oito perguntas: sete deveriam ser respondidas em Língua Portuguesa e uma em vídeo. As três primeiras perguntas abordavam a identificação pessoal do informante, se era surdo ou ouvinte, idade, gênero e estado de residência. As perguntas subsequentes eram focadas no processo de nomeação em Libras: i) “Você tem um sinal em Libras. Por que esse sinal é feito dessa maneira?”; ii) “Quem te atribuiu esse sinal? Em qual contexto ou época?”; iii) “Como você se sente em relação ao seu sinal? Você gosta dele? Por quê?”. A última pergunta solicitava: “Como você se apresenta em Libras?”. Esta resposta devia ser fornecida em Libras.

Foram analisados 383 sinais de nome, organizados em um quadro no Word, sem categorias previamente definidas. Após a identificação dos processos, foi feita a contagem das ocorrências de cada caso. Para manter o anonimato dos informantes, todas as imagens foram recriadas por uma das autoras. Além disso, quando necessário incluir as respostas dos informantes, foi utilizado um código específico: INI – R/G. Nesse código, “I” representa informante, “NI” é o número de identificação atribuído, “R” indica a região do país (S – Sul, N – Norte, SE – Sudeste, CO – Centro-Oeste e NE – Nordeste) onde o sinal foi recebido, e “G” refere-se ao gênero (masculino, feminino ou outro).

Vale ressaltar que neste recorte descrevemos somente os 6 sinais de nome que Rech (2022) identificou como sendo formados por meio da interação entre as metáforas e metonímias conceptuais.

Os sinais de nome na Libras e as metáforas e metonímias conceptuais

Rech (2022), ao analisar os dados de sua pesquisa, identificou que as metonímias conceptuais têm um papel central no processo de conceptualização de pessoas por meio de um sinal de nome, posto que, dos 383 sinais analisados, 371 foram formados a partir de processos metonímicos. Seus dados corroboram aqueles observados por Teixeira (2007) ao analisar as alcunhas¹ do Norte de Portugal, em que o uso de metáforas é significativamente menor em comparação com a metonímia. Este autor relata ainda que no uso referencial, como é o caso de alcunhas, a preferência se dá por metáforas prototípicas, as quais são tão diretas quanto as metonímias e cujo processo se estabelece pela escolha de um elemento prototípico, ou seja, o melhor representante de certa categoria. Um exemplo citado pelo autor refere-se ao item baleia como elemento prototípico para volume corporal, termo este usado em expressões como “ser gordo como uma baleia”.

1 Comparamos os sinais de nome com as alcunhas em virtude de ambos serem nomes não-oficiais, ou seja, não pertencentes ao registro civil, geralmente motivados por uma característica física ou comportamental.

Na pesquisa desenvolvida por Rech (2022), a autora identificou que 6 sinais de nome parecem se aproximar aos achados de Teixeira (2007), tendo em vista que elementos prototípicos do domínio alvo são selecionados para o domínio fonte, contudo, acrescenta a interação com as metonímias conceptuais dado que uma parte é selecionada para descrever o todo, ou seja, uma característica do indivíduo é selecionada para representar o sujeito na conceptualização do sinal. Na sequência apresentamos os 6 sinais analisados pela autora.

O primeiro caso diz respeito ao sinal de nome que, segundo a informante, é motivado pelo sinal de “chocolate”, devido à cor de sua pele. Entre os subdomínios disponíveis para conceptualizar a informante através de um sinal de nome, a cor da pele foi escolhida, resultando na metonímia CARACTERÍSTICA FÍSICA PELA PESSOA, ou mais especificamente, COR DA PELE PELA PESSOA. No entanto, o domínio alvo ativado foi o chocolate, que possui a característica de ser de cor preta. A combinação dessas formas de conceptualização resulta na metáfora FULANA É CHOCOLATE. No mesmo sinal, Rech identifica outra motivação metonímica: a PARTE DO NOME PELA PESSOA, pois o sinal de CHOCOLATE é modificado, trocando-se a configuração de mão usual pela configuração de mão que corresponde à primeira letra do nome da informante: R, como ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Sinal de nome da Informante I51-CO/F



Fonte: Rech (2022).

Outro sinal discutido pela autora apresenta um sinal de nome cujas características metonímicas remetem às interações pessoais entre o nomeador e o nomeado. O informante I01-NE/M explicou que seu sinal de nome foi atribuído pelos surdos com quem praticava capoeira, resultando no sinal de BERIMBAU (figura 2), um instrumento usado nas rodas de capoeira. Assim, a experiência compartilhada de jogar capoeira motivou a escolha do sinal de nome por meio da metonímia ATIVIDADE ESPORTIVA PELA PESSOA, e o berimbau, um instrumento emblemático do esporte, foi selecionado, levando à metáfora FULANO É BERIMBAU.

Figura 2 – Sinal de nome do Informante I01-NE/M



Fonte: Rech (2022).

Rech apresenta também as metonímias relacionadas aos hábitos de uma pessoa, resultantes de uma sistemática observação visual por parte de surdos nomeadores. Um de seus informantes teve seu sinal motivado pelo uso frequente de terno e gravata: “Porque, na época, usava bastante terno e gravata e, o surdo que me deu o sinal, dizia que eu parecia um pastor” (I27-SE/M). Tal uso constante do mesmo tipo de roupa gerou, conforme Rech, a metonímia ROUPA PELA PESSOA. Além disso, outro domínio alvo foi selecionado: “pastor”, pela experiência de um modelo cognitivo idealizado, provavelmente das experiências religiosas visuais, que traça um paralelo entre pastor e o uso frequente de terno e gravata. Como resultado, o sinal de nome advém metáfora FULANO É PASTOR. Nesse caso, Rech observa tam-

bém ao criar o sinal, a configuração manual associada à letra P, que representa o substantivo PASTOR, foi substituída por uma configuração que inclui as letras A e E, correspondendo à primeira e última letras do prenome do informante, o que exemplifica a metonímia PARTE DO NOME PELA PESSOA.

Figura 3 – Sinal de nome do Informante I27-SE/M



Fonte: Rech (2022).

Rech apresenta outro caso de sinal de nome criado a partir da metonímia CARACTERÍSTICA FÍSICA PELA PESSOA (ou seja, CABELO PELA PESSOA), combinada com a metonímia PARTE DO NOME PELA PESSOA, em que uma das informantes, cujos cabelos são muito claros e encaracolados, teve esses atributos usados como base para o seu sinal de nome: “Meu sinal está relacionado com meu cabelo. É o sinal de ovelha” (I78-S/F). Tal resposta revela que, além das características físicas, o domínio selecionado foi o de ovelha, um animal que é claro e possui pelos enrolados, resultando na metáfora FULANA É OVELHA. A figura 4 mostra o sinal específico da informante em que o sinal de OVELHA foi modificado para a CM que remete à primeira Letra do nome em português da informante:

Figura 4 – Sinal de nome da Informante I78-S/F

Fonte: Rech (2022).

Um exemplo que se aproxima muito do que Teixeira (2007) chamou de metáfora prototípica, foi identificado por Rech (2022) em seus dados. Este é o caso do sinal de nome criado por meio da metonímia HÁBITO PELA PESSOA, que envolveu a observação constante do nomeador em relação ao nomeado, conforme percebemos no relato da informante: “Na época em que comecei a conviver com a comunidade surda, em Pelotas, era escoteira e acampava bastante, fazia barracas nas árvores ou outro tipo de atividade nas árvores, **os surdos sempre me viam dependurada em alguma árvore**, em fotos, ou quando visitaram as atividades escoteiras. Neste contexto surgiu, o sinal ‘Tarzan’ ou ‘Gorila’. Eles batiam no peito e chamavam Jujuuuuuuu. Éramos adolescentes, muita brincadeira e o sinal pegou” (I88-S/F, grifo nosso). Assim, por meio da metonímia HÁBITO PELA PESSOA em interação com a metáfora FULANA É GORILA, o sinal de nome foi formado. A figura 5 apresenta o sinal da informante:

Figura 5 – Sinal de nome da Informante I88-S/F

Fonte: Rech (2022).

Por fim, Rech apresenta ainda mais um exemplo de um sinal de nome formado pela metonímia ATIVIDADE VOLUNTÁRIA PELA PESSOA, associada a uma ação frequentemente realizada, foi escolhida como um traço distintivo para descrever a informante. A autora ressalta que o voluntariado é frequentemente visto na nossa sociedade como algo ligado ao amor, que metaforicamente é simbolizado pelo coração. Essa interação conceptual resulta no sinal *FULANA É CORAÇÃO*. Esse sinal também incorpora a metonímia PARTE DO NOME PELA PESSOA, utilizando a configuração de mão que representa a letra inicial do prenome da pessoa, conforme indica a fala de uma informante, que atuava como intérprete voluntária, ao descrever o seu sinal (figura 6): “representa o amor e a gratidão dos surdos, pelo trabalho voluntário que eu desenvolvia naquela época da comunidade surda. Mxxx no coração” (I107-S/F):

Figura 6 – Sinal de nome da Informante I107-S/F



Fonte: Rech (2022).

Até o momento verificou-se alguns sinais de nome formados por meio da interação de metáforas e metonímias conceptuais. Esse trabalho procurou apenas descrevê-los, contudo, há a necessidade de um estudo mais aprofundado, com mais dados, para que se possa verificar, por exemplo, se estas metáforas podem ser consideradas prototípicas, conforme os achados de Teixeira (2007).

Considerações finais

Os resultados obtidos por Rech (2022) indicam que a formação de sinais de nome na Libras é predominantemente influenciada por metonímias, em contraste com a escassa presença de metáforas conceptuais. Esta baixa frequência de sinais metafóricos pode estar alinhada com a observação de Reszegi (2022), a qual sugere que a criação de nomes metafóricos requer uma significativa criatividade linguística e um distanciamento dos modelos de nomes convencionais, resultando frequentemente em nomes com um efeito estilístico distinto. Um campo fértil de investigação pode ser a atribuição de sinais de nome no campo das artes, como cantores, músicos, artistas, poetas etc., cuja performance ou maneirismo podem ser captados na observação sistemática dos nomeadores surdos.

Em contraste, foi possível perceber que a metonímia desempenha um papel crucial na formação de nomes próprios na Libras. A prática comum é selecionar um aspecto saliente de uma pessoa para representar o indivíduo como um todo. Além disso, embora a metonímia e a metáfora possam interagir na criação de sinais de nome, tal interação ocorre de forma menos frequente, refletindo um padrão similar ao observado nas alcunhas, conforme descrito por Teixeira (2007). Isso está em consonância com a sugestão de Barcelona (2012), que afirma que toda metáfora conceptual é frequentemente motivada por uma ou mais metonímias.

Em suma, vale salientar que a hipótese de Rech (2022) na qual as metáforas conceptuais poderiam também estar subjacentes na formação de sinais de nome, foi confirmada; contudo, elas estão associadas a processos metonímicos. Essa constatação reforça a ideia de que as metonímias conceptuais desempenham um papel fundamental na formação de nomes na Libras. Assim, é possível que exista um modelo metonímico predominante para a criação de nomes, no qual ca-

racterísticas físicas observáveis desempenham um papel central na conceptualização de uma pessoa.

As descobertas deste estudo abrem várias possibilidades para investigações futuras. Uma área promissora seria a análise mais aprofundada da interação entre metáforas e metonímias na formação de sinais de nome, para entender melhor como essas duas formas de conceptualização se combinam e se influenciam mutuamente. Além disso, seria relevante explorar se há variações regionais ou contextuais na utilização de metáforas e metonímias entre diferentes comunidades surdas que utilizam a língua de sinais.

Outra linha de pesquisa poderia focar em como diferentes aspectos das experiências visuais e culturais dos surdos impactam a criação de sinais de nome, e como esses fatores podem contribuir para a inovação e a variação dentro da língua de sinais. Tais pesquisas não apenas ampliariam nosso entendimento sobre a formação de sinais de nome na Libras, mas também poderiam fornecer *insights* valiosos sobre os processos cognitivos e linguísticos envolvidos na criação e utilização de nomes próprios em línguas de sinais.

Referências

AINIALA, Terhi; SAARELMA, Minna; SJÖBLOM, Paula. **Name in focus**: an introduction to Finnish Onomastics. Finland: Studia Fennica Editorial Borad, 2016.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavícius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponimia-brasileira-1614>. Acesso em: 24 jul. 2024.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BARCELONA, Sánchez Antonio. Clarifying and metaphor and metonymy. In: DIRVEN, René, PORINGS, Ralf (org.). **Metaphor and metonymy in**

comparison and contrast. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 207-276.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos Sinais-nomes. **RE-UNIR**, Rondônia, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BÖRSTELL, Carl. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language Community. **SKY Journal of Linguistics**, Finland, v. 30, p. 22-54, 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DAY, Linda; SUTTON-SPENCE, Rachel. British sign name customs. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 1, p. 22-54, 2010.

DELAPORTE, Yves. Des noms silencieux. Le système anthroponymique des sourds français. **L'Homme**, tome 38, p. 7-45, 1998.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic 'action'. **Cognitive Linguistics**, Walter de Gruyter, 1-3, p. 323-340, 1990.

KOURBETIS, Vassilis; HOFFMEISTER, Robert J. Name signs in greek sign language. **American Annals of the Deaf**, Washington, v. 147, n. 3, p. 35-43, 2002.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. London: The University Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). **Metaophor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

McKEE, Rachel Locker; McKEE, David. Name signs and identity in deaf communities in New Zealand Sign Language. *In*: MELAINE, Metzger (ed.). **Bilingualism and Identity in Deaf Communities**. Washington: Gallaudet University Press, 2000. p. 3-40.

MINDESS, Anna. What name signs can tell us about Deaf culture. **Sign Language Studies**, Washington, 66, p. 1-23, 1990.

PAALES, Liina. On the system of person-denoting signs in Estonian Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 10, n. 3, p. 317-335, 2010.

PAALES, Liina. Name signs for hearing people. **Folklore**, Estônia, n. 47, p. 43-76, 2011.

RECH, Gabriele Cristine. A tradução dos nomes das personagens bíblicas para a Língua Brasileira de Sinais: analisando o manual o clamor do silêncio. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 404-424, 2020.

RECH, Gabriele Cristine. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras**: Onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nome na Língua Brasileira de Sinais. *In*: **Anais [...]**. I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas de Sinais, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica desde a América Latina**, Cascavel, n. 2, v. 1, p. 67-81, 2020.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Nomes próprios de pessoas em línguas de sinais: uma discussão acerca das nomenclaturas adotadas. **GTLex**, v. 9, p. 1-18, 2024.

RESZEGI, Katalin. Cognitive approach in Onomastics. Kognitív szemléletű névtudományi vizsgálatok. [Onomastic investigations from a cognitive approach] **A Magyar Névtudományi Kiadványai**, Debrecen, Debreceni Egyetemi Kiadó, 54, p. 211-226, 2022.

- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 1. Fasc. 1-2, p. 59-101, 1997.
- SILVA, Augusto Soares. O poder cognitivo das metáforas e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 2, p. 13-75, 2003.
- SILVA, Augusto Soares. Os estudos de Linguística Cognitiva do Português. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 12, p. 189-221, 2008.
- SORIANO, Salina. La metáfora conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VELEZUELA, Javier. **Linguística cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 97-122.
- SOUSA, Alexandre Melo de; MENEZES, Ketlhen Cristina dos Santos Oliveira. Antroponímia em Libras: análise dos sinais-nome atribuídos por surdos. **Raído**, v. 15, n. 39, p. 45-65, 2021.
- SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 163-185, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8650767/16919>. Acesso em: 28 jul. 2024.
- SUPALLA, Samuel James. The arbitrary name sign system in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 67, p. 99-126, 1990.
- TEIXEIRA, José. Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. *Diacrítica*, **Série Ciências da Linguagem**, Universidade do Minho, Braga, v. 21, n. 1, p. 207-239, 2007.
- VEREZA, Solange C. O locus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Letras e cognição, Rio de Janeiro, n. 41, p. 199-212, 2010.

Sinais-nome de surdos e não-surdos acreanos: uma análise comparativa

*Alexandre Melo de Sousa
Pablo Henrique Lira Cruz
Rosane Garcia
Magno Prado Gama Prates*

Introdução

Os estudos abordando o léxico em Libras têm crescido consideravelmente nos últimos anos. Investigar os processos de nomeação da realidade circundante pelos surdos, em sua própria língua, possibilita ampliar e aprofundar os domínios linguísticos inerentes à Libras e valorizar a cultura surda e as experiências visuais do povo surdo. A relação entre língua e cultura encontra reflexos especialmente no âmbito lexical.

No âmbito lexical, interessa-nos os itens lexicais criados para nomear pessoas em Libras – ato que tem sido atribuído aos surdos. Trata-se, portanto, de uma perspectiva antroponímica de investigar o léxico – de modo particular, os sinais-nome. O estudo parte da seguinte pergunta: quais fatores transparecem nos sinais-nome atribuídos por surdos que se relacionam com o sujeito nomeado: características físicas, aspectos comportamentais, papéis sociais, os nomes próprios em português, a associação de mais de um desses fatores?

Assim, o objetivo deste trabalho é classificar sinais-nomes de surdos e não-surdos de Rio Branco, Acre, tomando como ponto de partida a proposta de Barros (2018) para a classificação dos sinais-nome em Libras. Os dados foram gerados a partir de entrevistas com 18 surdos e 18 não-surdos que residem na capital acreana e que possuem vivência efetiva na comunidade surda: alunos, egressos e professores do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre, professores e Tradutores-Intérpretes do Centro de Apoio ao Surdo (CAS) municipal e estadual.

O nome próprio de pessoas

A Lexicologia é a disciplina que estuda o léxico e sua organização com base em diferentes fatores: período histórico, região geográfica, realização fonética, composição morfológica, distribuição sintagmática, “ao seu uso social e cultural, político e institucional” (Henriques, 2010, p. 102). O léxico – como conjunto de palavras/lexias – se forma a partir das necessidades humanas de dar nomes às coisas e das interações entre pessoas que compartilham de determinado tempo e de determinado espaço sócio-histórico e cultural. Bondía (2002, p. 21) explica que:

Nomear o que fazemos [...] como técnica aplicada, como práxis reflexivas ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras.

O ato de nomear é, portanto, resultado de experiências, de visões de mundo, de percepções históricas, de construções culturais e de sentimentos (individuais e coletivos). O nome próprio de pessoa individualiza o sujeito, ao mesmo tempo que o particulariza, o personaliza e o identifica. Trata-se, assim, de um fenômeno referencial. Martins (1991, p. 43) diz que, como signo, o nome próprio de pessoa “além de servir de marca formal designativa do indivíduo para os outros, para a sociedade, constitui-se como um referencial único para o sujeito: ele o vive como sendo ele mesmo”.

Quando os pais escolhem os nomes dos filhos, interseccionam, no próprio ato de nomear, uma série de fatores que incluem desde o gosto pessoal por determinado nome (uma homenagem a um parente querido, uma referência a uma personalidade famosa, uma relação religiosa com um santo ou uma divindade etc.), até uma projeção de como o filho vai se relacionar com aquele nome (o nome fácil de ser aprendido/escrito, um nome que não será alvo de brincadeiras e chacotas) entre outros fatores. Como destaca Martins (1991, p. 43): “O nome próprio, ao designar um determinado corpo, instala o reconhecimento público da existência do indivíduo socializado ou em vias de socialização”.

Isso ocorre porque o nome próprio, como signo/palavra, além de possuir seu caráter representacional no processo interacional,

[...] antes de ser signo para este sujeito, o nome funda este mesmo sujeito. Ele instala o sujeito na própria estrutura intersubjetiva da comunicação humana, ou, melhor ainda, no espaço de interlocução. Nomear é então primeiro, com relação ao signo, do ponto de vista lógico. Em seguida à nomeação é que um nome se transforma em palavra e adquire sua potencialidade comunicativa. Assim, antes de ser comunicação, ele é o suporte de uma presença, sendo portador

de uma ontologia que ultrapassa a história pessoal vivida do sujeito (Martins, 1991, p. 43).

No âmbito linguístico, cabe à Onomástica o estudo dos nomes próprios em geral, seja em seus aspectos formais (estruturas fonético-fonológicas, formações morfossintáticas etc.), seja em seus aspectos semio-funcionais (motivações, funções, usos etc.). Sousa (2022) afirma que há diferentes subáreas onomásticas a depender do referente ao qual o nome próprio se liga – como mostrado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Subáreas da Onomástica

SUBÁREA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Antroponímia	Estuda os nomes próprios de pessoas	Antônio (nome), Silva (sobrenome), João (apelido)
Astronímia	Estuda os nomes próprios de corpos celestes	Halley (cometa), Vênus (planeta), Icarus (estrela)
Hidronímia	Estuda os nomes próprios dos cursos d'água ¹	Negro (rio), Boca da Onça (cachoeira)
Metereonímia	Estuda os nomes próprios dos fenômenos naturais	Katrina (furacão), Nina (tufão)
Onionímia	Estuda os nomes próprios de estabelecimentos de serviços, de ensino, de saúde, de lazer, comerciais, financeiros, produtos e marcas	José de Alencar (teatro), Vivo (telefonista), Santander (banco), Unimed (hospital), Meta (escola)
Teonímia	Estuda os nomes próprios de divindades religiosas, espirituais, sagradas nas diversas crenças	André (Católico), Iansã (Candomblé), Vovó Maria Conga (Umbanda), Tupã (divindade Indígena)

¹ Alguns pesquisadores preferem estudar os cursos d'água no âmbito da toponímia por se tratar, também, de um nome de lugar (geográfico).

Toponímia	Estuda os nomes próprios de espaços geográficos, sejam os topônimos oficiais, sejam os topônimos paralelos ²	Cuiabá (cidade), Paulista (avenida), Cidade de Deus (comunidade/favela)
Zoonímia	Estuda os nomes próprios atribuídos a animais – animais domésticos, os animais guias, os animais de zoológico, entre outros	Caramelo (cavalo), Filó (capivara), Chico (macaco) ³

Fonte: Elaborado a partir de Sousa (2022).

No presente estudo daremos atenção à Antroponímia que se dedica, segundo Amaral e Seide (2020), ao estudo dos nomes próprios de pessoas: primeiro nome, nome de família, sobrenome, apelidos, nomes sociais, nomes de urnas, nomes de guerra entre outros. De acordo com Mota (2013, p. 29):

[...] o uso linguístico [do nome próprio] faz parte do comportamento dos indivíduos, por esse motivo, não acontece isoladamente, e, estando esse uso relacionado à cultura e à história das comunidades linguísticas, o estudo de como as pessoas são chamadas e ‘tratadas’ pode desvendar importantes aspectos históricos e culturais de um povo.

Portanto, podemos afirmar que a Antroponímia é um campo de estudos interdisciplinar que, embora tenha sua base linguística (como item lexical que é), pode buscar em outros campos do saber

2 Segundo Tavares e Santos (2023, p. 242): “De uso social, mas restrito a uma parte da população, ou em contextos de oralidade, os topônimos paralelos são enunciados de autoria coletiva e não identificada que podem caracterizar – ainda melhor que os designativos oficiais – a visão de mundo de uma comunidade”.

3 Todos esses animais ganharam destaque nas mídias e redes sociais: o cavalo Caramelo ficou conhecido pelo resgate nas inundações do Rio Grande do Sul, a capivara Filó ganhou notoriedade a partir da polêmica envolvendo um influencer que lutava para que ela não fosse resgatada pelo IBAMA, o macaco Chico ficou famoso nas redes sociais ao ser filmado lavando louças e afiando facas.

(Antropologia, Psicologia, História etc.) subsídios para a melhor descrição, caracterização do objeto *nome próprio de pessoas* – a depender dos objetivos do pesquisador, da metodologia adotada, da língua que se está estudando entre outros fatores. Biderman (1998) diz que o nome próprio, a depender das distintas culturas, adquire significados e dimensões que dependem das realidades extralinguísticas e extrapolam o próprio signo. É o que discutiremos a seguir, sobre as nomeações de pessoas em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Os nomes de pessoas (sinais-nome) em Libras

Nos domínios lexicais das línguas de modalidade visual-espacial há os sinais próprios de designam e particularizam as pessoas – são os sinais-nome. No Brasil, alguns estudos têm se dedicado aos estudos antroponímicos em Libras, seja verificando aspectos formais dos sinais-nome, seja investigando os aspectos que motivam a criação dos sinais-nome. Alguns estudos são apresentados a seguir.

Quadro 2 – Pesquisas sobre antroponímia em Libras

REFERÊNCIA	DESCRIÇÃO
Souza e Gediel (2017)	O estudo descreve a constituição de 12 sinais próprios e o processo de nomeação das pessoas Surdas de uma cidade da Zona da Mata Mineira. A pesquisa levou em consideração a formação fonológica e outras questões consideradas relevantes culturalmente na comunidade de fala estudada. Como resultado, a pesquisa mostrou aproximação de aspectos fonológicos e elementos culturais ligados à iconicidade e à arbitrariedade de cada sinal.

Barros (2018)	O estudo analisa 113 sinais-nome de surdos e ouvintes da cidade de Goiânia (GO) e propõe uma classificação taxonômica a partir dos seguintes fatores motivacionais: Aspecto Físico (AF), Aspecto Comportamental (AC), Aspecto Social (AS) e Empréstimo da Língua Oral (ELO). A pesquisadora se inspira nos estudos de Supalla (1992) e Wild (2017). Como resultado, o estudo mostrou que 57% dos dados eram correspondentes à associação das taxes: AF + ELO.
Sousa <i>et al.</i> (2020)	O estudo analisou os sinais-nome de surdos da Grande Florianópolis (SC) quanto às taxonomias motivacionais propostas por Barros (2018). Os dados foram selecionados no Inventário de Libras da Grande Florianópolis. Como resultado, verificou-se a prevalência da taxe AF. O estudo, ainda, fez uma comparação entre os resultados de Florianópolis e os de Goiânia analisados por Barros (2018).
Menezes (2021)	O estudo analisou os sinais-nome de ouvintes – acadêmicos (10 homens e 10 mulheres) do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre. Os participantes participaram de entrevistas e explicaram a motivação dos seus sinais e o contexto em que foram “batizados”. Os resultados mostraram de 55% dos sinais eram classificados como AF. Quanto ao contexto, 75% dos participantes afirmaram que foram “batizados” por surdos em salas de aula.
Rech (2021)	O estudo analisou características socioantroponomásticas dos sinais de nome em Libras. O instrumento de coleta foi um questionário aplicado de forma <i>on-line</i> que resultou em 393 respostas de pessoas ouvintes. Os resultados mostraram que a metonímia conceptual é o principal mecanismo envolvido na formação dos sinais de nome.

Chaibue (2022)	O estudo ⁴ analisou 109 sinais-nome de pessoas de Formosa (GO), seguindo a perspectiva taxonômica de Barros (2018) para a classificação dos itens antroponímicos. Como resultado da pesquisa verificou-se que 41% dos sinais antroponímicos pertencem à taxa AF.
Xavier (2023)	O estudo analisou os sinais-nome de surdos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco (AC). Foram selecionados 12 sinais-nome (6 homens e 6 mulheres) que integraram o Grupo 1 do projeto: surdos com idades entre 18 e 29 anos. Os dados foram analisados seguindo a proposta de Barros (2018). Os resultados mostraram que 67% dos dados são formados pela associação das taxas AF + ELO.
Fonseca e Xavier (2024)	O estudo analisou 132 antroponímicos em Libras – sinais que nomeiam pessoas famosas – com base na proposta taxonômica (classificação) de Barros (2018). Os dados foram coletados do canal ED Libras do YouTube. Os resultados apontaram maior frequência de sinais-nome relacionados a aspectos sociais e mistos: combinação de mais de uma das taxas propostas por Barros (2018).

Fonte: Elaborado pelos autores.

As pesquisas apresentadas no quadro 2 constituem uma amostra do que se tem produzido no Brasil em relação aos estudos antroponímicos em Libras. Vale ressaltar que há outras pesquisas de igual importância e que têm contribuído para o fortalecimento dessa área de estudos, de modo específico, e para a descrição do léxico em Libras, de modo geral.

Destaca-se o grande número de pesquisas que seguem a proposta taxonômica de Barros (2018) e que contribuem para a sua ampliação – como é o caso do estudo de Fonseca e Xavier (2024) que propõem:

⁴ O estudo de Chaibue (2022) constava de análise de sinais em Libras de pessoas e de lugares de Formosa (GO). Aqui, destacamos apenas os dados antroponímicos, por ser o interesse da nossa pesquisa.

Mistos, para os sinais que incluem mais de uma categoria proposta por Barros (2018); e *Dúvidas*, para os sinais que não se filiam a nenhuma das taxes propostas por Barros (2018).

No segundo volume da *Gramática da Libras* há uma seção dedicada aos estudos onomásticos em Libras na qual Sousa e Quadros (2023) descrevem o campo de atuação da Antroponímia e apresentam exemplos de sinais-nome de surdos participantes do *Inventário Nacional de Libras*. As ilustrações objetivam mostrar os itens lexicais e os aspectos que motivaram a criação (ou atribuição) do sinal seguindo, também, a proposta taxonômica de Barros (2018).

Como informamos no início deste texto, nosso objetivo neste trabalho é classificar sinais-nomes de surdos e não-surdos de Rio Branco, Acre, tomando como ponto de partida a proposta de Barros (2018) para a classificação dos sinais-nome em Libras. Desse modo, convém tecermos algumas considerações a respeito do estudo empreendido pela referida linguista.

Metodologia do estudo

Este estudo se caracteriza como de natureza aplicada – uma vez que aplicaremos a proposta classificatória de Barros (2018) aos nossos dados antroponímicos – e de abordagem quantitativa e qualitativa, pois partiremos de somatórias percentuais para interpretarmos os dados selecionados para este estudo (Gil, 2008).

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é do tipo descritiva (Gil, 2008) – já que descrevemos os sinais-nome e os classificamos a partir de taxonomias que também descrevem os aspectos motivacionais inerentes a esses itens antroponímicos.

Em relação aos procedimentos, o estudo é do tipo documental (Gil, 2008), pois parte de entrevistas e vídeos que apresentam sinais-nome e explicam a atribuição dos referidos antropônimos em Libras.

As entrevistas foram realizadas presencialmente e por WhatsApp, entre os meses de novembro de 2023 e março de 2024. Participaram do estudo 36 pessoas: 18 surdas e 18 não surdas – que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para participar do estudo adotamos como critério serem pessoas que residissem na capital acreana e que possuíssem vivência efetiva na comunidade surda. Então, convidamos alunos, egressos e professores do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre; professores e Tradutores-Intérpretes do Centro de Apoio ao Surdo (CAS) municipal e estadual.

A entrevista consistia em 5 perguntas:

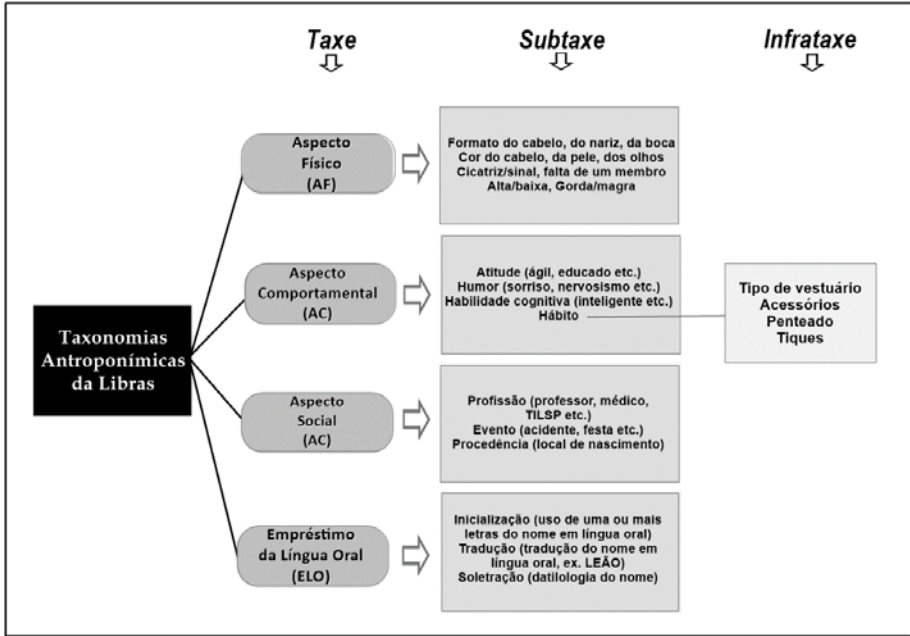
- 1) Qual seu nome? (que era respondido em soletração manual);
- 2) Qual seu sinal em Libras?
- 3) Quem te deu esse sinal?
- 4) Por que você recebeu esse sinal?
- 5) Em que contexto você recebeu esse sinal?

Contudo, decorrente dessas, surgiram informações que foram consideradas neste trabalho, por exemplo: mudança de sinal-nome, autoatribuição de sinal.

Embora os vídeos tenham sido gravados, as imagens ficaram restritas aos pesquisadores, uma vez que não houve assinatura de termos de cessão de imagens dos participantes. Durante as discussões dos dados, alguns sinais-nome foram descritos e trechos das falas dos participantes foram transcritos (em português) para ilustrar as exposições.

Para as análises, como dissemos anteriormente, utilizamos a proposta taxonômica de Barros (2018). A pesquisadora organizou um conjunto de taxes, subtaxes e infrataxes que agrupam motivadores para a criação de sinais-nome, conforme indicado na figura a seguir.

Figura 1 – Proposta taxonômica de Barros (2018)



Fonte: Barros (2018).

Barros (2018, p. 10-11) explica que para construir esse modelo classificatório taxonômico para a Antroponímia das línguas de sinais “foi preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais-nomes, descrever cada um deles, nomeá-los”. E isso foi realizado com base nos 113 sinais-nome analisados em seu estudo.

Com base nos resultados de estudos realizados – Sousa *et al.* (2021), Menezes (2021), Chaibue (2022), Xavier (2023) e Fonseca e Xavier (2024) – incluiremos duas categorias classificatórias⁵: *Taxonomia Híbrida* (para os sinais-nome que apresentarem mais de uma motivação, ex. AF + ELO, AF + AC + ELO, AS + ELO etc.) e *Taxonomia Opaca* (para os sinais-nome que não apresentarem motivação transparente,

⁵ A proposta apresentada aqui segue a indicação de Fonseca e Xavier (2024), com alteração dos nomes das taxes – o que os autores chamaram *Mistos*, aqui propomos *Híbrida*; o que os autores chamaram *Dúvidas*, aqui propomos *Opaco*.

clara, ou que não se encaixarem em nenhuma das taxes, subtaxes e infrataxes indicadas na figura 1).

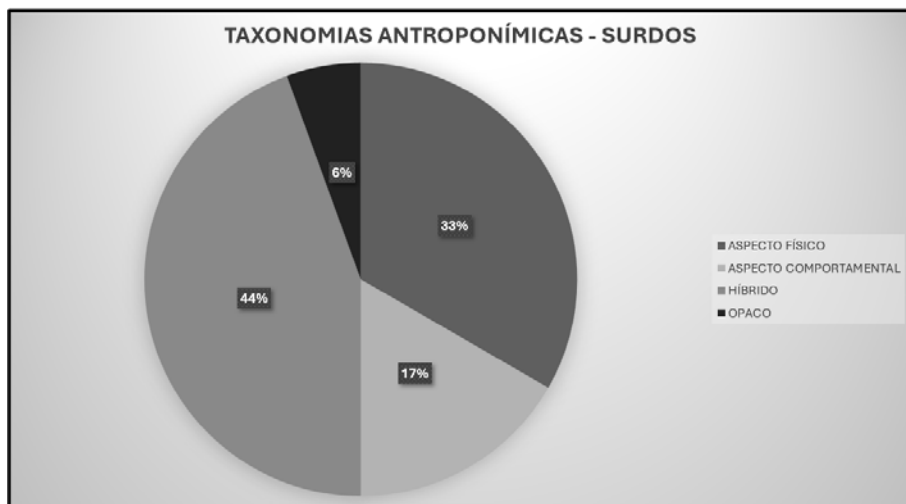
Análise dos dados

Inicialmente, trataremos das classificações relativas aos sinais dos surdos. Em seguida, desenvolveremos as análises dos sinais correspondentes aos não-surdos. Por fim, faremos o contraste entre os resultados de surdos e não-surdos.

Análise 1: Sinais-nome dos participantes surdos

Vejamos os sinais distribuídos em números percentuais, a partir das classificações taxonômicas.

Figura 2 – Taxonomias Antroponímicas – Surdos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os participantes surdos, 6 sinais-nome (33%) foram motivados por características físicas, dentre as quais podemos citar: formato dos olhos e da boca, formato do queixo, formato do cabelo, formato

do dente, formato do nariz e cicatriz. 3 sinais (17%) foram motivados por aspectos relacionados ao comportamento dos participantes, em especial o uso de acessórios, que Barros (2018) agrupa como uma das infrataxes de *Hábito*, por exemplo: uso de aparelho de audiometria, uso de óculos e uso de presilhas no cabelo.

Supalla (1992) já apontava o quão produtiva é a formação de sinais-nome a partir de marcas descritivas dos sujeitos nomeados: sejam características físicas, sejam características mais relacionadas à personalidade dos sujeitos nomeados. Para o autor, trata-se de uma relação com a própria natureza visual das línguas de sinais.

Contudo, Souza e Gediel (2017, p. 169) enfatizam que:

[...] os sinais próprios são um fenômeno presente na maioria das culturas sinalizantes, os quais correspondem à forma como a pessoa se identifica e é identificada por outras pessoas sinalizantes. Entretanto, a composição do sinal e o processo de elaboração da nomeação, que condizem com significados atribuídos aos sinais próprios, variam de cultura para cultura.

Portanto, é sempre importante observar o processo de nomeação em línguas de sinais aliado aos aspectos culturais e identitário de cada comunidade surda. Aqui, destacaremos os estudos sobre sinais próprios relacionados à Língua Brasileira de Sinais e à comunidade surda brasileira.

Continuando a análise dos dados, 1 sinal (6%) foi classificado como *Opaco* porque não foi possível alocar em alguma das taxex propostas incluídas em *Hábito*. Trata-se de um sinal motivado pela ação de usar uma folha para estancar um ferimento provocado por uma abelha que ferrou o participante. O sinal não é motivado pela mar-

ca do ferrão, mas pela ação de estancar o ferimento, como explica o Participante 10:

Eu era adolescente e brincava na plantação de feijão. Então muitas abelhas me atacaram. Uma ficou presa no braço. Ficou ferido. Depois secou. Então eu mexi no ferimento e sangrou novamente. Aí eu fui até a árvore, peguei uma folha e estanquei o ferimento. Esse ficou o sinal.

O sinal-nome indicado pelo participante 10 pode ser visualizado a seguir:

Figura 3 – Sinal-nome (Participante 10)

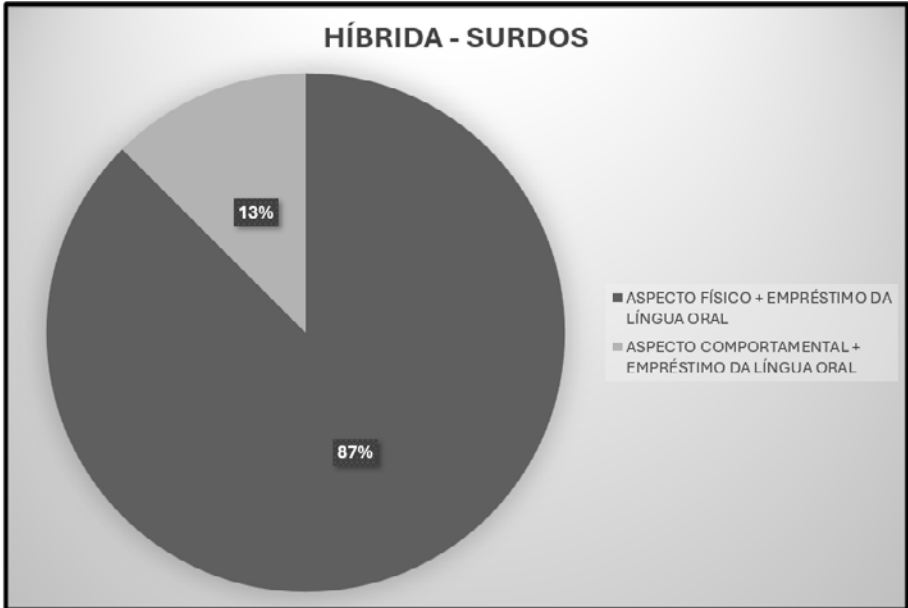


Fonte: Arquivo da pesquisa.

Fonseca e Xavier (2024) apresentaram sinais-nome sobre pessoas famosas que não foram relacionadas às propostas taxonômicas de Barros (2018). Os autores citam o sinal-nome do apresentador Jô Soares, que é formado por “gesto estereotipado”. Trata-se de um aspecto comportamental, mas não é previsto nas taxonomias de Barros (2018).

11 sinais (44%) foram classificados como Híbridos: foram 7 sinais associando Aspecto Físico e Empréstimo da Língua Oral e 1 sinal associando Aspecto Comportamental e Empréstimo da Língua Oral, como pode ser visto no gráfico (figura 3) a seguir.

Figura 4 – Híbridos – Surdos



Fonte: Elaborado pelos autores.

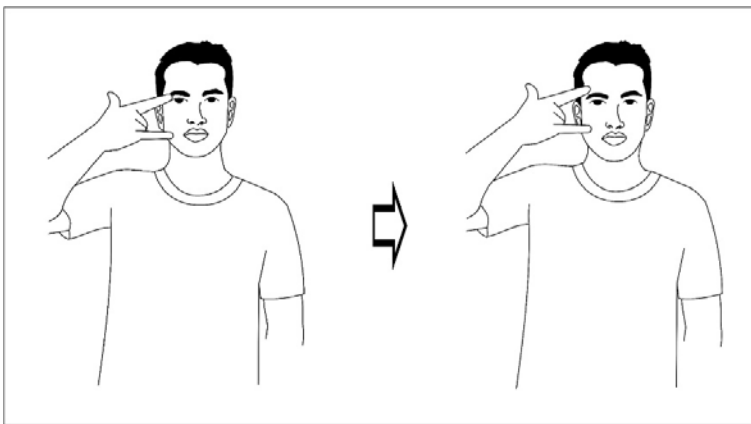
Os sinais-nome híbridos associaram as letras iniciais dos nomes dos participantes com características físicas, como: cicatrizes, marcas na pele, formato do cabelo, formato das bochechas, entre outros. Apenas um caso associou a letra inicial do nome em português com o hábito de alisar os cabelos (comportamental).

Entre os dados, verificamos 2 casos de surdos que deram os sinais a si próprios e 2 casos de surdos que trocaram os sinais que receberam quando eram crianças. O participante surdo explicou que o sinal mudou com o uso.

O meu sinal tocava o olho e a boca ao mesmo tempo. Com o passar do tempo, percebi que o sinal foi mudando de região e passou ser usado só na região ao lado dos olhos. Então meu sinal ficou assim até hoje (Participante 4)

O sinal descrito pelo participante 4 pode ser visualizado a seguir:

Figura 5 – Sinal-nome (Participante 4)

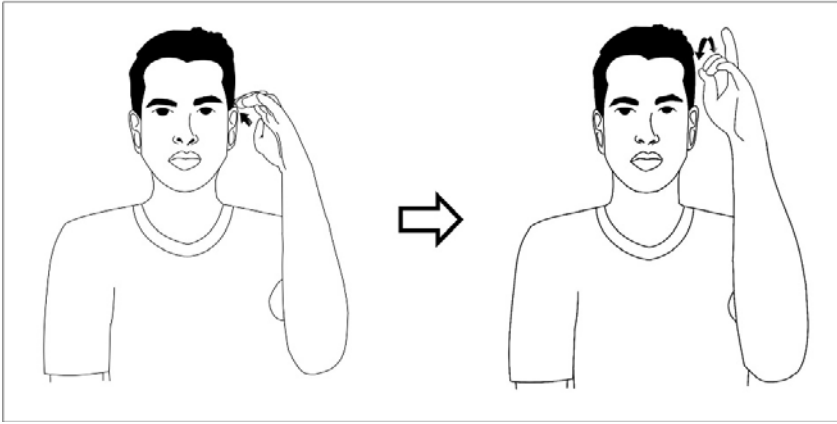


Fonte: Arquivo da pesquisa.

Em outro caso, o participante surdo explica por que ele próprio trocou o sinal:

O sinal foi dado porque meu cabelo era liso até perto da orelha. Mas tinha outro surdo com o sinal igual, então resolvi mudar o sinal e acrescentei a letra D do meu nome. Agora o sinal é passando o D do lado direito da cabeça acima da orelha (Participante 13).

O sinal-nome referido pelo participante 13 pode ser visto a seguir:

Figura 6 – Sinal-nome (Participante 13)

Fonte: Arquivo da pesquisa.

A questão da troca de sinais e da autoatribuição do sinal já foi verificada nos estudos de Menezes (2021) e de Xavier (2023). Muitas vezes os surdos recebem os sinais quando ainda são crianças. Certas características físicas e/ou comportamentais mudam e passam a não se sentirem representados pelos antigos sinais, então resolvem trocar. Como explicou Martins (1991, p. 43), “[o nome] instala o sujeito na própria estrutura intersubjetiva da comunicação humana [...] é o suporte de uma presença, sendo portador de uma ontologia que ultrapassa a história pessoal vivida do sujeito”.

Souza e Gediel (2017, p. 167) explicam que:

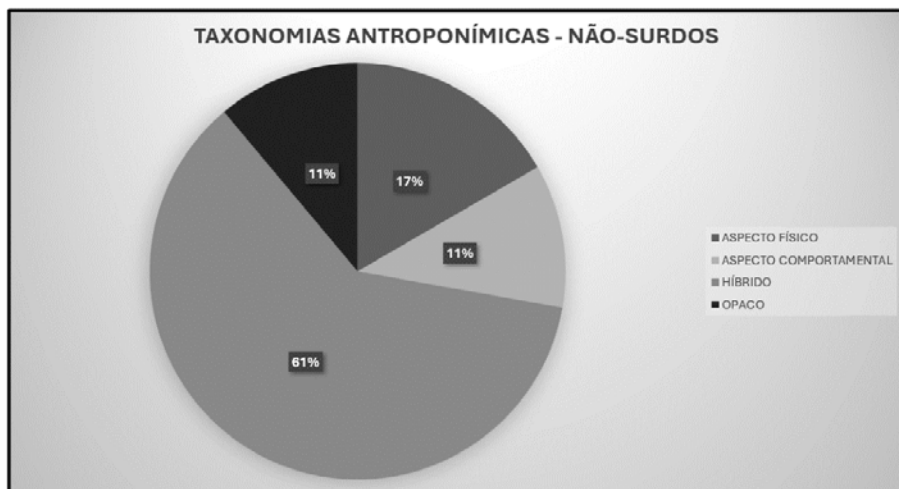
[...] os sinais próprios também estão relacionados às mudanças sociais e à forma como estas são impressas nas práticas comunicativas, e os autores refletem sobre as normas de linguagem a partir de uma perspectiva sociocultural. Assim, as normas estão de acordo com a realidade social, com os símbolos demarcadores da identidade de grupo e com as convenções comunicativas estabelecidas por ele.

A mudança de sinal pode, portanto, ocorrer por condições sociais. O fato de haver, por exemplo, 2 surdos com o mesmo sinal num mesmo círculo social pode causar confusão de referência – foi o caso relatado pelo participante 13.

Análise 2: Sinais-nome dos participantes não-surdos

Vejamos os sinais distribuídos em números percentuais, a partir das classificações taxonômicas.

Figura 7 – Taxonomias Antroponímicas – Não-Surdos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos participantes não-surdos, 3 sinais-nome (17%) foram motivados pelas características físicas dos nomeados, por exemplo: 1 sinal fazendo referência ao formato do cabelo, e 2 sinais relacionados a marcas/sinais no rosto dos sujeitos nomeados.

Sinais-nome motivados por características comportamentais dos nomeados somaram 2 sinais (11%): 1 sinal-nome fazendo referência ao hábito de usar sapatos de saltos altos e 1 sinal fazendo referência ao hábito de usar fivelas no cabelo.

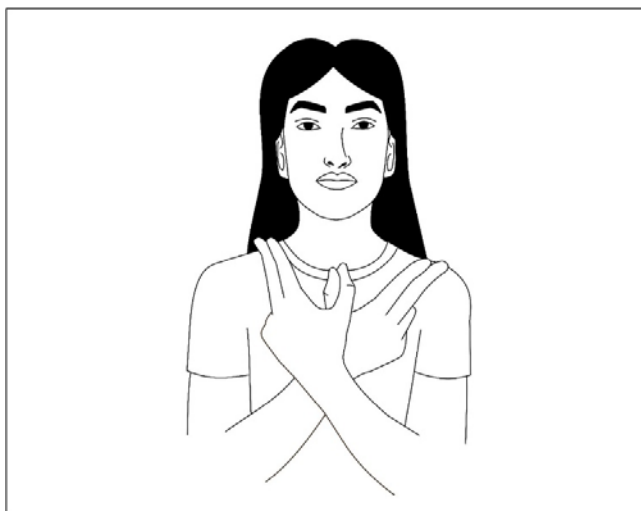
Souza e Gediel (2017, p. 167) explicam que:

Os sinais próprios são considerados um elemento importante da cultura Surda, pois, a partir do momento em que a pessoa é batizada por um Surdo que está há mais tempo na comunidade, ela passa a receber uma identidade Surda, sendo considerada uma pessoa ‘de dentro’ da comunidade.

Desse modo, quando um não-surdo recebe um sinal em Libras há um significado de acolhimento na comunidade surda. Como Menezes (2021) destacou, na maioria das vezes, é necessário ter um tempo entre os surdos para que eles “batizem” os ouvintes. Isso ocorre, segundo a pesquisadora, especialmente em contextos de ensino.

2 sinais-nome (11%) foram classificados como Opacos: 1 sinal-nome fez referência ao fato de o nomeador gostar de tomar café (sinal CAFÉ) e 1 sinal foi atribuído porque a nomeada gosta de borboletas (sinal BORBOLETA). Este último sinal-nome pode ser visualizado a seguir:

Figura 8 – Sinal-nome (referência à borboleta)

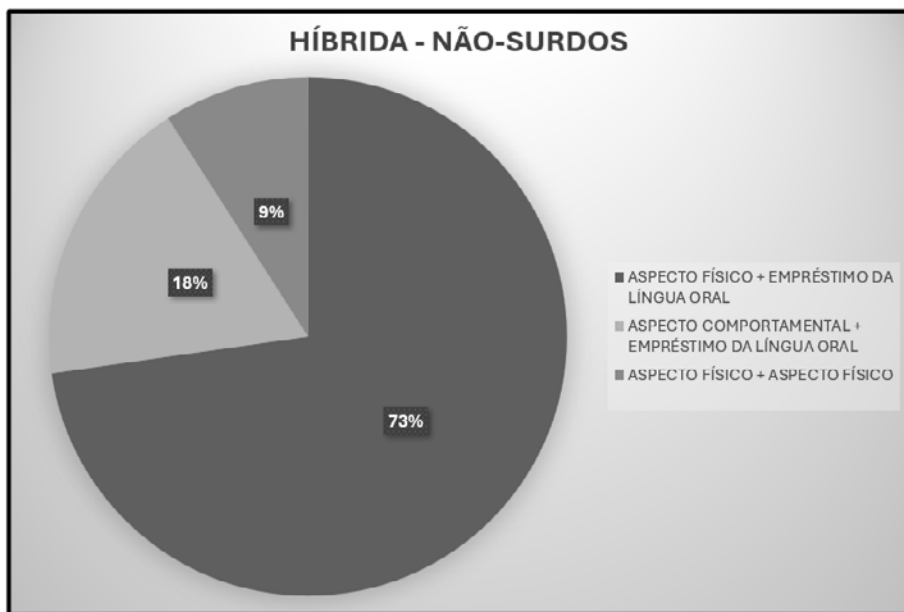


Fonte: Arquivo da pesquisa.

Esses sinais não encontram classificações entre as taxonomias de Barros (2018).

Entre os dados antroponímicos em Libras dos não-surdos, 11 sinais-nome (61%) são classificados como Híbridos. A figura a seguir mostra os percentuais relacionados aos sinais desse tipo.

Figura 9 – Híbridos – Não-Surdos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os sinais-nome híbridos associaram Aspectos Físicos com Empréstimos da Língua Oral: 8 sinais (73%); Aspectos Comportamentais com Empréstimo da Língua Oral: 2 sinais (18%) e 1 sinal-nome (9%) associou dois Aspectos Físicos: o corpo magro e a espessura da sobrancelha.

Entre os resultados dos participantes não-surdos houve apenas 1 caso de mudanças ou trocas de sinais-nome, como podemos verificar nas palavras do participante a seguir:

Na verdade, o meu sinal era outro. Certo dia, no CAS, um surdo notou que eu gostava muito de beber café. Sempre que ele me encontrava eu estava tomando café. Então ele trocou meu sinal. Eu gostei. A comunidade surda agora me conhece assim, pelo sinal CAFÉ (Participante 25).

O sinal-nome do participante 25 pode ser visualizado a seguir:

Figura 10 – Sinal-nome (Participante 25)



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que todos os sinais-nome desse grupo de participantes foram atribuídos por surdos, como se pode ver nas duas falas a seguir:

Eu recebi o sinal de um surdo. Eu trabalhava como intérprete na escola e ele percebeu que eu sempre ia pra aula usando presilhas no cabelo. Um dia ele perguntou se eu gostava de usar aquele acessório e eu respondi que 'Sim'. A partir daquele dia a comunidade surda passou a se referir a mim com esse sinal (Participante 32).

O sinal-nome da participante 32 pode ser visualizado a seguir:

Figura 11 – Sinal-nome (Participante 32)



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Como percebemos, “o processo de nomeação na Libras ocorre a partir da percepção que um Surdo tem em relação a outro” (Souza; Gediel, 2017, p. 172). Feitas as considerações de cada grupo de participantes, passaremos a observar características que distinguem e/ou aproximam os motivadores dos sinais-nomes de surdos e não-surdos.

Análise contrastiva

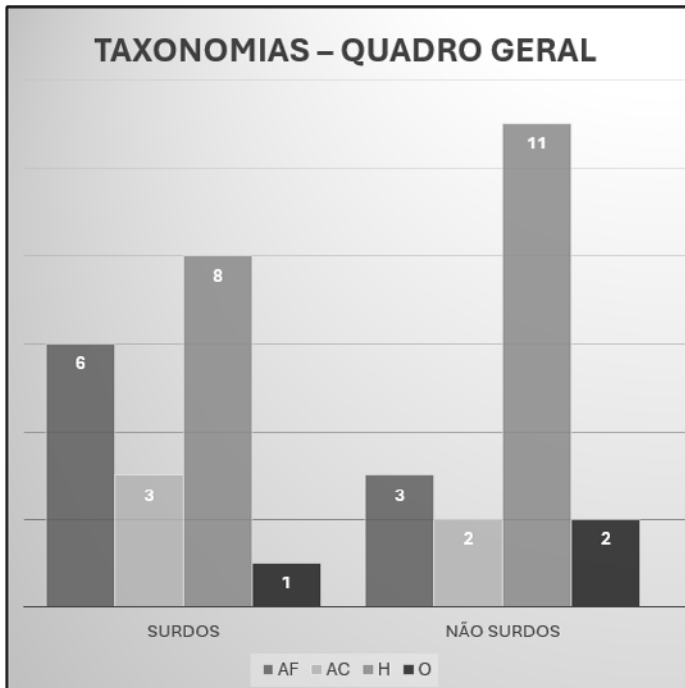
Em relação a análise contrastiva, tomaremos como base o gráfico apresentado a seguir, que ilustra os quantitativos gerais das nomeações de surdos e não-surdos participantes desta pesquisa.

Tendo em vista o que foi observado nos estudos de Souza e Gediel (2017), Barros (2018), Sousa *et al.* (2020), Menezes (2021), Chaibue (2022), Xavier (2023) e Fonseca e Xavier (2024) a respeito dos empréstimos da língua oral, daremos destaque a esse aspecto no contraste entre os dois grupos.

Sousa (2022) explica que é natural a influência do português nos processos de nomeações próprias em Libras devido ao contato social entre as duas línguas. Os surdos, embora tenham sua própria língua de natureza visual-espacial, estão em contato com o português escrito em todos os espaços sociais – especialmente na escola.

Assim, como podemos observar no gráfico a seguir, o maior quantitativo de sinais se deu na categoria Híbrido. Dos sinais híbridos, apenas 1 deles não associou uma característica física e comportamental com o Empréstimo da Língua Oral – que foi o caso da participante 27, cujo sinal associou dois aspectos físicos: o fato de ser magra e a espessura da sobrancelha.

Figura 12– Taxonomias – Surdos X não-surdos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os sinais formados com ELO foram mais presentes entre os não-surdos, com 10 casos. Resultado semelhante foi apontado por Menezes (2021) que estudou os sinais-nome de ouvintes. Em sua pesquisa, ela verificou que sinais formados com a associação de Empréstimos da Língua Oral foram mais produtivos que os formados por AF + AC ou AF + AS ou AC + AS.

Neste estudo, os participantes surdos apresentaram mais sinais-nomes formados a partir de percepções visuais relacionados exclusivamente aos aspectos físicos e comportamentais – foram 9 sinais-nome para os surdos e 5 sinais-nome para os não surdos). Sinais-nome Opacos foram mais presentes entre os não-surdos: 2. Os surdos apresentaram apenas 1 sinal desse tipo.

Considerações finais

Estudar a Antroponímia em Libras é desvendar a cultura surda refletida nos nomes próprios de pessoas em línguas de sinais. Souza e Gediel (2017) dizem que:

[...] o processo de nomeação com um aspecto cultural das Línguas de Sinais, um fenômeno presente na maioria das línguas sinalizadas, mas que possui significações diferentes de acordo com a cultura. Essa relativização é perceptível não apenas no significado socialmente atribuído, mas também na forma dos sinais. Assim, no campo investigado, os sinais próprios remetem à construção identitária dos sujeitos Surdos.

Desse modo, tal como mostrou Biderman (2001), o léxico reflete dimensões culturais que extrapolam o conteúdo linguístico e dão pistas sobre as visões de mundo, sobre as formações humanas, sobre as transformações sociais.

Os resultados apresentados aqui mostraram forte influência da língua oral na criação dos sinais-nome de surdos e não-surdos participantes deste estudo. Contudo, é válido lembrar que os empréstimos do português apareceram associados com outros aspectos – AF + AC – portanto, podemos afirmar que a visualidade é preponderante no processo de nomeação própria em Libras.

Agradecimentos:

Agradecemos à desenhista Kerolaine Cristina da Silva Soares pela produção das imagens 3, 5, 6, 8, 10 e 11 que ilustram este texto.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque do; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoas**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9786555500011/completo.pdf> Acesso em: 26 jul. 2024.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia antroponímica nas línguas de sinais – A motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4272080/mod_resource/content/1/Dimens%C3%B5es%20da%20palavra.pdf. Acesso em: 26 jul. 2024.

BONDÍÁ, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 26 jul. 2024.

CHAIBUE, Karime. **Onomástica em Libras de Formosa-GO**. 2022. 500 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

FONSECA, Guilherme Justino Cadena; XAVIER, André. Análise de antropônimos de pessoas famosas na Libras. **Cadernos de Linguística**, v. 5,

n. 2, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.V5.N2.ID774. Acesso em: 24 set. 2024

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. V. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 99-115.

MARTINS, Francisco. **O nome próprio**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

MENEZES, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre. 2021. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes, UFAC, Rio Branco, 2021.

RECH, Gabriele Cristine. **Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras**: onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de Línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/PerspectivasEnsino.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Onomástica em Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius. **Gramática da Libras**. V. 2. Rio de Janeiro: INES, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/gramatica-da-libras-volume-2>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; GONÇALVES FILHO, José Sinésio Torres; QUADROS, Ronice Müller de. Antroponímia em línguas de sinais: os sinais-nome de Florianópolis, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 26, p. 112-124, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**,

Campinas, v. 56, n. 1, p. 163-185, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8650767/16919>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SUPALLA, Samuel James. **The book of name signs** – naming in American Sign Language. São Diego: Dawn Sign Press, 1992.

TAVARES, Marilze; SANTOS, Marina de Souza. Toponímia paralela na cidade de Dourados/MS: nomeação e memória. **Revista do GEL**, v. 20, n. 1, p. 241-266, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i1.3459>. Acesso em: 24 set. 2024.

WILD, Mollie. **Name signs in American Sign Language**. Swarthmore: Swarthmore College, 2017. Disponível em: <https://scholarship.tricolib.brynmawr.edu/handle/10066/19113>. Acesso em: 22 jul. 2024.

XAVIER, João Carlos Paiva. **Os sinais-nome dos participantes do Inventário de Libras de Rio Branco–Acre: Análise semântico-motivacional**. 2023. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes, UFAC, Rio Branco, 2023.

Antroponímia em Libras: análise de sinais-nomes de Formosa, Goiás

Karime Chaibue
Mariângela Estelita Barros

Introdução

A atividade de nomear é inerente às línguas naturais, revelando, nesse sentido, a percepção, as experiências e as interpretações de uma determinada comunidade, sendo de suma importância para os estudos linguísticos. A área da linguística responsável pelo estudo do léxico de uma língua, é a lexicologia. Dentre as diversas subáreas da lexicologia, apontamos a onomástica, direcionada aos nomes próprios. E dentre as vertentes provenientes da onomástica, apontamos a antroponímia, sendo esta, responsável pelo estudo de nomes de pessoas. Diante disso, o objetivo central deste trabalho é investigar acerca dos sinais-nomes em Libras, de pessoas oriundas da cidade de Formosa (GO).

A presente investigação busca descrever e analisar aspectos estruturais e motivacionais dos sinais-nomes, classificando-os conforme a proposta taxonômica em línguas de sinais de Barros (2018), a qual é formada pelas taxes relacionadas ao empréstimo da língua oral, ao aspecto físico, comportamental e social, bem como, de suas respectivas subtaxes e infrataxes.

Nosso *corpus* é formado por 109 sinais-nomes, sendo a maioria, referente a familiares de surdos. Contamos com a participação de 13 membros da comunidade surda local, sendo 03 (três) ouvintes e 10 (dez) surdos, todos na faixa etária adulta, com idades de 23 a 50 anos.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 109 sinais antroponímicos, os quais foram criados a partir de um contato direto entre nomeado e nomeador, com exceção de um dos representantes políticos que teve seu sinal-nome criado a partir da necessidade de se fazer referência a ele. A grande maioria dos antroponímicos identificados em Formosa são pertencentes aos familiares de surdos.

Acreditamos que este trabalho contribuirá de modo geral para os estudos linguísticos e especificamente para os estudos descritivos e onomásticos das línguas de sinais, dando uma maior visibilidade à comunidade surda formosense e acarretando no desenvolvimento de pesquisas e ações acessíveis a esse grupo. O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado de uma das autoras. Para mais informações, consultar Chaibue (2022).

Onomástica e Antroponímia

A onomástica é um campo da linguística vinculado à lexicologia, voltado para a investigação dos nomes próprios. O termo possui origem grega, composto por *onoma* (nome) e *tékne* (arte), resultando em *onomastiké* (a arte de nomear), conforme Eckert (2016). Na sequência, foi inserido no latim o termo *onomasticon*, e *onomástica* na língua portuguesa.

A lexicologia engloba o estudo do acervo de vocábulos construído por uma comunidade ao longo dos anos, podendo tal estudo, explorar a estrutura ou o significado dos léxicos. Nesse sentido, a onomástica precisa estar submetida “aos mesmos processos estruturais (de combinação e/ou mudança) dos demais lexemas e devem ser categorizados em concordância com os demais fenômenos do léxico geral” (Sousa *et al.*, 2020, p. 114).

No entanto, apesar do vínculo existente entre a onomástica e a lexicologia, alguns autores ressaltam que os nomes próprios carregam aspectos específicos em sua formação, tornando-os assim, distintos dos léxicos em geral (Lyons, 1977; Ullmann, 1964).

Lyons (1977) aponta os papéis de indicar algo ou alguém, bem como de realizar uma atividade vocativa, como os principais aspectos distintivos pertencentes aos nomes próprios. Por outro lado, Ullman (1964) afirma que a principal característica distintiva dos nomes próprios é a unicidade, pois mesmo com a existência de nomes idênticos, um determinado nome próprio indicará exclusivamente a algo ou a alguém, e não a uma espécie, como os nomes comuns.

A respeito da unicidade supracitada, Amaral e Seide (2020, p. 69) salientam que os nomes próprios “são caracterizados por serem usados para fazer referência direta a um ser único [...]”. De forma semelhante, os nomes próprios são apontados como uma parte específica dos léxicos por Sousa e Dargel (2020), tendo a função de individualizar a nomeação de algo ou alguém.

Os registros da tarefa de nomeação existem desde os tempos bíblicos, indicando que nomear é uma necessidade tipicamente humana, pois “tudo no universo tem um nome a lhe singularizar, diferenciar e definir” (Sousa; Dargel, 2020, p. 1). Portanto, Seabra e Isquardo (2018) advertem que apenas em 1887 houve a primeira menção do termo “onomástica”, e em 1951, o seu reconhecimento como ciência.

O trabalho que inaugura o termo onomástica em 1887, a divide em três ramificações: toponímia, antroponímia e panteonímia. De forma resumida, os estudos toponímicos são direcionados aos nomes de lugares, os antroponímicos aos nomes de pessoas, e os panteonímicos engloba diversas categorias de nomes, como por exemplo: astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios (Seabra; Isquardo, 2018).

À medida que ocorre o desenvolvimento de estudos voltados para a onomástica, ocorre a abrangência do seu objeto de estudo, conforme apontam Amaral e Seide (2020, p. 39): “de aeronaves, animais, obje-

tos astronômicos, residências, locomotivas e embarcações [...] eventos e acontecimentos sociais, fenômenos atmosféricos etc.”.

No Brasil, os estudos onomásticos iniciam em 1980 com o trabalho de Dick, o qual impulsionou diversos outros trabalhos da área. Além disso, é importante destacar a criação do Grupo de Trabalho de Lexicologia Lexicografia e Terminologia (GTLEX) da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL)¹ no ano de 1996, e do Observatório onomástico (O-onoma)² no ano de 2020 (Sousa; Dargel, 2020; Chaibue, 2022).

O estudo do nome próprio, embora tenha a linguística como a área central de investigação, por se tratar de um léxico, é um estudo bastante abrangente que carrega informações provenientes de outras áreas, pois “nome próprio é um produto cultural que projeta a própria história de uma comunidade” (Sousa; Dargel, 2020, p. 13).

Nesse sentido, a onomástica pode suscitar um estudo sob diversas perspectivas linguísticas, como: etimologia, estilística, sociolinguística, morfologia, sintaxe, análise do discurso, semiótica, pragmática. Além disso, ao investigar nomes próprios de um povo, outras características extralinguísticas podem ser necessárias para uma compreensão significativa, como seus aspectos culturais, históricos, geográficos, etnográficos, antropológicos, psicológicos, etc. (Sousa; Dargel, 2020).

Conforme exposto, a onomástica pode permitir a abrangência de seu objeto de estudo e de interdisciplinaridade. Portanto, acerca da subdivisão do seu objeto de estudo, embora existam trabalhos de diferentes objetos, alguns autores afirmam que os nomes de lugares e de pessoas são os assuntos mais investigados. Sousa e Dargel (2020, p. 16, grifo nosso) conceituam a onomástica como “a disciplina que estuda principalmente os nomes próprios de pessoas (Antroponímia) e de lugares (Toponímia)”.

1 Para mais informações: <http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>. Acesso em: ago. 2024.

2 Para mais informações: <http://www.letras.ufmg.br/o-onoma/>. Acesso em: ago. 2024.

O trabalho inaugural de Dick (1980), bem como os seus trabalhos subsequentes, conforme já mencionado, teve um impacto considerável para o desenvolvimento de estudos na área. Cabe, no entanto, mencionar que tais trabalhos possuem um viés toponímico, tendo então maior repercussão nos estudos toponímicos do que nos estudos antroponímicos brasileiros, como afirmam Sousa e Dargel (2020, p. 8) “um divisor de águas para as pesquisas dos nomes próprios de lugares no Brasil”.

A fim de endossar a comparação entre as duas subáreas, apontamos a consideração de Vescoci (2021) sobre a influência dos estudos toponímicos realizados por Dick, afirmando a autora, um maior desenvolvimento na toponímia do que na antroponímia nos estudos brasileiros. Seide e Amaral (2020, p. 64) expõem que “no caso dos antroponimos, no Brasil, embora a literatura estrangeira apresente várias propostas tipológicas, as discussões a respeito são ainda incipientes”.

A antroponímia, além de apresentar informações históricas e culturais de uma sociedade, costuma ter seu objeto de estudo constituído por uma relação de afetividade, sendo a escolha do nome de um filho, uma ação bastante íntima e muitas vezes motivada pela admiração ou homenagem a alguém.

Assim como a onomástica, o registro de nomeação de pessoas existe desde os tempos bíblicos, porém a primeira aparição do termo “antroponímia” na língua portuguesa ocorreu em 1931, tendo como definição “estudo dos nomes individuais, com o dos sobrenomes e apelidos”, de acordo com Carvalhinhos (2007, p. 2).

Amaral e Seide (2020, p. 28) salientam que existe uma grande diversidade de critérios para escolhas de nomes pessoais, reafirmando ainda que esta nomeação faz parte do cotidiano de todas as comunidades, despertando assim o interesse de estudos por diferentes profissionais: linguistas, psicólogos, sociólogos, cientistas políticos, juristas etc.”.

Além de apontarem a incipiência dos estudos antroponímicos no Brasil, Amaral e Seide (2020) apontam um recente desenvolvimento de trabalhos direcionados ao tema, expondo diversas pesquisas que surgiram entre os anos de 2011 a 2018. Além disso, os autores propõem uma classificação para os antropônimos, partindo do princípio básico, o pertencimento ou não dos nomes ao registro civil (conforme exposto no quadro a seguir).

Quadro 1 – Proposta de classificação para os antropônimos no Brasil

Pertencentes ao Registro Civil	Não Pertencentes ao Registro Civil
•Prenome •Sobrenome •Agnome	•Apelido •Hipocorístico •Pseudônimo •Codinome •Heterônimo •Nome de guerra •Nome religioso •Nome social •Nome de urna

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de informações encontradas em Amaral e Seide (2020).

O trabalho realizado por Amaral e Seide (2020) é de extrema relevância para a antroponímia no Brasil, pois tecem com afincos investigações sobre o tema em diversos aspectos, como: históricos, categóricos, tipológicos, semânticos, morfossintáticos, lexicais, literários, etc. Portanto, o referido trabalho se debruça em dados de línguas orais, pois os autores afirmam existir uma carência de estudos antroponímicos em língua de sinais no Brasil, no caso a Libras, e destacam o trabalho de Barros (2018), conforme será exposto na próxima seção.

Antroponímia na Libras

Os trabalhos brasileiros voltados para a antroponímia na Libras são apontados por Amaral e Seide (2020) como escassos, conforme exposto na seção anterior. O apontamento dos autores mencionados pode ser justificado devido ao fato de os estudos antroponímicos direcionados às línguas de sinais serem recentes, sendo o primeiro trabalho desenvolvido em 1965 por Stokoe, Casterline e Croneberg.

O trabalho desenvolvido por Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) apresenta um caráter elementar, exibindo objetivamente alguns antropônimos, os quais serão chamados de sinais-nomes neste trabalho, sendo tal denominação bastante habitual nos trabalhos antroponímicos voltados para as línguas de sinais, como, por exemplo, em Barros (2018), Sousa *et al.* (2020), Gomes (2021), Chaibue e Barros (2023).

Posteriormente, surge uma pesquisa de Yau e He (1989), porém tal pesquisa apresenta apenas um estudo de caso, não havendo nenhuma proposta de categorização para os sinais-nome. Nesse sentido, no panorama dos estudos antroponímicos de línguas de sinais, a pesquisa subsequente, realizada por Supalla, é considerada a pioneira em “categorizar os tipos de sinais de nome” (Rech; Sell; Seide, 2020, p. 3).

Supalla (1992)³ categoriza os sinais-nomes em arbitrários e descritivos, usando dados da Língua de Sinais Americana (ASL). Para o autor, os sinais denominados arbitrários são constituídos pela letra inicial do nome da pessoa, ao passo que os sinais descritivos, são motivados por algum aspecto individual não relacionado ao seu nome. Os resultados de sua obra indicam uma recorrência de 86% de sinais arbitrários em seus dados, os quais são formados por 450 sinais-nomes. Supalla (1992) adverte ainda que não deve haver uma combinação entre os dois sistemas básicos de nomeação.

3 O trabalho mencionando pelas autoras como o pioneiro em apresentar uma categorização de sinais-nomes é o de Supalla (1990), mas centramos no trabalho de Supalla (1992) por tratar do mesmo tema, trazendo ainda mais informações.

Além da proposta de categorização e de seus resultados apresentados, Supalla (1992) expõe que toda comunidade terá a nomeação como uma tarefa essencial, independente de seus membros serem surdos ou ouvintes. Ressalta, portanto, que cada comunidade terá uma estrutura própria na constituição dos seus nomes.

A pesquisa de Supalla (1992) foi utilizada em 2017 por Wild a fim de apresentar observações mais atualizadas referentes a sinais-nomes em ASL. Wild (2017) pôde constatar uma necessidade de estudos mais atualizados sobre o tema em questão. Os dados de Wild (2017) apesar de serem restritos, indicaram uma tendência de sinais-nomes descritivos e ainda de sinais combinados, ou seja, sinais formados pela letra do nome e com características individuais da pessoa nomeada.

No Brasil, os estudos antroponímicos são ainda mais recentes, sendo o primeiro estudo realizado por Souza e Gediel (2017). As autoras trabalharam numa perspectiva cultural, investigando como as pessoas surdas de uma cidade da Zona da Mata Mineira criavam os sinais-nomes, verificando seus aspectos principais fonológicos durante o período de 2013 a 2014. Os resultados obtidos apontam “uma aproximação da inserção de aspectos fonológicos de acordo com a referência de elementos culturais ligados à iconicidade e à arbitrariedade de cada sinal” (Souza; Gediel, 2017, p. 163).

Barros (2018) apresenta um trabalho inédito referente à taxonomia antroponímica nas línguas de sinais, impulsionando diversos outros estudos na área, com dados da Libras. O impulsionamento da proposta de Barros (2018) para as pesquisas na área se justifica devido o método proposto pela autora “se adequar aos diferentes contextos de pesquisas antroponímicas”, conforme afirma Menezes (2021, p. 24).

A proposta de Barros (2018) teve como *corpus*, 113 sinais-nomes coletados no ano de 2012, entre alunos e profissionais, surdos e ouvintes, vinculados a duas instituições localizadas em Goiânia, Universidade Federal (UFG) – Curso de Letras Libras e Centro

de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento à Pessoa com Surdez (CAS-GO)⁴.

A taxionomia antroponímica em língua de sinais elaborada por Barros (2018) parte de uma organização hierárquica, na qual apresenta 4 (quatro) taxes, 28 subtaxes, e 4 (quatro) infrataxes, conforme exposto no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Taxonomia antroponímica em Línguas de Sinais proposta por Barros (2018)

Taxe	Subtaxes		
ELO Empréstimo da língua oral	• Inicialização • Uma letra	• Mais de uma letra • Soletração	• Tradução
AF Aspecto Físico	• Formato do cabelo • Comprimento do cabelo • Cor do cabelo • Formato da testa • Formato da sobancelha • Formato dos cílios	• Formato dos olhos • Cor dos olhos • Formato do nariz • Formato das bochechas • Formato da boca • Formato dos dentes	• Formato do queixo • Presença de sinal • Cor da pele • Características marcantes do corpo (exceto a cabeça)
AC Aspecto Comportamental	• Humor • Atitudes	• Hábito (vestuário, acessório, penteado, barba, bigode, tiques)	• Habilidades cognitivas
AS Aspecto Social	• Profissão	• Evento	• Procedência

Fonte: Chaibue e Barros (2023).

⁴ Tal instituição atualmente é denominada “Núcleo de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (NAS). Mais informações: <https://cas-goiania.com.br/>. Acesso em: ago. 2024.

Barros (2018) faz uma ressalva à categoria de “sinais-nomes arbitrários” apresentada por Supalla (1992). A interpretação de Supalla sobre o termo arbitrário se refere a sinais-nomes formados a partir da letra inicial da pessoa, em oposição aos sinais-nomes descritivos. Nesse sentido, Barros (2018), embasada numa perspectiva saussureana, considera o termo arbitrário inadequado nessas circunstâncias, tendo em vista que o termo arbitrário se opõe a motivado. Os sinais-nomes constituídos pela letra inicial do nome da pessoa e denominados arbitrários para Supalla (1992) são, na realidade, motivados pela língua portuguesa, categorizados por Barros (2018) na *taxe* ELO.

No *corpus* de Barros (2018) foram identificados sinais-nomes pertencentes a todas as *taxes*, tanto de forma combinada entre duas ou três *taxes*, como de forma isolada. No entanto, é perceptível, como exposto na tabela 1, a predominância de sinais-nomes constituídos pela combinação de duas *taxes*: “Esse fato demonstra uma preferência, na comunidade surda analisada, pela nomeação de pessoas usando alguma referência do seu nome em português combinada a algum aspecto físico notável, totalizando 66 dos 113 sinais-nomes analisados” (Barros, 2018, p. 61).

Tabela 1 – Quantidade de sinais-nome por *taxe*

<i>Taxe</i>	Quantidade de sinais-nomes
ELO	8
AF	11
AC	5
AS	1
ELO + AF	66
ELO + AC	16
ELO + AS	4
ELO + AC + AS	2
TOTAL	113

Fonte: Barros (2018, p. 58).

Ao traçar suas considerações finais, Barros (2018, p. 61) constata que sua taxionomia se mostrou eficiente e completa para seus dados, e aspira a utilização de sua proposta em dados de outros contextos de utilização da Libras, bem como de outras línguas de sinais, a fim de preservar as taxes propostas e acrescentar novas subtaxes para uma taxonomia realmente completa e conclusiva dos sinais-nomes.

Diante da aspiração de Barros (2018), podemos destacar os trabalhos de Rech e Sell (2020) e Gomes (2021). Rech e Sell (2020) realizam uma pesquisa composta por um *corpus* de 61 sinais-nomes de autores de diversas áreas de ciências humanas, estudados no curso de Pedagogia Bilíngue do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)⁵. Gomes (2021) apresenta um *corpus* bem diversificado, constituído por 23 sinais-nomes de surdos e ouvintes oriundos de diferentes instituições, sendo elas: Associação de Surdos de Goiânia (ASG); Centro Especial Elysio Campos; CAS-GO; UFG; Sistema Educacional Chaplin; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG); Universidade Federal do Amazonas (UFAM)⁶.

Ambas as pesquisas supracitadas, após analisarem seus dados sob a perspectiva da taxionomia antroponímica das línguas de sinais de Barros (2018), sugerem o acréscimo à proposta. Rech e Sell (2020) sugerem que acrescente itens capazes de contemplar processos metafóricos e a performance na motivação da estrutura dos sinais-nome. Gomes (2021) aponta a necessidade de incluir as subtaxes, formato da orelha e altura, na taxe de aspecto físico.

De forma semelhante a Rech e Sell (2020) e Gomes (2021), os dados desta pesquisa (conforme exposto a seguir, na seção 5) também indicam a necessidade de inclusão de novas subtaxes à proposta de Barros (2018), comprovando assim a importância de pesquisas com diversificação de *corpus* para a completude de uma taxionomia antroponímica nas línguas de sinais.

5 Os sinais-nomes estão disponíveis em: https://manuario.ines.gov.br/?page_id=15. Acesso em: ago. 2024.

6 As instituições citadas no trabalho de Gomes (2021) são localizadas em Goiânia, exceto a UFAM que é situada na cidade de Manaus.

Características metodológicas da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada na comunidade surda de Formosa (GO), tendo a participação de 10 (dez) surdos e 3 (três) são ouvintes, sendo 7 (sete) do sexo feminino e 6 (seis) do sexo masculino, com faixa etária entre 25 a 49 anos, residentes em Formosa⁷ por no mínimo 13 anos, sendo a maioria nativos da cidade. Todos os participantes comunicam em Libras e possuem algum envolvimento com a comunidade surda, em diferentes contextos, como, por exemplo: trabalho, família, igreja, amizades.

A fim de alcançar o objetivo supracitado deste trabalho, investigar acerca dos sinais-nomes em Libras, de pessoas oriundas da cidade de Formosa (GO), foi solicitado aos participantes que mostrassem o próprio sinal e os sinais de pessoas do seu contexto social ou familiar, bem como a motivação de cada um dos sinais apresentados. Pode-se, assim, afirmar que a elicitação de dados foi a principal metodologia utilizada para a formação do *corpus* linguístico desta pesquisa.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 109 sinais-nomes, os quais foram criados a partir de um contato direto entre nomeado e nomeador, com exceção de um dos representantes políticos que teve seu sinal-nome criado a partir da necessidade de se fazer referência a ele. A grande maioria dos sinais-nomes identificados em Formosa são pertencentes aos familiares de surdos.

Os sinais foram gravados, após a assinatura do termo de consentimento livre pelos participantes, havendo autorização da exposição de sua imagem⁸ e dos seus respectivos nomes, assim como ocorrido no trabalho de Quadros *et al.* (2018, p. 30): “Os participantes sempre

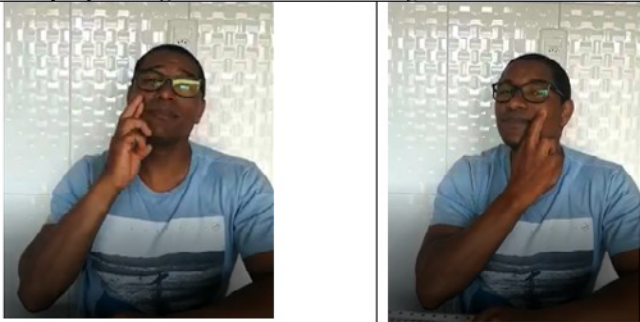
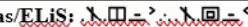
7 Um dos participantes (Marcos) mora em zona rural numa distância média de 70 km de Formosa. É ciclista e vai constantemente à cidade de bicicleta, pois, além de possuir familiares (surdos e intérpretes) lá, vai em busca também de atendimento médico ou burocrático.

8 Uma das participantes sentiu-se constrangida e recusou-se a mostrar sua imagem na filmagem, sendo seus dados reproduzidos por uma das pesquisadoras, não apresentando, entretanto, objeção em expor suas informações pessoais e linguísticas.

preferiram manter seu nome, pois sua imagem é apresentada, levando a identificação da sua autoria em cada texto filmado”.

Na sequência, os vídeos foram salvos no *notebook* de uma das pesquisadoras com o nome do participante, totalizando 16 arquivos⁹. Cada sinal-nome identificado nos vídeos foram armazenados individualmente no YouTube, e catalogados em fichas “léxico-onomástica”, conforme ilustrado na figura 1, a seguir.

Figura 1 – Ficha léxico-onomástica

Sinal nº: 01				
Arquivo (vídeo): Vídeo 1				
Tempo de realização do sinal no vídeo: 00:02-00:03				
Representação do sinal em Língua Portuguesa: Sinal antigo ADALBERTO				
Representação por imagem do nome em Libras: Igual RESTAURANTE				
				
Link de acesso ao vídeo: https://youtube.com/shorts/izy8DWzjGis				
Representação escrita do nome em Libras/ELiS: 				
Descrição do sinal: polegar fechado, dedo indicador inclinado, médio estendido em contato com o indicador, demais dedos fechados, palma da mão para a medial em contato com a lateral direita da boca e depois na lateral esquerda.				
Motivação dos antropônimos (taxes):	☐ Empréstimo de Língua Oral	☒ Aspecto Físico	☐ Aspecto Comportamental	☐ Aspecto Social
	Especificação da motivação (subtaxes): 2.12. Formato dos dentes			
Obs.: Dentes caninos superiores eram salientes (encavalados/apinhados). Recebeu este sinal criança. A mudança do sinal ocorreu em decorrência de ser igual ao sinal de RESTAURANTE, ele próprio mudou para evitar chacota.				

Fonte: Chaibue (2022, p. 291-292)¹⁰.

- 9 Alguns participantes possuem mais de um arquivo de vídeo, por isso o quantitativo de arquivos é maior do que a quantidade de participantes.
- 10 Alguns dados contidos na ficha catalográfica de Chaibue (2022) foram omitidos por se tratarem de dados onomásticos de modo geral, os quais foram também comparados com os dados toponímicos. Tal omissão é justificada devido o presente trabalho ter como foco apenas a análise de dados antropônimos.

Os primeiros campos da ficha são destinados à numeração do sinal e do vídeo. Cada sinal-nome identificado recebia um número de acordo com a sua ordem de registro no vídeo. Na sequência, o próximo item é destinado para registro do tempo em que o sinal foi realizado no referido vídeo. Mais a seguir, há um campo com o *link* de acesso ao vídeo no YouTube.

Após os campos de identificação básica, temos campos destinados à representação do sinal. O campo de representação em língua portuguesa seguiu o Sistema de Notação em Palavras (SNP), ou seja, escrito em letras maiúsculas, conforme exposição de Felipe e Monteiro (2007). O campo destinado à representação por imagem do nome em Libras, utilizou-se em média, dois *frames*.

Houve ainda campos destinados à representação escrita e descritiva do sinal. O sistema de escrita de sinais utilizado nessa ficha foi a “ELiS” criado por Barros (1997) em seu trabalho de mestrado, passando por verificação teórica e prática de ensino em Barros (2008)¹¹. No campo destinado à descrição do sinal encontra-se a forma na qual os parâmetros são organizados, construindo-se assim a sua estrutura.

O campo seguinte, destinado à análise dos dados, denominado “motivação dos antropônimos” teve como referência a proposta taxionômica de Barros (2018), sendo cada sinal classificado por uma ou mais taxes, com suas respectivas subtaxes, conforme será apresentado na próxima seção deste trabalho. Por fim, a ficha apresenta um campo para observações, registrando assim, informações contextuais da nomeação.

Análise e discussão dos dados

Para iniciar a análise de dados, houve uma distribuição dos sinais-nomes do *corpus* desta pesquisa na taxonomia proposta por Barros

11 A escrita dos sinais deste *corpus* foi realizada por Mariângela Estelita Barros, criadora da ELiS.

(2018), apresentando-se o seguinte resultado, conforme exposto na tabela 2, a seguir.

Tabela 2 – Distribuição dos sinais-nomes deste corpus na taxonomia de Barros (2018)

Taxe	Quantidade
ELO	13
AF	45
AC	14
AS	4
ELO + AF	30
ELO + AC	01
ELO + AS	01
AC + AS	01
Total	109

Fonte: Chaibue (2020, p. 254).

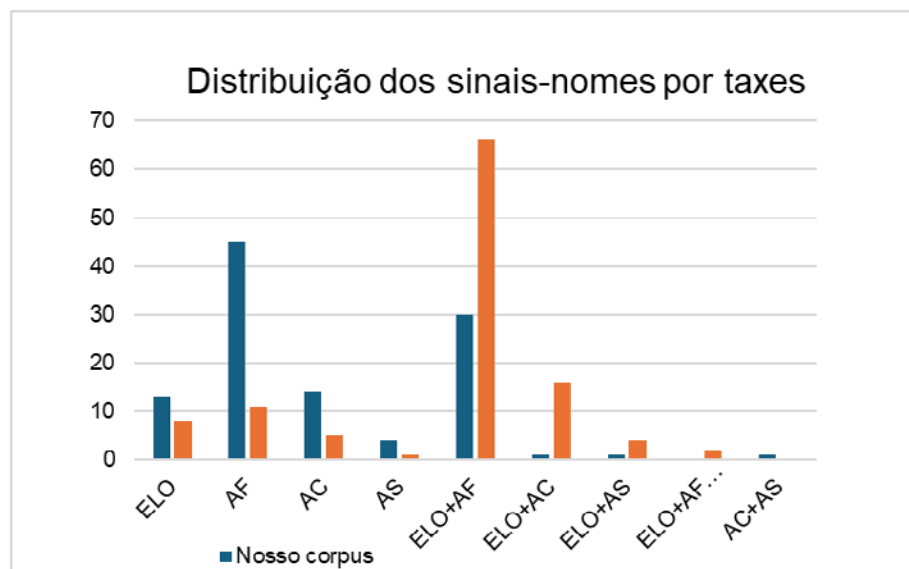
Os sinais-nomes foram, em sua grande maioria, motivados pelo aspecto físico, representando um percentual de 41% dos dados contidos neste *corpus*. De modo combinado com o empréstimo da língua oral (ELO), a taxe AF teve também uma significativa representatividade, ocorrendo em 30 sinais-nomes, representando um percentual de 28% dos dados.

Houve a identificação de todas as taxes propostas por Barros (2018) nos dados desta pesquisa, tanto isoladamente, quanto a partir da combinação de 2 (duas) taxes. Não havendo, no entanto, a combinação de mais de 2 (taxes) nos sinais-nomes deste *corpus*, conforme ocorre nos resultados de Barros (2018).

O quantitativo de sinais-nomes contidos no *corpus* desta pesquisa e na de Barros (2018) apresentam uma proximidade, sendo respectivamente, 109 e 113 sinais. A fim de uma comparação mais minuciosa

entre os resultados obtidos nas pesquisas mencionadas, será exposto no gráfico 1, a distribuição dos sinais-nomes por taxes.

Gráfico 1 – Comparação entre os resultados desta pesquisa e de Barros (2018)



Fonte: Elaboração das autoras.

Ao observarmos os resultados expostos anteriormente no gráfico 1, pode-se constatar uma proporcionalidade entre a recorrência nas taxes de forma isolada, nos resultados obtidos neste trabalho e no de Barros (2018). A taxe com maior recorrência foi a de aspecto físico, e em segundo lugar, a de empréstimo de língua oral. Na sequência, temos a taxe de aspecto comportamental, e com menor recorrência, a de aspecto social.

No entanto, percebe-se uma recorrência bem mais ampla da taxe relacionada ao aspecto físico nos dados de nossa pesquisa, alcançando um percentual de 41%. Por outro lado, embora a taxe AF foi a que teve maior recorrência de forma isolada nos resultados de Barros (2018), alcançou um percentual de 10%.

As motivações dos sinais-nomes ocorridas pela combinação entre as taxes teve também classificações semelhantes entre as pesquisas supracitadas, no entanto, a recorrência com a presença da taxe de empréstimo da língua oral, se mostra bem maior nos resultados obtidos por Barros (2018), conforme exposto na tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Comparação da distribuição de sinais-nomes em combinações com a taxe ELO

Taxes	Corpus desta pesquisa		Barros (2018)	
	%	Quantidade	%	Quantidade
ELO + AF	28	30	58	66
ELO + AC	0,9	01	14	16
ELO + AS	0,9	01	4	04
ELO + AC + AS	0	00	2	02
Total¹²	29,8	32	78	88

Fonte: Elaboração das autoras

Ainda em relação às motivações formadas a partir da combinação entre as taxes, é interessante destacar que nos dados de Barros (2018), não houve combinações sem a presença da taxe ELO. Por outro lado, em nosso *corpus*, tivemos uma recorrência de sinal-nome formado pela combinação das taxes referentes ao aspecto comportamento e social.

Assim como em Barros (2018), em nossos dados obtivemos um resultado oposto à afirmação de Supalla (1992) com relação a não combinação entre sinais-nomes descritivos (motivados por aspectos de ordem física, comportamental ou social) e sinais arbitrários (intitulados aqui como sinais motivados pela taxe de empréstimo da língua portuguesa). Conforme já exposto nas tabelas (1, 2 e 3) e no gráfico 1,

12 O total dos percentuais exposto na tabela não equivale a 100% dos dados, pois se refere apenas aos dados formados a partir das combinações com a taxe ELO. Do mesmo modo, o total em quantitativo também não representa a quantidade geral de sinais-nomes contidos em ambas as pesquisas mencionadas.

houve recorrência de tal combinação em nossos dados e nos de Barros (2018).

Com relação às subtaxes, assim como Gomes (2021), exposto na seção 3, sugerimos a inclusão da subtaxe orelha à taxe de aspecto físico, conforme identificado em nosso *corpus*, referente ao primeiro sinal-nome do participante Gilvan, motivado pelo formato de sua orelha, apresentado na figura 2, a seguir.

Figura 2 – Sinal Gilvan (antigo)



Fonte: Chaibue (2022, p. 257).

Com relação à taxe ELO, nosso *corpus* apontou dois sinais motivados por uma subtaxe inexistente na proposta de Barros (2018): a articulação dos lábios. Conforme exposto a seguir, a figura 3 ilustra o sinal-nome de um dos irmãos do participante Vagner, motivado unicamente pela articulação dos lábios referente a seu nome. A figura 4 ilustra o sinal-nome de uma das irmãs da participante Edina, o qual é motivado pela articulação dos lábios e pelo aspecto físico da presença de sardas no ponto de articulação do referido sinal. Ambos os participantes relataram que, quando crianças, sempre notavam quando seus pais estavam oralizando os nomes de seus irmãos, fazendo com que tal situação motivasse o sinal-nome deles.

Figura 3 – Sinal IRMÃO VAGNER (5)¹³



Fonte: Chaibue (2022, p. 258).

Figura 4 – Sinal IRMÃ EDINA (5)



Fonte: Chaibue (2022, p. 258).

No aspecto comportamental, foram identificados em nosso *corpus*, 3 (três) sinais-nomes pertencentes à subtaxe hábito. Entretanto, não se enquadrava nas infrataxes propostas por Barros (2018): vestuário, acessório, penteado ou barba/bigode e tiques. Diante disso, apresentamos a proposta de inserção da infrataxe “ação frequente”, pois

13 O numeral 5, existente nos títulos das figuras 3 e 4, indica que foi o quinto sinal-nome referente ao grupo de irmãos dos participantes.

conforme apresentado nas figuras 5-7, a seguir, as motivações dos sinais-nomes ilustrados correspondem às ações desenvolvidas por seus nomeados. As figuras 5 e 6 ilustram os sinais-nomes dos pais do participante Gilvan, sendo o sinal-nome de sua mãe motivado pela ação de mastigar fumo, e o de seu pai pela ação de fumá-lo. A figura 7 ilustra o sinal-nome referente à mãe do participante Paulo, conforme seu relato, ela tinha o hábito de constantemente lavar roupas, sendo essa a ação de maior impacto na sua nomeação em Libras.

Figura 5 – Sinal MÃE GILVAN



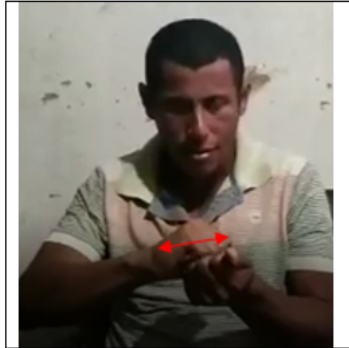
Fonte: Chaibue (2022, p. 259).

Figura 6 – Sinal PAI GILVAN



Fonte: Chaibue (2022, p. 259).

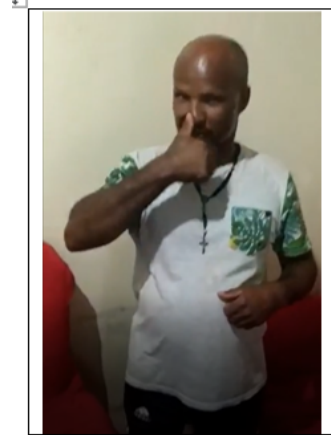
Figura 7 – Sinal MÃE PAULO



Fonte: Chaibue (2022, p. 260).

A respeito da taxe direcionada ao aspecto social, as subtaxes propostas por Barros (2018) são: profissão, evento e procedência. Entretanto, em nossos dados identificamos aspectos de motivações diferentes das já propostas por Barros, conforme exposto nas figuras 8-10, a seguir.

Figura 8 – Sinal VAGNER ATUAL¹⁴



Fonte: Chaibue (2022, p. 261).

14 Alguns participantes da pesquisa tiveram mudanças em seu sinal-nome, por isso o uso do termo “atual”.

Figura 9 – Sinal NOMEADOR GILVAN/GILVAN (ATUAL)



Fonte: Chaibue (2022, p. 261).

Figura 10 – Sinal IRMÃ VAGNER (2)¹⁵



Fonte: Chaibue (2022, p. 250).

Os sinais-nomes ilustrados anteriormente nas figuras 8-9 expõem uma motivação de aspecto social. Porém, de forma semelhante ao que Supalla (1992) aponta em seu trabalho, ela está relacionada ao vínculo de cunho pessoal. O autor justifica que em sua família os sinais-nomes eram formados pela letra inicial dos seus nomes em inglês no mesmo ponto de articulação, o queixo. Para ele, o ponto de arti-

15 O numeral 2, existente no título da figura 10, indica que foi o segundo sinal-nome sinalizado referente ao grupo de irmãos do participante.

culação (queixo) era o fator determinante da unidade familiar entre Supalla e seus irmãos.

O sinal-nome atual do participante Vagner, ilustrado na figura 8, aponta a motivação de um aspecto comportamental, pertencente a um competidor de lutas marciais que sempre passava o polegar no nariz. Vários surdos de Formosa quando viam o lutador na televisão perceberam a semelhança física que existia entre ele e Vagner. Diante disso, criaram o sinal-nome para Vagner a partir de uma semelhança física, transpondo o hábito do lutador como se fosse de Vagner.

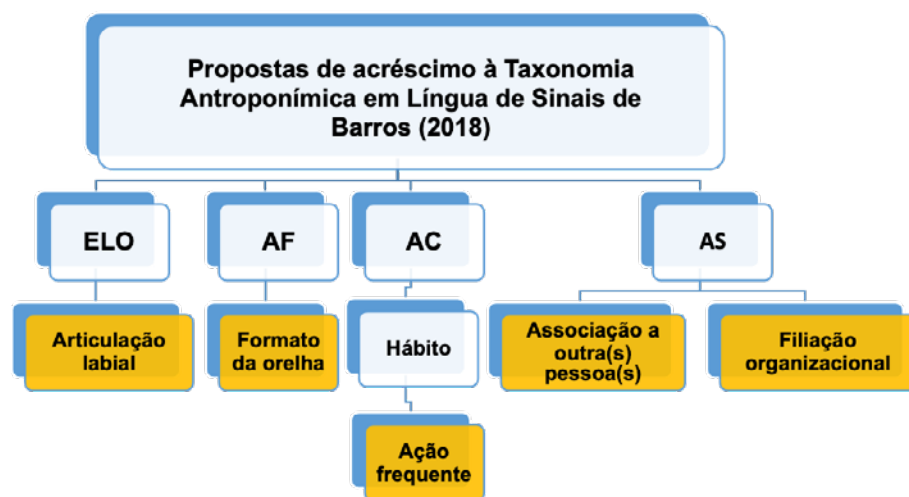
A figura 9 (A) expõe o sinal-nome do amigo de Gilvan, sendo ele o responsável por sua nomeação em Libras. A figura 9 (B) expõe o sinal-nome atual de Gilvan, sendo o ponto de articulação no braço em decorrência de Gilvan estar constantemente com a região machucada. No entanto, a configuração de mão foi igual a de seu amigo, semelhantemente ao ponto de articulação dos sinais-nomes de Supalla e seus irmãos que apresentava como motivação o vínculo pessoal entre eles.

Diante do exposto, propomos para a taxa AS, a subtaxe associação a outra(s) pessoa(s), podendo esta ocorrer por semelhança física, parentesco ou vínculo afetivo. Conforme exposto anteriormente, na figura 8, a motivação para o sinal-nome de Vagner foi a semelhança física e na figura 9, o vínculo afetivo.

Ainda com relação ao aspecto social, propomos a subtaxe filiação organizacional, a qual se refere ao pertencimento do indivíduo a um determinado grupo, podendo ser de caráter empresarial, partidário, educacional, social, religioso, filosófico ou outros afins. Conforme já exposto na figura 10, o sinal-nome de uma das irmãs do participante Vagner é formado por dois itens lexicais. O primeiro item lexical do referido antropônimo é motivado pela religião de sua irmã, sendo o sinal utilizado para “crente”, ou seja, alguém integrante da fé protestante (filiação organizacional religiosa). O segundo item lexical é motivado pelo tamanho do cabelo.

A figura 11, a seguir, apresenta, de forma sucinta (com destaque em amarelo), as propostas de inclusão, expostas nesta seção, à taxonomia antroponímica em língua de sinais traçada por Barros (2018), as quais foram fundamentadas mediante a análise dos dados pertencentes a este *corpus*.

Figura 11 – Proposta de acréscimo à Taxonomia Antroponímica em Língua de Sinais de Barros (2018)



Fonte: Chaibue (2022, p. 263).

Além de identificarmos a necessidade de inclusão de subtaxes e de uma infrataxe à proposta de Barros (2018), ao analisarmos os sinais-nomes pertencentes aos familiares dos participantes surdos, é possível constatar a progressão da taxe ELO. Os sinais-nomes referentes aos pais, irmãos e primos são geralmente por motivações descritivas. Os de filhos e sobrinhos já apresentam predominantemente uma combinação de motivação icônica e da língua portuguesa. Foi possível, ainda, perceber menos influência da língua portuguesa na formação de sinais-nomes de filhos de casais surdos do que na de casais formado por um cônjuge surdo e outro ouvinte.

Considerações finais

O presente trabalho teve o objetivo de levantar, registrar e analisar os sinais antropônimos, referentes às pessoas, os quais denominamos de sinais-nomes, da cidade de Formosa (GO). Os 109 sinais-nomes coletados neste *corpus* foram distribuídos na proposta taxionômica em língua de sinais de Barros (2018), a qual apresenta 4 (quatro) taxes, sendo estas: empréstimo de língua oral (ELO), aspecto físico (AF), aspecto comportamental (AC) e aspecto social (AS).

A taxa de maior recorrência foi a AF, com uma frequência de 45 sinais-nomes. Na sequência, a segunda maior ocorrência foi a combinação entre as taxes ELO e AF, com 30 ocorrências. Nas demais taxes, de forma isolada, houve ocorrência em todas elas: ELO (13 sinais-nomes), AC (14 sinais-nomes) e AS (4 sinais-nomes). De forma combinada, houve ainda a recorrência entre as taxes ELO e AC (1 sinal-nome), ELO e AS (1 sinal-nome) e AC e AS (1 sinal-nome).

As taxes propostas pela autora demonstraram ser aplicáveis aos nossos dados; entretanto, alguns antropônimos não apresentaram relação com suas subtaxes e infrataxes. Nesse sentido, propomos a inserção da subtaxe articulação de lábios para a taxa ELO; formato da orelha para a taxa AF; a infrataxe ação frequente para a subtaxe hábito, pertencente à taxa AC; e para a taxa AS, propomos as subtaxes associação a outra(s) pessoa(s) e filiação organizacional.

A recorrência da taxa ELO ser significativamente maior nos dados de Barros (2018) do que no *corpus* desta pesquisa, pode ser decorrente da caracterização do *locus*. A pesquisa de Barros (2018) foi realizada em instituições de ensino da área Libras, onde geralmente os professores surdos nomeiam seus alunos, não havendo muita oportunidade para conhecer comportamentos e aspectos sociais de seus nomeados.

Os dados indicam uma tendência de inserção da motivação da língua portuguesa em sua constituição. Faz-se necessário, entre-

tanto, um aprofundamento de tal tendência, traçando um estudo mais diacrônico, a fim de obter um resultado mais embasado.

Referências

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à Antroponímia Brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

BARROS, Mariângela Estelita. **Proposta de escrita das Línguas de Sinais**. 114f. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Proposta teórica e verificação prática**. 199f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais-nomes. **RE-UNIR**, Rondônia, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. **Revista Domínios da Linguagem**, Uberlândia, ano 1, n. 1, p. 1-18, 2007.

CHAIBUE, Karime. **Onomástica em Libras de Formosa-GO**. 500f. 2022. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

CHAIBUE, Karime; BARROS, Mariângela Estelita. Reflexões acerca da antroponímia no ensino de Libras. *In*: Franchi, Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin; FRANCHI, Silmar José Spinardi. **Reflexões Interdisciplinares na Educação**: estudos e experiências. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

ECKERT, Kleber. Os sobrenomes dos alunos do IFRS campus Bento Gonçalves: um estudo onomástico. **Revista Domínios da linguagem**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 46-66, 2016.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em contexto**: curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GOMES, Livia Martins. **Os sinais-nomes na perspectiva da Análise do Discurso**. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

LYONS, Jhon. **Semântica**. V. 1 e 2. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MENEZES, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre. 48f. 2021. Monografia (Licenciatura em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, UFAC, Rio Branco, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de; NEVES, Bruna Crescêncio; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana Tasca; LUCHI, Marcos. **Língua brasileira de sinais**: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. Os sinais de nomes atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica Desde América Latina**, Cascavel, v. 1, n. 2, p. 67-82, 2020.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; SEIDE, Márcia Sipavicius. A nomeação de pessoas em diferentes comunidades surdas. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. 2, p. 1-24, 2020.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisa. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2020, p. 6-19.

SOUSA, Alexandre Melo de; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; FILHO, José Sinésio Torres Gonçalves; QUADROS, Ronice Muller de. Antroponímia em Língua de Sinais: os sinais-nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 26, p. 112-124, 2020.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luísa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos Linguística Aplicada**, Campinas, v. 1, n. 56, p. 163-185, 2017.

STOKOE, William; CASTERLINE, Dorothy Sueoka; CRONEBERG, Carl. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Washington: Gallaudet, 1965.

SUPALLA, Samuel James. The arbitrary name sign system in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington-DC, 1990, p. 99-126.

SUPALLA, Samuel James. **The book of name signs**: naming in American Sign Language. San Diego: DawnSignPress, 1992.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbernkian, 1964.

VESCOVI, Jéssica Paula. Eventos históricos e os impactos antroponímicos: a influência da *Era da hortelã* na antroponímia de Palotina-PR. **Onomástica Desde América Latina**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 30-58, 2021.

WILD, Mollie R. **Name signs in American Sign Language**. 29f. Monografia, Swarthmore College, Swarthmore, 2017.

YAU, Shun-chiu; HE, Jingxian. How deaf children in a Chinese school get their sign names. **Sign Language Studies**, p. 305-322, 1989.

TOPONÍMIA

Toponímia e saúde: os mimetopônimos nos hospitais de Feira de Santana, Bahia

*Midian Jesus de Souza Marins
Liliane Lemos Santana Barreiros*

Introdução

Há uma entrelace vívido entre a língua e a cultura em qualquer comunidade. Os grupos sociais registram seus artefatos culturais dentro da língua, principalmente no léxico. Tal relação fica evidente durante o processo de nomeação. É nesse íterim que a toponímia se debruça. Definida como a disciplina linguística que investiga os nomes próprios de lugar, sua origem e evolução, através da toponímia é possível identificar características sociais e culturais de um povo.

O Brasil é um território em que, apesar do português ser usado de forma majoritária, outras línguas fazem parte da cultura brasileira, tornando-o um país com presença multilíngue. Fato identificado na cidade investigada: Feira de Santana, cidade no interior da Bahia, em que maioria é falante do português, mas também há um grupo significativo usuário da Libras, doravante Língua Brasileira de Sinais.

Feira de Santana é a segunda maior cidade do interior da Bahia em população. Suas intensas atividades econômicas, como forte comércio e grandes indústrias, a tornaram um município destaque para

a região. Segundo Marins (2024), os municípios fronteiriços a Feira de Santana possuem atividades rurais relativamente intensas e aspectos urbanos mais reduzidos, tornando Feira, como é carinhosamente conhecida por seus moradores, um lugar de apoio urbano para essas populações vizinhas. É comum pessoas migrarem para a cidade a fim de usufruir de seus elementos urbanos, como o comércio, instituições de ensino e saúde, por exemplo. Diante deste contexto, a cidade cresce e abarca uma população de origens diversas.

Sobre sua população, há um grupo social que tem ganhado visibilidade na comunidade nos últimos anos, os surdos. De acordo com Ferreira (2019), a comunidade surda feirense começa a se organizar e se estruturar a partir de 1981 com a visita de uma surda usuária da Libras vinda de outra região da Bahia. Seu contato com os surdos já moradores da cidade difundiu essa língua no município. Hoje, a cidade conta com uma comunidade surda expressiva que faz uso da Libras como língua natural.

A Libras é uma língua reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira através da Lei Federal de nº 10.436/2002. Uma língua de modalidade visual-espacial com sua organização gramatical independente das línguas orais. Quadros e Karnopp (2004) apresentam uma descrição minuciosa de aspectos gramaticais da Libras, apontando elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos, colocando a Libras no mesmo patamar das línguas orais.

Atualmente, há em Feira de Santana a Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS) criada em 2008 por surdos como lugar para sociabilização desta comunidade; atuando na defesa e garantia de direitos para este grupo linguístico. A ASFS tem papel importante na construção identitária dos surdos da cidade investigada. Com reuniões semanais, este espaço se configura lugar de acolhida, partilha e aprendizado para os surdos junto a seus pares. Diante de sua impor-

tância é que este espaço foi escolhido como lugar para coleta de dados desta pesquisa com os surdos.

Os objetivos desse estudo é apresentar os mimetopônimos como uma taxionomia produtiva para o estudo toponímico e entender que surdos e ouvintes têm motivações diferentes no processo de nomeação das instituições de saúde em Feira de Santana (BA).

A investigação toponímica foi realizada em etapas. Inicialmente, a coleta dos dados em língua portuguesa através do *site* da secretaria de saúde¹ do município investigado, após a compilação e organização dos dados, seguiu-se para coleta de dados sinalizada com a comunidade surda feirense, especificamente na ASFS. Por se tratar de um estudo bilíngue, consideramos apenas as unidades de saúde que possuíam sinal identificado em Libras. Assim é possível comparar as motivações nas duas línguas investigadas.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2020 a 2024 e a coleta só foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética da UEFS para garantir que fossem seguidos todos os preceitos éticos necessários. Para todos os entrevistados foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, uma cópia segue com a pesquisadora e outra com o entrevistado.

A coleta de dados foi aberta a todos os surdos pertencentes à ASFS independentemente da idade e formação. Poderiam participar da pesquisa surdos que possuem a Libras como língua natural e que são moradores de Feira de Santana, assim seria garantida que a nomeação indicada pelos sujeitos envolvidos correspondia à comunidade como um todo. Era apresentada a imagem do hospital em uma projeção, depois discutido que tipo de atendimento era prestado naquele lugar e os surdos informavam se havia sinal ou não. Importante informar que a

1 Dados coletados no *site* da Secretaria Municipal de Saúde de Feira de Santana <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?id=14&link=sms/urgenciaemergencia/policlinica.asp>. Acesso em: 20 mar. 2019.

pesquisadora é fluente em Libras, o que garantiu uma comunicação fluída com os entrevistados.

Importante registrar a relevância deste estudo, visto que esta pesquisa foi gestada durante a pandemia da covid-19, momento em que os surdos não tinham acesso a muitas informações sobre a doença e ficaram algum tempo impossibilitados de se reunirem para dialogarem sobre a situação vivida na época. Naquele período, foram construídos espaços para atendimento/tratamento de pessoas da população que estava contaminada com o vírus, como o Hospital de Campanha, unidade desativada após o período pandêmico. Fase conflituosa para a comunidade surda pela dificuldade no acesso à informação e orientação sobre prevenção e tratamento da doença em questão. Tal pesquisa trouxe luz à necessidade de acessibilidade linguística nos assuntos que envolvem questões de saúde.

A seguir, são discutidos os estudos toponímicos bilíngues com foco nas classificações propostas por Dick (1987, 1990, 1992) e a apresentação da nova taxionomia, os mimetopônimos como uma proposta viável e produtiva para o estudo de topônimos em Libras.

Estudos toponímicos bilíngues

Dentro da linguística, a toponímia é uma disciplina bem fértil (Seabra, 2022) com pesquisas desenvolvidas no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Dick (1990, p. 36) a define “como um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. Logo, dos estudos toponímicos brotam pesquisas plurais, culturais e interdisciplinares.

O objeto de estudo da toponímia são os topônimos, definidos por Barreiros e Barreiros (2016, p. 238) como “frutos de uma escolha por parte do nomeador, de acordo com seus valores e sua visão de mundo, os quais são históricos e socialmente determinados”, em suma, os nomes próprios de lugar. A escolha do nome para um lu-

gar não é aleatória, mas repleta de significação e evidencia características de um povo.

Através dos estudos toponímicos é possível entender comportamentos já extintos, visões de mundo, além de viabilizar resgates históricos. Santos e Seabra (2015, p. 788) afirmam que “o topônimo, além de seu papel referencial, evidencia, também, caráter sígnico, sugerindo e apontando pistas, informações descritivas e designativas que ajudam a entender o passado e a interpretar fatos do presente”. Com isso, é possível afirmar que os topônimos são iconicamente simbólicos, pois oferecem diversas informações extralinguísticas, se relacionando diretamente com o homem e o ambiente (Aguilera, 1999, p. 125), já que não são apenas uma convenção ou uma escolha casual, mas uma convenção motivada.

Ao discorrer sobre as informações contidas em um topônimo é preciso destacar que esses designativos existem com a finalidade de se orientar dentro de um ambiente, tanto nos espaços rurais quanto urbanos (Isquierdo; Dargel, 2017).

O estudo de nomes de lugares no Brasil não é recente, mas é a pesquisadora Dick que garante maior visibilidade a esta investigação ao elaborar uma proposta teórico-metodológica de análise para os nomes dos lugares. Sua proposta é usada até hoje diante da importância que sua reflexão trouxe sobre os topônimos.

A proposta teórico-metodológica de Dick propõe um modelo de análise a partir de taxonomias, observando as motivações desses nomes, em fichas lexicográfico-toponímicas, adotadas na análise do *corpus* proposto neste texto. Este modelo de análise (Dick, 1990, 1998, 2000 e outros) tem sido adotado por diversos pesquisadores pelo Brasil e passaram por adaptações de outros autores, para contemplar a realidade brasileira. Diante da sua relevância, também seguimos este caminho na análise. Dick (1990) propõe que a nomeação é feita através da escolha dos falantes a partir de alguma motivação extralinguística.

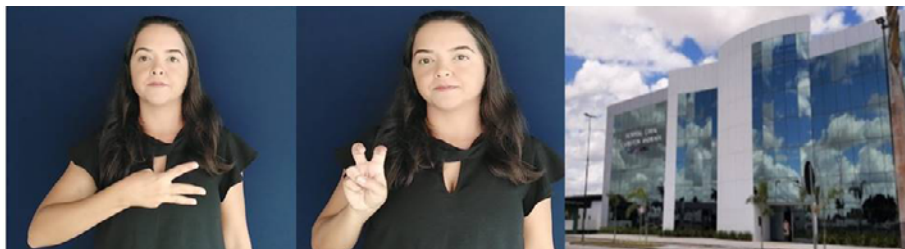
Segundo a pesquisadora, essa motivação pode ser de natureza física, como a cidade de Cachoeira (BA), que faz alusão à água presente na região ou a motivação pode ser de natureza antropocultural, como a cidade de Santo Estevão (BA) que faz referência ao Santo do Hagiológico Romano. A partir dessas motivações, a autora constitui 26 taxes para análise. Ao longo dos estudos outras taxionomias vêm sendo criadas para contemplar a realidade de cada lugar, visto que a nomeação carrega elementos culturais e/ou particulares de cada comunidade.

O estudo toponímico bilíngue é uma nova frente de pesquisa que tem garantido espaço nos últimos anos no Brasil ao investigar a nomeação não só em português, mas em Libras também. Souza Jr. (2012) foi o primeiro a estudar a toponímia em Libras, identificando e analisando topônimos da Libras em cidades brasileiras; este trabalho se constitui uma referência neste assunto no Brasil por ser pioneiro. Atualmente há outros pesquisadores fazendo toponímia na Libras. Barreiros e Sousa (2020) destacam algumas pesquisas toponímicas como os trabalhos de Sousa (2019), Barreiros e Seabra (2021), Jesus (2019) e Ferreira (2019).

Os surdos nomeiam tudo que lhes é significativo no mundo. Sempre que um novo conceito começa a circular entre eles é preciso atribuir-lhe um nome, que em Libras é chamado de sinal. Assim é com os espaços de saúde, foco deste trabalho. As instituições de saúde que os surdos acessam ou tem alguma relação possuem sinal próprio que as identifica e particulariza.

Ao atribuir um sinal para um determinado lugar as motivações podem ser as mais diversas possíveis. A cor ou a estrutura de um determinado prédio, a proximidade com outro topônimo, referência ao *slogan* do lugar, alguma influência histórica ou social, um empréstimo linguístico do nome em português são exemplos de motivações que podem ser escolhidas para um determinado topônimo pelos surdos. Observe exemplo na figura 1.

Figura 1 – Sinal do Hospital Geral Clériston Andrade e sua respectiva fachada



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 1 é possível observar o sinal atribuído ao Hospital Geral Clériston Andrade (HGCA), unidade pública que presta atendimento de urgência e emergência em Feira de Santana. Segundo a classificação de Dick, em Libras este sinal é um numerotopônimo, pois se usa o sinal do número 3 e 5 para identificação fazendo referência ao 35º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro que está localizado a frente do hospital analisado, logo sua motivação é um número. Em português, esta unidade é um historiotopônimo, pois faz referência a uma figura importante para a história do estado Bahia². Segundo Dick (1990, 1992), a nomeação recorre a palavras do léxico já existente nas línguas, como caso da figura 1, aproveitou-se os números para nomear o hospital HGCA em Libras e o nome de uma figura pública para nomear em português.

Ao prosseguir com a análise da nomeação dos sinais dos hospitais de saúde em Feira de Santana (BA), alguns sinais chamaram atenção pelo seu teor criativo/neológico na nomeação e não aproveitamento lexical ao escolher um nome, especificamente o não aproveitamento de uma estrutura fonológica já existente. Entende-se esse teor criativo/neológico na perspectiva identificada por Stewart (1970) dos nomes manufaturados, em outras palavras, nomes que foram conscientemente construídos a partir de fragmentos de outras palavras ou nomes.

² Em português, a unidade recebe o nome de Clériston Andrade (1925-1982) em homenagem a um político baiano e pastor evangélico que faleceu em um acidente aéreo durante sua campanha ao governo da Bahia.

Estes nomes foram criados apenas para nomear um lugar específico. Observe exemplo na figura 2.

Figura 2 – Sinal e logomarca do Hospital Santa Emília



Fonte: Elaborado pela autora.

Para nomeação do Hospital Santa Emília, unidade hospitalar referência no atendimento a gestantes, não foi selecionado nenhum sinal que já pertença ao léxico da Libras (usando uma estrutura fonológica já usada para outros nomes), mas seguindo a estrutura interna da língua (fono/morfológicamente) criou-se um sinal novo para representar a instituição. O sinal conta com fator iconicidade forte ao tentar reproduzir visualmente a logomarca da instituição. De acordo com Sousa (2019), a modalidade visual da Libras favorece a transparência da iconicidade nesta língua.

Por não selecionarem correspondentes lexicais já existentes na Libras, esses topônimos não se encaixaram em nenhuma taxa já existente (Dick, 1990, 1998, 2000 e outros) logo sentiu-se a necessidade de uma nova taxa que contemplasse tal nomeação: os mime-topônimo (Marins, 2024). Os mimetopônimos são os nomes criados a partir de processos miméticos, todos os topônimos que nomeiam criando um novo sinal não existente na língua e que é motivado por fa-

tores externos com alto teor icônico, como aspectos físicos do lugar ou a logomarca da instituição são encaixados nesta nova taxionomia. Marins (2024) adota o termo mimetopônimo a partir dos processos miméticos explicados por Felipe (2006) e Souza Junior (2012). Em suma, processo mimético é um fenômeno morfológico para construir novos sinais ao transformar uma mímica em uma forma linguística seguindo elementos fono/morfológicos da Libras; exatamente o que os surdos fizeram ao nomear o Hospital Santa Emília (Cf. figura 2).

Na seção a seguir é apresentado o uso dos mimetopônimos como estratégia de nomeação dos hospitais de Feira de Santana (BA).

Os mimetopônimos na nomeação dos hospitais de Feira de Santana

Em Feira de Santana, há 19 hospitais registrados, divididos entre públicos e particulares. Durante o estudo, foram identificados 13 hospitais (representando 68,42% dos dados) que na sua nomeação em Libras adotaram os mimetopônimos. Em português, o nome de nenhum hospital foi classificado como mimetopônimo, visto que todos nomeavam a partir de lexias já existentes no português, sendo possível analisá-los a partir das taxionomias de Dick. As maiores motivações na nomeação em português foram os acronimotopônimos (nomes motivados por siglas) e os nomes motivados por nomes de pessoas (antropotônimos e axiotopônimos). Para a análise foram preenchidas fichas lexicográfico-toponímicas como forma de organizar as informações necessárias. Observe a ficha 1 como exemplo.

Ficha 1 – Ficha lexicográfico-toponímica do Hospital Estadual da Criança

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA NÚMERO: 17

TERMO GENÉRICO: Hospital
Estadual

TOPÔNIMO EM LP: da Criança

TIPO DE ACIDENTE:
HumanoLOCALIZAÇÃO: Av. Eduardo Fróes da Mota,
s/n, Feira de Santana (BA)<https://goo.gl/maps/5F4rqJGyr3Thif328>

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo

ORIGEM: Latim ‘creare’

HISTÓRICO: Hospital Estadual da Criança, mas também conhecido pela
toponímia paralela HEC /’éki/

IMAGENS:



LABCFMI (2023)



Logomarca do hospital

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Inaugurado em 26 de agosto de 2010, o HEC é um hospital porta-aberta de alta complexidade para atendimento de crianças de 0 até 18 anos incompletos, também conta com maternidade no local. Possui ambulatório de especialidades médicas pediátricas, como Pneumologia, Oncologia, Neurologia, Cirurgia Pediátrica e outros. Possui 253 leitos de internamento e 33 de emergência.

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Mimetopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL

TOPONÍMICO: Simples

MOTIVAÇÃO: Motivação a partir da logomarca
do hospital

FONTES:

LABCMI. <https://www.labcmi.org.br/hospitais/hec/>. Acesso em: 26 set. 2023.

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/crianca/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

Na ficha 1 é possível compreender como se organizou o estudo. Nela há informações sobre o local da unidade investigada, a classificação do nome em português e a etimologia deste nome, sua identificação de taxonomia a partir da proposta de Dick e fotos da instituição. Na segunda parte, há informações sobre o topônimo em Libras, como QR-CODE para visualização do vídeo com o sinal do hospital, sua identificação taxonômica, a estrutura morfológica do sinal e a motivação no momento da nomeação. Finalizando com as fontes usadas para preenchimento completo da ficha.

Todos os mimetopônimos foram encontrados em Libras e foram motivados pela logomarca da instituição, como observado no Hospital Dom Pedro de Alcântara (Cf. figura 3 logo a seguir), provavelmente pelo fato da logo estar em diversos lugares, na placa, nos receituários e nas mídias sociais; mas principalmente por ser uma marca de identificação visual, e a Libras, também visual, logo buscam elementos nessa perspectiva para o ato de nomear. Acredita-se que um lugar nomeação a partir da logomarca sempre será um mimetopônimo. Dentre as 13 ocorrências de mimetopônimos, 4 são unidades públicas (a saber, Casa de Saúde Santana, Hospital Dom Pedro de Alcântara, Hospital Estadual da Criança, Hospital José Eduacy Lins) e 9 são unidades particulares (a saber, Hospital Bambinos, HCOE, HTO, HTO pediátrico, Hospital Pediátrico, Hospital Ortopédico, Hospital Otorrinos, Hospital Santa Emília, Hospital São Mateus e Hospital Unimed Baía de Todos os Santos).

Figura 3 – Sinal e logomarca do Hospital Dom Pedro de Alcântara

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar os mimetopônimos encontrados, ficou evidente o papel da iconicidade em Libras, como estratégia de nomeação. Sempre que os surdos criaram um novo sinal para identificar os hospitais, através dos parâmetros fonológicos da Libras (a saber, configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma da mão e expressões faciais e/ou corporais), buscava-se constituir um sinal que representasse um elemento visual da unidade, no caso deste *corpus*, as logomarcas. Os sinais eram constituídos pelas mais diversas configurações de mão, movimentos e orientações da palma da mão. Contudo, há um padrão nessa construção: sempre estão ancorados no espaço neutro e com expressão facial neutra, conforme figura 3. Observe a figura 4 para mais um exemplo.

Figura 4 – Sinal e Logomarca do Hospital Casa de Saúde Santana

Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 4, a motivação do sinal está na parte vermelha da logomarca. Em alguns casos a motivação vem da logo como um item único (Cf. figura 3) ou de forma parcial, escolhendo um elemento que compõe a logo (Cf. figura 4).

Tal padrão na criação destes sinais abre espaço para análises futuras sobre a existência de um padrão fonológico na constituição dos mimetopônimos.

É importante registrar que nem todos os hospitais já possuíam sinais no momento da coleta. Alguns sinais foram criados durante a pesquisa em que os surdos discutiam o sinal até chegarem a um consenso e só então registrávamos o sinal como nomeação oficial do lugar em Libras. Quando determinada unidade não tinha sinal, mas um único surdo tinha alguma relação de proximidade com o lugar (como ser beneficiário do plano de saúde daquela unidade), a comunidade concedia a este a preferência para nomear e os outros aceitavam, mostrando assim que há certa organização interna comunitária para nomear.

Todas as unidades de saúde de Feira de Santana investigadas em Marins (2024), especialmente os hospitais, destaque deste artigo, estão organizadas com fotos, localização, outras informações e seus respectivos sinais no *website* TopoLibras disponível em <https://toponimialibrasaude.wixsite.com/uefs>, construído como produto desta pesquisa para divulgação e circulação das informações coletas. O TopoLibras nasce da necessidade de sistematização dos dados relacionados a saúde com os feirenses, tanto ouvintes quanto surdos.

Considerações finais

Por meio do estudo toponímico é possível conhecer a cultura de um povo. Sua perspectiva interdisciplinar garante ao pesquisador compreender como os falantes de uma língua concebem o mundo em que vivem.

Os objetivos deste artigo foram apresentar os mimetopônimos como uma taxionomia produtiva para o estudo toponímico em Libras e entender que surdos e ouvintes têm motivações diferentes no processo de nomeação das instituições de saúde.

Ao analisar os hospitais de Feira de Santana, conclui-se que 65,42% dos topônimos em Libras seguiram a mesma estratégia na nomeação, criação de novos sinais a partir de processos miméticos com alto poder icônico na tentativa de reprodução manual da logomarca das instituições investigadas, logo o mimetopônimo é uma classe produtiva e significativa na nomeação por surdos feirenses.

Por outro lado, não foi identificado nenhum topônimo em língua portuguesa com o mesmo teor neológico, indicando que os ouvintes adotam nomes já existentes no léxico da sua língua para o ato de nomear. Logo não foi possível identificar mimetopônimos em língua portuguesa.

Assim, percebe-se que surdos e ouvintes têm motivações diferentes durante o ato de nomeação dos espaços de saúde de Feira de Santana. Por fim, este estudo apresentou uma nova taxionomia, os mimetopônimos que pode servir de ferramenta metodológica para próximos estudos futuros de topônimos em Libras em diversas regiões brasileiras.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxionomia de topônimos: problema sem solução? Londrina: **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. Estudo toponímico em Bahia humorística de Eulálio Motta. In: Terminologia e Semântica. **Anais do II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2016.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Cantos e encantos de Feira de Santana (BA): estudo bilíngue (português/Libras) na toponímia feirense. *In*: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Nomes próprios**: abordagens linguísticas. Salvador: EDUFBA, 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A ciência da Lexicografia. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, UNESP, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998. v. 1, p. 11-20.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, 25 de abril 2002. Seção 01, p. 23.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo**: 1554-1897. São Paulo: Annalume, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Cultura. **Revista Inst. Est. Bras.**, São Paulo, v. 27, p. 93-101, 1987.

FELIPE, Tanya Amaral. Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD**, n. 2, v. 7, p. 200-212, 2006.

FERREIRA, Daniela Betânia dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA**: línguas orais e Libras. Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Toponímia urbana: um estudo de caso a partir dos dados do ATEMS. **XI ENGTLEX**, p. 82-103, 2017.

JESUS, Carlos Messias A. de. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA**: línguas orais e Libras. Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **Estudo Toponímico Português-Libras das unidades de Saúde de Feira de Santana-BA**. Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Márcia Maria Duarte Dos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. In: **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 4, n. 67, p. 787-803, 2015. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/download/49121/26211/203072> Acesso em: 24 ago. 2024.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Candida Trindade Costa. A onomástica em destaque: sincronia e diacronia. **Caligrama Estudos Românicos**, v. 27, n. 1, p. 57-80, jan./abr. 2022.

SEABRA, Maria Cândida. ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: Múltiplas perspectivas em linguística: **Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006.

SOUSA, Alexandre Melo de. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: a motivação toponímica na criação dos sinais (em Libras) que nomeiam os municípios acreanos. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos (org.). **Perspectivas para ensino de línguas**. V. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Toponímia urbana: estudos**. Campo Grande: Ed UFMS, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**. Uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STEWART, George R. **American place-names**. New York: Oxford University Press, 1970.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. *In*: HAENSCH, Günther *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94.

A toponímia em Libras e a linguística de corpus: processo de etiquetagem na análise motivacional de topônimos de cidades goianas

Kássia Mariano de Souza
Ariel Novodvorski

Introdução

Os estudos linguísticos das línguas de sinais principiaram ainda durante o Iluminismo, no entanto, somente em 1960, com as análises de Stokoe, é que temos o princípio da investigação linguística moderna. Stokoe (1960) descreveu a língua de sinais americana (ASL) e foi por meio de seus escritos que ficou comprovado, cientificamente, que se tratava de uma língua e não de gestos soltos dependentes das línguas orais, como até então era vista. Sabemos que cada país possui uma (ou mais) língua de sinais e, por isso, no Brasil, além de outras línguas de sinais, temos a Língua Brasileira de Sinais – Libras –, cujos estudos linguísticos foram iniciados por Ferreira Brito (1995), que instruiu sobre seus princípios linguísticos e, também, da Língua de Sinais Indígena da Tribo Urubu – Kaapor.

Atualmente os estudos linguísticos da Libras têm tomado grande proporção nas pesquisas brasileiras, uma vez que teorias desenvolvidas para as línguas orais têm sido aplicadas às línguas de sinais,

possibilitando os estudos linguísticos da Libras, que até pouco tempo não haviam ganhado abordagem científica e acadêmica.

Neste estudo, apresentamos um recorte teórico-metodológico da pesquisa de doutorado que resultou na tese intitulada *Registro, descrição e análise motivacional dos sinais de cidades do estado de Goiás: a Toponímia em Libras numa interface com a Linguística de Corpus*¹, defendida em 2023, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

A pesquisa apresentou a possibilidade de interação entre a Toponímia, a Libras e a Linguística de *Corpus* a fim de traçar o perfil da nomeação toponímica em Libras de cidades do estado de Goiás. A partir de entrevistas com pessoas surdas nascidas e/ou residentes no estado de Goiás e informações coletadas em *sites* de material didático para o ensino da Libras, foi construído um *corpus* original, que deu origem a outros três *subcorpora*: a transcrição das entrevistas para a Língua Portuguesa, que possibilitou a identificação do léxico toponímico; a descrição fonético-fonológica dos topônimos em Libras, que permitiu as análises quanto à origem motivacional para a criação dos sinais em análise; e o *corpus* de etiquetagem dos topônimos, que contribuiu significativamente para a constatação de nossa hipótese a respeito da influência da Língua Portuguesa no processo de nomeação em Libras, por meio de empréstimos linguísticos.

A pesquisa desempenhou um estudo contrastivo que revelou os aspectos e influências presentes no processo de nomeação toponímica em Língua Portuguesa e em Libras, revelando a idiossincrasia dos sujeitos nomeadores surdos e ouvintes. Os topônimos, em ambas as línguas, foram analisados mediante a taxionomia proposta por Dick (1990), bem como outras taxes elaboradas por demais estudiosos da área.

1 Disponibilizada em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37703>.

Elaborou-se um modelo de ficha lexicográfico-toponímica bimodal, com o intuito de armazenar os dados referentes aos cento e doze (112) sinais toponímicos coletados e analisados nesta pesquisa. As fichas lexicográfico-toponímicas bimodais estão disponibilizadas no *Vocabulário Léxico Toponímico de Goiás em Libras*², um instrumento lexicográfico *on-line*, desenvolvido para registrar os dados da pesquisa.

A partir das análises dos sinais toponímicos, constatou-se que tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras, a motivação para a nomeação das cidades ocorreu majoritariamente por influência de aspectos antropológicos, revelando, assim, a intrínseca relação do sujeito nomeador a fatores sociais, culturais, históricos e religiosos.

A toponímia conta histórias

Zamariano (2006, p. 21) define a língua como patrimônio da comunidade linguística e instituição social, sendo, portanto, veículo de difusão da cultura. Nesse mesmo sentido, Câmara Jr. (2004, p. 53-54) defende que “a língua é um fato de cultura e sua função é expressar a cultura para possibilitar a comunicação social”. O autor sustenta que a língua é uma parte destacada e autônoma da cultura, não podendo estas – língua e cultura – serem consideradas como equivalentes. Língua não é cultura, ela expressa a cultura.

Em recente estudo realizado por Isquerdo (2020), aprendemos que o léxico de uma língua, além de armazenar o repertório lexical comum, abriga ainda os nomes próprios de pessoas e de lugares. Para a autora, esses importantes integrantes do léxico são carregados de referências ideológicas, culturais e mitológicas. Entendemos que a nomeação de pessoas e lugares, ao contrário do processo nomeador comum, acontece mediante a relação social e cultural em que o sujeito nomeador está inserido, uma vez que para Sousa e Dargel (2020 p. 13),

2 Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/topominiaLibras/home>.

“O nome próprio é um produto cultural que projeta a própria história de uma comunidade”.

Dick (1990) sustenta a distinção entre o signo comum e o signo toponímico, sendo este marcado pela possibilidade de identificação das motivações evidentes, e aquele situado como arbitrário e de natureza convencional.

Como o objeto desse estudo é o léxico toponímico da Língua Brasileira de Sinais, procuraremos estabelecer conexão entre o signo linguístico toponímico na Libras e a sua motivação enquanto unidade criada e difundida culturalmente por uma sociedade.

Empreendemos um estudo inaugural que relaciona os estudos da Toponímia à Língua Brasileira de Sinais a partir dos recursos teóricos e metodológicos advindos da Linguística de *Corpus* (LC) que, segundo Berber Sardinha (2004), “ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (Berber Sardinha, 2004, p. 3).

De onde vêm os nomes?

Na Lexicologia encontramos uma área responsável pelo estudo dos nomes próprios em geral, a Onomástica, cujos objetos de estudo são os nomes próprios de uma determinada língua. Sousa e Dargel (2017) ponderam que a Onomástica, apesar de inserida nos estudos linguísticos, conta com subsídios de outros campos científicos como a Antropologia, Sociologia, Geografia etc. tornando-a uma área fundamentalmente interdisciplinar. Compreendemos que os nomes próprios, sejam eles de qualquer natureza, refletem as experiências socioculturais de uma comunidade, evidenciando a característica de motivação extralinguística do signo na função onomástica.

Sousa (2022b) traz à tona uma reflexão acerca da Onomástica, até então pouco discutida. O autor chama a atenção para a importância de se considerar o nome próprio, não apenas como aquele que designa a uma pessoa ou a um lugar, mas também como “a função referencial e individualizante do nome próprio” (Sousa, 2022b, p. 8). Isso significa que quando nomeamos um evento, uma loja, um livro, um produto ou um animal, também estamos tratando sobre a Onomástica.

Apesar de constantemente ser apresentada como a ciência maior que abriga apenas duas áreas: Antroponímia (dedicada aos estudos de nomes próprios de pessoas); e Toponímia (dedicada aos estudos de nomes próprios de lugares); a Onomástica é conceituada por Sousa (2022b) como sendo um campo que norteia a função referencial individualizante do nome próprio. Desse modo, tudo aquilo que é nomeado e particularizado passa a ser objeto desta disciplina.

Segundo Sousa (2022b), outras cinco subáreas integram a Onomástica: *Zoonímia* (estudo de nomes próprios de animais), por exemplo, o leão Simba, personagem reconhecido através do cinema. *Metereonímia* (estudo de nomes próprios de fenômenos atmosféricos), por exemplo, o El Niño, fenômeno natural responsável pelo aquecimento anormal das águas do oceano Pacífico. *Hidronímia* (estudo de nomes próprios de cursos d’água), por exemplo, o rio São Francisco, cachoeira da Fumaça etc. *Astronímia* (estudo de nomes próprios de astros celestes), por exemplo, a constelação Andrômeda; e *Onionímia* (estudo de nomes próprios de produtos ou estabelecimentos comerciais e financeiros), por exemplo, Subway, Colgate, Renner etc.

A função onomástica está presente em todas as áreas da sociedade e em todas as possibilidades de interação humana, pois a todo momento buscamos categorizar e nomear o que é novo e o que já existe, o que está próximo e o que está distante de nós; por isso, as investigações acerca dos nomes não se concentram apenas no viés linguístico, mas nas vertentes sociais, culturais e históricas. Desse modo, o nome,

seja referente a pessoas, animais, astros ou lugares, relaciona-se ao linguístico e, também, ao extralinguístico.

Como o foco desta pesquisa é o estudo da Toponímia, convém situar que se trata de uma subárea da Onomástica, cujo objetivo é delinear o estudo do processo de nomeação dos lugares físicos em uma língua. Segundo Dick (1990, p. 19), a Toponímia é uma “Disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíram distintamente, em porções territoriais delimitadas”. Compreendemos, a partir das palavras da autora, que mediante a ocupação do ser humano de diferentes espaços geográficos, surgiu a necessidade da nomeação e consequente identificação do local, processo esse que, na maioria das vezes, fazia-se representado por elementos de aspectos físicos ou culturais do local.

A Toponímia, além de buscar evidências motivacionais no léxico toponímico, interfere também na constituição, formação e transformações do topônimo. Aguilera (1999, p. 125) assevera que o topônimo se relaciona diretamente aos conceitos de homem e ambiente, uma vez que o homem é o responsável por nomear acidentes geográficos que o rodeiam e certamente não o faz aleatoriamente. No ato de nomear, pode ser levado em consideração impressões físicas do local, ou pode haver uma motivação externa ao ambiente nomeado, podendo chamar a atenção do sujeito nomeador, aspectos religiosos, históricos e culturais.

Concernente à iconicidade na Libras, Sousa (2022a) assevera que o conceito possui importância fundamental na análise de signos toponímicos, uma vez que revela os aspectos motivacionais da nomeação do topônimo. Conforme será apresentado nas análises desta pesquisa, os sinais toponímicos foram analisados de modo a evidenciar o caráter icônico quanto à forma, movimentos e outros traços de seu referente.

Em outra perspectiva, o signo que não possui traços de iconicidade é denominado de arbitrário, isto é, não possui relação entre o nome e a coisa nomeada. Podemos afirmar que dentro do sistema linguístico da Libras, existem também os sinais arbitrários. Estes são representados pelos signos cuja sinalização não possui alguma relação de semelhança com o seu objeto, isto é, os sinais em si não carregam traços que remetam ao objeto.

Nas análises quanto à motivação para a criação do topônimo em Libras, é evidente a existência dos sinais toponímicos que refletem a iconicidade em sua representação e também os sinais que independem da representação icônica em sua formação. Há, ainda, uma notável motivação para a criação dos topônimos em Libras que são os empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa.

Nascimento (2010) reconhece os empréstimos linguísticos como o resultado da coexistência de ambas as línguas no cotidiano da pessoa surda em decorrência da situação de bilinguismo vivenciada pelos surdos brasileiros. Para abarcar este fenômeno linguístico recorrente na toponímia em Libras, os pesquisadores Souza Júnior (2012) e Sousa (2022a) propuseram respectivamente as categorias taxionômicas grafotopônimo e acronimotopônimo, sendo a primeira utilizada para abarcar os topônimos sinalizados integralmente pelo alfabeto manual, e a segunda responsável pelos sinais toponímicos que utilizam a Configuração de Mãos equivalente à letra inicial ou sigla do nome em Língua Portuguesa.

Dick (1990) apresenta um modelo teórico que totaliza em vinte e sete (27) taxes distribuídas em dois grupos, conforme a natureza motivacional: onze (11) taxes relacionadas ao ambiente físico, denominadas de taxionomias de natureza física; e dezesseis (16) relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura, denominadas de taxionomias de natureza antropológica, sendo, portanto,

as taxas grafotopônimo e acronimotopônimo consideradas de natureza antropológica.

A fim de possibilitar as análises quanto à motivação do signo toponímico em Libras, este estudo ocupou-se da descrição fonético-fonológica dos 112 sinais toponímicos coletados, bem como a sua estrutura morfológica com o intuito de compreender como os sinais toponímicos são estruturados. As descrições fonético-fonológicas possibilitaram o processo de etiquetagem dos sinais em um *corpus* cuja análise linguística evidenciou a recorrência de sinais de natureza acronimotopônima.

A linguística de *corpus* e a pesquisa toponímica em Libras

De acordo com Berber Sardinha (2004), a Linguística de *Corpus* (LC) ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, dedicando-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas com o auxílio do computador. Para o autor, a LC surge como uma abordagem de exploração da linguagem, e atualmente exerce papel fundamental em pesquisas linguísticas de diversos países, inclusive no Brasil. O trabalho com a LC está condicionado à utilização de equipamentos tecnológicos desenvolvidos fundamentalmente para análises lexicais, que permitem, a partir de ferramentas computacionais, a exploração, identificação e análise de fenômenos linguísticos em grande escala e em tempo reduzido.

Novodvorski e Finatto (2014, p. 7) chamam a atenção para o fato de a LC apresentar-se não como um novo tipo de linguística, mas com uma metodologia ou abordagem teórica diferenciada dos estudos da linguagem. Para estes linguistas, a LC funciona ainda como um modo de compreender a língua, que é definida por eles como “um sistema probabilístico de combinatórias, no qual uma unidade se define pelas associações que mantém com outras unidades” (Novodvorski; Finatto, 2014, p. 8). Parodi (2010) sustenta que a LC constitui um conjunto de princípios metodológicos para estudar qualquer domínio

linguístico. Partindo dessa premissa, entendemos que os métodos e ferramentas aliadas à LC podem também ser utilizadas em pesquisas linguísticas em Línguas de Sinais, desde que com a devida preparação do *corpus* para o seu processamento com suporte computacional.

Berber Sardinha (2004) pontua que a LC vem mudando o modo de investigar a linguagem, tendo em vista que, por meio dela, o pesquisador tem acesso a conjuntos de textos e transcrições de falas em quantidade antes inacessíveis. Em outras palavras, pode-se dizer que a LC tem revolucionado pesquisas linguísticas, principalmente as que tratam do léxico, pois permite identificar padrões linguísticos cristalizados no conjunto de unidades lexicais de determinada língua.

A Lexicologia tem sido amplamente beneficiada pelos princípios da LC, principalmente no que diz respeito à compilação, descrição e análise de *corpus*, definido por Berber Sardinha (2004, p. 17) como “um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística”. Segundo o linguista, um *corpus* pode ser escrito, composto por textos escritos, ou falado, composto por transcrições de falas/sinais, como é o caso do *corpus* utilizado na pesquisa ora apresentada. O *corpus* pode apresentar conteúdos especializados, regionais ou dialetais, multilíngues etc. No entanto, seja ele de qual tipo for, é considerado uma representação da linguagem, de um idioma ou de uma variedade (Berber Sardinha, 2004).

Nesta pesquisa utilizamos o programa *WordSmith Tools* na versão 6.0, que é descrito por Berber Sardinha (2004) como um programa que oferece ao analista uma série de recursos úteis para análise lexical e outros aspectos da linguagem. O *WordSmith Tools* (WST) é composto pelas ferramentas *WordList*, que corresponde à criação de lista de palavras, podendo ser apresentadas por ordem alfabética ou classificadas por ordem da frequência em que aparece no texto; *KeyWords*, que permite a seleção de itens lexicais de uma lista de palavras de um *corpus* de estudo, por meio da comparação de suas frequências com uma lista de palavras de um *corpus* de referência; e *Concord*, que produz linhas

de concordâncias ou listagens das ocorrências de um item específico de busca, junto aos vocábulos que ocorrem a seu redor.

Uma das ferramentas utilizadas nesta pesquisa foi a *WordList*, que possibilitou tanto a organização e gestão do léxico toponímico, presente nas falas (sinalizadas) dos participantes, quanto a observação da ocorrência dos topônimos, que auxiliou na identificação das variantes existentes para o mesmo topônimo em Libras. Outro ponto positivo na utilização da ferramenta *WordList*, foi a possibilidade de constatação da correspondência entre os sinais e os nomes em LP, por meio da listagem dos topônimos entre as diferentes fontes que constituíram o *corpus* de estudo.

Outro recurso do WST utilizado amplamente nesta pesquisa foi a etiquetagem do *corpus* de topônimos, de acordo com os cinco parâmetros para a formação dos sinais na Libras. Esta etapa constituiu uma parte importante da análise motivacional dos sinais toponímicos, uma vez que por meio da criação das etiquetas, para cada um dos topônimos, e posterior identificação na ferramenta *Concord*, foi possível constatar as influências linguísticas da LP na formação dos sinais toponímicos, evidenciando o fenômeno de empréstimos linguísticos na nomeação em Libras, bem como padrões que se repetem, como a recorrente utilização de dois pontos específicos do antebraço como ponto de articulação para a realização dos sinais que nomeiam as cidades do estado de Goiás.

Elaboração e tratamento do Corpus

Participaram das entrevistas seis pessoas surdas residentes atualmente no estado de Goiás, sendo três participantes do sexo feminino e três do sexo masculino; suas idades variam entre trinta e cinquenta e três anos. Todos eles apresentaram fluência em Libras e quatro relataram terem nascido no estado de Goiás, sendo os outros dois naturais de Brasília (DF) e Minas Gerais.

Quatro dos participantes informaram possuir surdez congênita, isto é, surdez anterior ao nascimento, e dois alegaram ter adquirido a surdez após o nascimento, entretanto, todos apresentam surdez profunda. No que diz respeito à idade de contato e aprendizagem da Libras, todos os participantes informaram ter aprendido a língua de sinais após os quatorze anos de idade. A escolaridade apresentou variação entre o terceiro ano do Ensino Fundamental e a Pós-Graduação em nível de Mestrado.

Atendendo às especificidades da modalidade linguística da Libras, as entrevistas foram gravadas em vídeos, que constituíram o *corpus* original deste estudo, dando origem a outros três *subcorpora*, sendo o primeiro constituído pela transcrição das entrevistas para a Língua Portuguesa, o segundo, composto pela descrição fonético-fonológica dos sinais toponímicos, e o terceiro, formado pelas etiquetas criadas para cada um dos topônimos.

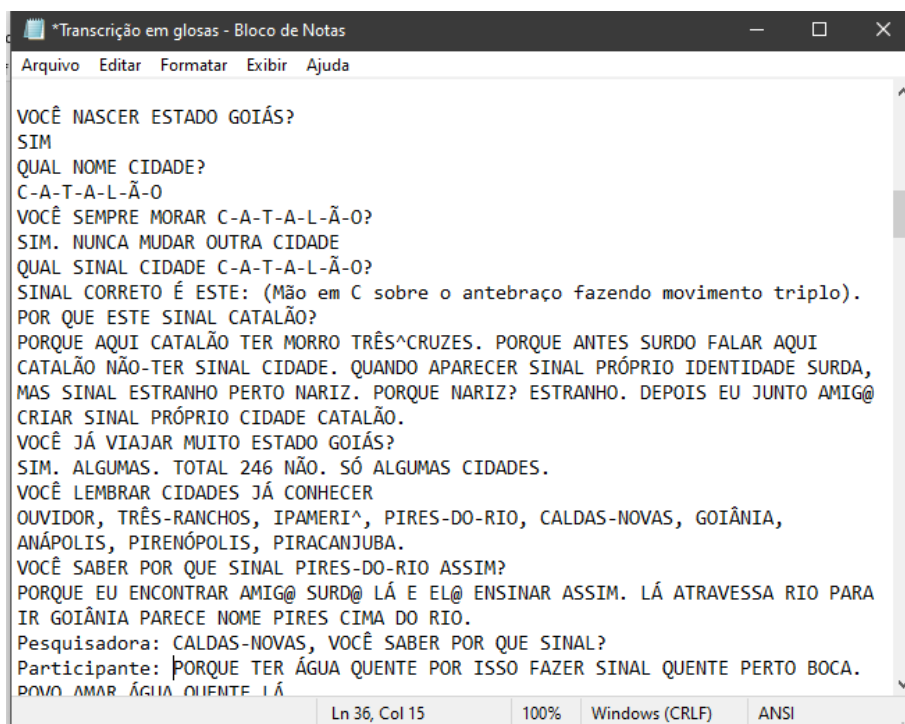
De acordo com Johnston (1991), a transcrição codifica a língua com a intenção de torná-la uma unidade analítica. Em se tratando de um *corpus* em Língua de Sinais, percebemos que o processo de transcrição possui maior complexidade devido à modalidade de realização da língua. Sabemos que em línguas de sinais a produção linguística acontece de modo visual e espacial, envolvendo mãos, face e tronco, ou seja, a sua captação só ocorre por meio de recursos de vídeo.

Concernente ao trabalho de transcrição de *corpora* em Libras, Quadros (2016) reforça que é um trabalho necessário para facilitar a análise dos dados. No entanto, o fato de ser uma língua multimodal que envolve a modalidade visual-espacial com produções corporais utilizando as mãos, a face e o tronco, torna o trabalho de transcrição bastante complexo. O que a autora revela é que na língua de sinais, o signo linguístico em si não é suficiente para a compreensão de significado. Um exemplo seria a sinalização do item lexical “cidade”, que a depender da expressão facial e movimentos de tronco, faz o significado alterar de cidade pequena para cidade grande. Quadros (2016) chama

a atenção ainda para o fato de a Língua Brasileira de Sinais não dispor de um sistema de escrita próprio consolidado, o que faz com que o pesquisador precise fazer a transcrição dos sinais para a Língua Portuguesa por meio de alguns sistemas de transcrição.

O *corpus* da pesquisa transcrito e salvo em formato TXT assim se ilustra:

**Figura 1 – Arquivo em TXT para tratamento
no programa WordSmith Tools 6.0**



Fonte: Souza (2023).

O processo ilustrado na figura 1 viabilizou o tratamento do *corpus* no programa *WordSmith Tools 6.0*, possibilitando a identificação e gestão do léxico toponímico por meio da ferramenta *WordList*. Os procedimentos metodológicos adotados foram: (1) transcrição das entrevis-

tas para a língua portuguesa; (2) criação do arquivo em formato TXT; (3) inserção do sinal de pontuação (-) ligando os topônimos compostos (Três-Cruzes), para possibilitar a visualização dos itens em conjunto na *WordList*; e, por fim, (4) a limpeza do *corpus*.

Ao gerar a lista de palavras a partir do *corpus* de transcrição das entrevistas realizamos a limpeza do *corpus*, isto é, eliminamos os itens lexicais que não constituem objeto de estudo da pesquisa, deixando apenas os sinais referentes aos topônimos mencionados pelos participantes durante as entrevistas.

Findado o processo de limpeza, obtivemos uma lista de palavras com os topônimos, podendo esta ser visualizada no programa *WordList* por ordem de frequência como ilustrado na figura 2.

Figura 2 – WordList gerada por ordem de frequência

N	Word	Freq.	%	Texts	%
1	GOIÁS	14	0,98	1	100,00
2	CALDAS-NOVAS	10	0,70	1	100,00
3	CATALÃO	10	0,70	1	100,00
4	GOIÂNIA	5	0,35	1	100,00
5	IPAMERI	5	0,35	1	100,00
6	ANÁPOLIS	4	0,28	1	100,00
7	PIRACANJUBA	4	0,28	1	100,00
8	DAVINÓPOLIS	3	0,21	1	100,00
9	GOIATUBA	3	0,21	1	100,00
10	LUZIÂNIA	3	0,21	1	100,00
11	OUVIDOR	3	0,21	1	100,00
12	PIRENÓPOLIS	3	0,21	1	100,00
13	PIRES-DO-RIO	3	0,21	1	100,00
14	RIO-QUENTE	3	0,21	1	100,00
15	RIO-VERDE	3	0,21	1	100,00
16	TRÊS-RANCHOS	3	0,21	1	100,00
17	APARECIDA-DE-GOIÂNIA	2	0,14	1	100,00
18	BELA-VISTA	2	0,14	1	100,00
19	CACHOEIRA-DOURADA	2	0,14	1	100,00
20	CORUMBAÍBA	2	0,14	1	100,00

Fonte: Souza (2023).

A lista de palavras gerada por meio da ferramenta *WordList* possibilita a organização dos topônimos, de acordo com a ordem alfabética e/ou de frequência, em que cada um deles aparece nas entrevistas com os participantes. Esse procedimento nos possibilitou a constatação sobre a correspondência entre os topônimos na língua oral e na língua de sinais, por vários usuários da Libras. A partir desta lista de palavras, contendo exclusivamente os topônimos, pudemos gerar as linhas de concordância por meio da ferramenta *Concord*, para a análise das ocorrências do léxico toponímico em contexto.

Criação e exploração do corpus de descrição fonético-fonológica dos topônimos

O segundo *subcorpora* foi elaborado a partir da descrição fonético-fonológica dos sinais toponímicos identificados. As descrições seguiram os postulados de Ferreira-Brito (1995); Quadros e Karnopp (2004) e Sousa (2021), que reconhecem a Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), a Orientação da Palma (OP), o Movimento (M) e a Expressão Não-Manual (ENM) como os componentes da estrutura fonológica empregados na formação dos sinais em Libras, e, consequentemente, dos sinais toponímicos.

O *corpus* de descrição fonético-fonológica foi elaborado a fim de subsidiar a criação das etiquetas para as análises dos sinais toponímicos, processo este que auxiliou na identificação de padrões e permitiu a identificação de elementos conforme a busca pelos comandos no programa *WordSmith Tools* 6.0. As etiquetas foram elaboradas pela pesquisadora de modo a contemplar os cinco parâmetros utilizados para a formação dos sinais.

A primeira parte do processo de etiquetagem se deu pela identificação do parâmetro Configuração de Mão, de modo que nas etiquetas, a configuração das mãos é correspondente aos dois primeiros números apresentados, contemplando a ordem estabelecida da tabela

de Configuração de Mãos. Dessa forma, o comando referente à posição das mãos será sempre de 01 a 79, quantidade exata de possibilidades de configurações manuais.

**Figura 3 – Tabela de Configuração de Mãos
elaborada a partir do modelo INES**



Fonte: Souza (2023).

O Ponto de Articulação, segundo parâmetro formativo dos sinais, é representado nas etiquetas por uma letra que designará o local onde o sinal é ancorado, podendo esta letra ser seguida por um número, que abarcará todas as possibilidades de pontos de articulação.

Figura 4 – Pontos de articulação

topo da cabeça: C1	
testa: C2	lado do dedo mínimo: M4
orelhas: C3	ponta dos dedos: M5
olhos: C4	antebraço: B1
nariz: C5	cotovelo: B2
boca: C6	pulso: B3
bochechas: C7	pescoço: T1
queixo: C8	ombro: T2
palma: M1	busto: T3
costas das mãos: M2	estômago: T4
lado do indicador: M3	cintura: T5

Fonte: Souza (2023).

A orientação da palma é representada por uma letra que identificará a posição que a mão adotarà durante a execução do sinal, sendo identificadas nas etiquetas com a seguinte legenda: para dentro: D, para fora: F, para cima: C, para baixo: B, Lateral: L, Ipsilateral: I.

Já os movimentos são classificados a partir de números, sendo o movimento retilíneo representado pelo número 1, o helicoidal pelo número 2, circular pelo 3, semicircular pelo 4, sinuoso pelo 5, angular pelo 6, contato duplo pelo 7 e para etiquetar os sinais que não possuem movimento, o numeral 0. Ressaltamos que todas as etiquetas serão apresentadas com os sinais < > para possibilitar a pesquisa e sua identificação no tratamento do *corpus*. Desse modo, o topônimo Três Ranchos é assim etiquetado: Três Ranchos = <78ENL1> <78cmENespaçoneutroLpalmalateral1movimentoretilíneo>.

Todos os topônimos analisados receberam uma ou mais etiquetas, de acordo com a existência ou não de variantes. Os topônimos que apresentaram mais de uma variante em Libras, foram etiquetados duplamente separados por uma barra que indica a existência de mais de uma etiqueta para aquele sinal.

Durante a elaboração das etiquetas, notamos algumas especificidades da formação dos sinais em Libras, e por isso, criamos recursos para registrar a dinamicidade da Língua de Sinais.

*Sinais com configuração de mão inicial e final: <31542B1F4> Bela Vista.

*Sinais bimanuais com configurações de mãos diferentes: <12¹22²ENL7> Ceres.

*Sinais com ponto de articulação inicial e final: <53M11M22D> Damianópolis.

Após a finalização das etiquetas, criamos um arquivo em TXT a fim de possibilitar o tratamento do *corpus* no programa *WordSmith Tools* 6.0, por meio da ferramenta *Concord*, que exibe a lista das etiquetas conforme os comandos de busca.

Figura 5 – Arquivo de transcrições das entrevistas com etiquetagem dos topônimos em TXT

VOCÊ SABER POR QUE CIDADE TER ESTE SINAL?
 PORQUE CATALÃO <12B1L5> COMEÇAR LETRA C TER TRÊS SÍLABAS: CA-TA-LÃO. POR ISSO MOVIMENTO TRÊS VEZES.
 QUAL CIDADE ESTADO GOIÁS <50ENF4> VOCÊ JÁ VISITAR?
 ANÁPOLIS <67T3L4>, ANHANGUERA <67ENF4>, BELA-VISTA <31542B1F4>, CACHOEIRA-DOURADA <15C6D1/15ENB1>, CALDAS-NOVAS <13C6L1>, RIO-VERDE <221542B1F4>, CRISTIANÓPOLIS <12TL1>, CUMARI <12C6L1>, DAVINÓPOLIS <53M1L7>, GOIATUBA <32T1L1>, IPAMERI <651552M1L7>.
 VOCÊ SABE MOTIVO CIDADES RECEBER ESTES SINAIS?
 DAVINÓPOLIS <53M1L7>, POR CAUSA DA FÉ, CACHOEIRA-DOURADA <15C6D1/15ENB1>, PORQUE IGUAL SINAL CACHOEIRA, CALDAS-NOVAS <13C6L1> PORQUE ÁGUA QUENTE, CUMARI <12C6L1>, POR CAUSA LETRA C TAMBÉM PIMENTA, IPAMERI <651552M1L7> POR CAUSA LETRAS I-P, RIO-VERDE <221542B1F4> POR CAUSA LETRAS R-V.
 VOCÊ CONHECER SINAIS ESTAS CIDADES? (MOSTRAR MAPA)
 LUZIÂNIA <24ENF3> POR CAUSA LETRA L, MINEIROS <77T1B1>, POR CAUSA LETRA M PESCOÇO, MORRINHOS <77B1B3> POR CAUSA LETRA M E MOVIMENTO BRAÇO IGUAL MORRO, OURO-VERDE <731542B1F4> POR CAUSA O-V.

Fonte: Souza (2023).

O *corpus* formado pelas transcrições etiquetadas foi tratado na ferramenta *Concord* e pode ser visualizado na figura 6, sendo marcado de vermelho o topônimo, e de cinza a etiqueta correspondente.

Figura 6 – Listagem das etiquetas apresentadas pela ferramenta Concord

TRANSCRIÇÃO COM ETIQUETAS PARA ARQUIVO TXT - Copia - Copia (.cnc)

File Edit View Compute Settings Windows Help

case-sensitive search tagfile tags Undefined tags Print Preview Find... Layout

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	Hea	H
1	LIBRAS, ABADIA-DE-GOIÁS <75T2B1>, ACREÚNA , ANICUNS ,	S		1.499	23	10'	94'			
2	, ABADIA-DE-GOIÁS , ACREÚNA <24ENN1>, ANICUNS ,	S		1.501	23	16'	94'			
3	PROFESSOR-JAMIL , ALEXÂNIA <67124231T52>, ITAPURANGA ,	S		1.593	23	78'	0 10'			
4	VOCÊ JÁ VISITAR? ANÁPOLIS <67T3L4>, ANHANGUERA ,	S		496	79	13'	0 31'			
5	SINAL ÁGUA LIMPA , ANÁPOLIS <67T3L4>, APARECIDA-DE-GOIÂNIA	S		1.088	16	15'	0 68'			
6	ALGUMAS. QUAL? ANÁPOLIS <67T3L4>, ANICUNS ,	S		1.404	22	5%	0 88'			
7	LEVANTAR ESPADA , ANÁPOLIS <67T3L4> POR QUE ESTE SINAL?			238	37	43'	0 15'			
8	, GOIÂNIA , ANÁPOLIS <67T3L4>, PIRENÓPOLIS ,			109	18	79'	0 7%			
9	VISITAR? ANÁPOLIS , ANHANGUERA <67ENF4>, BELA-VISTA			498	79	22'	0 31'			
10	, ACREÚNA , ANICUNS <68C5L3>, APARECIDA-DE-GOIÂNIA			1.503	23	23'	0 94'			
11	, QUAL? ANÁPOLIS , ANICUNS <68C5L3>, APARECIDA-DE-GOIÂNIA			1.406	22	8%	0 88'			
12	ANICUNS , APARECIDA-DE-GOIÂNIA <6750PB3D7>, ARUANÃ ,			1.505	23	29'	0 94'			
13	, URUTAI , APARECIDA-DE-GOIÂNIA <6750PB3D7> POR CAUSA A-P.			636	83	96'	0 40'			
14	ANÁPOLIS , APARECIDA-DE-GOIÂNIA <6750B3D7>, BELA-VISTA ,			1.090	16	20'	0 68'			
15	ANICUNS , APARECIDA-DE-GOIÂNIA <6750PB3D7>, ARUANÃ ,			1.408	22	11'	0 88'			
16	, APARECIDA-DE-GOIÂNIA , ARUANÃ <67ENL5>, AVELINÓPOLIS ,			1.410	22	14'	0 88'			
17	, APARECIDA-DE-GOIÂNIA , ARUANÃ <67ENF1>, BALIZA-GOÍAS ,			1.507	23	35'	0 94'			
18	, ARUANÃ , AVELINÓPOLIS <671542B1F4>, BALIZA-DE-GOÍAS ,			1.412	22	17'	0 88'			
19	, AVELINÓPOLIS , BALIZA-DE-GOÍAS <3M3F4>, BELA-VISTA ,			1.414	22	20'	0 88'			
20	, ARUANÃ , BALIZA-GOÍAS <3M3F4>, BELA-VISTA ,			1.509	23	42'	0 94'			
21	, BELA-VISTA <31542B1F4>, CALDAS-NOVAS ,			1.092	16	25'	0 68'			
22	, BALIZA-DE-GOÍAS , BELA-VISTA <31542B1F4>, CALDAS-NOVAS ,			1.416	22	23'	0 88'			
23	, ANHANGUERA , BELA-VISTA <31542B1F4>			500	79	30'	0 31'			
24	, BALIZA-GOÍAS , BELA-VISTA <31542B1F4>			1.511	23	48'	0 94'			
25	PASSADO ESCOLA BRASÍLIA <24ENB1> LÁ TER SURDOS, MAS			841	12	47'	0 53'			
26	, CALDAS-NOVAS , BRAZABRANTES <3M2L1>, CATALÃO , GOIANÉSIA ,			1.420	22	30'	0 89'			

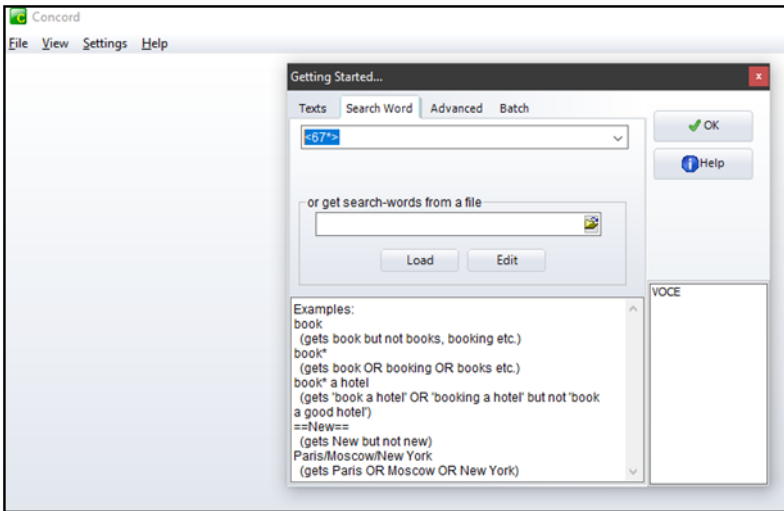
concordance collocates plot patterns clusters timeline filenames source text notes

Fonte: Souza (2023).

Apresentaremos, a seguir, o modo como realizamos a análise motivacional dos topônimos por meio da etiquetagem do *corpus* na ferramenta *Concord* do programa *WST*. Primeiramente, foi necessário abrir o arquivo no programa, e através da busca pelo símbolo maior que “<” obtivemos acesso às linhas de concordância contendo as etiquetas. Em suma, o comando principal para a busca pelas etiquetas são os símbolos maior que “<” e menor que “>”, o que justifica a inicializa-

ção e finalização de todas as etiquetas dessa forma. Os símbolos podem ser acrescidos de outros elementos que especifiquem ainda mais as etiquetas a que o pesquisador almeja ter acesso. Fizemos a busca com o comando <67*>, que corresponde à Configuração de Mão de número 67 na tabela de CMs, e representa a letra “A” do alfabeto manual. Convém mencionar, que neste caso, o sinal de asterisco após a numeração significa que pode haver outros elementos posteriores à numeração 67, ou seja, os identificadores dos demais parâmetros que formam as etiquetas. Essa estratégia permite que sejam listados, de uma só vez, todos os topônimos que utilizam em sua formação a CM correspondente ao número 67.

Figura 7 – Busca pela etiqueta <67*> correspondente à Configuração de Mão da letra “A” do alfabeto manual



Fonte: Souza (2023).

Esta é a tela de visualização da página ao realizar a busca. Na figura 8, está apresentada a tela seguinte disponibilizada pela ferramenta *Concord*, contendo todos os topônimos etiquetados com a

Configuração de Mãos referentes ao número 67, e, consequentemente, os sinais toponímicos inicializados pela letra “A” do alfabeto manual.

Figura 8 – Resultado da busca pela etiqueta <67*>

N	Concordance	Set
1	PROFESSOR-JAMIL , ALEXÂNIA <671242T31T52>, ITAPURANGA ,	
2	ALGUMAS. QUAL? ANÁPOLIS <67T3L4>, ANICUNS ,	
3	VOCÊ JÁ VISITAR? ANÁPOLIS <67T3L4>, ANHANGUERA ,	
4	VISITAR? ANÁPOLIS , ANHANGUERA <67ENF4>, BELA-VISTA	
5	, URUTAI , APARECIDA-DE-GOIÂNIA <67*50*B3D7> POR CAUSA A-P.	
6	, APARECIDA-DE-GOIÂNIA , ARUANÃ <67ENF1>, BALIZA-GOIÁS ,	
7	, APARECIDA-DE-GOIÂNIA , ARUANÃ <67ENL5>, AVELINÓPOLIS ,	
8	, ARUANÃ , AVELINÓPOLIS <671542B1F4>, BALIZA-DE-GOIÁS ,	
9	. ALVORADA DO NORTE <671212B1f4>, DAMIANÓPOLIS ,	

Fonte: Esta pesquisa.

Conforme pode ser observado na imagem, todos os topônimos inicializados pela CM nº 67, em A, são também inicializados pela letra A em Língua Portuguesa, refletindo a motivação linguística advinda da Língua Portuguesa na nomeação dos lugares em Libras. Com essa ferramenta, o processo de busca pelos topônimos a partir de sua CM é simples e eficiente. Realizamos o mesmo processo com a busca pelo comando <55*>, referente à CM das letras P, H e K do alfabeto manual em Libras.

Figura 9 – Resultado da busca pela etiqueta <55*>

N	Concordance	Set T
1	, GOIÁS , GUAPÓ , HIDROLÂNDIA <55ENF4> , INHUMAS , IPORÁ ,	
2	, GOIÂNIA , GUAPÓ , HIDROLÂNDIA <55ENF4> , INDIARA , INHUMAS ,	
3	, LUZIÂNIA , PALMEIRAS-DE-GOIÁS <55T3D7/50ENF4> , PIRACANJUBA ,	
4	, PIRACANJUBA <55B2D7> , PONTALINA ,	
5	, URUAÇU , PIRACANJUBA <55B2D7> . MUITO BOM! VOCÊ	
6	ITUAÇU , ITUMBIARA , PIRACANJUBA <55B2D7> , RIO-QUENTE ,	
7	GOIÂNIA , ANÁPOLIS , PIRENÓPOLIS <55M2B4> , PIRACANJUBA . VOCÊ	
8	. PONTALINA PARECE PIRENÓPOLIS <55M2B4> , MAS LÁ NÃO TER	
9	ÁGUA QUENTE LÁ. PIRENÓPOLIS <55M2B4>? PORQUE TRILHA	
10	CIDADE PORTUGUÊS. PONTALINA <55M2B0> PARECE PIRENÓPOLIS ,	

Fonte: Souza (2023).

Nota-se que, assim como no exemplo anterior, a listagem de etiquetas revela que topônimos iniciados com as letras P e H receberam sinais que também são inicializados pela configuração de mão correspondente. Além dos empréstimos linguísticos, o tratamento do *corpus* de etiquetas permitiu ainda a identificação de um padrão recorrente na sinalização toponímica das cidades do estado de Goiás. Trata-se da utilização do Ponto de Articulação EN, referente ao Espaço Neutro, ou seja, sem ancorar em nenhuma parte do corpo do sinalizante.

O resultado da busca pela etiqueta <*EN*> revelou trinta e nove (39) sinais toponímicos identificados com o Ponto de Articulação em espaço neutro. Outro padrão observado foi a utilização do antebraço da mão não dominante como Ponto de Articulação para a realização dos sinais toponímicos analisados.

Figura 10 – Resultado da busca pela etiqueta <*B1*>

N	Concordance
1	, ARUANÃ , AVELINÓPOLIS <671542B1F4>, BALIZA-DE-GOIÁS ,
2	, BELA-VISTA <31542B1F4>, CALDAS-NOVAS ,
3	, BALIZA-DE-GOIÁS , BELA-VISTA <31542B1F4>, CALDAS-NOVAS ,
4	, SÍTIO D'ABADIA , BURITINÓPOLIS <50B1F4>. , FLORES DE GOIÁS
5	, CALDAS-NOVAS , CAMPO-VERDE <121542B1F4> ,
6	? PORQUE AQUI CATALÃO <12B1L5> TER MORRO
7	, GUARANI DE GOIÁS , IACIARA <65122B1F4>, MAMBAÍ , POSSE ,
8	, JARAGUÁ , JATAÍ , JUSSARA <65'24'B11>, MINAÇU ,
9	MUITOS. SEMPRE IR MORRINHOS <77B1B3> LÁ VÁRIOS AMIGOS AQUI
10	. ALVORADA DO NORTE <671212B1f4>, DAMIANÓPOLIS ,
11	IGUAL MORRO, OURO-VERDE <731542B1F4> POR CAUSA O-V,
12	GOIÁS , IACIARA , MAMBAÍ , POSSE <53B1B1>, TROMBAS , SIMOLÂNDIA
13	, CALDAS-NOVAS , RIO-VERDE <221542B1F4>, CRISTIANÓPOLIS ,
14	, SÃO-LUÍZ-DOS-MONTES-BELOS <691242B1F5>, TRINDADE ,

Fonte: Souza (2023).

Demonstramos de modo detalhado todo o percurso metodológico percorrido para a criação e a exploração dos *corpora* deste estudo. Ressaltamos que todos os dados aqui apresentados, são apenas uma parte de toda a análise realizada com o subsídio da Linguística de *Corpus*, e a eficiência do programa *WordSmith Tools* 6.0, que permitiu a identificação e gestão do léxico toponímico apreendido nessa pesquisa.

Análises

As análises do *corpus* de etiquetas evidenciaram que, dos oitenta e um (81) sinais toponímicos de natureza antropocultural, cinquenta e sete (57) foram classificados como acronimotopônimos, ou seja, são formados a partir de configurações de mãos equivalentes aos nomes dos topônimos em LP. Importa mencionar que esse montante diz respeito apenas aos sinais toponímicos motivados puramente pela

grafia do nome em Língua Portuguesa, ou cujas motivações ainda são desconhecidas, tendo em vista que nem sempre o signo toponímico se apresenta com clareza quanto a sua real motivação.

Constatamos que em muitos casos, apesar do sinal ser formado a partir da CM equivalente à letra inicial ou sigla referente ao nome na língua oral, foi possível identificar a motivação toponímica por meio de outros elementos formativos, como é o caso dos topônimos Goianápolis, Goiandira, Ipameri, Jussara, Marzagão, Minaçu, Pontalina, Trombas, Uruana e outros. Nesses casos, em especial, a natureza e taxionomia do sinal toponímico foram atribuídas de acordo com os parâmetros que evidenciam os outros aspectos além da representação do alfabeto, isto é, não foram considerados como quadros.

Para a formação dos topônimos acima mencionados, o sujeito nomeador considerou, além do empréstimo linguístico da língua oral, aspectos físicos e culturais para a denominação do topônimo em Libras. O sinal toponímico atribuído à cidade Goianápolis utiliza em sua formação a CM nº 50, correspondente à letra G do alfabeto manual, fazendo uma referência à inicial do nome em LP. No entanto, o movimento da mão dominante evidencia um importante aspecto cultural do município, a produção de tomates. Nota-se que durante o processo de nomeação na língua de sinais, o sujeito surdo se atentou ao fato de a cidade ser considerada a capital do tomate, e por isso atribuiu a ela um sinal toponímico que fizesse jus à sua cultura, o que o torna um sinal de natureza física e pertencente à taxa de fitotopônimos, enquanto o seu equivalente na língua oral é de natureza antropológica e categorizado como corotopônimo. É possível vislumbrar que, em casos como este, a influência da LP torna-se irrisória diante da percepção física e antropológica no ato de nomear.

A segunda variante encontrada para o sinal de Goiandira utiliza, além da CM nº 50, correspondente à letra G, o sinal que representa a cor branca, isto porque a cidade é reconhecida como Terra Branca,

devido ao solo argiloso de cor clara encontrado na região. Nota-se que foi considerado no processo de nomeação, um aspecto de natureza física, referente ao solo, fazendo com que o sinal toponímico pertença à taxa de litotopônimos.

Com aspecto semelhante, a segunda variante em Libras coletada para o topônimo Ipameri, utiliza a CM nº 65, correspondente à letra I, acrescida do movimento sinuoso representando o curso do ribeirão Entre-Rios, o que determina a sua classificação como um sinal toponímico de natureza física, pertencente à taxa de hidrotopônimos. A primeira variante, no entanto, constitui-se como um exemplo de sinais motivados exclusivamente pela grafia do nome em LP, uma vez que é utilizada a sigla IP, sinalizada em espaço neutro. Fato interessante ocorre na análise contrastiva do topônimo nas duas línguas, pois, o nome em LP e a segunda variante em Libras, correspondem à mesma classificação taxionômica.

O topônimo em Libras que representa a cidade Jussara, também apresenta aspectos sociais além da representação acronimotopônima por meio da CM nº 65. De acordo com as informações obtidas na coleta dos dados, o nome Jussara faz homenagem à primeira Miss Brasil goiana, sendo, portanto, o topônimo em LP classificado como antropotopônimo. Já em Libras, a sinalização se dá a partir do empréstimo linguístico da letra inicial do nome, acrescido do sinal de desfilar/modelo, como forma de representar a atividade profissional da figura homenageada pelo nome em LP. Nota-se que, o sujeito nomeador ouvinte considerou o primeiro nome da homenageada, enquanto o surdo se ateve à sua profissão, fazendo com que o sinal toponímico seja classificado como de natureza antropocultural e pertencente à taxa de sociotopônimos.

É notório que nos poucos exemplos aqui mencionados, a sinalização dos topônimos, apesar de utilizar a letra inicial do nome em LP, traz importantes correspondências de cunho físico, geográfico, social

e cultural. Nota-se que muitos desses aspectos são evidenciados a partir dos parâmetros Ponto de Articulação e Movimento das mãos, fenômeno que se repete nos demais sinais toponímicos dessa natureza.

O processo de etiquetagem do *corpus* nos possibilitou a identificação de alguns padrões concernentes ao Ponto de Articulação (PA) dos sinais. Conforme apresentado na figura 15, no capítulo de elaboração e tratamento do *corpus*, a busca pela etiqueta <*EN*>, correspondente aos sinais realizados em espaço neutro, revelou que trinta e nove (39) sinais toponímicos são sinalizados em espaço neutro, isto é, sem estabelecer contato com nenhuma parte do corpo. Desse montante, um número significativo de sinais é motivado apenas pela grafia do nome em LP, Ex. Aruanã (Variante 1), Luziânia, Firminópolis, Cidade Ocidental, Goiandira (Variante 1), Quirinópolis, Santa Helena, etc. Enquanto outros sinais também são alocados em espaço neutro, no entanto, possuem outras motivações além da letra inicial do topônimo na língua oral, como é o caso dos topônimos Aruanã (Variante 2), que utiliza as mãos configuradas em A e faz o movimento sinuoso do rio que banha a cidade e Formosa (Variante 2), que faz referência à cachoeira.

Ainda concernente ao Ponto de Articulação, conforme apresentado na figura 16, a busca pela etiqueta <*B1*>, correspondente aos sinais toponímicos realizados no antebraço da mão não dominante, revelou um padrão seguido no processo formativo desses itens. Ao todo, foram encontrados vinte e três (23) sinais que utilizaram o PA no antebraço, sendo a maioria deles motivados exclusivamente por siglas formadas a partir do nome em LP (acronimotopônimos), como são os casos dos topônimos Avelinópolis, Bela Vista, Campos Verdes, Iaciara, Nova Veneza, Rio Verde, Ouro Verde, Posse, Rodovilândia etc. E os que são sinalizados no antebraço, mas possuem outra motivação além da grafia na língua oral: Morrinhos, que faz referência à forma do acidente geográfico morro, São Luís dos Montes Belos, que também representa a forma do acidente geográfico morro, ambos pertencentes à taxa

de natureza física geomorfotopônimos e Simolândia, que utiliza a mão configurada em S, posicionada abaixo do antebraço da mão não dominante, fazendo movimento retilíneo representando a ponte que dá acesso à cidade (ergotopônimo).

Considerações finais

Nesta pesquisa empreendemos um estudo de cunho lexicológico, uma vez que o objeto de estudo foi constituído por uma parte específica do léxico: os topônimos.

Subsidiados pelos pressupostos teóricos e práticos da Toponímia e da Língua Brasileira de Sinais, coletamos, registramos, descrevemos e analisamos os sinais toponímicos que nomeiam cidades do estado de Goiás.

Referente à nomeação toponímica em Libras, o estudo revelou a presença significativa de designativos oriundos de empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa por meio da utilização de configurações de mãos que representam a letra inicial, ou sigla referente ao topônimo da língua oral. Sousa e Quadros (2019) pontuam que os processos de empréstimo são resultantes da interação linguística entre os surdos e os ouvintes, uma vez que a língua de sinais nativa convive no mesmo território que a língua oficial, social, a Língua Portuguesa, que imprime sua marca escrita nos diversos ambientes e situações em que as pessoas surdas convivem diariamente, ocorrendo, portanto, o processo de derivação direta da língua portuguesa para a Libras, por intermédio de adaptações fonomorfológicas próprias das línguas de modalidade visual-espacial.

Cabe destacar que o empréstimo linguístico não é uma particularidade da Libras, uma vez que a Língua Portuguesa também tem parte de seu léxico formado a partir de empréstimos de outras línguas, como Inglês e Francês. Diante disso, entendemos que se trata de uma característica inerente às línguas naturais, podendo ocorrer com maior

ou menor intensidade a depender da modalidade de realização da língua, como é o caso da Libras.

O caráter inovador desta pesquisa foi pautado na demonstração da possibilidade de traçar o perfil toponímico em Libras de cidades goianas, com o auxílio norteador que oportuniza a perspectiva teórico-metodológica da Linguística de *Corpus*, de modo a demonstrar a viabilidade de gestão e tratamento de *corpus* em Libras, por meio de recursos computacionais.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Taxonomia de topônimos: problema sem solução? **Signum**: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 2, n. 1, p. 125-137, 1999.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquin Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CAS/GOIÂNIA (Goiânia). Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento das Pessoas com Surdez. Disponível em: <https://casgoiania.com.br/index.php/cidades-de-goias>. Acesso em: 17 ago. 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

ISQUERDO, Aparecida Negrini. Prefácio. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SAIDE, Márcia Sipavicius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB**: línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Brasília, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9013?mode=full>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NOVODVORSKI, Ariel; FINATTO, Maria José B. Linguística de corpus no Brasil: uma aventura mais do que adequada. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 2014.

PARODI, Giovanni. **Linguística de Corpus**: de la teoría a la empiria. Madrid: Iberoamericana / Vervuert, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, jan./jun. 2016, p. 8-34.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. **Perspectivas para o ensino de Línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022b. p. 7-22.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica. **Revista Gtlex**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 7-22, 20 abr. 2020.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Toponímia em Libras: tecnologia e ensino. In: III Simpósio Ibero-Americano de Tecnologias Educacionais, Araranguá, 2019. **Anais [...]**. Araranguá: S.E., 2019. p. 137-146.

SOUZA, Kássia Mariano de. **Registro, descrição e análise motivacional dos sinais de cidades do estado de Goiás**: a Toponímia em Libras numa interface com a Linguística de Corpus. 2023. 340 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2023.8027>. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37703>. Acesso em: 25 ago. 2024

SOUZA JUNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STOKOE, Willian. **Sign and culture**: a reader for students of American Sign Language. Silver Spring: Listok Press, 1960.

ZAMARIANO, Márcia. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. 2006. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

Paisagem linguística e iconicidade: os sociotopônimos em Libras das ruas do centro comercial de Feira de Santana, Bahia

Daniela Betânia dos Santos Ferreira

Iago Gusmão Santiago

Liliane Lemos Santana Barreiros

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua própria da comunidade surda do Brasil, funcionando não apenas como meio de comunicação, mas como um pilar fundamental na construção da identidade e expressão cultural dos surdos. Reconhecida oficialmente como língua pela Lei nº 10.436/2002, Libras é um sistema linguístico visual-motor, que possui uma estrutura gramatical própria, capaz de transmitir ideias e conceitos com a mesma complexidade e profundidade que qualquer língua oral. Seu reconhecimento oficial tardio, considerando a longa história de exclusão dos surdos, ressalta os desafios que essa língua ainda enfrenta, como o preconceito e a visão equivocada de que ela é composta apenas por gestos ou mímicas simplistas.

A toponímia em línguas de sinais, assim como a toponímia nas línguas orais, registra marcas características do ambiente em sua estrutura, e o seu aspecto mais espontâneo, ou menos sistemático, intensifica este perfil marcado pela experiência imediata da comunidade

surda local. No entanto, é nas particularidades dos processos denominativos que se manifesta o potencial criativo das línguas de sinais para a nomeação de lugares. Além de refletir a percepção especial da comunidade surda, a forma de registro mimético-gestual proporciona a construção de topônimos mais próxima da experiência vivenciada, tanto social, quanto linguística, ampliando os processos denominativos, como motivações semânticas, causas e mecanismos denominativos, em comparação com os encontrados nas línguas orais.

Por outro lado, nota-se também a existência de convergências nos princípios básicos que orientam a nomeação toponímica em línguas orais e em Libras. Uma delas relaciona-se às interações com o ambiente físico, mediadas pelo sentido da visão, já que os elementos da paisagem são constantemente evocados como demarcadores geográficos. Assim, nas duas modalidades de língua, entidades geográficas de natureza física, são referenciadas a partir de suas características intrínsecas, e.g., formato, cor, posição, por funcionarem como traço característico do lugar nomeado. Mas a referência física não se limita às categorias consideradas como de natureza física no modelo dickiano, categorias antropoculturais como ergo, eco, socio e hagiotopônimos, são evocados a partir da percepção visual, quando uma igreja ou uma cruz são tomados como referência para um lugar, conforme evidencia a perspectiva mais recente das interações línguo-ambientais postuladas pela ecolinguística.

Na toponímia em Libras do centro comercial de Feira de Santana a referência geográfica é expressa pela alta produtividade de sociotopônimos. Os nomes atribuídos se relacionam a unidades cujos serviços são acessados continuamente pela comunidade surda, que transforma o elemento genérico destas entidades, na forma individual ou coletiva, em específicos para uma área adjacente. Em outros casos, assim como ocorre nas línguas orais, o nome deslocado não é o elemento genérico, mas o específico, como ocorre com nomes próprios de lojas, escolas e outros estabelecimentos prestadores de serviço ao público. Diferente

das línguas orais, são os aspectos semióticos destes estabelecimentos, como as logomarcas e imagens presentes na fachada, que são imprimidas no sistema toponímico. Nesses casos, a toponímia se conecta com a paisagem linguística presente no ambiente urbano, transformando placas, letreiros e anúncios em nomes próprios de lugar.

Neste texto, analisa-se o caso dos sociotopônimos do centro comercial de Feira de Santana, com destaque para as influências da paisagem linguística na nomeação dos lugares. Inicialmente, discute-se sobre a toponímia em Libras e a ecolinguística, com ênfase na relação entre a nomeação dos lugares e a paisagem linguística. Em seguida, se tratará do estudo toponímico em Libras do centro comercial de Feira de Santana, apresentando aspectos da comunidade surda local e o contexto de construção do *corpus* analisado, constituído e descrito por Ferreira (2019). Na sequência, apresenta-se a sociotoponímia em Libras do centro comercial e estudo dos topônimos «rua das girafas» e «rua do gênio»¹, que nomeiam, respectivamente, a rua Barão de Cotegipe e rua Castro Alves, e têm os seus sinais motivados em aspectos da paisagem linguística. Nas considerações finais sobre a questão reafirmam-se as contribuições do estudo para a ampliação do debate sobre as particularidades da nomeação em línguas de sinais.

A paisagem linguística nomeação toponímica em Libras

A visão ecológica ou holística acerca da linguagem, na sua versão contemporânea, tem como ponto de partida os postulados de Haugen (1972) que, a partir de uma ampliação do escopo dos estudos sociolinguísticos, reafirmam a relevância da análise das relações existentes entre língua e ambiente. Paralelo a isso, o desenvolvimento das humanidades ambientais, no final do século XX, também contribuiu para o surgimento de diferentes perspectivas e abordagens ecológicas da linguagem, por reconhecer o seu papel fundamental no processo

1 Usaremos as aspas angulares para descrever linguisticamente os aspectos semânticos.

de preservação e destruição do meio ambiente. Desde então, diferentes vertentes de estudos ecológicos da linguagem humana são desenvolvidas sob a designação de ecolinguística, que passa a ser vista como uma plataforma teórica:

O termo ‘ecolinguística’ tem sido usado para descrever estudos de interação e diversidade linguística; estudos de textos como placas de sinalização ao ar livre; análise de textos sobre meio ambiente; estudos de como as palavras de uma língua se relacionam com objetos no ambiente local; estudos da mistura de línguas que cercam alunos em escolas multiculturais; estudos de dialetos em localizações geográficas específicas e muitas outras áreas diversas. A multiplicidade de abordagens surge de diferentes entendimentos do conceito de ‘ecologia’, desde um conceito muito amplo de ‘a interação de algumas coisas com outras coisas’ até conceitos restritos como ‘relacionados ao ambientalismo’ (Stibbe, 2015, p. 8).

No Brasil, no início do século XXI, a chamada linguística ecossistêmica, vertente sistematizada por Couto (2007, 2009), apresenta uma proposta mais próxima da concepção de mundo própria da ecologia, incorporando noções desta disciplina nos estudos da linguagem e propondo-se a aplicá-las de forma não metafórica, como ocorre em outras correntes dos estudos ecolinguísticos. Além disso, a linguística ecossistêmica difere das abordagens mais tradicionais por considerar que o seu objeto de estudo não consiste nas relações entre língua e ambiente, mas na língua como uma forma de interação entre organismos em território específico. Segundo Couto (2013, p. 279), a língua não seria uma coisa que se relaciona com o ambiente, mas o conjunto das “interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico”.

Os interesses nas interações linguísticas envolvem desde estudos fonológicos à análise do discurso. Apesar disso, observa-se que abordagens holísticas são mais essenciais em alguns contextos que outros, havendo questões linguísticas que exigem uma leitura mais ampla dos fatores ambientais que outras. É o caso da toponímia, analisada à luz da interferência ambiental desde suas vertentes mais tradicionais e cujos resultados de pesquisa contribuem muito para a compreensão das interações linguísticas em um dado ambiente. Nesse sentido, a ecolinguística fornece à toponomástica a possibilidade de renovação no debate sobre o ambiente, pelo viés tricotômico da ecolinguística (Guattari, 2001; Couto, 2007, 2009) que, diferente de Sapir (1912), analisa a toponímia para além da sua projeção léxico-semântica² e considera a existência de três ambientes: um ambiente físico-natural, que abrange não apenas referentes naturais, como também a experiência de interação física com mundo; social, como os diferentes grupos sociais e as tensões existentes entre eles atravessam a toponímia; e mental, que entrelaça o conhecimento linguístico, a cognição e o imaginário. Isso possibilita não apenas o aprofundamento da discussão crítica em torno das relações sustentáveis entre homem, sociedade e natureza, mas uma revisão dos parâmetros estruturais dickianos de análise onomástica, que aborda os ambientes de forma mais descontinuada.

Dentre as novas pautas introduzidas pela ecolinguística no campo da toponomástica se encontra o estudo da paisagem linguística como um elemento motivador nos processos de nomeação. A paisagem linguística consiste em um ambiente multissemiótico, composto por textos de natureza verbal e não verbal, e multilíngue, registrando uma diversidade de línguas, com funções também variadas. Segundo Blommaert (2013, p. 5), esse ambiente densamente multilíngue com-

2 A abordagem de Dick (1990, 1992) organiza as interações com o ambiente a partir de categorias léxico-semânticas, de natureza física e antropocultural, no entanto, desconsidera, no modelo adotado, as relações estritamente ambientais subjacentes, que promovem conexões entre as categorias.

preende o espaço das cidades globalizadas e da modernidade tardia, e capturam “[...] a presença de fragmentos de linguagem escrita publicamente visíveis: *outdoors*, placas de trânsito e de segurança, placas de lojas, grafites e todos os tipos de outras inscrições no espaço público, tanto produzidas profissionalmente quanto de base”³.

Segundo Stibbe (2015), tanto o estudo de como determinados itens lexicais se relacionam com objetos do ambiente local, como o estudo de textos de placas de sinalização, ou seja, a paisagem linguística, são objetos de interesse da ecolinguística. No caso da toponímia urbana, essas questões se entrecruzam, já que esses fragmentos de linguagem presentes no espaço urbano costumam ser introduzidos na toponímia de caráter mais espontâneo. Assim, o estudo da paisagem linguística é, em muitos contextos, a única forma de compreensão acerca da seleção ou criação lexical no processo de nomeação dos espaços urbanos, especialmente em Libras.

A paisagem linguística, ao introduzir manifestações da linguagem, verbal ou não verbal, no ambiente urbano, demarcando-o de alguma forma, também interfere substancialmente para a construção de processos de nomeação mais dinâmicos. Isso pode acontecer por meio da paisagem formada pela linguagem verbal, com a introdução de itens lexicais em um determinado ponto da paisagem, como antropônimos, nomes de estratos linguísticos diferentes e neologismos, que podem, em seguida, serem deslocados para a nomeação de espaços adjacentes. Já a paisagem linguística de natureza não verbal, promove uma transformação no inventário de referências visuais-espaciais, assumindo função distintiva/locativa que organiza o espaço urbano, assim como ocorre com acidentes naturais no ambiente rural.

Nesse sentido, o estudo da paisagem linguística se integra ao estudo das interações onomásticas que envolvem a paisagem de um

3 Texto original: the presence of publicly visible bits of written language: billboards, road and safety signs, shop signs, graffiti and all sorts of other inscriptions in the public space, both professionally produced and grassroots.

modo geral, como a paisagem rural, mais investigada no âmbito dos estudos toponímicos, e a paisagem urbana, que é composta não apenas pela paisagem linguística, mas também pela paisagem arquitetônica, elemento de destaque no campo na nomeação em Libras. Ao explorar a paisagem linguística em Libras, nota-se que os sinais não apenas nomeiam e localizam, mas também refletem a identidade e a cultura da comunidade surda, demonstrando como ela interage constantemente com os elementos visuais do ambiente urbano.

Nesse contexto, a iconicidade, elemento central nas línguas de sinais, desempenha um papel essencial na forma como essa identidade visual influencia a nomeação dos locais. A capacidade da Libras de representar conceitos por meio de formas visuais que remetem diretamente ao objeto ou à ideia é moldada pela paisagem linguística, que é ao mesmo tempo funcional e representativa. A característica visual-espacial da Libras torna a iconicidade um fenômeno altamente produtivo que se manifesta em todos os níveis linguísticos das línguas de sinais. Nesta perspectiva, nota-se uma sofisticada interação entre elementos icônicos na sua estrutura linguística. Sobre a iconicidade das línguas de sinais, Quadros (2019) explica que:

A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. Mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim, percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada (Quadros, 2019, p. 121).

A questão da iconicidade na Libras aponta para a necessidade de um aprofundamento contínuo nos estudos linguísticos, especialmente em relação às línguas sinalizadas. Klima e Bellugi (1979) destacam como diferenças culturais influenciam a interpretação dos sinais, tornando alguns sinais icônicos para certas comunidades, enquanto

para outras, esses mesmos sinais podem não ter o mesmo impacto visual.

Taub (2012) argumenta que a modalidade visual-espacial da língua favorece a presença de sinais icônicos, que não apenas representam objetos ou ações concretas, mas também permitem a combinação com metáforas e metonímias para representar conceitos mais abstratos. Essa capacidade de evocar eventos e ideias de forma motivada é um elemento que enriquece a língua, permitindo que os usuários expressem uma vasta gama de significados através de formas visuais que, muitas vezes, mantêm uma relação direta com o referente.

Embora a iconicidade na Libras e em outras línguas de sinais sugira uma transparência entre o sinal e o referente, a questão é mais complexa. Taub (2012) observa que, ao contrário dos gestos espontâneos, os sinais icônicos estão sujeitos a convenções fonológicas específicas, o que os distingue dos gestos comuns. Além disso, a percepção da iconicidade pode variar entre os usuários, especialmente para aqueles que não são familiarizados com a língua de sinais. Para esses, a relação entre o sinal e o referente pode não ser imediatamente evidente, o que indica que a iconicidade não é universalmente transparente, mas sim uma construção cultural e conceitual complexa.

Dessa forma, a iconicidade não é apenas um elemento estilístico na Libras, mas um componente essencial que garante sua eficácia e complexidade expressiva. Isso significa que os sinais não apenas imitam formas ou movimentos, mas também são moldados por convenções culturais que refletem a forma como diferentes comunidades surdas percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

A toponímia em libras do centro comercial de Feira de Santana

Feira de Santana, localizada no interior da Bahia, a cerca de 108 quilômetros de Salvador, possui uma história rica e influente no de-

envolvimento do estado. Antes da chegada dos portugueses em 1500, a região era habitada pelos indígenas Paiaiás. A colonização europeia, no entanto, só começou no século XVII, enfrentando significativa resistência dos indígenas, o que retardou a ocupação efetiva da área. Na década de 1640, João Peixoto Viegas chegou à Bahia com a missão de coletar dízimos para a Coroa portuguesa, instalando-se na região. Após a sua morte, em 1732, suas terras foram divididas entre seus descendentes, formando diversas fazendas, entre elas a Fazenda Sant'Anna dos Olhos d'Água, estabelecida em 1820 por Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, que desempenhou um papel fundamental no repovoamento da região. Este casal construiu uma capela em devoção a Senhora Santana, que se tornaria um marco na origem da cidade.

A localização da Fazenda Sant'Anna dos Olhos d'Água rapidamente atraiu a atenção dos tropeiros e viajantes, graças à abundância de água e pasto para os animais. Esse fluxo constante de pessoas favoreceu o surgimento de uma feira, onde os viajantes, além de fazerem suas preces na capela, aproveitavam para pernoitar e trocar mercadorias. Segundo Poppino (1986, p. 20), “a feira tornou-se uma parte da vida econômica e social de toda a circunvizinhança e suficientemente importante para ser considerada um arraial florescente junto à capela de Santana dos Olhos d'Água”. Gradualmente, essa feira se expandiu, tornando-se o núcleo do centro comercial da região.

A posição estratégica da cidade, como um entroncamento rodoviário crucial para a conexão intermunicipal e, até mesmo, interestadual, foi um dos principais fatores que impulsionaram seu desenvolvimento, transformando-a em um ponto de ligação essencial entre diferentes regiões da Bahia e do Nordeste. Em 1833, o pequeno povoado foi oficialmente elevado à categoria de Vila do Arraial de Feira de Sant'Anna, e em 1873, foi emancipada, recebendo o nome de Cidade Comercial de Feira de Santana, consolidando sua importância regio-

nal. Em 1938, o nome foi simplificado para Feira de Santana, refletindo tanto sua vocação comercial quanto sua homenagem a Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade.

A feira livre de Feira de Santana, inicialmente criada para atender às necessidades dos viajantes que passavam pela cidade, começou de forma modesta, mas seu crescimento ao longo do século XX foi notável. Este mercado em expansão deu origem a um centro comercial pujante que desempenhou um papel indispensável para a transformação da cidade em uma das maiores e mais influentes do estado. O centro comercial não só consolidou a economia local, reunindo mercados de diversas regiões, como também atraiu negócios e investimentos, tornando Feira de Santana um importante polo econômico no Nordeste.

A comunidade surda em Feira de Santana teve um desenvolvimento marcado por desafios e conquistas ao longo das décadas. Com o crescimento da cidade, grupos minoritários, incluindo os surdos, começaram a obter maior visibilidade social, mas ainda enfrentam dificuldades no acesso a políticas públicas que garantam sua inclusão plena. O processo de inclusão dos surdos em Feira de Santana começou com a criação da Escola Alberto Alencar em 1977, o primeiro espaço educacional a acolher alunos surdos. Nessa época, a comunicação entre os surdos era predominantemente por meio de gestos e mímicas caseiras, e o ensino priorizava a oralidade, refletindo a crença de que o desenvolvimento da fala era essencial para o progresso cognitivo.

Conforme destaca Ferreira (2019), um marco significativo para a comunidade foi o primeiro contato com a Libras em 1981, quando uma surda fluente de Barreiras, Bahia, visitou a cidade. Sua forma de comunicação despertou curiosidade e interesse, resultando na disseminação gradual da língua entre os surdos locais.

A fundação da Associação Filantrópica de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (AFADA) em 1990, impulsionada principalmente por familiares de surdos, marcou outro passo importante. Inicialmente, a instituição priorizava o oralismo, mas a partir de 1992, passou a permitir o uso da sinalização, contribuindo para o desenvolvimento da língua de sinais entre os surdos, seus familiares e educadores. Esse movimento fortaleceu a Comunidade Surda Feirense.

A luta pela inclusão levou a grandes conquistas, como a implementação de leis municipais que oficializaram o uso da Libras e reconheceram a profissão de intérprete de língua de sinais. Essas leis foram fundamentais para garantir a presença de intérpretes em espaços públicos e fortalecer a inclusão social e educacional dos surdos.

Com o avanço dessas conquistas, novos espaços acessíveis foram criados na cidade, como o Centro de Apoio Pedagógico (CAP) e outras instituições de ensino, que passaram a desempenhar um papel crucial na educação e cultura dos surdos. Em 2008, foi fundada a Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS), resultado da mobilização de um grupo de surdos politizados, que passou a pleitear apoio político para aquisição de uma sede própria.

Apesar dos avanços, a comunidade surda ainda enfrenta desafios, especialmente na aprendizagem do Português como segunda língua (L2). A falta de uma aquisição adequada da Libras como primeira língua (L1), combinada com metodologias de ensino inadequadas e a carência de profissionais qualificados, dificulta a assimilação do Português, o que impacta a vida cotidiana dos surdos, especialmente na identificação de locais na cidade.

Feira de Santana tem avançado na ampliação de legislações que buscam garantir os direitos da comunidade surda, mas ainda há muito a ser feito para que as políticas públicas existentes sejam efetivamente implementadas e novas sejam criadas para atender

às necessidades da comunidade. Mesmo com o reconhecimento legal da Libras, a realidade mostra que os surdos continuam enfrentando barreiras significativas para exercer plenamente seus direitos e deveres como cidadãos.

Nesse contexto, o estudo da toponímia em Libras da cidade de Feira de Santana contribui não apenas para o registro destes elementos linguísticos, mas também para a preservação da memória e compreensão da identidade cultural da comunidade surda local. Além disso, a pesquisa contribui para a validação dos sinais-nomes existentes e apropriação, por parte dos surdos, de ambientes de relevância social que ainda não se encontram nomeados, por meio da sinalização destes espaços. A partir disso, a pesquisa da toponímia em Libras, funciona não apenas como uma atividade de caráter acadêmico, mas de impacto social, contribuindo para a visibilidade da Libras em Feira de Santana e o fortalecimento da comunidade surda local.

O estudo toponímico bilíngue, em línguas orais e Libras, realizado por Ferreira (2019), teve como *corpus* as ruas e avenidas que compõem o centro comercial de Feira de Santana. O levantamento identificou 68 topônimos em informações contidas no Código de Endereçamento Postal (CEP) e confirmou essas informações por meio de três mapas físicos e da ferramenta Google Maps. Durante o trabalho de campo, a pesquisadora percorreu todas as vias do centro comercial, registrando-as por meio de fotografias. A confirmação desses dados foi realizada através da comparação com as informações disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Feira de Santana. Assim, os 68 pontos de investigação, compostos por 5 avenidas e 63 ruas, foram devidamente catalogados e analisados. A pesquisa de campo garantiu a precisão e a atualização das informações sobre a topografia da cidade.

No que diz respeito à coleta de dados em Libras, o processo foi conduzido em três etapas distintas para garantir a precisão dos sinais uti-

lizados pela comunidade surda de Feira de Santana. Na primeira etapa, foram identificados os sinais das ruas mais frequentadas pelos surdos, que, por meio do senso comum, já haviam sido convencionados pela comunidade surda e são amplamente reconhecidos pelos seus membros. Esses sinais iniciais foram coletados a partir de interações informais e observações em espaços onde a comunidade surda é mais ativa.

Na segunda etapa, ocorreram os encontros intitulados ‘Café com Libras’, promovidos pelo grupo de pesquisa *Estudo Bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* da UEFS. Durante esses eventos, realizados no espaço do CAP, foram explicados os objetivos do projeto e promovidas palestras sobre a temática. Os encontros contaram com a participação de surdos de diferentes faixas etárias, gêneros e níveis de escolaridade, especialmente aqueles associados à ASFS (Associação de Surdos de Feira de Santana). Durante as sessões, foram apresentados *slides* com imagens das ruas, e os participantes foram convidados a indicar os sinais correspondentes.

Na terceira e última fase, foram realizadas visitas ao centro da cidade por um grupo de surdos politizados e líderes da comunidade. Durante essas visitas, o grupo identificou sinais para as localidades e verificou quais ruas ainda não possuíam sinais estabelecidos. Essa etapa foi crucial para validar para áreas anteriormente não identificadas, assegurando a representatividade identitária e a precisão dos sinais.

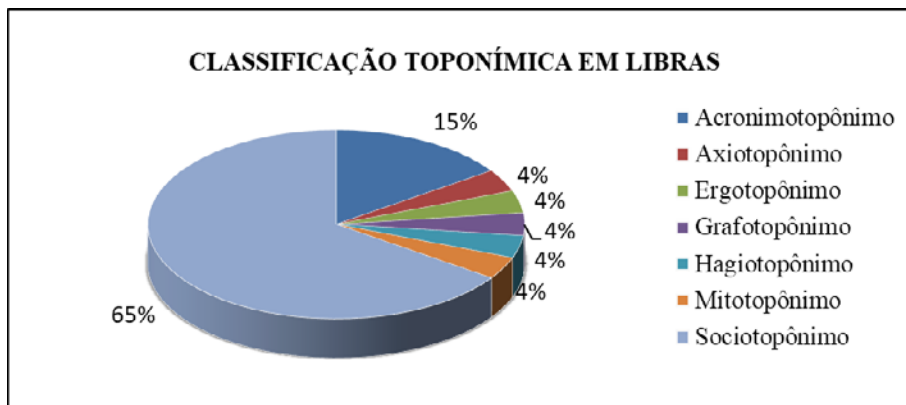
Para a análise, os dados coletados foram organizados em fichas lexicográfico-toponímicas. Essas fichas permitiram a sistematização detalhada dos nomes dos espaços, abordando aspectos como origem, formação linguística, intencionalidade, motivação, e os fatores históricos, culturais e sociais que influenciaram a nomeação. A análise incluiu a comparação entre os nomes em línguas orais, predominantemente o português, e em Libras, com a inclusão de imagens dos sinais

correspondentes, proporcionando uma visão abrangente sobre a toponímia da cidade em uma vertente bilíngue.

A sociotoponímia em libras de Feira de Santana

No estudo bilíngue da toponímia do centro comercial (Ferreira, 2019), foi analisado um *corpus* constituído por 68 entidades geográficas, para os quais havia um correspondente em Libras para apenas 26. Com relação à classificação taxonômica dos designativos, observou-se a predominância de sociotopônimos (17 ocorrências ou 65% dos sinais), nomes relativos a lugares de sociabilidade e atividades laborais, seguidos de alguns acronimotopônimos (4 ocorrências ou 15% dos sinais), derivados de processo de siglagem, e outras taxonomias menos expressivas com apenas uma ocorrência ou 4% cada, contabilizando juntos um total de 20% dos sinais. A distribuição pode ser visualizada na figura 1:

Figura 1 – Percentual das classificações toponímicas em Libras



Fonte: Elaborado por Ferreira (2019).

O alto índice de sociotopônimos em Libras revela como o aspecto funcional do ambiente urbano se destaca na relação do surdo com o espaço. A incidência lexical dos referentes revela como o surdo observa e organiza linguisticamente o espaço, ao nomear as entidades geográficas associando-as a práticas sociais, e. g. «rua de vender celular», lugares de sociabilidade de forma individual, e.g. «rua do fórum», «rua da loja do gordo», ou coletiva, como ocorre com a rua identificada pela comunidade surda como «rua dos bancos», devido à presença de várias instituições bancárias no local. Nota-se, portanto, que é a relevância do estabelecimento para a comunidade surda e, por conseguinte, a frequência do uso do sinal em atos comunicativos, o fator predominante para a cristalização do nome da localidade em um processo espontâneo de nomeação (Ferreira, 2019).

Além dos sociotopônimos, cujo processo de nomeação é prototípico, em que ocorre a atribuição de um item lexical da categoria a que pertence o referente motivador, como ocorre com «rua dos bancos», por exemplo, há casos particulares em que a associação é feita a uma característica iconográfica do local de sociabilidade. Esse tipo de nomeação é motivado na paisagem linguística, tomando como aspecto identificador algum traço marcante relacionado à identidade visual do estabelecimento e deslocando⁴ o seu nome próprio para a entidade geográfica adjacente. Assim, é possível observar na nomeação em Libras sociotopônimos que se formam a partir do elemento genérico e outros que se formam a partir do específico, mas ambos relacionados aos locais de sociabilidade e de trabalho, algo que também ocorre na toponímia oral espontânea, no entanto, com ênfase não no aspecto iconográfico, mas no nome da marca.

O primeiro caso é o da rua Barão de Cotegipe (1815-1889), nome em referência ao título atribuído a João Maurício Wanderley, famoso defensor das causas latifundiárias e escravagistas, conhecido por se

4 Acredita-se que os estabelecimentos receberam o nome primeiro e, em seguida, a rua, configurando-se um deslocamento horizontal, quando a entidade geográfica recebe o nome próprio de outra adjacente (Santiago, 2021).

pronunciar contra a Lei Áurea e por assumir cargos de destaque durante o Império. Trata-se, portanto, de um topônimo complexo podendo ser considerado um axiotopônimo em Língua Portuguesa, por se tratar de um epíteto formado por sua titulação, mas também poderia ser considerado um historiotopônimo, devido a sua relevância historiográfica.

Em Libras, entretanto, o nome da rua foi criado de forma independente, sem levar em conta a nomeação em língua oral. A escolha do topônimo da rua foi influenciada pelo sinal-nome da rede de *fast-food* Giraffas (cf. figura 4), atribuído pela comunidade surda de Feira de Santana, lugar de sociabilidade que servia como ponto de referência para a identificação da localidade nomeada. A logomarca da Giraffas (cf. figura 3), com duas girafas sorridentes lambendo os lábios, destacava-se na fachada do estabelecimento, associando o local a uma experiência de refeição prazerosa. Apesar de a presença do sinal com significado de «girafas» sugerir um zootopônimo, o nome em Libras é mais corretamente classificado como um sociotopônimo, pois sua motivação está vinculada à função social do espaço e ao impacto visual da marca na paisagem urbana.

Figura 2 – Foto da fachada antiga do estabelecimento



Fonte: Skyscraper City (2012).

Figura 3 – Logomarca do Giraffas

Fonte: Bella Cità (2017).

O sinal-nome atribuído (cf. figura 4) para o estabelecimento partiu da análise visual da logomarca, com a configuração de mão representando o formato da cabeça da girafa e o movimento semicircular repetido para indicar a presença de duas girafas. O sinal atribuído ao estabelecimento não corresponde ao sinal comum dicionarizado⁵ para designar «girafas» em Libras, tampouco corresponde a um sinal-nome padrão do estabelecimento, que apresenta sinais diferentes em outras localidades, criados a partir de processos diferentes, e.g. «girafas comer» (cf. figura 5), com configuração de mão representando o formato da cabeça da girafa, movimento retilíneo para a frente e para trás e o classificador comer para sanduíche.

5 BRANDÃO, Flávia. *Dicionário de LIBRAS Ilustrado*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

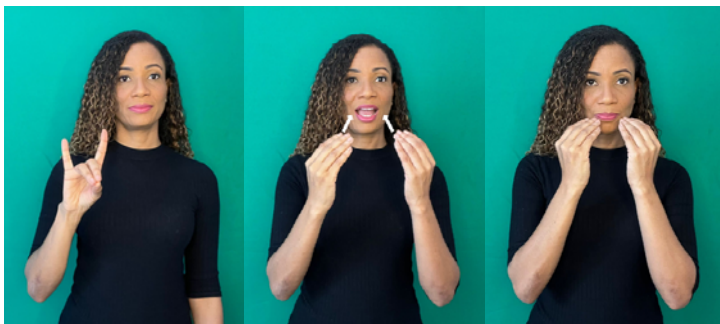
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volume I: Sinais de A a L. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Figura 4 – Sinal-nome de «rua do girafas»

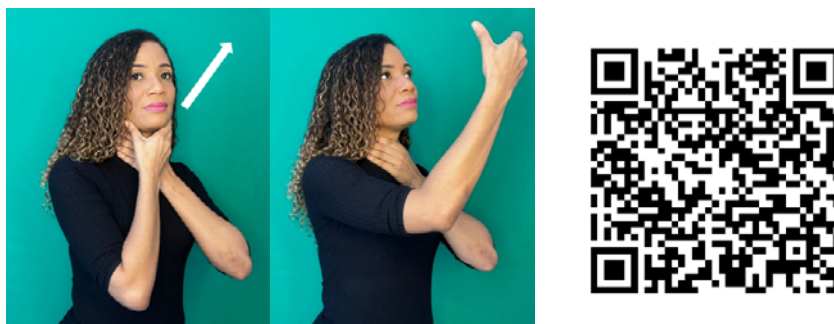


Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

Figura 5 – Variante regional do sinal-nome da rede Giraffas



Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

Figura 6 – Sinal de girafa no dicionário de referência

(Brandão, 2002; Capovilla, 2008)

Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores

O segundo caso refere-se à Rua Castro Alves, nomeada em língua oral com o intuito de homenagear o poeta brasileiro Castro Alves (1847-1871), conhecido como o Poeta dos Escravos, que utilizou sua poesia para denunciar as injustiças sociais da sua época. Castro Alves é também o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras, reforçando a importância de seu legado literário e cultural. Do ponto de vista linguístico, o nome pode ser pensado como um antropotopônimo, entretanto, observando o aspecto sócio-histórico considera-se como um historiopotônimo.

Para a comunidade surda, a rua é representada pelo sinal de «gênio», uma referência ao restaurante Habib's, que já esteve situado na esquina da Rua Castro Alves com a Avenida Getúlio Vargas, que foi demolido, dando lugar a uma farmácia. O sinal foi atribuído por causa da figura icônica da logomarca do Habib's (cf. figura 8), formada por um gênio segurando um recipiente de bebida e um quibe, que se encontra no letreiro posicionado em frente ao estabelecimento. Embora pudesse ser considerado um mitopotônimo, dada a referência ao gênio, o nome é mais adequadamente classificado como um sociopotônimo, já que reflete a importância do local como espaço de sociabilidade, marcado através da paisagem linguística.

Figura 7 – Fotos da fachada do estabelecimento



Fonte: Foursquare City Guide (2012).

Figura 8 – Placa com a logomarca do estabelecimento

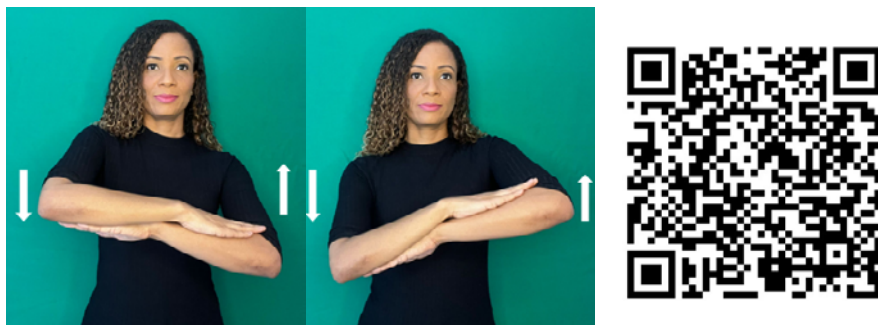


Fonte: Seeklogo (s.d.).

O sinal-nome atribuído (cf. figura 9) para o estabelecimento partiu da análise visual da logomarca, entretanto, não há um processo de construção de um novo significante, como ocorreu com o sinal-nome do Giraffas. Nesse sentido, o sinal atribuído ao estabelecimento corresponde a um sinal comum já utilizado na comunidade surda local para designar «gênio» em Libras, apesar deste sinal não ter sido registrado em dicionários de referência utilizados amplamente no país. A rede Habib's também apresenta variações regionais que partem

de processos diferentes de nomeação, com motivações em outras características do referente gênio, como, por exemplo, a lâmpada e o bi-gode (cf. figuras 10 e 11).

Figura 9 – Sinal-nome de «rua do gênio»



Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

Figura 10 – Variação 1 do sinal-nome de «gênio» para o estabelecimento Habib's



Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

**Figura 11 – Variação 2 do sinal-nome de «gênio»
para o estabelecimento Habib's**



Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

**Figura 12 – Sinal de gênio no dicionário de referência
(Brandão, 2002; Capovilla, 2008)**



Fonte: Elaboradas pelos pesquisadores.

Apesar de ambos os estabelecimentos não existirem mais nesses locais, a comunidade surda continua utilizando os sinais originalmente associados a eles. Esse fenômeno evidencia a força e a influência

da paisagem linguística na Libras, em que a memória coletiva e a iconicidade visual mantêm-se vivas, mesmo após a transformação física do ambiente. Os sinais que surgiram a partir desses pontos de referência visual e socialmente significativos permanecem ativos na comunidade, demonstrando como a Libras cristaliza a experiência da comunidade surda com o ambiente urbano, fazendo com que os sinais perdurem independentemente das mudanças no espaço físico.

Considerações finais

O estudo realizado evidenciou a importância da análise da paisagem linguística para compreender o processo de nomeação em Libras. Os casos analisados mostram como a paisagem linguística, composta pelas logomarcas presentes nas fachadas de estabelecimentos comerciais, impacta não apenas a seleção dos sinais, como ocorre com o sinal de «gênio», mas também o processo de criação de significantes inovadores na Libras. Nesses contextos, a simples análise do significado dos topônimos e a atribuição de uma taxonomia não seriam suficientes para explicar satisfatoriamente os processos complexos que resultam na atribuição de nomes aos espaços.

Os casos estudados demonstraram que o estudo toponímico deve considerar as diferentes camadas de nomeação para entender o fenômeno em sua totalidade. A observação de como a comunidade surda organiza o espaço, utilizando o Habib's e o Giraffas como pontos estratégicos de localização e encontro, também revela a importância dessas referências na nomeação das ruas adjacentes. Ademais, a descrição onomímica dos nomes dos estabelecimentos comerciais possibilitou a compreensão da segunda camada nominativa que constitui os nomes das ruas em questão.

A questão da iconicidade se revelou fundamental ao longo deste estudo, visto que a Libras, como língua visual-espacial, depende fortemente de elementos icônicos para representar conceitos e ideias.

A iconicidade na Libras não é apenas um fenômeno superficial, mas um componente essencial que garante a eficácia e a complexidade expressiva da língua. Os sinais em Libras frequentemente evocam visualmente o referente de maneira motivada, o que é influenciado pela paisagem linguística ao redor.

Essa capacidade de representar objetos, ações e até conceitos abstratos por meio de formas visuais ressoa profundamente com a maneira como a comunidade surda percebe e interage com o ambiente urbano. No entanto, mesmo com a transformação física do espaço, como a substituição dos estabelecimentos comerciais Giraffas e Habib's, a memória coletiva da comunidade surda preserva os sinais associados a esses locais, evidenciando como a iconicidade em Libras cristaliza experiências sociais e visuais, permitindo que os sinais perdurem, mesmo após mudanças no ambiente físico.

Ao adotar a perspectiva de ambiente apresentada por Sapir (1912), bem como a distinção entre ambiente físico e antropocultural, retomando a tradicional divisão entre natureza e cultura, Dick (1980, 1990, 1992) introduziu à base teórico-metodológica da toponomástica brasileira uma tradição que, por muitas vezes, ignora as relações de continuidade entre esses dois ambientes. Além disso, a noção de ambiente físico na ecolinguística transcende a mera incidência de elementos naturais na toponímia, considerando também as interações físicas com o referente, como ocorre com a nomeação motivada pela paisagem linguística. Nesse ponto, reitera-se as afirmações de Seabra (2006) acerca da necessidade de uma teoria da referência para os estudos toponímicos, teoria essa que depende diretamente de uma pesquisa empírica sobre as interações linguísticas e não linguísticas entre homem, ambiente e o espaço nomeado.

Por conta disso, pode-se considerar que há também uma motivação física relacionada ao local de sociabilidade, baseada na percepção visual dos surdos, mesmo que o item lexical atribuído não se enquadre

em uma categoria denominativa de natureza antropocultural no modelo dickiano. Isso reafirma as limitações de se analisar a toponímia considerando apenas a motivação semântica, assim como a ordem preestabelecida pela classificação taxonômica brasileira, que deixa à margem outras particularidades do evento denominativo. É necessário que o estudo dos nomes próprios de lugar adote uma postura mais empírica e adéque a teoria às características do objeto para que a toponomástica possa avançar em direção a novas abordagens e questões. Nesse contexto, o estudo da toponímia na Libras pode contribuir não apenas para uma visão mais abrangente do fenômeno da nomeação, mas também para destacar as limitações metodológicas da abordagem tradicional.

A análise realizada demonstrou a necessidade de que a abordagem estatística seja acompanhada por estudos baseados em evidências, já que o estudo da nomeação de um lugar envolve não apenas a verificação da incidência de arquétipos e variáveis toponímicas em um território, mas também o exercício de formular uma “[...] hipótese explicativa a ser corroborada pelos dados linguísticos e, sempre que possível, sócio-históricos” (Santiago, 2021), que é aprimorado por meio da descrição detalhada dos fenômenos particulares. Apenas assim será possível compreender as nuances da nomeação e construir modelos que reflitam a plenitude da realidade, evitando restrições na compreensão do fenômeno estudado.

Referências

- BELLA CITÀ. **Giraffas no Bella Città Shopping**. Passo Fundo, 2017. Disponível em: <https://bellacitta.com.br/novidades/ver/636/Giraffas+no+Bella+Citt%C3%A0+Shopping>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- BLOMMAERT, Jan. **Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: chronicles of complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2013.
- BRANDÃO, Flávia. **Dicionário de LIBRAS Ilustrado**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – LIBRAS e dá outras providências. Brasília: MEC. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 31 maio 2017.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** Volume I: Sinais de A a L. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística:** estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística:** contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Revista Investigações Lingüísticas e Teoria Literária.** Pernambuco: UFP, 1999. v. 19, p. 119-148.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil.** Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1990. Edições Arquivo do Estado.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica:** princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. Orientador: Carlos Drumond. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

FERREIRA, Daniela Betânia dos S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA:** línguas orais e Libras. 186f. Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13pYuRke0RXl7R-UNRigierQllylkDqE/view>. Acesso em: 28 out. 2022.

FOURSQUARE CITY GUIDE. **Habib's.** Feira de Santana, 2012. Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/habibs/4c4c796942b4d13afe102780>. Acesso em: 25 ago. 2024.

- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2001 [1989].
- HAUGEN, Einar. The ecology of language. *In*: HAUGEN, Einar. **The ecology of language**: Essays by Einar Haugen. Selected and introduced by Anwar S. Dil. Stanford: Stanford University Press, 1972. p. 325-339.
- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- POPPINO, Rollie Edward. **Feira de Santana**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTIAGO, Iago Gusmão. **A nomeação na Bahia setecentista**: estudo da toponímia de base portuguesa no Mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807). 2021. 237f. Orientadora: Liliame Lemos Santana Barreiros. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1383>. Acesso em: 25 ago. 2024
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *In*: SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969 [1912].
- SEEKLOGO. **Habibs Logo PNG Vector**. [S. l.; s. d.]. Disponível em: <https://seeklogo.com/vector-logo/182646/habibs>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- SKYSCRAPER CITY. **Feira de Santana – BA | Grandes Avenidas da Cidade – 168 fotos a nível de rua!** Feira de Santana, 2012. Disponível em: <https://www.skyscrapercity.com/threads/feira-de-santana-ba-grandes-avenidas-da-cidade-168-fotos-a-n%C3%ADvel-de-rua.1494292>. Acesso em: 25 ago. 2024.
- STIBBE, Arran. **Ecolinguistics**. Language, ecology and the stories we live by. New York: Routledge, 2015.
- TAUB, Sarah. Iconicity and metaphor. *In*: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (org.). **Sign language**: an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 388-412.

Análise fonológica e referencial dos sinais toponímicos dos bairros de São Luís, Maranhão

Zanado Pavão Sousa Mesquita
Antonio Hercles Coêlho Almeida
Maria Célia Dias de Castro

Introdução

O processo de comunicação em qualquer língua envolve a utilização do léxico dessa língua em discursos dos mais variados gêneros. A Libras (Língua Brasileira de Sinais) possui especificidades referentes à constituição de seu léxico, pois este se dá por meio de sua base paramétrica (Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação e Direcionalidade e Expressões Faciais e Não Manuais).

O léxico na língua de sinais é atravessado pelos princípios da arbitrariedade e da iconicidade. Esta última é preponderante na criação de sinais para os diversos tipos de categorias semânticas, pois parte do princípio de que a visualidade é uma marca significativa na comunidade surda devido à Libras ser uma língua visual e espacial.

Dessa forma, a toponímia – área da lexicologia e onomástica que se preocupa com o estudo dos nomes dos lugares – pode contribuir significativamente para a compreensão dos fatores culturais de um

povo e das implicações que os nomes e sinais, no caso da comunidade surda, podem portar em sua estrutura composicional e referencial.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo geral analisar, pelo viés fonológico e referencial, os sinais toponímicos dos bairros de São Luís (MA). Como objetivos específicos procurou-se (i) catalogar os bairros de São Luís que possuem sinal pela comunidade surda; (ii) verificar os aspectos fonológicos e referenciais dos bairros que possuem sinal batizado pelos surdos; (iii) identificar as nuances dos aspectos fonológicos e referenciais para os surdos ludovicenses. A abordagem é qualitativa com cunho descritivo e exploratório. Para tanto, utilizou-se dos sinais toponímicos presentes na (i) videoaula em Libras do CAS/MA e dos (ii) sinais divulgados no projeto “Maranhão em Sinais” da UFMA.

Os resultados apontaram que a maior parte dos sinais criados e que estão em circulação na comunidade surda de São Luís vêm de empréstimo da língua de contato, a língua portuguesa, e que a iconicidade é um dos fatores que auxiliam na criação dos sinais devido às características visuais da Libras e dos surdos. A respeito da referência (aspecto semântico motivacional) dos sinais, os resultados demonstraram que a maioria dos sinais faz parte da taxonomia dos acronimotopônimos, e que a iconicidade também contribui para a motivação da criação dos sinais. Os autores utilizados foram Albuquerque (2021), Biderman (1994), Castro e Pioversan (2021), Curvelo-Matos (2014), Dick (1990), Guerra e Andrade (2012), Sousa e Quadros (2019), Sousa (2022), Sousa *et al.* (2022), Souza Júnior (2012), Strobel (2018), entre outros.

O trabalho está dividido em cinco seções, além desta introdução, sendo: o desenvolvimento, onde explanou-se, de forma pontual, alguns dos fundamentos da toponímia com foco nesse estudo na língua de sinais, com destaque para a subseção onde se fala da formação de São Luís; a metodologia, o caminho metodológico desenvolvido no trabalho; a análise dos dados, subdividida nas análises fonológi-

cas e referenciais; a conclusão do trabalho, seguida das referências utilizadas.

Desenvolvimento

A nomeação de um lugar para uma determinada comunidade pode vir atravessada por vieses políticos, religiosos, históricos, culturais entre outros. Em Libras, além desses possíveis aspectos, tem-se a necessidade de respeitar os aspectos fonológicos que se compõem, sobretudo, de características visuais a partir de sua modalidade de expressão e percepção na comunicação.

Segundo Guerra e Andrade (2012, p. 230) “a lexicologia fundamenta-se no estudo científico do conjunto de palavras de uma determinada língua sob diversos aspectos”. Dessa forma, é uma área que abarca o estudo dos vocábulos de uma língua. Para as autoras o léxico pode ser entendido enquanto um sistema aberto e em constante expansão linguística. Elas apontam sobre o léxico global presente em uma língua, sendo este um conjunto de palavras vigentes e circulantes num determinado momento sócio-histórico que fazem parte dos discursos e narrativas dos indivíduos de um grupo (Guerra; Andrade, 2012).

No âmbito da lexicologia há o estudo da onomástica, que se encarrega de estudar os nomes de pessoas (antroponímia) e de lugares (toponímia), entre outras especificações. Na concepção de Biderman (1998), o ato de nomear e expandir o léxico de uma língua nos interiores dos grupos sociais faz parte de uma das principais atividades humanas, se não, a mais importante. Para a autora, a nomeação do mundo a sua volta é um ato de demarcação da cultura, da história e do modo de vida de um grupo. Assim, pensar em nomear os espaços e lugares em uma língua diz respeito a se posicionar politicamente e demarcar as características históricas e sociais sincrônicas que perpassarão para as gerações futuras.

Para Strobel (2018) a Libras – com todo seu repertório lexical – faz parte dos artefatos culturais dos surdos no Brasil. Por meio da língua de sinais os surdos conseguem se posicionar identitariamente e fortalecer a luta dos movimentos surdos quanto à inclusão social. Para Castro e Piovesan (2021), o léxico é uma faceta da linguística que permite aos indivíduos produzirem discursos com noção de cultura, história, identidade e memória a partir de seus signos linguísticos. Dessa forma o léxico faz parte das relações sociais e dos posicionamentos identitários a ele atribuídos. Nesse sentido, faz-se necessário entender a relevância dos topônimos, bem como seu significado prático.

Os topônimos se apresentam como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatores e ocorrências registrados nos mais diversos momentos de vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa relação temporal (Dick, 1990, p. 21-22).

Entende-se que o ato de nomear os lugares faz parte da tentativa de materializar a língua, pois a língua e a cultura fazem parte de uma mesma moeda. A partir disso, há o fortalecimento dos indivíduos, pois eles se identificarão com as características da língua e apropriar-se-ão das nuances a ela referidas. Os sinais toponímicos entram nessa discussão pois,

Assim como ocorre nas línguas orais, os topônimos (sinais toponímicos) nas línguas de sinais revelam as construções ideológicas, os fatores socioculturais, os movimentos históricos, as descrições simbólicas

dos ambientes que percebem os designativos. Eis o caráter interdisciplinar inerente ao estudo do nome próprio do lugar (Sousa, 2022, p. 16).

É importante reiterar a respeito da interdisciplinaridade presente no signo linguístico de um local (topônimo). A partir de um topônimo pode ser feita referência aos aspectos históricos, geográficos, culturais, políticos, religiosos e sociais de um local, pois com o topônimo pode-se estabelecer as devidas relações, as quais podem ser aplicadas ao ensino, por exemplo. Os sinais toponímicos, por sua vez, contribuem para identificar e discorrer sobre as características da comunidade surda que os utiliza.

Os estudos dos topônimos no Brasil ganharam consistência a partir da pesquisa de Dick (1990). Ela categorizou a toponímia a partir de duas grandes classes: a categoria morfológica – que pode ser dividida em topônimo *simples*, *composto* ou *híbrido*; e a categoria motivacional/referencial – que pode ser caracterizada a partir da motivação do topônimo em físico (astrotopônimo, cardiotopônimo, cromotopônimo etc.) ou antropocultural (antropotopônimo, corotopônimo, ecotopônimo etc.).

Na análise fonológica ou estrutural, os sinais toponímicos podem ser classificados em *simples*, *simples híbrido*, *composto* e *composto híbrido* (quadro 1). O sinal toponímico é *simples* quando sua estrutura é composta de influência apenas da língua de sinais, ou língua nativa; é *simples híbrido*, quando o sinal toponímico tem empréstimo da língua em contato, no Brasil, do português; é um sinal *composto* se houver mais de um sinal e todos pertencentes à língua de sinais; é *composto híbrido* se um dos sinais for da língua de sinais (nativa) e o outro de uma outra língua não nativa, podendo ser de línguas orais e ou de sinais (Sousa, 2022).

Quadro 1 – Exemplo de estrutura a partir de sinais toponímicos de São Luís (MA)

TERMO ESPECÍFICO	FORMAÇÃO	DESCRIÇÃO
Anjo da Guarda	<i>Simples</i>	Mãos abertas, palmas para frente com o dedo polegar tocando no ombro do emissor. O dedo indicador, médio, anelar e polegar devem estar unidos e é necessário fazer movimento para frente e para trás.
Monte Castelo	<i>Simples híbrido</i>	Letras “M”, palma para trás, com movimento retilíneo para cima e para baixo.
Outeiro da Cruz	<i>Composto</i>	Sinal composto de MONTE + CRUZ. MONTE = palma a palma fazendo movimento sinuoso para cima. CRUZ = Dedos indicadores se encruzilhando no formato de cruz com palma para trás, à frente do rosto.
Residencial Paraíso	<i>Composto híbrido</i>	Sinal composto da letra “R” e do sinal de “Natureza” (dedo indicador estendido tocando a mão aberta com palma para baixo). Tremular os dedos com movimento em círculo à frente do corpo.

Fonte: Os autores.

Os sinais toponímicos podem ser classificados quanto à semântica motivacional, como propõe Dick (1990), conforme os exemplos no quadro 2.

Quadro 2 – Exemplo de classificação das taxonomias toponímicas

TAXONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA		
<i>Outeiro da Cruz</i>	Geomorfotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 5min17secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/outeiro-da-cruz/
<i>Pau Deitado</i>	Fitotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 5min32secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pau-deitado/
<i>Vila Lobão</i>	Zootopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 9min11secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-lobao/
<i>Vila Cafeteira</i>	Fitotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 09min02secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-cafeteira/
TAXONOMIA DE NATUREZA SOCIOANTROPOCULTURAL		
<i>Alemanha</i>	Corotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 00min30secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/alemanha/

<i>Coheb-Filipinho</i>	Acronimotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 2min23secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coheb-filipinho/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coheb-filipinho-variante-1/
<i>Ivar Saldanha</i>	Antrotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 3min50secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ivar-saldanha/
<i>Santo Antônio</i>	Hagiotopônimo	<i>Acesso ao sinal:</i> (i) Videoaula CAS/MA: 7min11secs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santo-antonio/

Fonte: Os autores.

Alguns autores da língua de sinais, como Souza Júnior (2012) e Albuquerque (2021), identificaram categorias de classificação específicas da língua de sinais a partir da realidade das comunidades surdas em que eles estão inseridos. Souza Júnior (2012), no quesito referencial/motivacional para os sinais toponímicos, assinala que é recorrente a utilização da datilologia do nome do sinal (empréstimo da língua portuguesa). Esse empréstimo pode ser do nome completo (*grafotopônimo*) ou da inicial do nome, denominado pelo autor como *acronimotopônimo*.

Na pesquisa de Albuquerque (2021) foram analisados os sinais de escolas da cidade de Araguaína (TO). Segundo a autora, alguns dos sinais toponímicos de sua pesquisa têm relação com os aspectos visuais de logomarcas presentes nas fachadas e nos uniformes das escolas analisadas, formando uma espécie de *logotopônimo*. Assim, a questão da iconicidade do sinal toponímico entra em cena, pois, segundo Sousa (2022), o léxico nativo da língua de sinais se dá sobretudo por meio dos classificadores sendo este um elemento basilar para a constituição do sinal toponímico.

Um pouco da capital das palmeiras

São Luís, capital do estado do Maranhão, é uma cidade carregada de histórias e memórias de seus povos intrínsecos aos seus 412 anos de existência. Ela foi fundada no dia 8 de setembro de 1612 por meio da ocupação dos franceses no território ao instalarem o Forte de São Luís (no francês, *Fort Saint Louis*), homenagem ao rei menino Luís XIII.

À época, havia os povos originários nessa localidade, os indígenas tupinambás que a denominavam de Upaon-Açu (Ilha Grande), a qual situava-se entre as baías de São Marcos e São José de Ribamar. Porém, a partir dos processos de colonização europeia, houve influências francesa, portuguesa e africana no que diz respeito à ocupação dos espaços, nessa capital.

Segundo os dados da Prefeitura Municipal de São Luís, na época da divisão do país em estado do Maranhão e estado do Brasil, São Luís se tornara a capital do primeiro estado e perde esse título posteriormente para a capital Belém do Pará, em 1737, com a criação do estado do Grão-Pará e Maranhão. Ela foi a única capital do Brasil a ser fundada por franceses e, assim como Florianópolis e Vitória, é localizada em uma ilha.

Segundo o IBGE (s. d.), São Luís possui a estimativa de 1.037.775 habitantes e dispõe de uma área 583,063 km². Há uma miscigenação

de manifestações culturais na capital, por exemplo: *bumba meu boi*, *tambor de crioula*, *cacuriá*, *dança portuguesa*, *quadrilhas juninas*, *reggae* e outras (Prefeitura Municipal de São Luís, s. d.). A respeito dos aspectos da arquitetura da capital, destaca-se a predominância portuguesa.

Sua história urbana possui características da colonização portuguesa, tendo em seu núcleo fundacional reflexos urbanísticos planejados no século XVII, pelo Engenheiro-Mor Frias de Mesquita, traçado quadrilátero ortogonal – de influência espanhola – que se adequa à declividade da área. Este traçado auxiliou na expansão do núcleo central, que continua até hoje. Esta foi uma das características que conferiu à cidade o título de Patrimônio Mundial reconhecido pela UNESCO, em 1997 (Prefeitura Municipal de São Luís, s. d.).

Observa-se a grande influência portuguesa na capital, uma marca artística predominante, sobretudo no Centro Histórico da cidade. Os casarões, com suas fachadas azulejadas com diversas cores e formatos, contribuem para a manutenção da memória da cidade, sendo esta uma de suas principais características.

A cidade recebe vários títulos em função de sua diversidade cultural: Atenas Maranhense, Capital do Reggae, Ilha do Amor, Capital Brasileira da Cultura, Cidade Patrimônio Mundial da Humanidade (Prefeitura Municipal de São Luís, s. d.).

Segundo Curvelo-Matos (2014), os portugueses expulsaram os franceses da capital em 1615 e em 1644 os holandeses. Esse fato deu início aos processos de criação de uma colônia portuguesa permanente a partir de diversos mecanismos governamentais e religiosos de imposição como a vinda dos missionários para evangelizarem e “expulsarem os demônios dos cativos”, criação da Igreja Católica Apostólica Romana como forma de aculturação dos povos originários;

escravidão indígena; divisão da terra para beneficiar os colonos portugueses (religiosos, soldados, mestres de ofícios, mercadores, sociedade civil portuguesa), dentre outras formas de imposição.

A capital foi se consolidando principalmente pelas culturas de algodão e arroz, porém, com o beneficiamento de uma minoria populacional houve uma estagnação econômica da cidade até o século XVIII (Curvelo-Matos, 2014). No século XIX e início do século XX houve a construção de obras significativas que corroboraram para o crescimento econômico e a expansão lexical toponímica da cidade, tais como: construção do Cais da Sagração, inauguração da Praça Gonçalves Dias, criação de ferrovias e bondes etc. Referente ao crescimento exponencial da cidade por meio de bairros e conjuntos habitacionais, Curvelo-Matos (2014) destaca que,

Inicialmente, os topônimos faziam referência a um local específico, às suas particularidades (sítio, quinta, ermida, rio, ponta litorânea, forte, fortaleza). Com o passar dos anos, foram agregando às características locais, outros elementos que passaram a identificar, por exemplo, o grupo social que habitava a localidade, o nome de empresas ou estabelecimentos instalados na localidade, atividades decorrentes da malha viária da localidade, entre outros (vilas operárias, educandários, cemitérios, hospitais, igrejas, matadouros, estação de telecomunicação, conjuntos habitacionais). Logo, essas particularidades influenciaram mormente no surgimento tanto de bairros planejados quanto de ocupações espontâneas (Curvelo-matos, 2014, p. 75-76).

Como exemplo dessa influência econômica tem-se a criação de vilas operárias para acomodar profissionais das indústrias instalados na região metropolitana da cidade, os conjuntos habitacio-

nais construídos com verbas federais, estaduais e municipais, como as que fomentaram a construção dos bairros *Monte Castelo*, *Conjunto Filipinho* ou *Cidade Residencial do Filipinho*. Curvelo-Matos (2014) assinala que algumas das principais agências de fomento para a construção desses bairros foram: Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE, Instituto de Previdência do Estado do Maranhão – IPEM, Companhia de Habitação Popular – COHAB, Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores Comerciais além do Programa Popular Habitar Brasil – COHATRAC, dentre outros.

Além disso, houve importantes investimentos que contribuíram com a construção vertical da cidade, como a construção da Ponte Governador José Sarney, em 1969, que liga o Centro Histórico ao Bairro São Francisco. Para Curvelo-Matos (2014), esse importante investimento corroborou para que houvesse a construção maciça de prédios habitacionais e comerciais tornando a região do bairro *São Francisco* e adjacência em um setor privilegiado.

Metodologia

O trabalho se embasa nos pressupostos da pesquisa qualitativa. Para Chizzotti (2009), a pesquisa qualitativa abarca as pesquisas que dinamizam a relação entre o objeto pesquisado e o mundo real por atribuir sentidos particulares de um grupo a um problema social ou humano específico. Esta pesquisa também é de natureza descritiva e exploratória. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), na pesquisa exploratória será realizado uma maior familiaridade do objeto estudado com o objetivo de torná-lo mais explícito.

O trabalho se desenvolveu a partir da análise fonológica e referencial dos sinais toponímicos dos bairros de São Luís presentes na videoaula em Libras do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento as Pessoas com Surdez do Maranhão – CAS/MA, in-

titulada “Bairros de São Luís/MA”¹ e dos sinais divulgados no projeto “Maranhão em Sinais”² da UFMA. Para que esses sinais fossem analisados houve, primeiramente, a identificação da atualização/validação dos sinais utilizados atualmente pelos surdos da capital maranhense a partir das vivências locais de um dos autores (Surdo) deste trabalho. Além disso, os sinais toponímicos foram registrados na ficha lexicográfico-toponímica, modelo elaborado por Sousa e Quadros (2019), adaptado de Dick (2004). Nessa ficha, estão presentes os dados do registro dos sinais, entre eles: tipo de acidente toponímico, classificação, motivação, a descrição da sinalização (imagem do sinal), a estrutura fonológica do sinal seguindo a base paramétrica em Libras e a estrutura morfológica (se o sinal é simples, composto ou híbrido).

No quadro 3, na próxima seção, citam-se os nomes dos bairros de São Luís, na primeira coluna; na segunda, as informações de acesso aos sinais.

Análise dos dados

A partir da visualização dos sinais analisados, foi elaborado um quadro (quadro 3) a fim de melhor acomodação e compreensão dos sinais toponímicos identificados com sinais em Libras pela comunidade surda de São Luís (MA). Vale ressaltar que os sinais foram validados a partir da vivência de um dos autores (Surdos) na referida comunidade surda. A validação se deu por meio da confirmação de sinais em uso permanente, desuso ou modificados.

1 Aula disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aiaAscUEy1c&list=PLrze867IAT5Lc90whYf4K Ymor8XqA1Jqk&index=8>.

2 *Link* de acesso ao projeto “Maranhão em Sinais”: <https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais>.

Quadro 3 – Lista dos sinais toponímicos dos bairros de São Luís (MA)

Nome do bairro	Acesso ao sinal toponímico
01 Alemanha	(i) Videoaula CAS/MA: 00min30segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/alemanha/
02 Angelim	(i) Videoaula CAS/MA: 00min35segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/angelim/
03 Anil	(i) Videoaula CAS/MA: 00min40segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/anil/
04 Anjo da Guarda	(i) Videoaula CAS/MA: 00min47segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/anjo-da-guarda/
05 Alto da Esperança	(i) Videoaula CAS/MA: 00min51segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
06 Apeadouro	(i) Videoaula CAS/MA: 00min54segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/apoadouro/
07 Araçacy	(i) Videoaula CAS/MA: 1min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/aracagy/
08 Areinha	(i) Videoaula CAS/MA: 00min57segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/areinha/

09 Bairro de Fátima	(i) Videoaula CAS/MA: 2min49segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/bairro-de-fatima/
10 Bequimão	(i) Videoaula CAS/MA: 1min10segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/bequimao/
11 Bom Milagre	(i) Videoaula CAS/MA: (-) (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/bom-milagre/
12 Boa Vista	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/boa-vista/
13 Calhau	(i) Videoaula CAS/MA: 1min18segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/calhau/
14 Camboa	(i) Videoaula CAS/MA: 1min22segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/camboa/
15 Centro	(i) Videoaula CAS/MA: 1min26segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/centro/
16 Cidade Olímpica	(i) Videoaula CAS/MA: 1min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cidade-olimpica/

17 Cidade Operária	(i) Videoaula CAS/MA: 1min38segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cidade-operaria/
18 Circular 1	(i) Videoaula CAS/MA: 1min42segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
19 Circular 2	(i) Videoaula CAS/MA: 1min45segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
20 Cohab	(i) Videoaula CAS/MA: 1min50segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohab/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohab-variante-1/
21 Cohafuma	(i) Videoaula CAS/MA: 2min09segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohafuma/
22 Cohama	(i) Videoaula CAS/MA: 2mins12segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohama/
23 Cohatrac	(i) Videoaula CAS/MA: 1min55segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
24 Cohatrac 1	(i) Videoaula CAS/MA: 1min58segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohatrac-1/

25 Cohatrac 2	(i) Videoaula CAS/MA: 2min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohatrac-2/
26 Cohatrac 3	(i) Videoaula CAS/MA: 2min02segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohatrac-3/
27 Cohatrac 4	(i) Videoaula CAS/MA: 2min03segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohatrac-4/
28 Cohatrac 5	(i) Videoaula CAS/MA: 2min05segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/cohatrac-5/
29 Coheb-Filipinho	(i) Videoaula CAS/MA: 2min23segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coheb-filipinho/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coheb-filipinho-variante-1/
30 Coroadinho	(i) Videoaula CAS/MA: 2min18segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coroadinho/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coroadinho-variante-1/

31 Coroadó	(i) Videoaula CAS/MA: 2min15segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/coroadó/
32 Divineia	(i) Videoaula CAS/MA: 2min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/divineia/
33 Estiva	(i) Videoaula CAS/MA: 2min39segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/estiva/
34 Filipinho	(i) Videoaula CAS/MA: 2min52segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/filipinho/
35 Forquilha	(i) Videoaula CAS/MA: 2min55segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/forquilha/
36 Fumacê	(i) Videoaula CAS/MA: 3min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/fumace/ Sinal toponímico variante 1: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/fumace-variante-1/ Sinal toponímico variante 2: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/fumace-variante-2/

37 Gancharia	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/gancharia/
38 Gapara	(i) Videoaula CAS/MA: 3min10segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/gapara/
39 Geniparanã	(i) Videoaula CAS/MA: 3min15segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/geniparana/
40 Ilha da Paz	(i) Videoaula CAS/MA: 3min25segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ilha-da-paz/
41 Ipase	(i) Videoaula CAS/MA: 3min30segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ipase/
42 Ipem	(i) Videoaula CAS/MA: 3min35segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ipem/
43 Ipem Turu	(i) Videoaula CAS/MA: 3min39segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ipem-turu/
44 Itaqui Bacanga	(i) Videoaula CAS/MA: 3min46segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/itaqui-bacanga/

45 Ivar Saldanha	(i) Videoaula CAS/MA: 3min50segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ivar-saldanha/
46 Janaína	(i) Videoaula CAS/MA: 3min59segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/janaina/
47 Jardim América	(i) Videoaula CAS/MA: 4min04segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/jardim-america/
48 João de Deus	(i) Videoaula CAS/MA: 4min08segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/joao-de-deus/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/joao-de-deus-variante-1/
49 João Paulo	(i) Videoaula CAS/MA: 4min17segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/joao-paulo/
50 Jota Lima	(i) Videoaula CAS/MA: 4min21segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/jota-lima/
51 Liberdade	(i) Videoaula CAS/MA: 4min30segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/liberdade/

52 Madre Deus	(i) Videoaula CAS/MA: 4min51segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/madre-deus/
53 Maioba	(i) Videoaula CAS/MA: 4min42segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/maioba/
54 Maiobão	(i) Videoaula CAS/MA: 4min38segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/maiobao/
55 Maiobinha	(i) Videoaula CAS/MA: 4min46segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/maiobinha/
56 Maracanã	(i) Videoaula CAS/MA: 4min56segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/maracana/
57 Maranhão Novo	(i) Videoaula CAS/MA: 5min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/maranhao-novo/
58 Monte Castelo	(i) Videoaula CAS/MA: 5min05segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/monte-castelo/
59 Olho D’água	(i) Videoaula CAS/MA: 5min11segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/olho-dagua/

60 Outeiro da Cruz	(i) Videoaula CAS/MA: 5min17segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/outeiro-da-cruz/
61 Panaquatira	(i) Videoaula CAS/MA: 5min27segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/panaquatira/
62 Pão de Açúcar	(i) Videoaula CAS/MA: 5min40segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pao-de-acucar/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pao-de-acucar-variante-1/
63 Paranã	(i) Videoaula CAS/MA: 5min46segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/parana/
64 Parque Amazonas	(i) Videoaula CAS/MA: 5min50segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/parque-amazonas/
65 Parque dos Nobres	(i) Videoaula CAS/MA: 5min53segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
66 Parque Timbira	(i) Videoaula CAS/MA: 6min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/parque-timbiras/
67 Parque Vitória	(i) Videoaula CAS/MA: 6min05segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/parque-vitoria/

68 Pau Deitado	(i) Videoaula CAS/MA: 5min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pau-deitado/
69 Pedrinhas	(i) Videoaula CAS/MA: 6min09segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pedrinhas/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/pedrinhas-variante-1/
70 Ponte d’Areia	(i) Videoaula CAS/MA: 6min15segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ponta-dareia/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/ponta-dareia-variante-1/
71 Quebra Pote	(i) Videoaula CAS/MA: 6min24segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/quebra-pote/
72 Radional	(i) Videoaula CAS/MA: 6min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/radional/
73 Recanto dos Vinhais	(i) Videoaula CAS/MA: 6min35segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/recanto-dos-vinhais/

74 Recanto Fialho	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/recanto-fialho/
75 Renascença 1	(i) Videoaula CAS/MA: 6min38segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/renascenca/
76 Renascença 2	(i) Videoaula CAS/MA: 6min40segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/renascenca-variante-1/
77 Residencial Paraíso	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/residencial-paraiso/
78 Residencial Pirâmide	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/residencial-piramide/
79 Reviver	(i) Videoaula CAS/MA: 6min44segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
80 Rio Grande	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/rio-grande/
81 Sacavém	(i) Videoaula CAS/MA: 7min22segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sacavem/

82 Santa Bárbara	(i) Videoaula CAS/MA: 6min55segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santa-barbara/
83 Santa Clara	(i) Videoaula CAS/MA: 7min00segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santa-clara/
84 Santa Cruz	(i) Videoaula CAS/MA: 7min04segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santa-cruz/
85 Santo Antônio	(i) Videoaula CAS/MA: 7min11segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santo-antonio/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/santo-antonio-variante-1/
86 São Cristóvão	(i) Videoaula CAS/MA: 7min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sao-cristovao/
87 São Francisco	(i) Videoaula CAS/MA: 7min37segs Sinal toponímico variante: 7min39segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sao-francisco/
88 São Raimundinho	(i) Videoaula CAS/MA: 7min26segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sao-raimundo/

89 Saviana	(i) Videoaula CAS/MA: 7min14segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/saviana/
90 Sítio Grande	(i) Videoaula CAS/MA: 7min19segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sitio-grande/
91 Sol e Mar	(i) Videoaula CAS/MA: 7min43segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/sol-e-mar/
92 Tambaú	(i) Videoaula CAS/MA: 7min54segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
93 Tibiri	(i) Videoaula CAS/MA: 7min57segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
94 Turu	(i) Videoaula CAS/MA: 8min01seg (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: (-)
95 Upaon-Açu	(i) Videoaula CAS/MA: 8min10segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/upaon-acu/
96 Vassoural	(i) Videoaula CAS/MA: 8min18segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vassoral/
97 Vera Cruz	(i) Videoaula CAS/MA: 8min25segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vera-cruz/

98 Vicente Fialho	(i) Videoaula CAS/MA: 8min32segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vicente-fialho/
99 Vila Bacanga	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-bacanga/
100 Vila Brasil	(i) Videoaula CAS/MA: 8min35segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-brasil/
101 Vila Cafeteira	(i) Videoaula CAS/MA: 09min02segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-cafeteira/
102 Vila Cascavel	(i) Videoaula CAS/MA: 8min41segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-cascavel/
103 Vila Embratel	(i) Videoaula CAS/MA: 8min48segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-embratel/
104 Vila Esperança	(i) Videoaula CAS/MA: 8min54segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-esperanca/
105 Vila Flamengo	(i) Videoaula CAS/MA: 8min58segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-flamengo/

106 Vila Isabel	(i) Videoaula CAS/MA: (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-isabel/
107 Vila Janaína	(i) Videoaula CAS/MA: 9min07segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”:
108 Vila Lobão	(i) Videoaula CAS/MA: 9min11segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-lobao/
109 Vila Luizão	(i) Videoaula CAS/MA: 9min18segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-luizao/
110 Vila Kiola	(i) Videoaula CAS/MA: 9min20segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/kiola/
111 Vila Maranhão	(i) Videoaula CAS/MA: 9min26segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-maranhao/
112 Vila Nova	(i) Videoaula CAS/MA: 9min31segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-nova/
113 Vila Operária	(i) Videoaula CAS/MA: 9min36segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-operaria/

114 Vila Palmeira	(i) Videoaula CAS/MA: 9min40segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-palmeira/
115 Vila Passos	(i) Videoaula CAS/MA: 9min45segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-passos/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-passos-variante-1/
116 Vila Riod	(i) Videoaula CAS/MA: 9min52segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-riod/ Sinal toponímico variante: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-riod-variante-1/
117 Vila Sarney	(i) Videoaula CAS/MA: 9min57segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-sarney/
118 Vila Vitória	(i) Videoaula CAS/MA: 10min01segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vila-vitoria/
119 Vinhais	(i) Videoaula CAS/MA: 10min06segs (ii) Projeto “Maranhão em Sinais”: https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/bairros/vinhais/

Fonte: Os autores, adaptado de CAS/MA (2016, *on-line*)
e do projeto “Maranhão em Sinais” (s. d., *on-line*).

A partir das próximas subseções os sinais serão analisados quanto às suas características fonológicas e referencial (semântico-motivacional) tendo em vista os aspectos inerentes à Libras e as características da comunidade surda local de São Luís (MA). Um ponto importante a ser destacado é que esses sinais foram catalogados ou criados pelos instrutores surdos do CAS/MA por meio de chamada pública no canal do YouTube da instituição. Os surdos que moravam em um determinado bairro que possuía sinal informavam à equipe de criação dos sinais. Com isso, eram identificados os bairros que ainda não tinham sinais para que fossem criados e, por fim, houve a votação/aprovação deles. Depois de aprovados, os sinais foram divulgados pelos meios documentais referidos no decorrer deste texto (na videoaula do canal do YouTube do CAS/MA e no projeto “Maranhão em Sinais”, da UFMA).

Quanto à fonologia dos sinais toponímicos analisados

Referente à fonologia, os sinais toponímicos foram analisados a partir da classificação de *simples*, *simples híbrido*, *composto* e *composto híbrido*. Destaca-se que não foram identificados todos os nomes/topônimos dos bairros de São Luís (MA). Dessa forma, foram analisados os sinais toponímicos atribuídos pela comunidade surda local, sendo identificados um total de 119 sinais.

Desses 119 sinais toponímicos, apenas 18 foram classificados como sinais *simples*, os realizados com influência apenas da língua nativa, a língua de sinais (Sousa, 2022). A quantidade dos sinais toponímicos *simples híbrido* somou um total de 51 sinais identificados. Os sinais que possuíam dois sinais em língua nativa, a Libras, denominados *sinais compostos*, foram 18. Os sinais *compostos híbridos* somaram um total de 28 sinais toponímicos.

Assim, constata-se a grande influência da língua em contato, o português, no processo de criação e validação dos sinais toponímicos na língua de sinais, pois, de um total de 119 sinais, foram identificados

51 com formação fonológica de sinais *simples híbrido*, os sinais que não são realizados na língua nativa. Mesmo nos sinais *compostos híbridos* (28 sinais toponímicos) observa-se uma predominância da mistura da língua portuguesa na língua de sinais.

Quanto aos aspectos semântico-motivacionais dos sinais toponímicos analisados

Os aspectos motivacionais foram analisados a partir do levantamento de Sousa (2022). Em sua pesquisa, Sousa identifica diferentes trabalhos na área da toponímia em Libras em todo o Brasil e seleciona, por meio das categorias taxonômicas de Dick (1990) de natureza física e antropocultural, exemplos na língua de sinais. O autor dá ênfase também à interdisciplinaridade, com foco no ensino bilíngue de surdos, por meio dos sinais toponímicos.

Nessa vertente, os sinais foram categorizados em duas classificações macro: como de natureza física e de natureza antropocultural. Vale ressaltar que ocorreram sinais com mais de uma classificação taxonômica, como os sinais do topônimo *Sol e Mar* (bairro), que pode ser categorizado como astrotopônimo e hidrotopônimo.

Além disso, a maioria dos sinais de natureza antropocultural foram agrupados com os acronimotopônimos, estando estes presentes em outras taxonomias especificadas da língua de sinais (Sousa, 2022). Isso se deu devido ao sinal ser inicializado na língua de empréstimo seguido de um sinal na língua de sinais, como no sinal do bairro *Estiva*, quando ocorre um hibridismo de códigos, da língua portuguesa + Libras.

Ainda, percebeu-se que o sinal do bairro *Saviana* não tem uma classificação específica, pois ele é estruturado a partir do pronome demonstrativo/advérbio de lugar na Libras (ESSE/LÁ). Esse sinal se motiva devido ao fato de esse bairro ser próximo à UFMA e quando os surdos perguntam “BAIRRO S-A-V-I-A-N-A ONDE?” é respondido

“LÁ”, portanto, pela proximidade do bairro à universidade. Porém, segundo a prática discursiva dos surdos da região, é comum o referido sinal ser acompanhado da soletração do nome em Libras para auxiliar na compreensão do local. No entanto, a datilologia do nome não substitui a utilização do sinal, sendo o uso do sinal predominante entre os surdos.

Ressalta-se que, dos sinais de natureza física, foram identificados os de *Apeadouro* (cromotopônimo), *Areinha* (litotopônimo), *Cidade Olímpica* (logotopônimo), *Circular 1* e *Circular 2* (morfotopônimo/numerotopônimo, devido fazer referência às rotatórias presentes no bairro, seguido do número ordinário), *Forquilha* (morfotopônimo), *Ilha da Paz* (geomorfotopônimo), *Maracanã* (fitotopônimo), *Outeiro da Cruz* (geomorfotopônimo), *Pedrinhas* (litotopônimo/ecotopônimo, por fazer o sinal de PEDRA seguido do sinal de CADEIA), *Residencial Pirâmide* (morfotopônimo), *Sol e Mar* (astrotopônimo/hidrotopônimo), *Vila Cafeteira* (fitotopônimo), *Vila Cascavel* (zootopônimo) e *Vila Lobão* (zootopônimo).

Os sinais identificados de natureza antropocultural foram os dos bairros *Alemanha* (corotopônimo), *Anjo da Guarda* (hierotopônimo), *Bom Milagre* (animotopônimo), *Boa Vista* (animotopônimo), *Centro* (sociotopônimo), *Circular 1* (morfotopônimo/numerotopônimo), *Circular 2* (morfotopônimo/numerotopônimo), *Cohab* (ergotopônimo, devido o sinal ser motivado pela iconicidade referente a uma antiga caixa de água que abastecia a região do bairro), *Cohafuma* (ergotopônimo, devido fazer referência ao cigarro feito do tabaco), *Cohama* (animotopônimo, devido fazer referência ao sentimento “AMOR”), *Cohatrac 1*, (numerotopônimo, pois o sinal é finalizado com um número em Libras), *Cohatrac 2* (numerotopônimo), *Cohatrac 3* (numerotopônimo), *Cohatrac 4* (numerotopônimo), *Cohatrac 5* (numerotopônimo), *Coroadinho* (ergotopônimo), *Coroado* (ergotopônimo), *Estiva* (ergotopônimo, em função de o sinal fazer referência às estradas de acesso ao bairro dando, também, a ideia de longitude, pois é um bairro

afastado do *Centro*), *Itaqui Bacanga* (ergotopônimo), *Ivar Saldanha* (antropotopônimo), *Janaína* (etnotopônimo), *Jardim América* (corotopônimo), *Liberdade* (sociotopônimo), *Madre Deus* (animotopônimo, por fazer referência ao cemitério que fica no bairro e ao sentimento de saudade dos entes queridos enterrados nele), *Maioba* (ergotopônimo), *Maiobinha* (ergotopônimo), *Maranhão Novo* (corotopônimo), *Olho D'água* (somatopônimo), *Parque Amazonas* (corotopônimo), *Parque dos Nobres* (sociotopônimo, por fazer referência a um conjunto habitacional onde moram predominantemente pessoas de renda econômica alta), *Pau Deitado* (fitotopônimo), *Pedrinhas* (litotopônimo/ecotopônimo), *Radional* (ergotopônimo), *Renascença 1* (numerotopônimo), *Renascença 2* (numerotopônimo), *Residencial Paraíso* (ergotopônimo), *Reviver* (animotopônimo), *Santa Bárbara* (hagiotopônimo), *São Cristóvão* (ergotopônimo, por fazer referência à arquitetura da igreja de São Cristóvão, presente no bairro), *Santa Cruz* (hagiotopônimo), *Santo Antônio* (hagiotopônimo), *São Francisco* (hagiotopônimo), *São Raimundinho* (hagiotopônimo), *Vassoural* (ergotopônimo), *Vila Brasil* (corotopônimo), *Vila Embratel* (ergotopônimo), *Vila Flamengo* (sociotopônimo), *Vila Janaína* (etnotopônimo), *Vila Luizão* (antropotopônimo), *Vila Maranhão* (corotopônimo), *Vila Nova* (cronotopônimo), *Vila Passos* (dirrematopônimo) e *Vila Sarney* (antropotopônimo).

Segundo Souza Júnior (2012), os sinais toponímicos podem ter a inicial do nome com empréstimo na língua de contato, ou o topônimo todo pode ser soletrado sendo, na primeira opção, considerado acronimotopônimo; e na segunda categoria, grafotopônimo. Dos sinais, foram identificados como grafotopônimo (sinais que são completamente soletrados da língua oral para a Libras) os sinais dos bairros *Anil*, *Ipase* e *Ipem*.

Reitera-se que alguns sinais acronimotopônimos foram categorizados em dupla classificação, ora de natureza física, ora de natureza antropocultural, pois o sinal é realizado normalmente com a letra inicial do nome seguido de alguma classe de uma das duas nature-

zas taxonômicas. A exemplo, os sinais dos bairros *Apeadouro* (acronimotopônimo/cromotopônimo), *Areinha* (acronimotopônimo/litotopônimo), *Cohafuma* (acronimotopônimo/ergotopônimo), *Cohama* (acronimotopônimo/animotopônimo), *Cohatrac 1* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Cohatrac 2* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Cohatrac 3* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Cohatrac 4* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Cohatrac 5* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Estiva* (acronimotopônimo/ergotopônimo), *Forquilha* (acronimotopônimo/morfotopônimo), *Fumacê* (acronimotopônimo/igneotopônimo), *Itaqui Bacanga* (acronimotopônimo/ergotopônimo), *Janaina* (acronimotopônimo/etnotopônimo), *Liberdade* (acronimotopônimo/sociotopônimo), *Pau Deitado* (acronimotopônimo/fitotopônimo), *Renascença 1* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Renascença 2* (acronimotopônimo/numerotopônimo), *Residencial Paraíso* (acronimotopônimo/ergotopônimo), *Reviver* (acronimotopônimo/animotopônimo), *Vera Cruz* (acronimotopônimo/ergotopônimo), *Vila Brasil* (acronimotopônimo/corotopônimo), *Vila Flamengo* (acronimotopônimo/sociotopônimo), *Vila Janaína* (acronimotopônimo/etnotopônimo), *Vila Lobão* (acronimotopônimo/zootopônimo), *Vila Maranhão* (acronimotopônimo/corotopônimo) e *Vila Nova* (acronimotopônimo/cronotopônimo).

Os sinais que foram identificados somente como acronimotopônimos foram os dos bairros: *Araçacy*, *Fátima*, *Bequimão*, *Calhau*, *Cidade Operária*, *Cohatrac*, *Coheb-Filipinho*, *Divineia*, *Filipinho*, *Gancharia*, *Gapara*, *Geniparanã*, *Ilha da Paz*, *Ipem Turu*, *João de Deus*, *Jota Lima*, *Maiobão*, *Monte Castelo*, *Panaquatira*, *Pão de Açúcar*, *Paraná*, *Parque Timbiras*, *Parque Vitória*, *Pau Deitado*, *Ponte d'Areia*, *Quebra Pote*, *Recanto dos Vinhais*, *Recanto Fialho*, *Rio Grande*, *Sacavém*, *Santa Clara*, *Sítio Grande*, *Tambaú*, *Tibiri*, *Turu*, *Upaon-Açu*, *Vicente Fialho*, *Vila Bacanga*, *Vila Esperança*, *Vila Isabel*, *Vila Kiola*, *Vila Operária*, *Vila Palmeira*, *Vila Riod*, *Vila Vitória*, *Vinhais*.

Diante da especificidade da língua de sinais, observa-se que os sinais toponímicos não seguem o padrão de nomeação e categorização toponímica das línguas orais, como da língua portuguesa. Os fatores sociais, políticos, históricos são importantes, mas no interior das comunidades surdas há influência da iconicidade do local e da base paramétrica no ato de sinalização de um lugar. Como dito, a classificação referencial pode ser vinculada a essa característica.

Conclusão

Os sinais toponímicos na língua de sinais são carregados de memórias e histórias que marcam a identidade de uma comunidade surda para as futuras gerações. Dessa forma, tentando encontrar respostas para os objetivos deste trabalho, foi possível identificar o atravessamento do contexto histórico, social, geográfico e, sobretudo, linguístico nas representações dos signos linguísticos analisados.

No levantamento dos dados, observou-se que havia bairros que estavam inseridos no glossário do projeto “Maranhão em sinais”, mas que não estavam na videoaula sobre bairro do CAS/MA, ou vice-versa, como os sinais de *Bom Milagre*, *Reviver*, *Tibiri*, *Turu*, *Vila Bacanga*, *Vila Isabel* entre outros.

Os aspectos fonológicos foram ressaltados a partir da categorização dos sinais em *simples*, *simples híbrido*, *composto* e *composto híbrido*. Verificou-se que a maior parte dos sinais se enquadra na categoria de *simples híbrido* (51), seguidos das categorias de *composto híbrido* (28), *simples* (18) e *composto* (18). Isso mostra a influência da língua portuguesa no ato de nomeação da língua de sinais.

No quesito semântico motivacional (referência), os sinais se enquadram, sobretudo, na categoria dos acronimotopônimos, seguidos da maioria dos sinais com natureza antropocultural e, por fim, de natureza física. Vale ressaltar que houve sinais, como o do bairro *Fumacê* (igneotopônimo), que podem ser considerados a partir de outras ta-

xonomias, segundo postula Sousa (2022). Além disso, observou-se que alguns sinais podem ser das duas naturezas toponímicas, como os de *Pedrinhas* (sinal de PEDRA e CADEIA), um sinal composto de categoria (litotopônimo/natureza física e ecotopônimo/natureza antropocultural).

Ao final deste trabalho, foi possível constatar que a motivação dos sinais se dá de maneira diversa, a depender das subjetividades que estão atreladas sobretudo aos aspectos visuais, como os da iconicidade, presentes nos lugares. Assim, estudar toponímia em Libras é contribuir para a preservação da circulação da língua de sinais principalmente no meio urbano e cuidar da preservação e manutenção dessa língua com o objetivo de espaiá-la para os mais diversos espaços que se fizerem necessários.

Dessa forma, a relevância desta pesquisa está em poder-se refletir sobre os aspectos culturais do povo surdo e em compreender a cosmovisão peculiar no ato de nomeação/sinalização dos lugares dentro da comunidade surda de São Luís (MA).

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína – TO. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins – *Campus* Universitário de Araguaína – TO. Curso de Pós-Graduação em Letras Ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 22 maio 2021.

CASTRO, Maria Célia Dias de; PIOVESAN, Marta Helena Facco. Representação identitária, de memória e de retomada da história: topônimos de logradouros públicos da cidade de Balsas-MA. **Onomástica Desde América Latina**, Marechal Rondon, v. 2, n. 4, p. 32-53, jul./dez. 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

DICK, Maria Valiria Aderson de Mello. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. São Paulo: FFLCH/USP, 1990. (Coletânea de Estudos).

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Miríam Martinez; ANDRADE, Karylleila Santos. O léxico sob perspectiva: contribuições da Lexicologia par ao ensino de línguas. **Domínio de linguagem** [Revista eletrônica de linguística], v. 6, n. 1, p 226-240, 1. sem. 2012. ISSN 1980-5799.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – Cidades e Estados**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-luis.html>. Acesso em: 11 ago. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. [s. d.]. Disponível em: <https://saoluis.ma.gov.br/saoluis/47/sao-luis>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo; QUADROS, Ronice Müller. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Guavira Letras**, Campo Grande, v. 15, p. 126-140, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo; SANTOS JUNIOR, João Renato; SOUZA, Thiago dos Santos; ZEGARRA, Matheus de Menezes. Nomeações dos espaços urbanos de Rio Branco (AC) em Libras: contribuições para o Atlas Toponímico em Libras no Brasil. **Revista Porto das Letras**, v. 08, n. 02, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2012.

STROBEL, Karin L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Projeto “Maranhão em Sinais”**. São Luís/MA, [s. d.]. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/>. Acesso em: 4 ago. 2024.

VÍDEO AULA DE LIBRAS – CAS – Bairros de São Luís/MA. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal ComunicaCas em Libras Maranhão! CAS/MA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aiaAscUEy1c&t=68s>. Acesso em: 4 ago. 2024.

A motivação de sinais no ato de nomeação de escolas em Araguaína, Tocantins

Mariana Ferreira Albuquerque

Karylleila dos Santos Andrade

Bruno Gonçalves Carneiro

Introdução

Nos estudos toponímicos, o lugar deve ser entendido como algo além de uma simples localidade ou um espaço determinado, tendo em vista que, ao escolher um nome para um lugar, o denominador passa a manter com ele uma relação de identidade e pertencimento. Logo, o processo denominativo é uma atividade complexa, e uma rede de influências várias recai sobre o denominador quando da eleição de um topônimo (Sousa, 2023).

Vieira e Silva (2020) argumentam que quando uma pessoa surda nomeia algo, ela coloca a língua em funcionamento e, ao tomar posição no acontecimento da nomeação, o surdo, afetado pelo interdiscurso o qual alinha-se à concepção de que os discursos se relacionam a outros discursos, produz sentidos outros que serão os efeitos de sua enunciação, ou seja, as implicações do interdiscurso constituídos pelo funcionamento da língua neste acontecimento.

Segundo Miranda, Carneiro e Andrade (2021a), a Libras reflete a maneira como os surdos brasileiros concebem o mundo e experienciam a realidade. Os surdos compartilham língua, cultura e constroem identidades a partir da diferença surda e categorizam o mundo de forma específica e, principalmente, a partir de suas experiências locais. Essas experiências compartilhadas promovem um recorte específico da realidade que se reflete no léxico da Libras e, consequentemente, nos sinais topônimos.

Este texto apresenta um recorte do trabalho de mestrado¹ o qual se propôs identificar, descrever e analisar o processo de nomeação e motivação dos sinais de escolas do município de Araguaína, estado do Tocantins. Os objetivos abrangem a identificação de sinais toponímicos das escolas, categorização quanto à forma e o estudo das motivações de cada um deles. O levantamento desses sinais aconteceu por meio de entrevistas com membros da comunidade surda do município, nos anos de 2012 e 2013.

Experiências da comunidade surda na nomeação de lugares em Araguaína

Nos anos de 2012 e 2013, membros da comunidade surda da cidade de Araguaína (TO) realizaram encontros periódicos na *Escola SESI Marlei Maria Moreira*, com o intuito de entretenimento, lazer e promoção do contato entre os pares surdos. Na época, a *Escola SESI* possuía três servidores surdos, dentre eles uma professora surda e seis alunos surdos, o que favoreceu a emergência de um ambiente bilíngue com a circulação da Libras de maneira consistente.

A instituição implementou uma série de ações de forma a contemplar a língua de sinais, as identidades e a cultura surda na roti-

1 ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira. *Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína – TO*. 2021. 99f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, Araguaína, 2021.

na da escola (Miranda; Carvalho; Carneiro, 2012). Dentre essas ações, a disponibilização do espaço para esses encontros, incentivando, inclusive, a participação de surdos que não tinham vínculo com a instituição e que reconheciam, naquela escola, um lugar de conforto cultural e linguístico.

Os encontros aconteciam semanalmente, às quintas-feiras, à noite. Em alguns desses encontros, que contavam também com a participação de ouvintes sinalizantes, surgiam discussões das mais diversas, tais como: o planejamento de seminários, a organização de encontros esportivos, a comemoração de aniversários e, dentre outras, o levantamento de sinais de localidades da cidade em libras.

Assim, em vários desses encontros, os surdos fizeram o levantamento de sinais que nomeavam bares, estabelecimentos comerciais, academias, praças, avenidas, bairros, escolas e instituições de ensino superior. Na época, as atividades foram coordenadas pela professora mestre surda Roselba Gomes de Miranda.

Quanto à criação de sinais para determinados lugares de Araguaína (bares, escolas, praças, entre outros), o grupo, predominantemente composto por surdos, apresentavam propostas de sinais para um referido local. Antes de discutir as possibilidades, havia sempre os questionamentos: *qual a imagem/o logotipo do local? quais são as características do imóvel e do local?* A coordenadora das atividades organizava uma mostra com imagens dos referentes, a partir das demandas que o grupo apresentava e, assim, os novos sinais eram apreciados e validados.

Sobre isso, Carneiro (2016) apresenta algumas reflexões sobre o papel da experiência corporal e, mais especificamente, do *input* visual na ampliação lexical da Libras quando se observa a prevalência de características do referente em novos sinais. Sobre isso, mencionamos o sinal da escola “Nerds Kids”, em Araguaína, que foi motivado por uma imagem que havia na fachada da instituição, além do nome

do topônimo em língua portuguesa. A seguir, ilustramos o sinal da escola e a imagem que motivou o sinal. Atualmente, essa instituição de ensino se chama “Colégio Intellectus”.

Figura 1 – Sinal da Escola Nerds Kids e da fachada da instituição



Fonte: Albuquerque (2021)

No sinal da escola “Nerds Kids”, a mão se configura em “C” de forma a remeter, em alguma medida, aos óculos do personagem que está disposto na fachada da instituição. Em seguida, a mão configura-se em “N”, influenciado pela palavra “Nerd’s” que faz parte do nome do topônimo em língua portuguesa. O ponto de articulação também é motivado pelos óculos da personagem presente na imagem.

A seguir, apresentamos as categorias de análise dos sinais das escolas de Araguaína.

Procedimentos metodológicos: levantamento de dados e categorias de análise

O levantamento dos nomes das escolas em língua portuguesa ocorreu por meio de uma pesquisa documental, partindo dos documentos do Sistema de Educação Escolar e da Gerência de Estatísticas e Informações Educacionais, órgãos vinculados à Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Estado do Tocantins SEDUC. Posteriormente, entrevistas foram realizadas com 11 surdos e 2 intér-

pretos de libras para o levantamento dos sinais das escolas. As entrevistas aconteceram por videochamada. Os dados em libras também foram coletados a partir de uma lista de sinais topônimos de Araguaína. Conforme mencionamos, trata-se de um acervo elaborado por surdos nos anos de 2012 e 2013.

Uma ficha foi elaborada para o registro dos sinais, baseada em Miranda (2020), e composta pelos seguintes microparadigmas: (1) imagem do topônimo em libras, (2) escrita de sinais – sistema *signwriting*, (3) *link* de acesso ao vídeo na Plataforma YouTube, (4) nome do topônimo em língua portuguesa, (5) rede de Ensino da unidade escolar, (6) descrição do sinal, (7) morfologia, (8) categoria em relação à forma, (9) categoria em relação à motivação, (10) pesquisadora responsável pelo levantamento, (11) validação, (12) tipo da fonte e (13) data da coleta. Ao todo foram registrados 26 (vinte e seis) topônimos. A Figura 2 ilustra a ficha lexicográfico-toponímica utilizada para o registro dos topônimos.

Figura 2 – Ficha lexicográfico-toponímica

Imagem do Topônimo em Libras		Escrita de Sinais
		Escrita de sinais (sistema <i>signwriting</i>) 
Link de acesso ao vídeo	Link de acesso na plataforma YouTube	
Topônimo em português	Centro Educacional Dair José Lourenço	
Rede de Ensino	Instituição particular	

Descrição do sinal	Neste item apresentamos uma descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais.
Morfologia	Neste campo, mencionamos se o sinal é simples ou composto
Categoria	Neste campo, categorizamos os sinais em (1) Nativos (2) Inicializados (3) Soletrados
Motivação	(1) Motivação icônica • Aspectos relacionados à rotina da instituição • Uniforme escolar • Estrutura da escola • Logomarca da escola (2) Motivação da língua portuguesa
Pesquisadora	Mariana Ferreira Albuquerque
Validação	Grupo de validação
Tipo de Fonte	Fonte oral (entrevista) ou documental
Data da coleta	1º Semestre de 2021

Fonte: Albuquerque (2021).

As categorias de análise, tanto em relação à forma quanto à motivação, foram baseadas em Miranda (2020). Para a forma, a autora propõe as categorias: (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados.

Segundo Miranda (2020), os topônimos categorizados como nativos são sinais formados por parâmetros da Libras, cuja configuração de mão não remete ao nome do topônimo em LP. Por mais que alguns desses sinais possam ser oriundos de calque, a configuração deles não corresponde a uma representação da grafia do nome do topônimo em português.

O sinal da *Escola Estadual Jardenir Jorge Frederico* é categorizado como um sinal nativo. A configuração de mão que forma o sinal não remete à grafia do nome em língua portuguesa. O sinal parece ser motivado pela logomarca da escola, o que influenciou a configuração de mão. O sinal dessa instituição está ilustrado a seguir.

Figura 3 – Sinal da Escola Estadual Jardenir Jorge Frederico



Fonte: Albuquerque (2021).

Os topônimos categorizados como inicializados são sinais cuja forma remete, de alguma maneira, ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essa menção ao topônimo em português acontece por meio da configuração de mão, a qual corresponde à representação da sua grafia, tendo em vista o alfabeto manual. Os parâmetros ponto de articulação e movimento apresentam uma gama maior de possibilidades, quando comparados aos sinais soletrados (descritos a seguir).

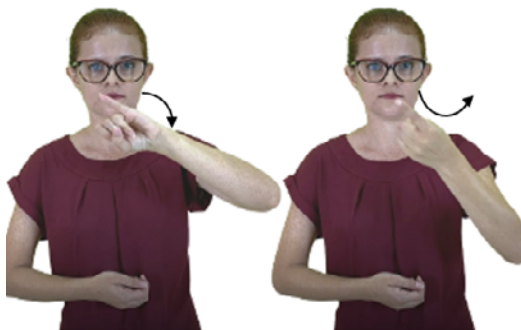
O sinal da *Escola Assistência Social Pentecostal de Araguaína – ASPA* é categorizado como inicializado. As configurações de mão remetem às iniciais A (Assistência) e P (Pentecostal) do topônimo em língua portuguesa. O ponto de articulação do sinal é motivado pelo uniforme escolar. A figura 4 ilustra esse sinal.

Figura 4 – Sinal da *Escola Assistência Social Pentecostal de Araguaína – ASPA*

Fonte: Albuquerque (2021).

Os topônimos soletrados são oriundos da soletração do nome do topônimo em LP e passaram por um processo de lexicalização. Esse processo corresponde a uma adaptação fonológica em que, por um processo diacrônico, a estrutura que faz menção ao nome em português, por meio da soletração, tem o número de configuração de mão e orientação da palma reduzidos (Adam, 2012; Nascimento, 2011; Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2004).

Nesses sinais, o parâmetro ponto de articulação está restrito ao espaço neutro, à região ipsolateral da mão responsável pela realização do sinal. Já o parâmetro movimento está restrito aos movimentos internos de mudança de configuração, bem como movimentos que preparam uma suspensão, característicos dos topônimos soletrados. O sinal da *Escola Estadual Professor João Alves Batista* é considerado um sinal soletrado por ter a estrutura articulatória descrita. A imagem, a seguir, ilustra o sinal desta escola.

Figura 5 – Sinal da Escola Estadual Professor João Alves Batista

Fonte: Albuquerque (2021).

Em relação à motivação, Miranda (2020) propõe as categorias: (1) motivação icônica e (2) motivação em português. No primeiro caso, a forma do sinal pode remeter tanto a características físicas do lugar, quanto às culturais. Elas estão codificadas, de alguma maneira, na forma do sinal e, por isso, o sinal apresenta características icônicas. No segundo caso, o sinal é motivado pelo nome do topônimo em língua portuguesa, que pode ser por calque, quando parece haver uma tradução literal do nome, ou por grafia, quando a configuração de mão remete ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essas categorias não são exclusivas, pois há topônimos que exibem uma combinação de motivações, tanto de um mesmo domínio, quanto de outros distintos.

A partir da análise dos sinais das escolas, sentimos a necessidade de detalhar a categoria motivação icônica. Da concepção dos entrevistados sobre as características do referente que motivaram o topônimo, emergiram as subcategorias:

- (1) **Aspectos relacionados à rotina da instituição** – a forma do sinal é motivada por algum aspecto cultural do lugar ou da rotina da comunidade escolar.
- (2) **Uniforme escolar** – a forma do sinal é motivada pelo desenho, símbolo, designer ou logomarca que está presente no unifor-

me da escola utilizado pelos alunos. O ponto de articulação desses topônimos, em geral, é a região do tórax, fazendo referência à posição de alguma marca visual do uniforme.

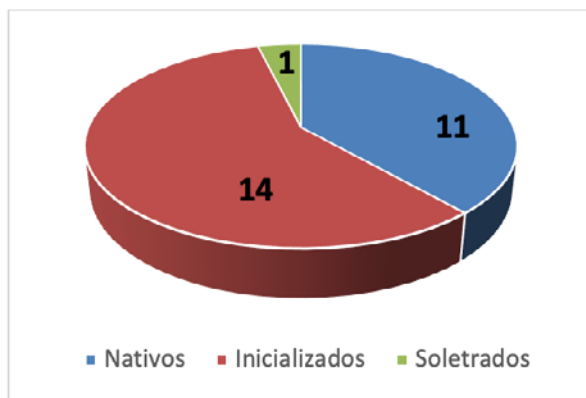
- (3) **Estrutura arquitetônica** – a forma do sinal é motivada pela estrutura arquitetônica da escola.
- (4) **Logomarca da escola** – a forma do sinal é motivada pela logomarca da escola ou por alguma imagem presente na fachada da unidade escolar.

Uma reunião foi realizada a fim de verificarmos se os sinais coletados eram, de fato, topônimos dessas escolas. Participaram deste momento 4 surdos e 3 ouvintes, intérpretes de libras e conviventes da comunidade surda local. Dentre os participantes do grupo de validação, dois não haviam sido entrevistados na etapa de levantamento de dados. A reunião aconteceu de maneira remota e foram apresentadas as 25 (vinte e cinco) fichas lexicográfico-toponímicas. Todos os sinais foram validados enquanto topônimos em circulação entre os sinalizantes da Libras. Durante a reunião, foi sugerido que mais um topônimo fosse adicionado, o sinal da Escola Municipal Olavo Bilac.

Um canal no YouTube foi criado com objetivo de catalogar os topônimos e facilitar o acesso do público aos dados. A proposta é que outros topônimos sejam adicionados à plataforma gradativamente.

Resultados e Discussões: tipologia dos topônimos em relação à forma e à motivação

Em relação à forma, categorizamos os sinais em: (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados. O gráfico 1, a seguir, ilustra a distribuição e a frequência dos topônimos em relação à forma.

Gráfico 1 – Distribuição e frequência dos topônimos em relação à forma

Fonte: Albuquerque (2021).

Os topônimos categorizados como nativos são sinais formados por parâmetros e, mais especificamente, por configuração de mão que não remete ao nome do topônimo em língua portuguesa. O sinal da *Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus* é um exemplo de topônimo nativo. Observa-se que a configuração de mão desse topônimo apresenta uma disposição articulatória que remete ao uniforme escolar. A figura 6, a seguir, ilustra esse topônimo e a imagem do uniforme que o motiva.

Figura 6 – Sinal da Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus e imagem do uniforme

Fonte: Albuquerque (2021).

Em relação à motivação, dos 26 (vinte e seis) topônimos analisados, 11 (onze) possuem motivação icônica, 07 (sete) motivação em língua portuguesa e 08 (oito) motivação icônica e em língua portuguesa. Como a motivação foi disposta em categorias não exclusivas, verificamos que características icônicas perpassam por 73% (setenta e três) dos sinais topônimos, enquanto motivação a partir da língua portuguesa perpassa por 58% (cinquenta e oito). Dessa forma, sugerimos que a motivação icônica prevalece nos topônimos das escolas de Araguaína (TO). O gráfico a seguir ilustra essa distribuição.

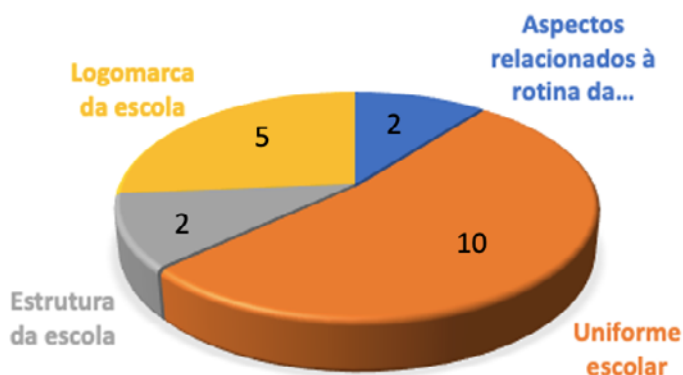
Gráfico 2 – Distribuição e frequência dos topônimos em relação à motivação



Fonte: Albuquerque (2021).

No gráfico 3, apresentamos a distribuição e frequência dos topônimos em relação à motivação icônica, cujas subcategorias são: aspectos relacionados à rotina da instituição, uniforme da escola, estrutura da escola e logomarca da escola. Considerando que 73% dos topônimos (19 sinais) apresentam motivação icônica, observa-se uma prevalência por motivação do uniforme da escola (10 sinais), seguido de motivação relacionada à logomarca da escola (5 sinais), da estrutura da escola (2 sinais) e dos aspectos relacionados à rotina da instituição (2 sinais).

Gráfico 3 – Distribuição e frequência dos topônimos em relação à Motivação Icônica



Fonte: Albuquerque (2021).

Conforme pode ser observado, a motivação uniforme escolar foi a categoria mais prevalente. A figura 8 ilustra o topônimo *Colégio Santa Cruz*, motivado também pelo uniforme escolar.

Figura 8 – Sinal do Colégio Santa Cruz e imagem do uniforme



Fonte: Albuquerque (2021).

O sinal do *Colégio Santa Cruz*, em um primeiro momento, poderia ser categorizado como motivado pela língua portuguesa, a partir de um calque. Observando os parâmetros configuração de mão e orientação da palma, o sinal parece remeter a uma tradução literal de parte

do topônimo em língua portuguesa, envolvendo a palavra cruz. Mas, considerando o ponto de articulação do sinal, categorizamo-lo motivado por uniforme escolar, pois remete à disposição da imagem do desenho de uma cruz presente no uniforme da escola.

Em relação aos topônimos motivados pela logomarca da escola, mencionamos o sinal do *Colégio Educandário Objetivo*. A disposição dos parâmetros formacionais remete, de alguma maneira, a concepção dos sinalizantes sobre o *input* da imagem visual que representa a instituição. Importante ressaltar que o sinal da escola é motivado pela concepção dos sinalizantes sobre a logomarca. De acordo com Carneiro (2016), a emergência de esquemas de imagem visuais provém de experiências socialmente partilhadas pela comunidade, o que atesta o caráter convencional dos topônimos. A figura 9 ilustra o sinal e a logomarca do “Colégio Educandário Objetivo”.

Figura 9 – Logomarca do Colégio Educandário Objetivo e imagem da logomarca



Fonte: Albuquerque (2021).

A partir dos dados da amostra, 2 (dois) topônimos foram motivados pela estrutura da escola. A figura 10 ilustra o sinal da *Escola Estadual Caic Jorge Humberto Camargo* e a disposição da cobertura do ginásio de esportes, que motivou o topônimo.

Figura 10 – Sinal da Escola Estadual Caic e estrutura do ginásio da escola



Fonte: Albuquerque (2021).

Para ilustrar a motivação icônica relacionada à rotina da instituição, mencionamos o sinal do *Colégio da Polícia Militar de Araguaína*. Esse sinal, ilustrado na figura 11, remete à postura de continência presente em algumas das atividades da instituição. A princípio, o sinal poderia ser categorizado como motivado pela língua portuguesa, a partir de um calque oriundo da palavra militar. Porém, os entrevistados remetem à rotina da instituição, e não ao nome em língua portuguesa como motivador do sinal.

Figura 11 – Sinal do Colégio da Polícia Militar de Araguaína



Fonte: Albuquerque (2021).

Os sinais das escolas *Centro de Ensino Médio (CEM) – Benjamin José de Almeida*, *CEM – Castelo Branco*, *CEM – Dr. José Aluísio da Silva*

Luz e CEM Paulo Freire remetem à grafia do nome do topônimo em língua portuguesa e são bimanuais assimétricos, nos quais a mão não dominante se configura em “C”, em referência à palavra *CEM* – *Centro de Ensino Médio*. A mão dominante adota configuração distinta em referência a outra parte do nome.

Figura 12 – Sinal da escola CEM Benjamin José de Almeida



Fonte: Albuquerque (2021).

Dentre os sinais motivados pela grafia, observamos também que o sinal da *Escola Estadual Guilherme Dourado* parece apresentar uma motivação do tipo calque. Esse sinal é bimanual, cuja mão não dominante se encontra configurada em G (Guilherme), e a mão dominante, em D (Dourado), remetendo às iniciais do nome do topônimo em LP.

Porém, há um movimento realizado pela mão dominante (configurada em “D”), enquanto a mão não dominante (configurada em “G”) permanece em suspensão. A mão realiza um movimento oscilatório de prono-supinação e, simultaneamente, um movimento de afastamento da mão não dominante. Esse movimento é semelhante ao movimento do sinal “brilhar”. Nesse sentido, de acordo com os participantes, o movimento do sinal da *Escola Estadual Guilherme Dourado* parece ser motivado por uma tradução literal do termo *Dourado* que faz parte do nome do topônimo em Lp. A figura 13 ilustra esse sinal.

Figura 13 – Sinal da Escola Estadual Guilherme Dourado

Fonte: Albuquerque (2021).

Caminhos (ainda) a percorrer

Nossa pesquisa teve como objetivo realizar uma investigação sobre os sinais toponímicos das escolas de Araguaína, em relação à forma e à motivação. Para isso, construímos um *corpus* de 26 (vinte e seis) sinais. Todas as informações foram registradas por meio de fichas lexicográfico-toponímicas, que inclui o registro dos dados em vídeo, veiculados em uma plataforma no YouTube.

A partir da análise dos sinais inicializados, mais especificamente aqueles articulados de maneira bimanual com a mão não dominante configurada em C, sugerimos a provável emergência de um morfema base que parece ter subsidiado o processo de formação de um dos topônimos.

Em relação à motivação, houve sinais categorizados por motivação icônica, língua portuguesa e tanto por motivação icônica quanto por LP. Percebemos ainda que a motivação icônica prevalece nos dados da amostra.

Sentimos a necessidade de detalhar a categoria motivação icônica. As subcategorias para esse domínio foram: (1) aspectos relaciona-

dos à rotina da instituição, (2) uniforme escolar, (3) estrutura arquitetônica da escola e (4) logomarca da escola.

Quanto à motivação icônica, o uniforme escolar é a subcategoria mais prevalente, seguido da logomarca da escola e, por fim, aspectos relacionados à rotina e estrutura da escola, ambos com a mesma frequência. Em relação à motivação em LP, prevalece a grafia do nome em todos os topônimos dessa categoria. Em apenas um dos sinais, houve também a motivação por calque.

Alguns desafios foram postos durante a categorização da motivação icônica. No caso dos sinais do *Colégio Santa Cruz* e do *Colégio da Polícia Militar de Araguaína*, em ambas as situações os sinais poderiam ser categorizados como motivados por calque. No primeiro caso, optamos por categorizá-lo como uniforme escolar, apesar da configuração de mão remeter ao sinal “cruz”, pois o ponto de articulação na região do tórax parece remeter ao uniforme utilizado na instituição. No segundo caso, um dos sinais parece ser um calque oriundo da palavra militar, em português. Mas, categorizamos-lo como motivado por aspecto relacionado à rotina da instituição, por causa do depoimento dos entrevistados, que fez menção à postura de continência como algo que faz parte do cotidiano da comunidade escolar.

Atualmente, a Rede Municipal de Educação de Araguaína implementou a disciplina de Língua Brasileira de Sinais, como segunda língua, para alunos ouvintes na grade curricular, desde 2021. Com isso, há professores surdos de libras atuando nas escolas. Nesse sentido, acreditamos que haverá uma emergência de sinais topônimos relacionados às instituições de ensino de Araguaína, que atualmente conta com quase 150 escolas.

Por fim, acreditamos que nossa pesquisa pode contribuir para os estudos toponímicos em libras, principalmente sobre o município de Araguaína, estado do Tocantins.

Referências

ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (org.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.

ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira. **Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína-TO**. 2022. 99f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua e Literatura. Universidade Federal do Norte do Tocantins, *Campus* de Araguaína, Araguaína, 2022.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, v. 1, n. 67, p. 104-119, 2016.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta Semiótica et Lingvistca**, v. 7, p. 97-122, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro. Reimpressão. 2010.

GOMES NETA, Beatriz Latini. Apresentação do corpus de pesquisa: os nomes das escolas públicas da cidade de Mariana. **Revista Caletroscópio**, v. 4, n. especial, 2016a.

GOMES NETA, Beatriz Latini. **Os nomes de escolas públicas na cidade de Mariana: microtoponímia urbana**. 2016b. 128f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016b.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Toponímia em Libras: levantamento, registro e categorização de sinais dos municípios do Tocantins. **Acta Semiotica Et Lingvistica**, v. 25, n. 4 (44), 2021a.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila dos Santos. Toponímia em língua brasileira de sinais: aspectos formacionais e motivacionais dos sinais dos municípios do Tocantins. **Revista Humanidade e Inovação**, v. 8, n. 66, 2021b.

MIRANDA, Roselba Gomes de. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins. 2020. 184f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Porto Nacional, Porto Nacional, 2020.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARVALHO, Genivaldo de Souza; CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Valorização da língua de sinais e cultura surda no ambiente escolar. **Anais do IV Fórum Científico da Faculdade Católica Dom Orione**. Araguaína: Fundação Educacional Dom Orione, 2012. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/catolicaorione.edu.br/arquivos/neic/arquivos/anais/anais-do-iv-forum-cientifico-2012.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

NASCIMENTO, Cristiane Batista. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. **Revista Trama**, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOOP, Lodernir Becher. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. *In: Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL)*, XI, 2006, Uberlândia. Múltiplas perspectivas em linguística. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960.

SOUSA, Alexandre Melo de. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). Toponímia urbana no Brasil – estudos*. Campo Grande: EDUFMS, 2023. p. 16-52.

SOUSA, Alexandre Melo; MARTINS, Rozangela Melo. Origem indígena da Zona Rural da Regional do Baixo Acre. **Revista Tropos**, v. 6, n 2, dez, 2017.

VIEIRA, Marta de Paula Vieira de Paula; SILVA, Nilce Maria da. A nomeação da cidade em libras: uma abordagem enunciativa. **Revista Ecos**, v. 28, n 1, 2020.

Sociotopônimos em Libras: sinais de estádios de futebol do Brasil

Alexandre Melo de Sousa
Higor Soares Pereira
João Renato dos Santos Junior
Israel Queiroz de Lima

Introdução

A Constituição Federal de 1988, no artigo 217, estabeleceu que “É dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não-formais, como direito de cada um” (Brasil, 1988), devendo ser observados, entre outros aspectos, “a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos” e “a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional” (Brasil, 1988). A prática de esportes, portanto, deve integrar a vida das pessoas, tanto para a melhoria da saúde, quanto para a promoção das interações sociais (Pereira; Sousa, 2024).

Strobel (2018, p. 74) cita como um dos artefatos da Cultura Surda “a vida social e esportiva” como necessária e possível para a integração do povo surdo à vida social em geral e ao âmbito esportivo de forma específica. Xavier (2024) explica que a relação dos surdos nos esportes iniciou no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no âmbito escolar e nas associações. Sobre isso, Di Franco (2015, p. 2) detalha:

As associações de surdos são entidades responsáveis por congregar os surdos e contribuir para sua atividade social nos mais diversos âmbitos da vida. Tiveram sua origem no Grêmio Esportivo do INES, fundado em 1930. O Instituto era a única escola de surdos no país, congregando, portanto, um número muito expressivo de surdos vindos de diversas partes do Brasil. O Grêmio era responsável por elaborar ou adaptar regras de esportes e desportos e organizar competições internas das quais a maioria, se não todos os alunos participavam com grande interesse. Estes eram importantes eventos de confraternização e interação entre surdos, concorrendo para a integração social daqueles indivíduos. Ocorre que, ao concluírem seus estudos no INES e retornarem à sua terra de origem, muitos surdos sentiam falta dos eventos esportivos e sociais promovidos pelo Grêmio Esportivo e, impelidos pelo desejo de retomar e ampliar as possibilidades de convivência entre surdos, fundaram várias associações de surdos Brasil afora.

Neste trabalho, trataremos da relação do surdo no âmbito esportivo na perspectiva do torcedor. Nosso interesse é apresentar 14 sinais toponímicos que nomeiam estádios de futebol brasileiros em Libras. Os dados foram informados por pessoas surdas (homens e mulheres) de diferentes cidades brasileiras. Os sinais toponímicos foram gravados pelo autor surdo deste capítulo (3º autor) e disponibilizados no Canal Onomástica em Libras, do YouTube. Para as discussões teóricas, Dick (1990) e Sousa (2022) forneceram as bases dos estudos onomásticos e toponímicos necessárias para a análise dos dados.

Toponímia e sociotopônimos

Strobel (2018, p. 52-3) afirma que:

Para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos, e para construir sua identidade, é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a sua língua em comum: a língua de sinais. A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

No caso do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é a língua¹ que tem favorecido a integração entre a comunidade surda em diferentes espaços sociais (escolas, universidades, famílias, espaços de lazer). Esse contato entre os surdos proporciona a ampliação do léxico em diferentes grupos – dentre os quais destacamos o âmbito onomástico.

A Onomástica é a área da Linguística que estuda os nomes próprios das pessoas, dos lugares, das lojas, das escolas, dos rios, dos personagens da ficção, das divindades entre outros (Sousa, 2022). Quando se trata de nomes de lugares, cabe à Toponímia sua análise mais detalhada.

Dick (1990) diz que a Toponímia é “um imenso complexo linguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (Dick, 1990, p. 16). Trata-se, portanto, de uma área interdisciplinar, que busca em outros campos do saber elementos para constituir os procedimentos analíticos dos topônimos (os nomes de lugares) e para favorecer seu entendimento de forma mais ampla a partir dos vises geográficos, históricos, psicológicos, antropológicos etc.

1 A Libras não é a única língua de sinais do Brasil. Há, em território nacional, diversas línguas indígenas de sinais, línguas de sinais caseiras, línguas de sinais emergentes (Fusellier-Souza, 2006) que também favorecem a interação entre os surdos.

Em Dick (2003) há dois conceitos que nos interessam diretamente neste estudo: microtoponímia e etnotoponímia. A microtoponímia diz respeito aos pequenos espaços urbanos que integram a toponímia maior do espaço geográfico. Nas palavras da autora: “um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano” (Dick, 2003, p. 188). As ruas, as praças, as vilas, os viadutos são exemplos de microtoponímias.

A etnotoponímia, por sua vez, se constitui como o olhar para os nomes geográficos a partir dos contatos entre povos e culturas distintas. Dick (2003, p. 182) afirma que:

Ao se colocar em confronto povos culturalmente distintos em seus hábitos, percepções e modos de expressão linguística, considera-se que as situações existenciais de cada grupo em presença poderão ser modificadas, valorizadas, aceitas ou até repudiadas. A rede de relações intrínsecas particulares a cada um pode se alterar, tornando-os receptivos a outros sistemas.

A pesquisadora se apoia nos ditos de Pottier (1973, p. 124-5), para quem a etnolinguística traduz “o estudo das relações entre uma língua e a visão de mundo daqueles que a falam”.

Quanto à etnotoponímia em relação à Língua Brasileira de Sinais, destaca-se o fato de que o contato entre as culturas surdas e ouvintes podem favorecer empréstimos linguísticos na formação toponímica em Libras. Sousa (2022) apontou que a presença de configurações de mãos relacionadas a letras dos nomes próprios em português é natural em muitas formações de sinais que nomeiam cidades, bairros, ruas, escolas. Esse fenômeno linguístico não torna a Libras inferior ao português ou quer dizer que a língua de sinais é dependente da língua oral. Trata-se de um evento comum entre línguas e culturas em contato.

Na presente pesquisa, a microtoponímia selecionada diz respeito aos estádios de futebol. Para Lacerda e Trindade (2022, p. 815), “no Brasil pode-se dizer que os estádios de futebol são o exemplo de edificação que representa a cultura do país e sua importância”. As autoras afirmam que os estádios compõem a paisagem urbana das grandes cidades e atraem investimentos de diferentes setores dado grande interesse de torcedores e turistas para as atrações do futebol ou de outros grandes eventos.

Mello (2013, p. 186) destaca que atualmente há uma grande preocupação com a integração dos estádios no conjunto urbano das cidades: “os estádios devem ser projetados para servir aos mais variados eventos esportivos e/ou de entretenimento para sua viabilidade financeira”, mas sempre com a preocupação com a sustentabilidade ambiental, com o paisagismo, com o conforto dos torcedores, com a segurança física e patrimonial, a comunicação visual e a sinalização e a curva de visibilidade. Sobre este último:

Um dos requisitos essenciais em um estádio é que o espectador possa assistir ao espetáculo/jogo sem qualquer tipo de obstáculo em seu campo visual. A elaboração da ‘curva de visibilidade’ do estádio é que vai determinar a altura e a largura de cada degrau das arquibancadas de forma a permitir 100% de visibilidade de qualquer ponto delas. Quando há falhas de projeto, impedindo a visão do espetáculo, o público se irrita facilmente e tende a se manter em pé, atrapalhando os demais espectadores e gerando um clima propício a conflitos indesejáveis.

A curva de visibilidade é essencial para o público surdo. Strobel (2018, p. 45) afirma que os surdos “com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através dos olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles”. E complementa que as percepções visuais “abrangem,

através de expressões faciais e corporais, as atitudes dos seres vivos e dos objetos em diversas circunstâncias” (Strobel, 2018, p. 46).

Os estádios são espaços sociais muito frequentados pelos surdos – tanto atletas, quanto torcedores – que possibilitam a criação de sinais próprios. Há, nos estudos toponímicos, duas classificações para esses espaços, quanto às motivações semânticas. Aqui destacamos Dick (1990), Albuquerque (2022) e Sousa (no prelo).

Dick (1990) chama de sociotopônimos os nomes de lugares geográficos motivados por profissões, locais de trabalhos e pontos de encontros de pessoas. Nesta categoria, podemos incluir os estádios de futebol. Albuquerque (2022), em análise de topônimos em Libras relacionados às escolas, observou que muitos sinais fazem relação à estrutura (construção física) dos espaços nomeados. Sousa (no prelo) também observa a relação entre as nomeações de espaços urbanos com as formas arquitetônicas dos espaços ou de elementos que compõem os espaços nomeados em Libras. Essas observações de Albuquerque (2022) e Sousa (no prelo) evocam aos aspectos visuais dos sujeitos surdos e sua percepção de mundo.

Procedimentos metodológicos

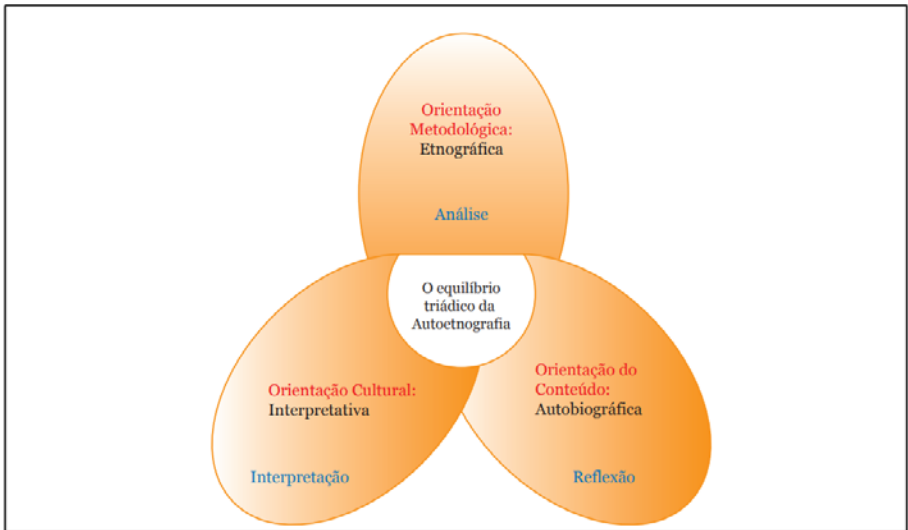
O estudo que apresentamos é de abordagem qualitativa (Gil, 2008) e, quanto aos objetivos, é do tipo descritivo (Gil, 2008). Num âmbito geral, a investigação se vale do método autoetnográfico sustentado pelas experiências dos quatro autores (2 surdos e 2 ouvintes) no seio da comunidade surda e apreciadores da modalidade esportiva: futebol. Santos (2017, p. 219) explica que:

[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia

e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido etc.).

Para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica, portanto, as experiências culturais dos sujeitos envolvidos no desenvolvimento do estudo são fundamentais, tanto na recolha dos dados (vivenciados pelas práticas sociais), quanto pela forma como esses dados serão analisados (sob a perspectiva experienciada pelos sujeitos). Para ilustrar, a pesquisadora apresenta o esquema a seguir:

Figura 1 – Equilíbrio triádico da autoetnografia



Fonte: Santos (2017, p. 219).

Os dados foram selecionados entre surdos de diferentes estados brasileiros que estabelecem contatos de interação com os autores do artigo. Foram destacados 14 sinais de estádios brasileiros. Em seguida, um dos autores surdos regravou todos os sinais para que pudessem ser apresentados neste texto.

Todos os sinais foram escritos em *SignWriting* (sistema gráfico das línguas de sinais) e os vídeos foram armazenados no canal *Onomástica em Libras*, no YouTube. Os *links* são disponibilizados no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Links dos vídeos (dados da pesquisa)

ESTÁDIOS (Sinais)	LINKS
ARENA DA AMAZÔNIA	https://youtu.be/zhov9SirVwg
ARENA DA FLORESTA	https://youtu.be/F7QQq8xa-7Q
ARENA PANTANAL	https://youtu.be/SozolMN9rf8
ESTÁDIO ALLIANZ PARQUE	https://youtu.be/vRIZQ9WNxAA
ESTÁDIO CASTELÃO	https://youtu.be/yyh1EOZ7cJI
ESTÁDIO DO MORUMBI	https://youtu.be/DTzG60VT79c
ESTÁDIO FONTE NOVA	https://youtu.be/sN1Yhpdllv0
ESTÁDIO MARACANÃ	https://youtu.be/k9oreu402mY
ESTÁDIO MINEIRÃO	https://youtu.be/SxMBHZgxEFg
ESTÁDIO MINEIRINHO	https://youtu.be/GRuHJqCFoN8
ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA	https://youtu.be/7AUbyKX2mJ0
ESTÁDIO REI PELÉ	https://youtu.be/nVphaKwYX_8
NEO QUÍMICA ARENA	https://youtu.be/g3fN8s95OUc

Fonte: elaborado pelos autores.

Para a análise, consideramos as possíveis motivações para a criação dos sinais selecionados. Além disso, destacamos relações de iconicidade e de empréstimos linguísticos – quando forem os casos.

Os sociotopônimos em Libras

A seção de análise será organizada da seguinte forma: primeiro descreveremos cada um dos espaços nomeados², ilustrando com a escrita do sinal (*SignWriting*) e com o *QR-Code* do vídeo em Libras. Os da-

2 Usamos o quadro de Configurações de Mãos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (em anexo).

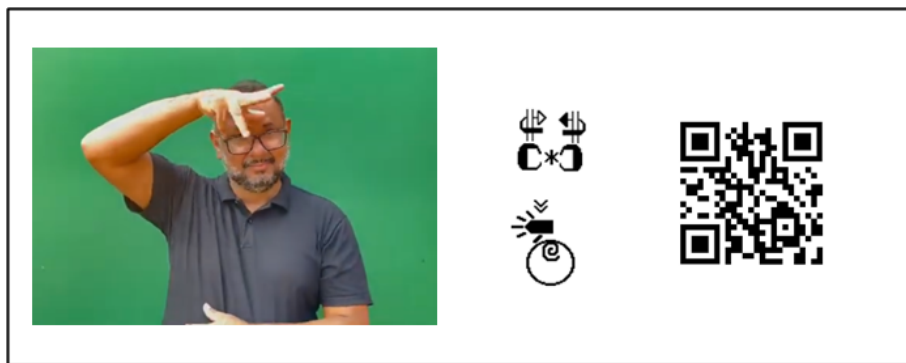
dos serão organizados em ordem alfabética e as informações são extraídas das páginas (*sites*) oficiais dos estádios/clubes.

No segundo momento, faremos apontamentos sobre aspectos de estrutura e de motivação semântica/icônica dos dados, agrupando os sinais que possuem características comuns.

Arena da Amazônia

A Arena da Amazônia é um estádio multiúso localizado na cidade de Manaus, capital do Amazonas. Foi construída no mesmo local antes ocupado pelo Estádio Vivaldo Lima, para ser utilizado como uma das 12 sedes da Copa do Mundo FIFA de 2014. A construção foi inaugurada em 9 de março de 2014. O sinal em Libras pode ser visualizado a seguir.

Figura 2 – Sinal ARENA DA AMAZÔNIA (*SignWriting* e vídeo)



Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é formado a partir do termo genérico (substantivo comum) ESTÁDIO associado ao sinal específico AMAZÔNIA (substantivo próprio). O primeiro sinal (ESTÁDIO) é formado com as duas mãos, ambas em configuração nº 51, em espaço neutro à frente do corpo do sinalizante. As mãos iniciam com as palmas orientadas de forma espelhada e pontas dos dedos tocam simultaneamente. Em seguida, as mãos fa-

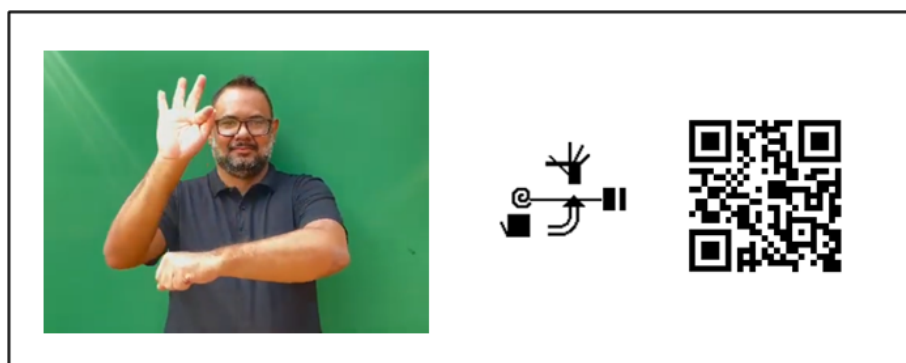
zem um movimento circular de modo que as palmas das mãos finalizam direcionadas para o sinalizante.

O segundo sinal, AMAZÔNIA, é realizado com uma única mão, em configuração nº 64, com ponto de articulação na testa do sinalizante. Com a palma direcionada para o chão, a mão faz um breve movimento retilíneo na testa, enquanto os dedos vão se fechando até a mão ficar cerrada. Este sinal é o mesmo utilizado para o estado do Amazonas.

Arena da Floresta

A Arena da Floresta é um estádio de futebol construído pelo governo do estado do Acre e localizado no município de Rio Branco, capital do estado. A construção foi inaugurada em 17 de dezembro de 2006. Na figura 3 é possível ver o sinal em Libras do referido espaço urbano.

Figura 3 – Sinal ARENA DA FLORESTA (SignWriting e vídeo)



Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é formado por dois elementos léxicos, ambos fazendo referência às letras iniciais de Arena (configuração nº 1) e de Floresta (configuração nº 54). A configuração do sinal faz referência às estruturas de iluminação do estádio.

Arena Pantanal

A Arena Pantanal é uma arena multiúso construída na cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso, na oportunidade da Copa do Mundo de 2014. O espaço substituiu o antigo Estádio Governador José Fragelli, conhecido como “Estádio Verdão”. O novo estádio, construído de acordo com todas as exigências da FIFA, sediou partidas da Copa do Mundo FIFA 2014 e da Copa América 2021.

Figura 4 – Sinal ARENA PANTANAL (SignWriting e vídeo)

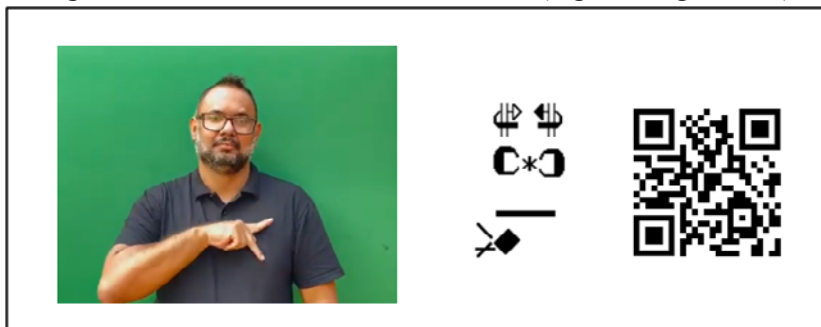


Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é bimanual e forma um único elemento léxico, que faz referência à capivara – um animal mamífero roedor muito característico da região pantaneira do Brasil, especialmente nas bacias dos rios.

Arena Allianz Parque

O estádio Allianz Parque, conhecido como Arena Palestra Itália ou Arena Palmeiras, é um espaço multiúso construído para receber eventos diversos e, principalmente, partidas de futebol do Palmeiras (que é o proprietário do espaço). O estádio, que atende aos padrões da FIFA, é um dos mais modernos do Brasil e foi inaugurado em 2014.

Figura 5 – Sinal ARENA ALLIANZ PARQUE (SignWriting e vídeo)

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é formado pelo sinal ESTÁDIO (descrito em 3.1) associado ao sinal do time PALMEIRAS – a mão em configuração referente à letra P (configuração nº 11) tocando no peito esquerdo do sinalizante.

Castelão

O Estádio Governador Plácido Castelo (Arena Castelão ou Castelão) está localizado em Fortaleza, Ceará. O espaço foi inaugurado em 1973, passou por reforma em 2002, e foi remodelado em 2012, na oportunidade da Copa do Mundo FIFA de 2014. Sua capacidade atual é de até 63.904 espectadores, sendo o maior do Norte/Nordeste, e o quarto do Brasil.

Figura 6 – Sinal CASTELÃO (SignWriting e vídeo)

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é bimanual e formado, inicialmente, com as duas mãos em configuração nº 58, em espaço neutro, com as palmas das mãos direcionadas para a frente. Em seguida, fazem um movimento circular, com os dedos direcionados para cima, até que o círculo se feche e os dedos passam a se direcionar com as pontas para baixo – o sinal faz referência à estrutura do estádio.

Estádio do Morumbi

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Estádio do Morumbi ou MorumBIS) é um estádio de futebol localizado na cidade de São Paulo, que é sede oficial do time brasileiro São Paulo Futebol Clube. O estádio foi inaugurado em 1970 e é o terceiro maior do Brasil (sendo o primeiro do estado de São Paulo).

O espaço, além dos torneios de futebol, tem se constituído como uma referência em eventos artísticos nacionais e internacionais. O Estádio do Morumbi, a partir de 2002, passou a abrigar em suas dependências o Morumbi Concept Hall, espaço de compras e lazer situado no anel térreo.

Figura 7 – Sinal ESTÁDIO DO MORUMBI (*SignWriting* e vídeo)



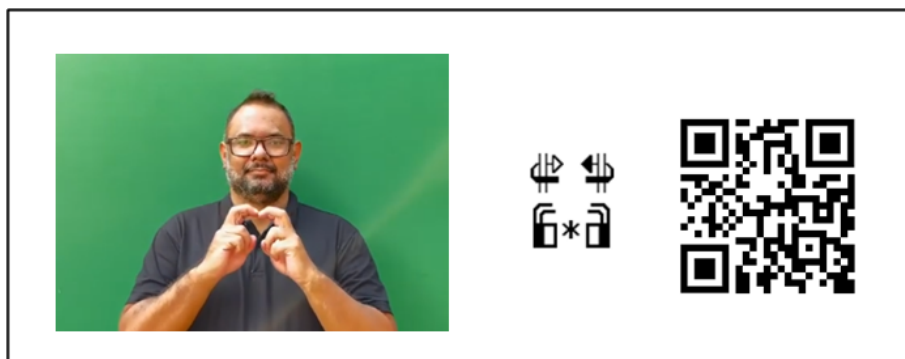
Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é composto pelo sinal genérico ESTÁDIO (como descrito em 3.1) e em seguida pelo sinal específico, cuja formação se dá em dois momentos. Primeiro, a mão ativa, em configuração nº 14, toca o nariz do sinalizante. Em seguida, a mesma mão, agora em configuração nº 59, direciona-se para o espaço neutro, em frente ao corpo do sinalizante, com a palma da mão direcionada para ele. Essa segunda configuração faz referência à letra M – inicial do nome Morumbi.

Estádio Fonte Nova

A Casa de Apostas Arena Fonte Nova (Arena Fonte Nova ou Fonte Nova) é um estádio de futebol localizado em Salvador, no estado da Bahia. O espaço foi reconstruído e inaugurado em 2013 (para a Copa do Mundo FIFA) no mesmo local do antigo Estádio Octávio Mangabeira, do qual herdou o apelido “Fonte Nova”. O nome oficial da arena é Complexo Esportivo Cultural Octávio Mangabeira, contudo, após os direitos serem vendidos para a empresa de apostas Casa de Apostas, por questões de patrocínio o estádio passou a ser denominado Casa de Apostas Arena Fonte Nova.

Figura 8 – Sinal FONTE NOVA (SignWriting e vídeo)



Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal FONTE NOVA é bimanual e produzido com as duas mãos em configuração nº 31, no espaço neutro à frente do corpo do sinalizante. As mãos, simultaneamente, fazem um movimento circular em referência à estrutura do estádio.

Estádio Maracanã

O Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) está localizado na cidade do Rio de Janeiro e foi inaugurado em 1950. Trata-se do maior estádio do Brasil e tem sediado diversos eventos musicais e esportivos, como as cerimônias de abertura e de encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016, as partidas finais da Copa das Confederações FIFA de 2013 e da Copa do Mundo FIFA de 2014.

Figura 9 – Sinal ESTÁDIO MARACANÃ (*SignWriting* e vídeo)



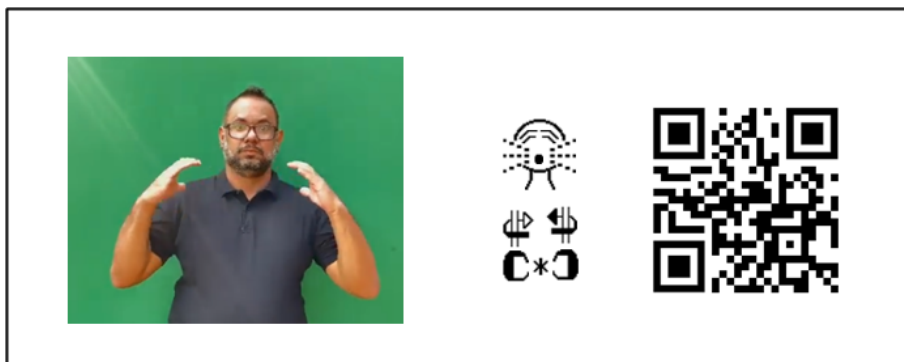
Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é bimanual, realizado no espaço neutro à frente do corpo do sinalizante, tal como descrito em 3.1. Destaca-se o fato de que o sinal específico MARACANÃ é utilizado como sinal genérico de diversos outros estádios e faz referência à estrutura dos estádios em geral – forma circular que permite a visualização dos eventos esportivos pelo público.

Estádio Mineirão

O Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) está localizado em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. O estádio pertence ao Cruzeiro Esporte Clube e foi inaugurado em 1965. Trata-se do quinto maior estádio do Brasil e foi palco de jogos da Copa Libertadores, da Copa Intercontinental e da Copa do Mundo FIFA de 2014.

Figura 10 – Sinal ESTÁDIO MINEIRÃO (SignWriting e vídeo)

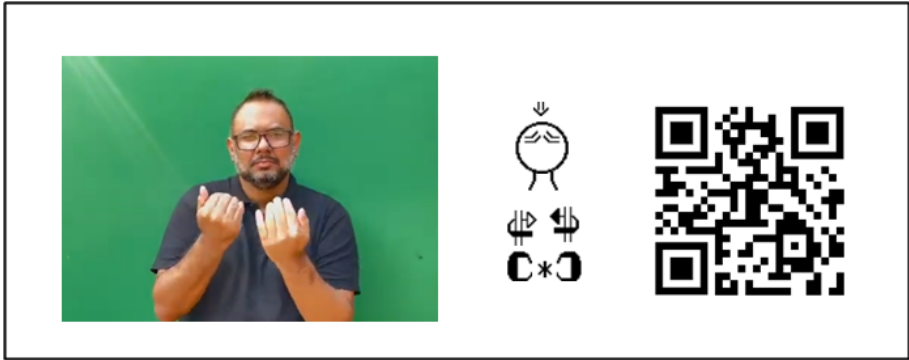


Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal segue a mesma formação do sinal MARACANÃ acrescido da expressão não-manual: abaixamento das sobrancelhas e bochechas infladas, indicando dimensão aumentada. O sinal faz contraponto ao sinal MINEIRINHO.

Estádio Mineirinho

O Estádio Jornalista Felipe Drummond (Mineirinho) é um ginásio poliesportivo localizado em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Inaugurado em 1980 e tem sediado diversos eventos esportivos – futsal, voleibol, artes marciais mistas entre outros – além de eventos artísticos.

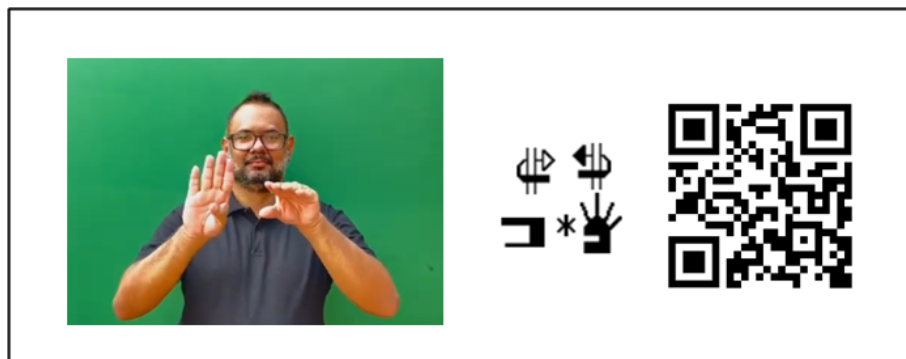
Figura 11 – Sinal ESTÁDIO MINEIRINHO (SignWriting e vídeo)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Contrapondo ao sinal MINEIRÃO, o sinal MINEIRINHO forma o sinal na mesma estrutura de MARACANÃ com o raio circular do movimento do sinal em menor dimensão. Também é acrescentada expressão facial com leve fechamento dos olhos e expressão corporal de arqueamento dos ombros – o que faz referência à estrutura menor do estádio em relação ao Mineirão.

Estádio Nacional de Brasília (Mané Garrincha)

O Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha (Arena BRB Mané Garrincha) é uma arena multiúso localizada em Brasília, no Distrito Federal. O espaço compõe o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, que inclui também: a Arena BRB Nilson Nelson, o Autódromo Internacional Nelson Piquet e outros espaços esportivos. Foi inaugurado em 1974 e passou por reformas para receber jogos da Copa do Mundo FIFA de 2014. É o segundo maior estádio do Brasil.

Figura 12 – Sinal ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA (SignWriting e vídeo)

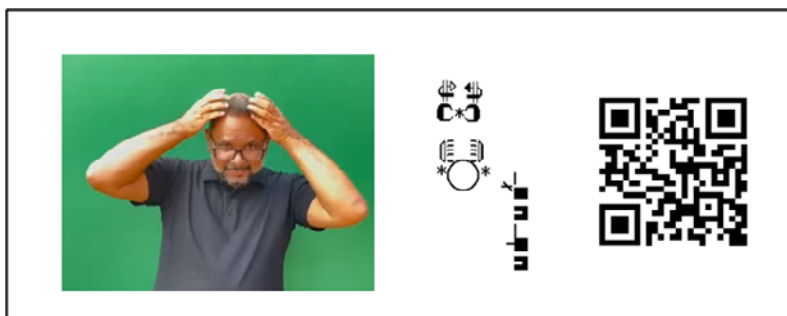
Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA é formado com as duas mãos, sendo uma em configuração nº 61 e a outra em configuração nº 50. O movimento representa a estrutura circular do estádio de futebol.

Estádio Rei Pelé

O Estádio Rei Pelé (Trapichão) está localizado na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, Brasil. Foi inaugurado em 1970 e acomoda em suas instalações: o Museu dos Esportes Edvaldo Alves Santa Rosa, o Hall da Fama e o Memorial Rainha Marta. O estádio pertence ao Governo do Estado de Alagoas e tem capacidade de público estimada em 15.000 (quinze mil) torcedores.

No evento de inauguração do estádio, ocorreu o jogo disputado entre a Seleção Alagoana e o Santos Futebol Clube. Na ocasião, o jogador Pelé atuou na partida e fez 2 gols, o que garantiu a vitória para os visitantes. Essa foi a razão da escolha do nome do estádio em língua portuguesa.

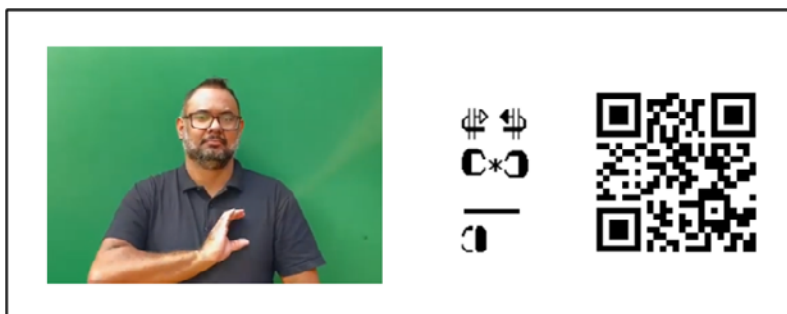
Figura 13 – Sinal ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA (SignWriting e vídeo)

Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal é formado por três elementos léxicos: o sinal genérico ESTÁDIO (ver descrição em 3.1) associado ao sinal REI e a soletração da palavra P-E-L-Ê. O sinal REI é bimanual, com as duas mãos em configuração nº 51, com ponto de articulação sobre a cabeça – em referência às coroas usadas pelos reis. O sinal é motivado, portanto, pela figura do jogador Pelé – considerado o rei do futebol.

Neo Química Arena

A Neo Química Arena (Arena Corinthians) está localizada na cidade de São Paulo, Brasil. O proprietário do estádio é o Sport Club Corinthians Paulista. A inauguração da Arena ocorreu em 2014 e no espaço ocorreu a cerimônia de abertura da Copa do Mundo FIFA de 2014.

Figura 14 – Sinal NEO QUÍMICA ARENA (SignWriting e vídeo)

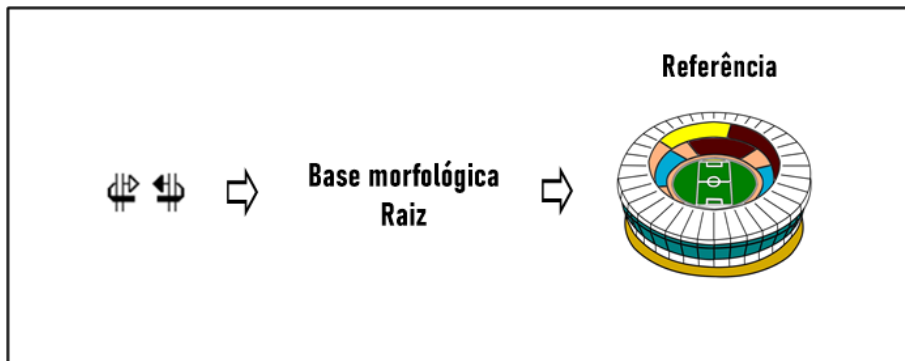
Fonte: Elaborado pelos autores.

O sinal NEO QUÍMICA ARENA é formado pelo sinal genérico ESTÁDIO (descrito em 3.1) associado ao sinal do time CORINTHIANS – a mão em configuração referente à letra C (configuração nº 51) tocando o lado esquerdo do peito do sinalizante. A referência é, portanto, o time Corinthians.

Síntese

Após as descrições dos sinais toponímicos dos estádios de futebol selecionados, observamos que, com exceção do sinal ARENA DA FLORESTA, todos possuem uma formação morfológica comum marcada pelo movimento circular que faz referência à estrutura dos espaços nomeados, conforme figura a seguir.

Figura 15 – Base morfológica



Fonte: Elaborado pelos autores.

Outro aspecto observado é que o sinal ESTÁDIO funciona como sinal genérico na maioria dos casos selecionados, mas para o Estádio do Maracanã ele é sinal específico na nomeação toponímica.

Observou-se, ainda, que houve flexão de grau no sinal ESTÁDIO para nomear os estádios Mineirão (sinal ESTÁDIO + marca de plural) e Mineirinho (ESTÁDIO + marca de diminutivo). Trata-se de um fenômeno interessante, pois mostra que os sinais toponímicos obedecem

a princípios linguísticos próprios dos domínios lexicais – como o fenômeno da flexão nominal.

Os dados mostraram presenças de empréstimos linguísticos em 06 sinais: ARENA DA FLORESTA (referências às letras A e F, iniciais do nome do espaço em português), ARENA ALLIANZ PARQUE (referência à letra P de Palmeiras), ESTÁDIO DO MORUMBI (referência à letra M, inicial de Morumbi), ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA (referência à letra B, inicial de Brasília), ESTÁDIO REI PELÉ (soletração manual de Pelé) e NEO QUÍMICA ARENA (referência à letra C de Corinthians).

Por fim, observamos que os sinais em Libras de 2 estádios fazem referência aos times dos quais os espaços são sede: Palmeiras (sinal ARENA ALLIANZ PARQUE) e Corinthians (sinal NEO QUÍMICA ARENA).

Considerações finais

Os estudos sobre a toponímia em Libras têm mostrado como a visualidade dos sujeitos surdos nomeadores são fundamentais no processo de criação dos sinais em línguas de sinais, especialmente no que diz respeito aos aspectos semântico-motivacionais e icônicos. No caso dos sociotopônimos em Libras analisados aqui, percebemos a forte iconicidade marcada pela base morfológica (movimento circular realizado com as duas mãos) fazendo referência à estrutura dos espaços nomeados. Os sinais descritos aqui podem ter outras realizações por grupos de surdos. É necessário ampliar os dados para verificar regularidades nos processos de nomeação destes espaços urbanos específicos: os estádios de futebol.

As nomeações de estádios em Libras mostram a produtividade lexical e os fenômenos inerentes aos domínios do léxico, seja na perspectiva morfológica, seja na perspectiva semântica. Os dados que apresentamos neste texto são um recorte de um estudo mais amplo so-

bre os processos de atribuição de nomes (sinais) próprios por surdos brasileiros. O projeto compõe o Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão).

Agradecimentos:

Agradecemos à desenhista Kerolaine Cristina da Silva Soares pela produção da imagem do estádio que compõe a figura 15 deste texto.

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Ferreira. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais das escolas de Araguaína – TO. 2022. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, TO, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4345>. Acesso em: 3 ago. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha. Esportes surdos na constituição da identidade. **Anais da 6ª SBECE**: Educação, Transgressões, Narcisismo. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7371924-Esportes-surdos-na-constituicao-da-identidade.html>. Acesso em: 10 ago. 2024.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo, Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Aspectos de etnolinguística: a toponímia carioca e paulistana – contrastes e confrontos. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 180-191, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33820>. Acesso: 10 ago. 2024.

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. Emergence and development of Signed Languages: from diachronic ontogenesis to diachronic phylogenesis. **Sign Language Studies**, Gallaudet University Press, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LACERDA, Mariana de Souza; TRINDADE, Fernanda Cota. Estádio de futebol: “âncora” social do país do futebol? **Pensar Acadêmico**, Manhuaçu, v. 20, n. 3, p. 813-843, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363686426_ESTADIO_DE_FUTEBOL_ANCORA_SOCIAL_NO_PAIS_DO_FUTEBOL. Acesso em: 10 ago. 2024.

MELLO, Eduardo de Castro. O estádio de futebol e sua percepção inovadora. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 153-158, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76329> Acesso em: 10 ago. 2024.

PEREIRA, Higor Soares; SOUSA, Alexandre Melo de. A inclusão de pessoas com deficiência no contexto escolar da Educação Física. In: SANTOS, Nadson A.; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Pesquisas em educação e linguagem na Amazônia**: interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 107-120.

POTTIER, Bernard. **Le Language**. Les Dictionnaires du Savoir Moderne. Paris: Denoel, 1973.

SOUSA, Alexandre Melo de. Reflexos da arquitetura urbana de Rio Branco na toponímia em Libras: dados do Inventário da Língua Brasileira de Sinais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEIDE, Márcia Sipavicius (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, no prelo.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural. 2022.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

XAVIER, Andrico Moraes. **O léxico do futebol em Libras**: proposta de sinalário para a educação bilíngue de surdos. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, MT, 2024.

ANEXO:



Como os surdos nomeiam as escolas municipais em Feira de Santana, Bahia

Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas

Liliane Lemos Santana Barreiros

Thaiane Souza Macambira

Introdução

Dar nomes aos lugares é comum a todas as línguas naturais, portanto essa ação também é verificada na Língua Brasileira de Sinais (Libras). O esforço desta atividade é tão antigo que é registrado até mesmo na Bíblia, não se trata de uma escolha aleatória, mas uma forma de transferir significados (Moreira, 2010). A área da linguística que se ocupa com as investigações da motivação da nomeação de lugares é a Toponímia. Desse modo, o objetivo dessa investigação é compreender como os surdos feirenses nomeiam as escolas municipais¹, levando em consideração que estas instituições educacionais são um serviço público essencial aos cidadãos. O *corpus* da pesquisa é constituído por cinco topônimos, porém serão analisados três, tendo como critério de inclusão a variedade das motivações encontradas.

1 Este estudo corrobora e contribui com a agenda do projeto de pesquisa “Estudo Bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS044/2018), coordenado pela professora Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Para classificar os topônimos em Língua Portuguesa das instituições de ensino encontradas, o aporte teórico-metodológico será composto pelos modelos taxionômicos criados por Dick (1992), Lima (1997), Francisquini (1998) entre outros. Esse modelo foi utilizado e adaptado em estudos semelhantes em Libras por Ferreira (2019), Jesus (2019), Marins (2024), Reisurreição Dantas (2024) dentre outros.

Com base no princípio de que a educação é um dos serviços públicos essenciais para todos os cidadãos brasileiros, este estudo explora a interseção entre educação, estudos toponímicos e a comunidade surda de Feira de Santana (BA). O trabalho parte da definição de serviço público e sua relevância na construção de uma sociedade inclusiva, para analisar a relação entre a comunidade surda local e as instituições de ensino do município. Em seguida, são apresentadas e analisadas três fichas lexicográfico-toponímicas de escolas municipais de Feira de Santana.

Fundamentos constitucionais do serviço público

Após 35 anos de sua promulgação, a Constituição Federal de 5 de outubro de 1988 continua a ser um marco na história do Brasil, simbolizando o fim da ditadura militar e consolidando os princípios da democracia. Mais do que um simples documento, ela permanece até hoje uma referência jurídica e social essencial. A Constituição estabelece o modelo político brasileiro como um Estado Democrático de Direito, no qual o povo tem um papel ativo e influente nas decisões governamentais (Brasil, 1988).

De acordo com os princípios consagrados na Constituição, os direitos dos cidadãos são assegurados dentro deste sistema democrático, promovendo a igualdade e a justiça. Nesse contexto, os serviços públicos desempenham um papel crucial na garantia desses direitos, tanto individuais quanto coletivos (Abreu, 2016).

Com base nisso, Alves (2014) aborda o conceito de ‘serviço público’, destacando que essa definição é analisada a partir de diversas perspectivas, refletindo as várias especialidades no campo do Direito. Apesar das diferentes abordagens, os fundamentos essenciais permanecem consistentes. A definição de serviço público não é definitiva nem universal, variando conforme a organização estatal e o tipo de governo vigente. Segundo a autora, “Cada país e cada povo, através de sua legislação, determina quais atividades a sociedade considera como serviço público. Trata-se de uma decisão política e, portanto, de difícil conceituação” (Alves, 2014, p. 7). Em síntese, no contexto brasileiro, essas atividades são definidas pelo direito vigente e, embora sua definição possa evoluir ao longo do tempo, o princípio de promover o bem-estar da sociedade continua a ser a base essencial.

Os serviços públicos no Brasil: uma perspectiva prática

De acordo com o capítulo VII, do artigo 175 da Constituição Federal de 1988, a responsabilidade pela oferta de serviços públicos é do Poder Público. No entanto, a prestação desses serviços pode ser realizada de forma direta ou indireta, através de concessões ou permissões, o que estabelece uma colaboração entre os setores público e privado.

Ao longo das informações apresentadas, é importante destacar que a Constituição Federal de 1988 deixou uma lacuna em relação à definição clara e objetiva dos serviços públicos. Para suprir essa deficiência, foi promulgada, em 28 de junho de 1989, a Lei de Greve nº 7.783. Esta lei introduziu pela primeira vez, em seu artigo 10, uma distinção entre atividades essenciais e não essenciais, oferecendo um detalhamento sobre os serviços que se enquadram em cada categoria (Brasil, 1989). A lei destaca que:

Parágrafo único. Não havendo acordo, é assegurado ao empregador, enquanto perdurar a greve, o direito

de contratar diretamente os serviços necessários a que se refere este artigo.

Art. 10 São considerados serviços ou atividades essenciais:

I – tratamento e abastecimento de água; produção e distribuição de energia elétrica, gás e combustíveis;

II – assistência médica e hospitalar;

III – distribuição e comercialização de medicamentos e alimentos;

IV – funerários;

V – transporte coletivo;

VI – captação e tratamento de esgoto e lixo;

VII – telecomunicações;

VIII – guarda, uso e controle de substâncias radioativas, equipamentos e materiais nucleares;

IX – processamento de dados ligados a serviços essenciais;

X – controle de tráfego aéreo e navegação aérea; (Redação dada pela Lei nº 13.903, de 2019)

XI – compensação bancária;

XII – atividades médico-periciais relacionadas com o regime geral de previdência social e a assistência social; (Incluído pela Lei nº 13.846, de 2019)

XIII – atividades médico-periciais relacionadas com a caracterização do impedimento físico, mental, intelectual ou sensorial da pessoa com deficiência, por meio da integração de equipes multiprofissionais e interdisciplinares, para fins de reconhecimento de direitos previstos em lei, em especial na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência); e (Incluído pela Lei nº 13.846, de 2019)

XIV – outras prestações médico-periciais da carreira de Perito Médico Federal indispensáveis ao atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade;

XV – atividades portuárias (Brasil, 1989).

Essa lei trouxe um novo entendimento sobre a classificação e o detalhamento das atividades essenciais e não essenciais em todo o território brasileiro. Sua aprovação foi recebida positivamente, preenchendo a lacuna deixada pela Constituição de 1988 e contribuindo para o bom funcionamento dos órgãos responsáveis.

Durante 27 anos, a Lei nº 7.783/1989 serviu como base jurídica. No entanto, em 2016, o senador Cristovam Buarque propôs uma emenda à referida lei, que foi aprovada e incluiu três novos setores como essenciais: Educação, Segurança e Administração Jurídica. O senador justificou a emenda destacando a importância desses serviços para a sociedade e a impossibilidade de imaginar a ausência deles para o funcionamento da coletividade e do ordenamento jurídico (Congresso Nacional, 2016).

Assim, com essas mudanças legais e outras iniciativas subsequentes, a Educação, que é o foco deste estudo, passou a ser reconhecida como um direito fundamental e essencial em todo o Brasil. Na próxima seção, exploraremos os aspectos educacionais da comunidade surda em Feira de Santana.

Caracterização do perfil da comunidade surda feirense e sua interface com a educação

Feira de Santana é a segunda maior cidade do estado da Bahia, situada a 109 km da capital, Salvador. Com uma população estimada em 616.279 habitantes e uma área territorial de 1.304,425 km² (IBGE, 2022), a cidade se destaca como o principal entroncamento rodoviário

das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Seu forte potencial comercial e industrial atrai um grande fluxo de pessoas de diversas partes do país.

A cidade exerce significativa influência regional e é um ponto de confluência para diversos grupos culturais, incluindo uma expressiva comunidade surda. Atualmente, Feira de Santana tem uma comunidade surda ativa e em processo de consolidação política e social. No entanto, a trajetória dos surdos ao longo da história tem sido marcada por desafios e contradições.

Ferreira (2019) e Jesus (2019) apontam em suas pesquisas que o primeiro espaço de acolhimento de alunos surdos em Feira de Santana foi a Escola Alberto Alencar, criada em 1977, pela Dra. Mara Regina. Esse espaço atendia não só surdos como pessoas com deficiências diversas e ofereciam vários serviços desde reabilitação ao ensino. Naquela época, os surdos feirenses utilizavam, ainda, mímicas, sinais caseiros e gestos para se comunicar, em face da filosofia educacional de cunho oralista. Portanto, priorizava-se a oralidade como método para o desenvolvimento cognitivo.

Passados quatro anos, uma grande mudança ocorreu na maneira como os surdos se comunicavam. Ferreira (2019) aponta que:

Conta-se na comunidade surda que o primeiro contato dos surdos feirenses com a Libras aconteceu por volta de 1981, quando uma surda fluente, moradora da cidade de Barreiras-BA, visitou moradias de surdos da cidade. A maneira dela se comunicar causou estranheza para alguns e curiosidade para outros, contudo, a facilidade na comunicação após aprendizagem, possibilitou a difusão da Libras (Ferreira, 2019, p. 27).

Cumprindo um papel semelhante ao de um “discípulo multiplicador”, a surda barreirense Juciene Passos Souza foi ensinando a língua a pessoas surdas, que foram passando para outras e, assim, seguiu-

-se a difusão. Mencionar a ação voluntária pioneira dela é reconhecer a sua importância para o estágio de ascensão que a comunidade surda feirense está na atualidade.

Por volta de 1990, foi fundada na cidade a Associação Filantrópica de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (AFADA). Há uma geração inteira de surdos feirenses que foram marcados pelo período de estudos na AFADA. A associação funcionava, dentre outras atividades, como uma escola especial, contando com ensino exclusivo em Libras. Entretanto:

[...] com o passar do tempo, e seguindo as tendências mundiais, foi introduzido na AFADA a filosofia oralista, proibindo os surdos de usar a Libras. Mesmo com a proibição de usar sua língua natural, a comunidade surda não desistiu, e depois de muitas lutas, os surdos voltaram a se comunicar utilizando a Libras. Com um tempo, por falta de apoio financeiro, a Associação decretou falência e fechou (Jesus, 2019, p. 27).

Outro espaço educacional feirense que se destacou após o fechamento da AFADA e segue até a atualidade acolhendo os surdos é o Centro de Apoio Pedagógico (CAP). Este centro tem como objetivo oferecer o atendimento de apoio pedagógico aos estudantes com deficiências e dificuldade de aprendizagem matriculados na rede estadual. Os surdos, ao participarem desse espaço, têm a possibilidade de aprender a Libras ou o português escrito, além de apoios diversos em suas dificuldades educacionais.

O processo de emancipação do povo surdo feirense converge com os marcos legais conquistados com muita luta da comunidade surda em todo o Brasil. Dentre eles, destaca-se a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que reconhece a Libras enquanto língua, meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda.

A “Lei de Libras”, como ficou conhecida, foi impulsionadora de outras conquistas, como o Decreto que a regulamenta, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que em seus capítulos traz amparos legais relevantes à comunidade surda, como a inclusão da Libras como componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura e no curso de Fonoaudiologia, da formação do professor e instrutor de Libras entre outras questões.

Motivada pelas conquistas nacionais, a comunidade surda feirense também pleiteou, lutou e conquistou algumas legislações municipais, como Lei Municipal nº 164, de 1 de fevereiro de 2005, que implementa o uso da Libras como língua oficial no município; o reconhecimento da profissão do intérprete de língua de sinais pela criação da Lei Municipal nº 2608, de 29 de agosto de 2005, e, em 19 de maio de 2009, a lei que obriga a presença do intérprete de Libras nos espaços públicos de atendimento coletivo, Lei nº 3000.

Devido aos crescentes encontros de surdos para confraternizar, conversar em língua de sinais e compartilhar interesses em comum, além da necessidade de se organizarem politicamente, tiveram a ideia de criar uma associação. À vista disso, a Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS) foi fundada no ano de 2008 e, nesse tempo, já contou com três presidentes. A atual é Elaine Figueredo que está em seu segundo mandato e será reconduzida ao cargo até o ano de 2028. A associação está funcionando por meio de contrato de empréstimo no Centro Esportivo, Cultural e Social José Ribeiro da Silva, o qual é vinculado à Escola Infantil São João da Escócia, espaço mantido pela Loja Maçônica Luz e Fraternidade.

A ASFS é uma organização sem fins lucrativos, organizada há 16 anos com o objetivo de unir os surdos da cidade de Feira de Santana. Atualmente conta com cerca de 200 membros ativos associados, dentre outras pessoas surdas que frequentam esse espaço e ouvintes colaboradores. Ressalta-se, a partir dos relatos de surdos, que há espaço

para pessoas ouvintes nas associações, atuando na secretaria, lidando com questões que envolvem uma habilidade do português escrito, bem como tradutores/intérpretes de Libras, mediando a comunicação com ouvintes que não conhecem a língua, mas, em hipótese alguma, compondo a presidência, local esse destinado apenas às pessoas surdas.

A associação não mede esforços para conquistar os direitos dos surdos. Dentre as ações sociais que promovem destacam-se: cursos de Libras como primeira língua (L1) para surdos e como segunda língua (L2) para ouvintes, curso de português como L2 para surdos, integração com familiares de surdos, encontros esportivos em Feira e campeonatos em outras cidades, palestras com temáticas diversas, doações de cestas básicas, eventos em datas comemorativas, ações de conscientização, apoio à inserção de surdos no mercado de trabalho, entre outros.

Nesse cenário já relatado até aqui, as escolas de Feira de Santana adotavam/adotam uma perspectiva de ensino voltada para a inclusão, modelo esse em que se espera ter um professor e um intérprete de Libras atuando em sala de aula e no turno oposto o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Contudo, a falta de profissionais qualificados e a falta, também, de uma metodologia baseada na pedagogia surda ou visual (modelo ideal para os surdos sinalizantes) ocasiona o fracasso escolar de muitos surdos.

Desmotivada com o cenário e a fim de promover mudança, no ano de 2014, uma mãe de surdo de Feira de Santana cria a Associação Mãos que Sonham. O objetivo dela era fortalecer o ensino, promovendo aulas de Libras como L1 para surdos, bem como práticas de letramento através do ensino do português como L2 para eles. Tudo isso era oferecido em caráter filantrópico. A associação funcionou e cumpriu seu papel com maestria por alguns anos, porém, recentemente, foi fechada devido à falta de apoios diversos.

Recentemente, a comunidade surda de Feira de Santana ganhou a Central de Libras, uma nova instituição voltada para garantir acessibilidade em espaços públicos da cidade. Criada em resposta às demandas da comunidade surda e mantida com recursos do Governo do Estado, a Central de Libras tem a missão de proporcionar serviços de acessibilidade para os surdos locais. Para utilizar os serviços, os usuários podem visitar a Central, localizada nas dependências do CAP, ou entrar em contato através de um número de WhatsApp disponibilizado para esse fim. Além dos serviços de acessibilidade, a instituição oferece também aulas de Libras nos níveis básico, intermediário e avançado para o público ouvinte interessado em aprender a língua.

No que se refere à inclusão de surdos feirenses no ensino superior, relatos indicam que as barreiras comunicativas representavam grandes desafios, uma vez que as instituições ainda não ofereciam serviços de acessibilidade, como interpretação em Libras, de forma abrangente. Apesar dessas dificuldades, há registros de surdos formados pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e por outras instituições privadas em áreas como Matemática, Letras Libras, Administração, Engenharia, Serviço Social e Artes Visuais, entre outras.

Todo esse contexto foi fundamental para justificar a relação entre os surdos e as escolas municipais. Observa-se que a presença de surdos nas instituições de ensino foi o que motivou a nomeação (ou sinalização) desses espaços em Libras. As teorias onomásticas demonstram que os seres humanos nomeiam apenas aquilo que possui um significado real e relevante para suas vidas, e com as instituições não é diferente. Na próxima seção, apresentaremos e discutiremos três fichas lexicográfico-toponímicas de escolas municipais de Feira de Santana.

As fichas lexicográfico-toponímicas das escolas municipais de Feira de Santana

Quadro 1 – Escola Municipal Adenil da Costa Falcão

FICHA		NÚMERO: 01
LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		
TERMO GENÉRICO: Escola Municipal	TOPÔNIMO EM LP: Adenil da Costa Falcão	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Rua Lopes Rodrigues, 468, Brasília, Feira de Santana (BA), 44089-000 https://maps.app.goo.gl/A7QEk2aB4LmpSDW68	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo		
ORIGEM: “Adenil” de origem francesa; “Costa” de origem italiana; “Falcão” de origem portuguesa.		
HISTÓRICO: Escola Municipal Adenil da Costa Falcão		
IMAGENS:		
		
Fonte: Google Maps		Fonte: Acervo da pesquisadora
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: a Escola Municipal Adenil da Costa Falcão é uma instituição pública fundada em 2010 que oferece educação para alunos da rede municipal, focando no desenvolvimento acadêmico e social das crianças da comunidade.		



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:
Antropotopônimo

Estrutura semântica: «antro+higie»

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL
TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL:

A comunidade surda nomeou esta escola tomando como referência uma característica física da Sra. Adenil da Costa Falcão, funcionando como um sinal pessoal devido à motivação ser o formato do nariz dela. Uma outra motivação faz referência ao odor que existe na região da escola, o local sofre com problemas persistentes de saneamento básico.

FONTES:

Lista de nomes. Disponível em: <https://listadenomes.com.br/adenil/>. Acesso em: 11 out. 2023.

Costa (sobrenome). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_\(sobrenome\)#::~:~:text=Costa%20%C3%A9%20um%20sobrenome%20origin%C3%A1rio,Canad%C3%A1%2C%20Estados%20Unidos%20e%20Argentina](https://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_(sobrenome)#::~:~:text=Costa%20%C3%A9%20um%20sobrenome%20origin%C3%A1rio,Canad%C3%A1%2C%20Estados%20Unidos%20e%20Argentina.). Acesso em: 11 out. 2023.

Falcão. Disponível em <https://sobrenomes.genera.com.br/sobrenomes/falcao/#::~:~:text=Sobrenome%20portugu%C3%AAs%20proveniente%20de%20uma,s%C3%A9rie%20de%20aves%20de%20rapina>. Acesso em: 11 out. 2023.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 2 – Escola Municipal Prof. José Raimundo de Azevedo

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO: 02
TERMO GENÉRICO: Escola Municipal	TOPÔNIMO EM LP: Prof. José Raimundo de Azevedo	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Av. Dois, Tomba, Feira de Santana (BA), 44091-620 https://maps.app.goo.gl/qf2d9BqdDNBMHCzE7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo		
ORIGEM: “Prof.” Abreviação de “Professor”: do latim; “José”: tem origem no latim ‘ <i>Iosephus</i> ’ (Josefo), o nome procede do verbo hebraico yasaph, “adicionar”, daí Yoseph (Yosephyâh), “Raimundo” do Germânico e “Azevedo” do Português.		
HISTÓRICO: Centro de Atenção Integral à Crianças e ao Adolescente (Caic) Prof. José Raimundo de Azevedo > Escola Municipal Prof. José Raimundo de Azevedo; Popularmente conhecido pela toponímia paralela: CAIC		
IMAGENS:		
		
Fonte: Google Maps		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:		
O Centro de Atenção Integral à Crianças e ao Adolescente, o Caic, é uma criação dos anos 1990. Elaborada durante o governo de Fernando Collor de Mello e incorporada ao Projeto Minha Gente, a proposta buscava reformar o quadro de exclusão social, política e econômica através da educação, do atendimento básico de saúde, da assistência e da promoção social integrada. Atualmente, a escola não funciona mais como um CAIC, foi municipalizada e funciona nos turnos matutino e vespertinos com crianças matriculadas do Grupo 3 ao 5º ano do Ensino Fundamental I.		



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Morfotopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL

TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL:

A comunidade surda nomeou esta escola tomando como referência a estrutura do telhado da escola.

FONTES:

Educação para a transformação: a proposta do Centro de Atenção Integral à Crianças e ao Adolescente. Disponível em: <https://mrpitamarfranco.com.br/panteao/2022/06/educacao-para-a-transformacao-a-proposta-do-centro-de-atencao-integral-a-criancas-e-ao-adolescente/>. Acesso em: 11 out. 2023.

Significado do nome Raimundo. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/raimundo/>. Acesso em: 11 out. 2023.

José. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mmYVt>. Acesso em: 11 out. 2023.

NASCENTE, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1995.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 3 – Escola Municipal São João da Escócia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO: 03
TERMO GENÉRICO: Escola Municipal	TOPÔNIMO EM LP: São João da Escócia	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Av. Maria Quitéria, 2836, Queimadinha, Feira de Santana (BA), 44050-368 https://maps.app.goo.gl/aNkBoe72JgEcPA6SA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo		
ORIGEM: ‘São’: do latim <i>sanu</i> ; ‘João’: tem sua origem etimológica direta no latim <i>Ioannes</i> que, por sua vez, é derivado do grego <i>Ιωάννης</i> (<i>Ioánnis</i>); ‘Escócia’: <i>Scotland</i> vem de <i>Scoti</i> , o nome latino para os gaels.		
HISTÓRICO: Escola Infantil São João da Escócia > Escola Municipal São João da Escócia		

IMAGENS:



Fonte: Google Maps



Fonte: Instagram da ESJE

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: a Escola São João da Escócia foi criada pela Loja Maçonica Luz e Fraternidade e atualmente funciona por meio de uma parceria com o município de Feira de Santana. São João da Escócia é considerado o patrono da Maçonaria. Existem algumas entidades beneficentes, escolas e hospitais no Brasil que levam o nome desse santo por terem sido fundadas pela instituição.



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

Mimetopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL

TOPONÍMICO: Simples

CONTEXTO DO SINAL: o sinal é motivado pelo desenho presente no antigo fardamento, referência à logomarca da escola conforme imagem.

FONTES:

São João da Escócia. Disponível em: <https://www.freemason.pt/sao-joao-da-escocia/>. Acesso em 30 abr. 2024.

Loja Maçonica Luz e Fraternidade. Disponível em: <http://www.luzefraternidade.org.br/pagina/7/sobre-a-escola.html>. Acesso em: 30 abr. 2024

São. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/sao/#:~:text=Etimologia%20\(origem%20da%20palavra%20s%C3%A3o,referir%20a%20santo%3A%20S%C3%A3o%20Benedito!](https://www.dicio.com.br/sao/#:~:text=Etimologia%20(origem%20da%20palavra%20s%C3%A3o,referir%20a%20santo%3A%20S%C3%A3o%20Benedito!). Acesso em: 30 abr. 2024.

João. Disponível em: <https://encurtador.com.br/axIPX>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Escócia. Disponível em: <https://encurtador.com.br/uLY27>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Análise das fichas lexicográfico-toponímicas

Ao analisar as três fichas escolhidas, observa-se que, embora as taxionomias dos topônimos em Libras a elas atribuídas sejam diferentes, as três apontam para uma motivação visual, conforme veremos a seguir.

A Escola Municipal Adenil da Costa Falcão recebe a taxe de antropotônimo, ou seja, topônimos relativos aos nomes próprios de pessoas, prenomes, apelidos, alcunhas ou pelo conjunto onomástico. A comunidade surda nomeou esta escola tomando como referência principal uma característica física da Sra. Adenil da Costa Falcão, funcionando como um sinal pessoal devido à motivação ser o formato do nariz dela. Ressalta-se que o quadro presente na imagem da ficha com a foto da Sra. Adenil Falcão está presente na secretaria escolar e todos que adentram a escola tem acesso direto a ele, o que demonstra ter chamado a atenção dos surdos.

Por sua vez, à Escola Municipal Prof. José Raimundo de Azevedo é atribuída a taxe de morfotopônimo, ou seja, topônimos relacionados a formas geométricas. A comunidade surda nomeou esta escola tomando como referência a estrutura do telhado da escola e para isto é realizado um sinal alusivo à forma geométrica do telhado da instituição.

Por fim, Escola Municipal São João da Escócia recebe a taxe de mimetopônimo. O mimetopônimo refere-se aos nomes gerados a partir de processos miméticos, ou seja, motivação apresentada com alto grau de iconicidade. De acordo com Marins (2024), seriam “todos os topônimos que nomeiam criando um novo sinal não existente na língua e que é motivado por fatores externos, como aspectos físicos do lugar ou a logomarca da instituição” (Marins, 2024, p. 69). O sinal é motivado pelo desenho presente no antigo fardamento, referência à logomarca da escola conforme imagem presente na ficha.

A análise acima se justifica na relação indissociável entre língua, sociedade e cultura, reverberando na atribuição de sinais dessas instituições de ensino. Strobel (2008) afirma que “[...] o primeiro artefato cultural do ‘Povo Surdo’ é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente” (Strobel, 2008, p. 38). Avançando mais a autora afirma também que “[...] conhecer o mundo pela visão significa, ainda, desenvolver um código visual com o qual os surdos associam significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio” (Strobel, 2008, p. 43).

A motivação desses sinais é estritamente visual, enquanto a tendência denominativa dos ouvintes é nomear as instituições objetivando prestar homenagens. A cultura surda implica em nomear os espaços a partir da experiência visual. Contudo, vale destacar que muitas vezes, os surdos desconhecem a história do nome em português da escola e a motivação da homenagem prestada nos casos de escolas com nomes de figuras relevantes à sociedade.

Observa-se também que a ficha de número 1 com o topônimo escolar Escola Municipal Adenil da Costa Falcão revela um caso de dupla motivação semântica na escolha do sinal, apesar da proposta de taxas específicas para cada motivação de nomes de espaços, verifica-se em alguns topônimos o fenômeno da dupla motivação, quando não é possível classificar com apenas uma taxa, devido à característica da nomeação.

O sinal dessa escola tem como referência tanto os traços físicos, quanto a questão sanitária do local, dessa forma recebe a taxa de antropotopônimo e higietopônimo, tendo como estrutura semântica: «antro+higie». Quanto a esse fenômeno Santiago (2021) afirma que

[...] uma classificação taxonômica unida à descrição semântica dos constituintes possa ser uma solução mais simplificada e que implicará na não incorporação

de terminologias híbridas além das propostas taxonômicas gerais (Santiago, 2021, p. 60).

Nessas ocorrências, há necessidade de incluir ambas as taxes na ficha lexicográfico-toponímica a partir da fórmula <<T1 + T2>>, constituindo a estrutura semântica do topônimo em questão.

Embora se esteja observando apenas a nomeação em Libras, merece destaque também a ficha de número 2. É possível notar o caso evidente de toponímia paralela na nomeação em língua portuguesa. A toponímia paralela representa a resistência da sociedade ao direito de nomeação segundo o universo sociocultural em que estão inseridos e não por uma imposição legal. Dessa forma, refere-se aquele nome não oficial de um determinado local, porém o mais utilizado entre a população no cotidiano, se mostra tão evidente que por vezes a população não conhece o nome oficial desse lugar. De acordo com Vieira (2000), esses nomes não oficiais estão presentes apenas no cotidiano popular e não recebem validação pela administração pública. “Os topônimos paralelos, portanto, necessitam de registro [...] por trazerem em suas formas, inúmeras vezes, evidências claras do cotidiano, tornando-se valiosos fundos de memória social” (Vieira, 2000, p. 02).

Embora o nome oficial seja Escola Municipal Prof. José Raimundo de Azevedo a população até a atualidade chama a instituição de CAIC, que era o antigo Centro de Atenção Integral à Crianças e ao Adolescente criado pelo governo, conforme consta na descrição da ficha. É tão forte essa influência que, quando chamado pelo nome oficial, a população não conhece sobre qual local está se falando.

Por fim, do ponto de vista da estrutura morfológica dos sinais, todos são considerados do tipo formação simples, ou seja, “quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa” (Sousa, 2022, p. 46).

Considerações finais

Baseando-se na Toponímia, uma área da Onomástica que se concentra no estudo dos nomes próprios de lugares, este estudo teve como objetivo investigar como ocorre a nomeação das escolas municipais de Feira de Santana em Libras, realizada pela comunidade surda local.

A partir da análise das fichas lexicográfico-toponímicas e da investigação detalhada, ficou evidente uma tendência na forma como os topônimos são escolhidos. Esses dados confirmam a relação intrínseca entre língua, cultura e sociedade, refletida nas decisões de nomenclatura de cada grupo social. No caso dos surdos, a experiência visual desempenha um papel determinante na atribuição dos sinais.

Desse modo, este estudo oferece uma contribuição significativa para o avanço do conhecimento na área da toponímia em Libras, estabelecendo uma base sólida para pesquisas futuras. Além disso, a pesquisa beneficia a comunidade surda de Feira de Santana ao fornecer informações sobre as instituições ao seu redor, muitas das quais podem ser desconhecidas por eles. Também estimula a reflexão sobre a construção do léxico em Libras, ajudando a enriquecer o entendimento sobre a nomenclatura dos espaços que fazem parte de seu cotidiano.

Referências

- ABREU, Marcelino Antônio Pereira de. **Lei dos Serviços Públicos Essenciais** (Anotada e comentada). Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. [S. l.]: 2016.
- ALVES, Domitila Duarte. Serviços públicos. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, ano MMXIV, n. 000064, 27 nov. 2014. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/servicos-publicos>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 7.783, de 28 de junho de 1989. Dispõe sobre o exercício do direito de greve e define as atividades essenciais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 29 jun. 1989.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.

FERREIRA, Daniela Betânia dos Santos. **Estudo toponímico Português-Libras do centro comercial de Feira de Santana-BA**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. **O nome e o lugar**: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Feira de Santana. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

JESUS, Carlos Messias A. **Estudo toponímico dos Bairros de Feira de Santana-BA**: línguas orais e Libras. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. **Estudos linguísticos** – XLV Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 1997.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **Estudo toponímico Português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana-BA**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear – da construção de categorias de gênero até a abjeção. **Anais do XIV CNLF**. Cadernos do CNLF, v. XIV, n. 04, Tomo 4. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/2914-2926.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº , DE 2016. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=1394592&disposition=inline>. Acesso em: 20 maio 2024.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

REISUREIÇÃO DANTAS, Emanuelle. **Estudo toponímico bilíngue (português e Libras) das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

SANTIAGO, Iago Gusmão. **A nomeação na Bahia setecentista**: estudo da toponímia de base portuguesa no mapa da capitania da Bahia de todos os santos (1761-1807). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

STROBEL, Karim. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

VIEIRA, Zara Peixoto. **Estudo onomástico do município de Socorro**: reconstituição dos antropônimos e da memória da imigração. Dissertação (Mestrado) – FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

Toponímia bíblica em línguas de sinais

Brenno Barros Douettes

Sandra Patrícia de Faria-Nascimento

Introdução

A contribuição dos estudos linguísticos para a sociedade pode ser percebida de variadas formas, principalmente por meio de pesquisas acadêmicas que se dedicam a estudar a linguagem, o que acarreta reflexões sobre como nos comunicamos, provoca *insights*, em diferentes âmbitos da língua, assim como pode resultar em descrições linguísticas que podem ser aplicadas em distintos campos de alcance dos estudos da linguagem.

A Linguística Aplicada, por exemplo, permite o desenvolvimento de pesquisas bem específicas sobre as línguas de sinais, o que vem ocorrendo especialmente após a afirmação incontestada de que as línguas de sinais possuem o mesmo *status* linguístico das línguas orais. Como consequência, o número de pesquisas que se dedicam a estudar os fenômenos linguísticos relacionados às línguas de sinais cresce consideravelmente.

No Brasil, muitos pesquisadores, surdos e não-surdos, têm se ocupado em pesquisar a Linguística da Língua Brasileira de Sinais, Libras, a partir de distintas abordagens. Um dos focos de pesquisa é o estudo

da *toponímia*, ou seja, o estudo da nomeação de lugares. Nesse campo disciplinar buscamos estudar uma das variadas facetas e ramificações da linguagem: os topônimos, no caso, topônimos bíblicos em línguas de sinais, um estudo que tem como uma de suas aplicações, a tradução da Bíblia em diversas línguas de sinais.

Para explicar a origem dos topônimos, Dick (1990, p. 31-34) propõe onze taxonomias de natureza física e 16 taxonomias de natureza antropológica. As taxonomias de natureza física são: (i) *astropônimos* (corpos celestes), (ii) *cromotopônimos* (cores), (iii) *dimensiontopônimos* (dimensões e formas), (iv) *fitotopônimos* (vegetação), (v) *geomorfotopônimos* (formas topográficas), (vi) *hidrotopônimos* (elementos hidrográficos), (vii) *litotopônimos* (tipos de solo e minerais), (viii) *meteorotopônimos* (fenômenos atmosféricos); (ix) *morfotopônimos* (formas geométricas) e (x) *zootopônimos* (nomes de animais) e (xi) *cardinotopônimos* (diferentes tipos de nomes de lugares com base em suas características semânticas e fonológicas).

As taxonomias de natureza antropológica são: (i) *animotopônimos* (vida psíquica, cultural e espiritual), (ii) *antrotopônimos* (nomes próprios), (iii) *axiotopônimos* (valores e conceitos culturais), (iv) *corotopônimos* (cidades, países, regiões ou continentes), (v) *cronotopônimos* (indicações cronológicas), (vi) *dirrematopônimos* (frases ou enunciados linguísticos), (vii) *ecotopônimos* (habitação), (viii) *ergotopônimos* (elementos da cultura), (ix) *etnotopônimos* (elementos étnicos), (x) *hagiotopônimos* (nomes sagrados e santuários), (xi) *hierotopônimos* (nomes sagrados), (xii) *historiotopônimos* (movimentos histórico-sociais), (xiii) *hodotopônimos* (caminhos e vias), (xiv) *mitotopônimos* (mitologias), (xv) *numerotopônimos* (adjetivos numerais), (xvi) *poliotopônimos* (aldeia, vila, povoação e arraial). Mais recentemente, agregaram outras categorias como (xvii) *sociotopônimos* (profissões e atividades sociais), (xviii) *somatopônimos* (relações metafóricas com o corpo humano).

Descrever cada uma das categorias da taxonomia pode ser exaustivo, por um lado, mas pode ser relevante para a identificação das cate-

gorias, por outro; é uma forma de, pelo menos, conhecer e saber como categorizar, caso surja topônimos em análise, no caso, o que colaborou com a análise desse estudo, considerando-se que os topônimos, objeto de estudo da toponímia, são caracterizados por palavras que nomeiam lugares e acidentes geográficos (cf. Dick, 1990).

Estudá-los contribui não somente com os estudos linguísticos, mas também estabelece associações com questões históricas, geográficas, arqueológicas, culturais, entre outras, que podem se converter em interessantes e importantes reflexões sociolinguísticas, por exemplo, sobre a sociedade de hoje, visto que estudar sobre o processo de nomeação de lugares, é uma forma de refletir sobre questões de ordem linguística, mas também sobre a história da humanidade, consequentemente, a nossa própria história.

Sousa (2022) coletou sinais topônimos que circulavam na comunidade surda e apresentou as possíveis razões que influenciaram a circulação desses sinais topônimos, a partir da proposta taxonômica apresentada por Dick (1990). Este estudo, em específico, apresenta um recorte de tese desenvolvida por Douettes, em 2023, durante a qual houve um levantamento linguístico-documental de topônimos bíblicos encontrados nas línguas de sinais de alguns países da Europa (Itália, Grécia, Turquia, Chipre, Malta), do Oriente Médio (Israel, Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque), da África (Egito e Líbia) e da América do Sul (Brasil). Os topônimos elencados foram catalogados e passaram por “análise motivacional”, a fim de se identificar a etimologia que concebeu linguisticamente a denominação de cada um dos topônimos bíblicos analisados.

Sob essa compreensão, esta pesquisa objetiva apresentar um recorte do estudo que recai sobre o levantamento linguístico-documental envolvendo especialmente topônimos bíblicos de natureza física como cidades, montanhas, montes e vales, mares, rios, ilhas, jardins etc. Além disso, apresenta um levantamento de topônimos religiosos judaicos que denominam tanques, templos, sinagogas. Estes, embo-

ra sejam topônimos encontrados em contextos bíblicos, não se relacionam com a categoria de natureza física, contudo, estão presentes no léxico sinalizado de línguas de sinais de alguns países da Europa, do Oriente Médio e da África, inclusive na Libras, da América do Sul (Brasil).

A Bíblia Sagrada, escrita originalmente em aramaico, hebraico e grego, vem sendo difundida em diversos países do mundo, em suas respectivas línguas, a partir de diversas traduções, o que contemplou línguas orais e sinalizadas. É de extrema importância entender o panorama geral e atual da tradução da Bíblia, para entender como diversas instituições ainda se dedicam a sua tradução. Além disso, uma série de questões são ligadas à tradução de topônimos bíblicos e à existência de diferentes glossários e dicionários nas línguas de sinais, para que seja possível compreender as reflexões tecidas neste estudo.

Os topônimos bíblicos em línguas de sinais, encontrados na pesquisa, foram catalogados de forma organizada; as características e peculiaridades identificadas foram descritas com o fim de identificar as motivações conceituais, históricas e culturais, a influência da topografia do local e a iconicidade presentes nos sinais.

Ao longo do texto são descritas algumas referências às Escrituras Sagradas, ou seja, a trechos específicos da Bíblia Sagrada, como, por exemplo, extraídos da Sociedade Bíblica do Brasil (2015). Como se sabe, a Bíblia se divide em dois grandes conjuntos de livros, o Antigo Testamento e o Novo Testamento. No total, a Bíblia contém 66 livros, iniciando em Gênesis e finalizando em Apocalipse. Cada livro é composto por capítulos e versículos, e comumente indica essas informações por meio de números. Por exemplo, para referir-se ao primeiro capítulo e o primeiro versículo do livro de Gênesis, indica-se da seguinte forma: Gênesis 1:1. Sendo assim, o primeiro número refere-se ao capítulo do livro e após os dois pontos encontra-se a indicação do versículo.

Tais informações são de extrema importância, visto que, ao realizar o levantamento de topônimos bíblicos, suas raízes e/ou situações históricas que dão origem a eles, estão presente na Bíblia Sagrada, constando como referência histórica, geográfica e cultural para esta pesquisa. Dessa forma, justifica-se e destaca-se a importância do uso das Escrituras Sagradas como forma de referência bíblica.

Esta pesquisa destaca a Toponímia bíblica em línguas de sinais a fim de fazer o registro da existência de topônimos bíblicos encontrados em línguas de sinais ao redor do mundo, bem como na Língua de Sinais Brasileira para ampliação do glossário de sinais bíblicos em Libras.

Além disso, a partir do registro da existência de topônimos bíblicos em línguas de sinais ao redor do mundo, bem como na Libras, pode-se favorecer a comunicação entre surdos e seus pares, contribuindo para a comunicação em diferentes áreas, desde igrejas, estudos bíblicos e outros contextos eclesiais, Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), pastores, missionários, padres etc., bem como auxiliar pesquisadores, que estejam, ou não, inseridos na comunidade surda.

Tipo de pesquisa

Este estudo é fruto de uma pesquisa documental realizada a partir da consulta em dicionários e glossários impressos e digitais, e de cunho qualitativo, apresentando uma metodologia de análise linguística e documental, cujo modelo, ou parte do modelo de pesquisa, já foi utilizado por Albres e Costa (2021, p. 20), que menciona ter realizado “análise documental, análises qualitativas dos documentos”; também por Quadros (2014), que trata da documentação da Língua Brasileira de Sinais; Souza Júnior (2012) e Sousa e Quadros (2019) sobre “ficha lexicográfico-toponímica para análise de topônimos em línguas de sinais.

Além desses, há outros pesquisadores de línguas de sinais que aplicaram essa metodologia ou semelhante, o que torna a propos-

ta metodológica válida. A seguir, apresentam-se os *corpora* utilizados para a coleta e análise dos dados e as etapas realizadas na pesquisa.

Corpora da pesquisa

Foram utilizados, inicialmente, seis glossários para consulta dos sinais que vieram compor o *corpora* da pesquisa divulgada, a saber, em Libras, *Clamor do Silêncio* (JMN, 1991) e *Manuário de Sinais Bíblicos* (2015); e quatro repertórios em língua de sinais israelense: *Gateway to Israeli Sign Language* (Savir, 1992), tese de doutorado *Place names in Israeli Sign Language* (Revilla, 2009), canal do YouTube, *Teaching Sign Language*, de Sara Lanesman¹ e *site do Israeli Sign Language Dictionary*². Em um primeiro momento, somente esses repertórios seriam tomados como fontes de consulta. A partir do desenvolvimento e amadurecimento da pesquisa, outras fontes também puderam ser utilizadas, como (i) glossários *on-line* de línguas de sinais de países como Itália, Grécia, Turquia, entre outros; (ii) dicionário *on-line* internacional de LS – *Spread The Sign*³ e (iii) vídeos presentes na plataforma YouTube nas LS.

Como forma de desenvolver a pesquisa, utilizamos dois *corpora* diferentes: um em português e um em Libras. Esse conjunto de dados linguísticos se configuram na lista de topônimos bíblicos para cidades que são encontrados no Novo Testamento da Bíblia e para os outros (montanhas, montes e vales, mares, rios, ilhas, jardins, tanques e lugares religiosos), o critério de escolha foram os principais topônimos bíblicos que aparecem tanto no Antigo quanto no Novo Testamento da Bíblia.

A título de ilustração, segue um dos quadros individuais elaborados para fins de análise desta pesquisa, cuja disposição se guia por: (i) topônimo bíblico (em português, coluna 1, linha 2); (ii) topônimo

1 Disponível em: <https://youtu.be/RwheoFonRN8>. Acesso em: 24 ago. 2024.

2 Disponível em: <https://sfatsimanim.co.il/en/home-page-2/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

3 Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

atual (em português, coluna 2, linha 2); (iii) nome do país e a imagem de sua respectiva bandeira (coluna 3, linha 2); (iv) foto/ilustração/mapa do topônimo bíblico (coluna 1, linha 4); (v) foto estática do sinal topônimo bíblico e vídeo do sinal topônimo bíblico acessível por meio de um QR Code (coluna 2, linha 4), acompanhado do *link* do YouTube para o caso de o QR Code falhar e (vi) língua de sinais a qual o topônimo bíblico pertence (coluna 3, linha 4). Segue, como exemplo, um dos quadros de 74 topônimos bíblicos:

Quadro 1 – Topônimo bíblico da cidade de Jerusalém em Libras

TOPÔNIMO BÍBLICO	TOPÔNIMO ATUAL	PAÍS
Jerusalém (<i>cidade</i>)	Jerusalém	 Israel
ILUSTRAÇÃO	SINAL TOPÔNIMO (QR CODE)	LÍNGUA DE SINAIS
	  https://youtu.be/EXdJdqSmHpA	Libras JMN, 1991

Fonte: Douettes (2023, p. 152).

JERUSALÉM: A capital do Estado de Israel e “cidade santa” de três grandes religiões abraâmicas mundiais – judaísmo, cristianismo e islamismo. É uma das cidades mais antigas do mundo. No Novo Testamento, depois da morte e ressurreição de Cristo, Jerusalém tornou-se palco dos acontecimentos mais instigantes do cristianismo, começando com Pentecostes e passando pela maior parte da história registrada no livro de Atos dos Apóstolos. Jerusalém atualmente ocupa o mesmo local de suas antigas ruínas e se estende muito além dessas em direção ao norte e ao oeste.

O antigo local dos magníficos Templos (de Salomão, Zorobabel e Herodes) é ocupado atualmente por uma mesquita muçulmana conhecida como Cúpula da Rocha, edificada por Abd al-Malik em 686 d.C. Na primeira guerra mundial, a Palestina foi conquistada pelos ingleses sob o comando do general Allenby e a cidade de Jerusalém se rendeu em 9 de dezembro de 1917. Desde então, a Palestina tem passado por um processo de desenvolvimento impressionante, com o florescimento do sionismo, o surgimento do Estado de Israel (1948), como resultado dos esforços das Nações Unidas, e o crescimento de Jerusalém – dividida entre judeus e árabes, por volta de 1948 e 1967, e, desde então, reunificada sob o controle dos israelenses (Unger, 2017, p. 667).

EXPLICAÇÃO DO SINAL: O sinal é realizado no espaço neutro. A mão ativa faz o movimento equivalente ao sinal da letra “J” no alfabeto manual tocando o dorso da outra mão.

BASE CONCEITUAL: Este sinal foi criado em Libras pela JMN (1991) e possui a letra J que indica o nome da cidade e o dorso da outra mão indicando a própria Jerusalém.

Levantamento e catalogação

Apresentamos os topônimos bíblicos sinalizados encontrados em Libras e em outras LS detalhadas. A explicação e detalhamento

do processo de criação dos sinais topônimos bíblicos tomou como referência o *Dicionário Bíblico Unger* (2017). Selecionamos os conteúdos principais devido à extensão de alguns significados, outras definições e explicações complementares na própria *Bíblia Sagrada* da Sociedade Bíblica do Brasil – SBB (2015), de forma a esclarecer melhor o processo identificado na transcrição, dando maior clareza à concepção dos topônimos bíblicos.

Ressaltamos que os quadros individuais desta pesquisa foram organizados da forma apresentada por assim atender aos objetivos desta pesquisa. Optamos por apresentar informações claras sobre os termos selecionados em quadros informativos individuais, sem nos comprometer com a construção de fichas lexicográficas/lexicológicas/terminográficas/terminológicas, como costuma ser o padrão, bem como de fichas lexicográfico-toponímica em Libras. Fichas dessa natureza demandam detalhamento teórico que, no momento, não fazem parte do escopo e dos objetivos desta pesquisa.

É importante destacar os meios pelos quais os topônimos bíblicos sinalizados foram coletados e quais materiais foram consultados para tal coleta. Os topônimos bíblicos encontrados em Libras foram retirados tanto do *Manual de Sinais Bíblicos – O Clamor do Silêncio* (JMN, 1991), quanto do *Manuário de Sinais Bíblicos* (2015). Justifica-se o uso de dois materiais distintos para a consulta, visto que o Manual de 1991 foi um dos primeiros a registrar sinais bíblicos em Libras, em formato impresso, o que consideramos ser de extrema importância para pesquisas na área, além de a comunidade surda cristã o utilizar ainda hoje. O *Manuário de Sinais Bíblicos* (2015), por sua vez, se caracteriza como uma fonte recente, digital e de fácil acesso para consulta de materiais em Libras, na área bíblica, contando com vídeos disponibilizados em *website*.

Foram coletados 125 sinais. Desses, 74 sinais foram categorizados em oito categorias, a saber: cidades; montanhas, montes e vales;

mares; rios; ilhas; jardins; tanques; e lugares religiosos, todos relacionados no apêndice da tese. Os dados analisados dentro dos quadros individuais que contêm as informações dos topônimos bíblicos, as explicações e motivações linguísticas dos sinais. Tais informações serão apresentadas para todos os 74 topônimos bíblicos encontrados nos materiais consultados em LS.

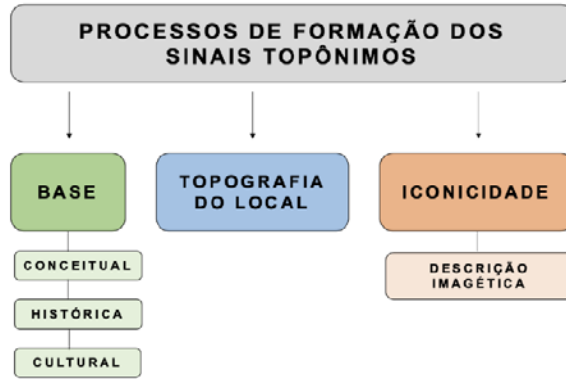
Motivação linguística na concepção dos topônimos bíblicos

No que diz respeito aos topônimos bíblicos em línguas de sinais, alguns deles foram identificados na língua comum e incorporados aos dados sistematizados na pesquisa. Durante a coleta dos dados, nem todos os topônimos bíblicos foram identificados. Assim, este recorte da pesquisa expõe apenas uma amostra dos dados analisados, escolhidos para ilustrar as categorias encontradas.

Na sequência, verificamos sinais-termo empregados nos países de origem, sugerindo-os para a inserção e validação, ou ainda, propondo sinais-termo específicos que estejam de acordo com o contexto da toponímia pesquisada.

Detalhamos a metodologia de análise de forma a apresentar as etapas seguidas para organizar e refletir acerca dos dados. Concluída a recolha dos sinais toponímicos, foi confeccionado um quadro e gráfico de análise, contabilizando 125 sinais topônimos bíblicos. Organizados os quadros, cada topônimo bíblico selecionado foi analisado sob as seguintes categorias de análise, conforme apresentado na figura 1 a seguir:

Figura 1 – Esquema de análise



Fonte: Douettes (2023, p. 111).

A figura 1 apresenta os três pilares para a análise de alguns sinais topônimos bíblicos coletados: (i) base (conceitual, histórica e cultural); (ii) topografia do local e (iii) iconicidade (descrição imagética). Segue descrição de cada categoria.

a) Base conceitual: é um dos primeiros passos para formar um sinal. Os dicionários são excelentes recursos para compreender os significados e assim elaborar um sinal que seja equivalente ao conceito. Nesta pesquisa foram consultados os dicionários bíblicos, no caso, o *Dicionário Bíblico Unger* (2017). Uma vez que o tema proposto apresenta essa vertente bíblica, há a necessidade dessa relação entre as localidades geográficas e conceitos bíblicos para cada topônimo em língua de sinais. Segue um exemplo extraído do referido dicionário bíblico do Unger (2017) referente ao topônimo **Mar Morto**:

Além desse nome (Ez. 47:8), as Escrituras se referem a essa porção de água como mar Salgado (Gn. 14:3; Nm 34:3,12 etc.), mar da Arabá (Dt. 3:17; 4:49, Js. 3:16) ou mar da campina (Js. 12:3), e mar do oriente (Ez. 47:18 ou mar oriental (Jl. 2:20; Zc. 14:8). O nome Mar Morto, também referido como lago de Asfalto por escritores

da antiguidade, tem sido utilizado desde o século 2 d.C. [...] (Unger, 2017, p. 801).

De acordo com a citação acima, pode-se notar que o topônimo **Mar Morto** é referenciado diversas vezes na Bíblia, ainda que com nomes diferentes. Chamado de mar há séculos, ele é, na verdade, um lago com um alto índice de cloreto de magnésio, cloreto de sódio e cloreto de cálcio. A concentração de sal existente no **Mar Morto** é tão alta que chega a ser nove vezes maior que a dos oceanos, consequentemente, isso impossibilita a existência de vida nele e por isso é chamado de Mar Morto. Trata-se de um ponto turístico bastante visitado em Israel, não apenas por sua relevância bíblica, mas também por proporcionar aos banhistas a inusitada experiência de não afundarem em suas densas águas, pois o alto nível de salinidade nelas garante a flutuabilidade. Na figura 2 abaixo é possível verificar a imagem do **Mar Morto** e ao lado o sinal em Libras:

Figura 2 – Sinal topônimo bíblico Mar Morto



<https://youtu.be/AyPVps70Yoo>

Fonte: Douettes (2023, p. 113).

A figura 2 mostra o sinal do **Mar Morto**, realizado com as duas mãos como se estivessem flutuando – uma configuração de mão (CM) substituída é pelo Classificador (CL) de pessoa – dedo polegar, indicador e médio; uma das mãos com o sinal de mar e a outra com o CL de pessoa, boiando (substituindo a configuração de mão do sinal de mar).

b) Base histórica: os sinais de base histórica assemelham-se aos sinais de base conceitual. O que diferencia essas duas categorias é que os sinais de base histórica, o processo de criação de sinais, sofre influência de fatos e acontecimentos históricos nacionais e mundiais no que se refere à arqueologia, geografia e/ou outros relatos que vão sendo transmitidos de geração em geração e perduram ao longo dos séculos.

No caso dos topônimos bíblicos sinalizados, essa categoria diz respeito a topônimos motivados em acontecimentos históricos narrados na Bíblia Sagrada, visto que as histórias bíblicas são imutáveis, apesar das diversas referências que fundamentam a criação de sinais. Assim, a partir de fatos históricos bíblicos se realiza a criação de sinais específicos. Um exemplo disso é o sinal do **Mar Vermelho**. Veja a seguir um relato extraído do livro de Êxodo referente ao topônimo Mar Vermelho:

Então, Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez retirar-se o mar, que se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas lhes foram qual muro à sua direita e à sua esquerda (Êxodo, 14:21-22, ARA).

Assim, o sinal do **Mar Vermelho**, que faz referência ao processo de abertura das águas desse mar, além de remeter ao relato bíblico, vincula-se aos registros arqueológicos que comprovam o fenômeno ocorrido. Esse é um caso de sinal elaborado por base histórica. Apresenta-se a seguir uma comparação entre o sinal do **Mar Vermelho** e sua representação em foto e vídeo:

Figura 3 – Sinal topônimo bíblico Mar Vermelho

<https://youtu.be/GfLw3uD3vCk>

Fonte: Douettes (2023, p. 114).

Como se observa na figura 3, o sinal do **Mar Vermelho** se caracteriza pela referência histórica da abertura das águas, flexionando todos os dedos das duas mãos em um movimento que faz referência ao movimento do mar se abrindo.

c) Base cultural: diferentemente da motivação dos sinais de base conceitual e histórica, os sinais criados a partir da base cultural sofrem, principalmente, influência de fatores culturais da região de onde surgiram e circulam. Topônimos que fazem referência a tradições culturais e/ou aspectos sociais das cidades/estados/países/regiões de onde surgem; podem ser definidos, assim, como topônimos de base cultural.

Como exemplo de topônimo bíblico de base cultural, apresenta-se o sinal de **Tel Aviv**, a capital de Israel. Trata-se de um sinal emprestado da ISL, que de acordo com Revilla (2009), tem relação com o uso de máscaras para a festa de Purim, uma festa anual judaica (Ester, 9:26), festa cultural, em comemoração ao livramento dos judeus da morte na Pérsia. A seguir apresenta-se o sinal de **Tel Aviv** a partir de um recorte da pesquisa da autora:

Figura 4 – Sinal de Tel Aviv em ISL

Tel Aviv תֵּל אָבִיב (tēl ʾābīḇ) B C & A (MASK wear for Purim)



Fonte: Revilla (2009, p. 173).

Na Bíblia Sagrada o topônimo **Tel Aviv** não é encontrado, visto que este é um topônimo atual para a antiga cidade portuária de Joep, topônimo que aparece nas Escrituras Sagradas (Jonas 1:3)⁴. Este mesmo topônimo hoje pode circular com o nome de Yafo, Jafa, Jaffa ou Jaffé. Assim, **Tel Aviv** foi um topônimo criado em 1954, justificando-se a exemplificação desse nome como um sinal criado por base cultural.

Tel Aviv, atualmente, se configura como uma cidade moderna, sendo possível encontrar em algumas placas o nome de “Old Jaffa”. Atualmente Jaffa, em hebraico: יָפוֹ, Yafo é um dos bairros de Tel Aviv. Podemos observar também que a característica portuária da cidade não mudou com o passar dos anos, sendo um elemento importante na região.

O sinal de Yafo se dá também por questões culturais, pois há um misto de judeus e árabes vivendo na cidade, sendo a maioria da população árabe. Esse sinal originalmente era feito com o dedo reto acima do nariz, mas com o tempo, o dedo ficou mais dobrado para representar a forma do véu facial que as mulheres usavam, conhecido como Niqab. Atualmente, os surdos israelenses usam o sinal composto para representar **Tel Aviv**-Yafo em ISL, conforme figura 5. Seguem as ima-

4 Um dos exemplos da presença da cidade portuária de Joep na Bíblia Sagrada se dá na história do profeta Jonas, que foi engolido pelo grande peixe (Livro de Jonas).

gens da cidade, a imagem e o vídeo que representam o topônimo sinalizado de **Tel Aviv**, em sua representação mais recente:

Figura 5 – Sinal topônimo bíblico de Tel Aviv

<https://youtu.be/wb-Mazt2zk0>



Fonte: Douettes (2023, p. 115).

d) Topografia do local: A criação de sinais relacionados à topografia tem relação direta com o conceito dos estudos topográficos. De acordo com o *Dicionário Michaelis*, Topografia é “1. Descrição ou delineação minuciosa de uma localidade; topologia. 2. Configuração do relevo de um terreno com a posição de seus acidentes naturais ou artificiais” (Michaelis, s. d.). Assim, os sinais que derivam da topografia de um local têm relação direta com questões territoriais, de relevo e com o formato físico da região.

Temos como exemplo o sinal da cidade grega Corinto (1 Coríntios 1:2). O sinal faz referência ao rebaixamento do relevo por onde passa o canal de Corinto o qual possui 6,3 km. Esse canal liga o golfo de Corinto com o mar Egeu e serve para travessia de transportes aquáticos.

Figura 6 – Sinal do topônimo bíblico de Corinto

<https://youtu.be/6VgbqHdkjb0>

Fonte: Douettes (2023, p. 117).



e) Iconicidade: Conforme o *Dicionário Michaelis* (s. d.), o termo iconicidade significa: “1. Propriedade que tem o signo icônico de representar por semelhança o mundo real. 2. Semelhança entre a forma e o objeto representado, que ocorre em certos signos linguísticos”. Sendo assim, o sinal de algum topônimo que possui características icônicas dá-se pela semelhança entre aspectos do local a que se refere e sua execução na língua de sinais. Dentro dessa categoria serão incluídos os topônimos bíblicos que têm relação com a descrição imagética.

Em relação à iconicidade na Libras, o exemplo escolhido refere-se à descrição imagética de monumentos e faz referência ao sinal do “Templo judeu” (2 Reis 25:8-17; João 2:20), que era utilizado para a realização de cerimônias de adoração a Deus e possuía lugares distintos de acesso para o povo e para os sacerdotes da época. Este Templo seguia o mesmo modelo arquitetônico do Tabernáculo, o santuário anterior e móvel confeccionado durante a peregrinação do povo de Israel pelo deserto. Nele havia dois importantes compartimentos o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo, este último era o mais importante, pois a Arca da Aliança se encontrava ali. Nesses dois santuários, apesar de o Templo ser uma exuberante construção, a única coisa que separava

o Lugar Santo do Lugar Santíssimo (Santo dos Santos) era um espesso véu (Êxodo 26:33).

O sinal retratado a seguir mostra o formato plano do pórtico (teto) do Templo, realizado com ambas as mãos em mesma configuração e os dedos polegares flexionados, que fazem menção às asas dos dois querubins acima da Arca da Aliança.

Figura 7 – Sinal topônimo bíblico do Templo judaico

https://youtu.be/Z_ypfC9LBFE



Fonte: Douettes (2023, p. 118).

Em síntese, a pesquisa organizou-se da seguinte forma: apresentamos os topônimos coletados que foram encontrados em Libras ou em outra língua de sinais (empréstimo linguístico). Em seguida, descrevemos uma análise de como se deu o processo de formação de cada topônimo bíblico em língua de sinais para verificar e compreender os detalhes envolvidos nesse processo. A análise foi norteadas pelas motivações linguísticas de tais topônimos a partir das diferen-

tes bases já mencionadas anteriormente (bases conceituais, históricas e culturais), a partir da topografia do local e da iconicidade (descrição imagética).

Foram coletados **125** sinais, sendo eles: **78** topônimos bíblicos para cidades (Novo Testamento), **23** topônimos bíblicos para montanhas, montes e vales (Antigo e Novo Testamento), **4** topônimos bíblicos principais para mares (Antigo e Novo Testamento), **4** topônimos bíblicos para rios (Antigo e Novo Testamento), **10** topônimos bíblicos para ilhas (Novo Testamento), **1** topônimo bíblico para jardim (Novo Testamento), **2** topônimos bíblicos para tanques (Novo Testamento) e **3** topônimos bíblicos para lugares religiosos (Antigo e Novo Testamento).

Considerações finais

Todo o processo de coleta de topônimos bíblicos foi muito produtivo. Ver o resultado é muito prazeroso, especialmente no que diz respeito às possibilidades de a análise proposta ser útil tanto para o estudo dos topônimos, em si, quanto para os dados que ficam registrados aos surdos e aos intérpretes de Libras que atuam nesse campo de trabalho.

Ao sistematizar os quadros e descrever os topônimos foi possível entender mais sobre a língua, entender mais sobre a língua de sinais. Com o registro dos sinais topônimos nos devidos quadros e gráficos, conseguimos alcançar nosso objetivo que foi descrever e analisar os sinais topônimos bíblicos indicando a motivação linguística de cada sinal encontrado. Assim, os nossos resultados apresentaram um número representativo de topônimos bíblicos sinalizados para cada categoria de motivação linguística encontrada nos dados, a saber: a) motivação de base conceitual, 18 sinais topônimos; b) motivação de base histórica: 08 sinais topônimos; c) motivação de base cultural, 49 sinais topô-

nimos; d) motivado por topografia local, 1 sinal topônimo e motivado por iconicidade, 23 sinais topônimos.

O propósito da pesquisa era o levantamento linguístico-documental de topônimos bíblicos utilizados em línguas de sinais. A pesquisa se internalizou ao trazer fontes dos seguintes países da Europa (Itália, Grécia, Turquia, Chipre, Malta), do Oriente Médio (Israel, Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque), da África (Egito e Líbia) e da América do Sul (Brasil).

Assim, coletamos 125 topônimos bíblicos em português, que foram a base de nossa análise. Os 74 sinais topônimos de cidades (do Novo Testamento), montanhas, montes e vales, mares, rios, ilhas, jardins, tanques e lugares religiosos na Bíblia foram analisados quanto à sua motivação linguística, com destaque à origem (se originados na Língua Brasileira de Sinais ou se correspondem a empréstimos de outras línguas de sinais).

Os resultados alcançados enriquecem os glossários bíblicos que, por sua vez, colaboram com a comunicação em Língua Brasileira de Sinais, trabalho de pessoas envolvidas na tradução da Bíblia, pastores, missionários, padres e outros inseridos no contexto eclesiástico, valorizando este ambiente. Além disso, enaltece a linguística da Libras na área acadêmica no que se refere a área dos Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução e da Linguística da Libras. Agrega valor a diversas áreas de pesquisas, a saber: estudos sobre a cultura surda; contexto religioso, crenças e tradição, dialogando com o artefato cultural religioso do povo surdo; e ciências das religiões. Esta pesquisa deixa ainda uma reflexão à comunidade surda a fim de que dê continuidade ao estudo linguístico dos demais topônimos bíblicos que ainda não possuem sinal (ou que não foram encontrados), indo além desta pesquisa para descobrir novos possíveis empréstimos linguísticos, os agregando a Libras ou até mesmo criando sinais locais de topônimos bíblicos a partir desses empréstimos.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino; COSTA, Mairla Pereira Pires. Estudos da tradução e interpretação de Línguas de Sinais em publicações internacionais: métodos de pesquisa em destaque. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 10-28, 2021.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/ FFLCH, 1990b.

DOUETTES, Brenno Barros. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais**: levantamento, catalogação e motivação linguística. 2023. 263p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Manual de Sinais Bíblicos**: o Clamor do Silêncio. Rio de Janeiro, 1991.

MANUÁRIODESINAISBÍBLICOS.Disponívelem:www.manuariosinaisbiblicos.com. Acesso em: 4 nov. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, [s. d.]. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de. Documentação da Língua Brasileira de Sinais. **Anais 5**: Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística. Foz do Iguaçu, 2014.

REVILLA, Bettina. **Place names in Israeli Sign Language**. Degree of Master of Arts – University of North Dakota, Grand Forks, 2009.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A Bíblia de estudo plenitude**. Tradução Almeida Revista e Corrigida. 2. ed. rev. atualiz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. 123p.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira**, Três Lagoas, v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019.

SOUZA JÚNIOR, José Edinilson Gomes de. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira**: uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012.

UNGER, Merrill F. **Dicionário Bíblico Unger**. Tradução Almeida Revista e Corrigida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

Sinais de cidades do estado do Tocantins: aspectos linguísticos e culturais

*Roselba Gomes de Miranda
Bruno Gonçalves Carneiro
Karylleila dos Santos Andrade*

Introdução

Este capítulo apresenta os procedimentos de levantamento, registro e categorização de sinais de cidades do estado do Tocantins, oriundos de um estudo sobre toponímia em Libras (Miranda, 2020). Na oportunidade, o capítulo apresenta também os resultados da análise sobre a forma e motivação desses topônimos.

Reflexões sobre o ato de nomear podem revelar aspectos da cultura e da concepção de mundo de uma comunidade de fala. Por isso a necessidade de uma análise desse fenômeno para conhecermos um pouco mais sobre a linguagem humana e desvendarmos a riqueza envolvida nessa ação. Mais especificamente, instâncias das línguas de sinais, das identidades e da cultura surda.

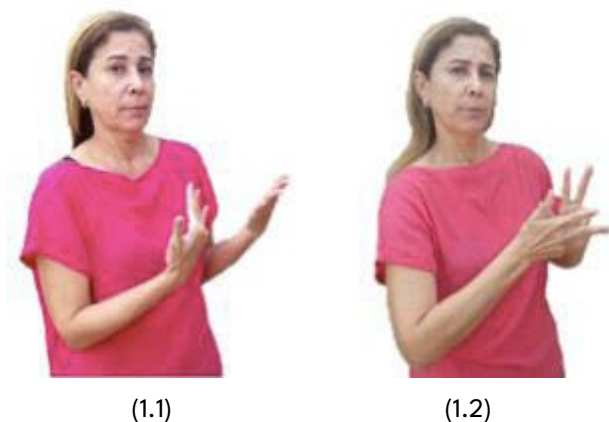
Léxico, cultura surda e a modalidade gestual-visual

Os surdos carregam traços específicos na construção simbólica e na maneira de significar o mundo. De acordo com Perlin (2005),

os surdos são sujeitos que se constituem a partir da diferença surda, que envolve experiências de vida singulares. Portanto, as línguas de sinais refletem a forma específica como os surdos concebem o mundo e experienciam a realidade. De alguma forma, a Libras reflete a cultura e a visão dos surdos brasileiros.

Os sinais relacionados aos conceitos de “conversar” e de “inclusão” ilustram um recorte específico da realidade dos surdos sinalizantes da Libras, quando comparados à experiência dos ouvintes brasileiros falantes do português. Há dois sinais que têm o significado de “conversar”, mas com significados específicos em relação à língua em que a interação acontece. A figura 1 a seguir ilustra esses dois itens lexicais.

Figura 1 – Sinais relacionados ao conceito de “conversar”

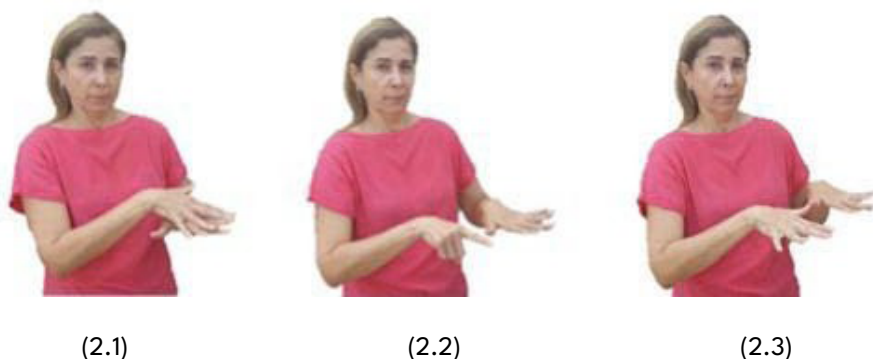


Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021, p. 9).

A imagem (1.1) ilustra o conceito de “conversar” entre interlocutores independentemente da língua, ou seja, envolve a interação entre os envolvidos, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais. Na imagem (1.2), o conceito de “conversar” é mais específico. O hipônimo remete à interação a partir de uma língua de sinais.

Os sinais relacionados ao conceito “inclusão” (enquanto política educacional) evidenciam a experiência linguístico-cultural dos surdos brasileiros. A figura 2 a seguir ilustra esses itens lexicais. O sinal em (2.1) ilustra uma inclusão em que há um apagamento da diferença surda, mesmo que alunos surdos e ouvintes estejam em um mesmo espaço. O sinal em (2.2) remete a um conceito de inclusão em que um aluno surdo está imerso no universo majoritário ouvinte, sem a possibilidade de interagir com seus pares surdos. O terceiro sinal, em (2.3) remete a uma inclusão em que os alunos surdos têm a sua diferença contemplada no processo de ensino e aprendizagem na escola, com interação entre os pares surdos, mesmo inseridos em um ambiente majoritário ouvinte.

Figura 2 – Sinais relacionados ao conceito de “inclusão”



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021, p. 10).

Os sinais da Libras são formados a partir de estruturas sublexicais (parâmetros) que, por sua vez, se combinam tanto simultaneamente quanto sequencialmente. Sobre a organização dessas unidades, Xavier (2006) descreve a estrutura fonético-fonológica da Libras a partir do modelo de movimento e suspensão (Liddell; Johnson, 1989; Xavier, 2012).

Nesta proposta, é possível reconhecer que há momentos em que a(s) mão(s) está(ão) em movimento contínuo e momentos em que ela(s)

está(ão) parada(s). Partindo desse princípio, os sinais são analisados a partir de um feixe segmental, ou melhor, como sendo constituídos por segmentos. Esses segmentos são caracterizados por *suspensão* (mãos paradas) ou por *movimento* (mãos se movimentando). Assim, há sinais constituídos por um único segmento (suspensão ou movimento) ou por uma sequência de segmentos (suspensão-movimento-suspensão).

Novamente, o feixe segmental tem a função de especificar o tipo de segmento, que pode ser de *movimento*, de *suspensão* ou de uma sequência deles. O segmento de *suspensão* é definido pela ausência de movimento e estabilidade dos aspectos formacionais do sinal. Isso quer dizer que a *suspensão* é caracterizada pela configuração de mão, de ponto de articulação e de orientação da palma. O segmento de *movimento* é definido pela presença de alteração de pelo menos um dos aspectos formacionais, ou seja, de alteração da configuração de mão, do ponto de articulação e da orientação da palma.

Além do feixe segmental, há também o feixe articulatorio que é responsável por descrever a postura da mão durante *suspensão* e a postura da mão antes e depois do *movimento*. Na proposta de Liddell e Johnson (1989), há também traços que descrevem as expressões faciais, o tipo de contato entre as mãos, a região ipsolateral ou contralateral onde a mão se localiza no corpo, entre outros.

O sinal COMPRAR (figura 3) pode ser descrito como constituído por dois segmentos: suspensão-movimento (eixo segmental). A mão adota uma postura inicial (parada) e, a partir disso, realiza um movimento de mudança de configuração no momento em que faz contato com a mão não dominante. Dessa forma, a partir do eixo segmental, é possível observar a sequencialidade desses segmentos. No caso do eixo articulatorio, que corresponde à descrição da postura da mão durante a *suspensão* (mão parada), bem como antes e depois do *movimento* (para evidenciar a mudança que ocorre na postura da mão),

é possível observar a simultaneidade de traços durante a *suspensão*, e antes e depois do *movimento*.

Figura 3 – Sinal COMPRAR em Libras



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021, p. 6).

De acordo com Xavier (2012), neste modelo com base em Liddell e Johnson (1989), a configuração de mão, o ponto de articulação e a orientação da palma equivalem aos traços articulatórios que constituem cada um dos fonemas das línguas sinalizadas, realizados de maneira conjunta e simultânea. O movimento, nesta proposta, representa um dos dois tipos de segmentos que há nas línguas de sinais.

A modalidade gestual-visual também implica em características específicas em outros níveis de análise. De acordo com Carneiro (2023), as línguas de sinais parecem apresentar uma organização não concatenativa e forte caráter icônico. Uma modificação interna do sinal pode criar um novo item lexical (parâmetros vistos como fonemas) ou acrescentar uma nova informação ao lexema (parâmetros vistos como morfemas). Existem ainda fenômenos produtivos de justaposição e mesclagem. Além disso, há marcações não manuais que envolvem a disposição do corpo, expressões faciais, olhar do si-

nalizante e o uso do espaço de sinalização. Essas marcações podem ser descritas a partir de características suprasegmentais, pois podem abranger uma cadeia de produção de sinais (segmentais), com implicações gramaticais.

Dois articuladores (manuais) estão disponíveis, o que possibilita a produção de duas palavras simultaneamente, mesmo havendo restrições. Em sinais bimanuais, pode haver a manutenção da mão não dominante em suspensão em um tempo maior que o previsto em uma articulação prototípica. Esse fenômeno tem sido nomeado de boia e possui efeitos semânticos e discursivos importantes. Um sinal pode, inclusive, ser manipulado fisicamente por estar visualmente disponível no espaço de sinalização (Carneiro, 2023; Liddell, 2003; McCleary; Viotti, 2011).

O caráter icônico parece ocupar um papel central nas línguas de sinais e, independente dos níveis de iconicidade do sinal (e de seus componentes sublexicais), as línguas de sinais lançam mão dessa especificidade de maneira robusta durante a construção de significado. O sistema articulatório manual-corporal-espacial das línguas de sinais é vantajoso em codificar, de maneira transparente, características do processo de concepção. A experiência corporal e o *input* visual são fundamentais na compreensão da realidade e conferem um caráter icônico às línguas de sinais, a partir de uma relação mais transparente entre forma e significado. O corpo do sinalizante, por exemplo, pode ser segmentado para codificar um grande número de informações, de maneira icônica e simultânea. Na descrição de um evento, o sinalizante pode conceber participantes invisíveis (mapeados no espaço de sinalização), e participantes visíveis, mapeados sobre seu corpo, além de codificar o narrador, o evento e o estado de participantes (Carneiro, 2015, 2016, 2023; Carneiro; Oliveira, 2017; McCleary; Viotti, 2011).

Nas línguas de sinais, as construções tradicionalmente intituladas de classificadores que, em geral, descrevem formas geométricas, manipulação de objetos, movimento e localização de referentes, são altamente produtivas e a principal fonte de enriquecimento lexical. Existem ainda sinais que consistem de apontamentos para partes do corpo e outros que compartilham uma mesma base metafórica, compartilhando certos aspectos de suas formas e significados (Carneiro, 2023; Zeshan, 2003).

A Libras também exhibe características léxico-gramaticais específicas enquanto uma língua de sinais individual. A Libras e o português coexistem em um mesmo território e, por serem línguas em contato, é esperado que haja empréstimos linguísticos da língua majoritária para a língua minoritária.

De acordo com Nascimento (2011), a datilologia (ou soletração) em si não é um empréstimo lexical. Essa representação visual de uma palavra na língua oral, através de menção à ortografia, apenas preenche uma lacuna em determinado momento e pode (ou não) se tornar parte do sistema. A datilologia se torna um sinal lexicalizado quando é reestruturado, ou seja, quando passa por uma adaptação fonológica. Neste processo, a soletração ganha movimentos fluidos de tal forma que podem camuflar a origem estrangeira. Alguns sinais podem apagar quaisquer vestígios de elementos de origem alógena, os quais só poderão ser recuperados em análises diacrônicas.

Um outro processo de formação de sinais, a partir da datilologia, é a inicialização. O termo inicialização, de maneira geral, se refere aos sinais que utilizam uma configuração que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em uma língua oral (Ferreira, 2010). Novos sinais também podem surgir a partir de um sinal já existente em que é acrescido uma configuração de remete ao nome na língua oral (Adam, 2012).

De acordo com Faria do Nascimento (2009), alguns dos tipos de empréstimos da língua portuguesa para a Libras envolvem o empréstimo semântico, o cruzado e o estereotipado. O empréstimo semântico, descrito pela autora, é conhecido como calque, em que há uma tradução literal de uma palavra da língua oral para uma língua sinalizada. O calque também pode incluir formas semanticamente incongruentes, mas bastante usuais nas línguas de sinais (Adam, 2012). Seria equivalente ao que Faria do Nascimento (2009) chama de empréstimo cruzado, e calque imperfeito, por Miranda (2020). Trata-se de um calque a partir da semelhança visual entre palavras homógrafas ou parônimas da língua portuguesa. Por fim, o empréstimo estereotipado refere-se àqueles termos que se estabelecem na Libras a partir de formas geométricas, símbolos matemáticos e símbolos de pontuação. Nesse sentido, Sousa (2023) amplia o termo de transliteração para transemiotização, pois argumenta que o empréstimo ocorre não apenas a partir da representação ortográfica de uma língua oral, mas também de numerais e de símbolos em geral.

Na seção seguinte, descrevemos os procedimentos de coleta de dados dos sinais topônimos das cidades do Tocantins.

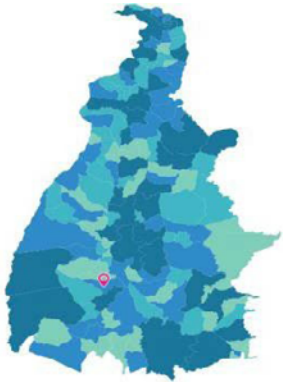
Levantamento, registro e categorização dos topônimos

O procedimento de coleta de dados aconteceu a partir de entrevistas e de observação participante no contato surdo-surdo. O levantamento foi conduzido por uma pesquisadora surda, uma das autoras desse capítulo.

Para a descrição, organização e apresentação dos topônimos, uma ficha lexicográfico-toponímica foi elaborada. Os microparadigmas elencados nessa ficha envolvem: a imagem do topônimo em Libras; o mapa e localização do município; o *link* de acesso ao vídeo na plataforma YouTube; o registro do sinal em escrita de sinais, através do sistema *signwriting*; o nome do topônimo em língua portuguesa; a região

administrativa a qual a cidade pertence; a descrição do sinal em seus aspectos articulatórios; a morfologia do sinal (simples ou composto); a categoria do topônimo (nativo/puro, inicializado ou soletrado); a motivação do sinal (icônica ou motivação da língua portuguesa); o nome da pesquisadora responsável pelo levantamento dos topônimos; o grupo de validação do topônimo; o tipo de fonte; e a data da coleta. A figura 4 ilustra a ficha lexicográfica-toponímica.

Figura 4 – Ficha lexicográfico-toponímica

Topônimo em Libras Mapa e Localização do município			
	Imagem do topônimo em Libras, com o sinal da cidade de Aliança do Tocantins		
Link de acesso ao vídeo	https://youtu.be/43PGklZGuJc		Imagem do limite geopolítico do município, com os limites de Aliança do Tocantins (indicação em vermelho).
Escrita de sinais	Registro do sinal em escrita de sinais (<i>signwriting</i>)		Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/alianca-do-tocantins/pesquisa/39/30279?tipo=-cartograma
Topônimo em Português	Nome do topônimo em língua portuguesa	Região administrativa	Região administrativa a qual o município pertence
Descrição do sinal	Descrição dos parâmetros articulatórios do sinal: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma e as expressões não manuais		

Morfologia	Classificação do sinal lexical como simples ou composto
Categoria	Categorização dos sinais em: (i) Nativos/Puros (i) Inicializados/Híbridos (iii) Soletrados
Motivação	Descrição da motivação do sinal e sua categorização em: motivação icônica, que pode ser proveniente de alguma manifestação cultural do lugar (cultural) ou de alguma propriedade física do lugar, percebida visualmente (material). motivação da língua portuguesa, que pode ser por calque, que corresponde a uma tradução literal do termo do português para a Libras (calque) ou da grafia do nome que acaba por refletir na configuração de mão do sinal (grafia)
Pesquisadora	Nome da pesquisadora responsável pela coleta

Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021, p. 14).

Os sinais topônimos foram analisados e categorizados a partir da forma e da motivação. Em relação à forma, os sinais foram dispostos em três categorias: nativos/puros; inicialização; e soletração. Neste caso, observamos a ausência ou a presença de características que remetem ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essas são categorias exclusivas, ou seja, um sinal somente pode ser classificado em uma dessas possibilidades. As categorias aqui definidas não remetem à motivação que perpassa pela forma desses sinais. Para uma análise da motivação, criamos outras categorias de análise, apresentadas mais adiante.

Os topônimos categorizados como nativos/puros são sinais formados por configuração de mão cuja forma não remete ao nome em língua portuguesa. Por mais que alguns desses sinais possam ser oriundos de calque, a configuração não corresponde à representação da grafia do nome do topônimo em português.

Mantemos o nome da categoria de puro por ser um termo muito recorrente entre os surdos para categorizar sinais da Libras. De acordo com Quadros (2019), os surdos brasileiros apresentam certa resistência em relação aos sinais cuja configuração de mão remete à língua portuguesa e, de alguma forma, às relações de poder entre surdos e ouvintes e às questões de colonialidade.

Os topônimos categorizados como inicializados são sinais cuja forma remete, de alguma maneira, ao nome do topônimo em língua portuguesa. Essa menção ao topônimo em português acontece através da configuração de mão que corresponde à representação da grafia, a partir do alfabeto manual. O parâmetro ponto de articulação e movimento apresentam uma gama maior de possibilidades e podem exibir características icônicas do referente.

Os topônimos categorizados como soletrados são oriundos da soletração do nome do topônimo em língua portuguesa e passaram por um processo de lexicalização (Adam, 2012; Ferreira, 2010; Nascimento, 2011). Esse processo corresponde a uma adaptação fonológica em que, por um processo diacrônico, a estrutura que faz menção ao nome em português, através da soletração, tem o número de configuração de mãos e de orientação da palma reduzidos. Nesses sinais, o parâmetro ponto de articulação está restrito ao espaço neutro, mais especificamente à região ipsolateral da mão responsável pela realização do sinal. Já o parâmetro movimento está restrito aos movimentos internos de mudança de configuração, bem como movimentos que preparam uma suspensão, característicos dos topônimos soletrados.

As categorias nativo/puro, inicialização e soletração categorizam os topônimos a partir de uma análise do parâmetro configuração de mão, que pode remeter de maneira gradiente ao nome do topônimo em língua portuguesa. A figura 5 a seguir ilustra essa gradiência.

Figura 5 – Gradiência entre as categorias nativo, inicializado e soletrado

Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021, p. 15).

Os topônimos também são classificados a partir de dois tipos de motivação. O primeiro tipo foi a Motivação Icônica, que considerou as características físicas do lugar e as culturais relacionadas ao lugar. Tais características, de alguma maneira, estão codificadas na forma do sinal. No primeiro caso, intitulamos a motivação por características físicas do lugar de material. No segundo caso, intitulamos a motivação por características culturais do lugar de cultural. O segundo tipo de motivação foi a Motivação em Português, que pode ser motivado tanto por calque quanto pela presença de uma configuração de mão que remete à grafia do nome em língua portuguesa, intitulada de grafia. Ressaltamos que há topônimos que apresentaram dois tipos de motivação, envolvendo tanto um mesmo domínio quanto domínios distintos, de forma que essas características não são exclusivas.

A validação dos topônimos coletados aconteceu em uma reunião com participantes surdos oriundos das cidades de Araguaína, Dianópolis, Gurupi, Formoso do Araguaia, Palmas e Porto Nacional, que sugeriram que esses sinais topônimos estão/estiveram em uso. Para fins de socialização e disseminação dos sinais, foram veiculados vídeos na plataforma YouTube, como mais uma forma de documentação e disponibilização dos dados. Na próxima seção, apresentamos dados em relação à forma à motivação dos topônimos.

Forma e motivação dos sinais topônimos

O estado do Tocantins possui 139 municípios e uma população de 1.607.363 residentes (IBGE, 2020). Apenas cinco cidades possuem mais de 50 mil habitantes, a saber: Palmas, Araguaína, Gurupi, Porto Nacional e Paraíso do Tocantins. Destas, apenas Palmas e Araguaína, são cidades de médio porte, com 313 mil e 186 mil habitantes, respectivamente. A maioria dos municípios tocaninenses são cidades de pequeno porte, sendo que 80% das cidades apresentam menos de 10 mil habitantes.

De acordo com nosso levantamento, o total de cidades com sinais lexicais é 53. Algumas dessas cidades apresentam mais de um sinal (variação), de forma que fizemos o levantamento de 61 topônimos em Libras. Em relação à forma, 14 (23%) são sinais nativos, 39 (64%) são inicializados e 8 (13%) são soletrados. A maioria dos sinais são considerados inicializados (mais da metade da amostra).

Todos os sinais inicializados tiveram como motivação o português, pois prevalece em todos eles uma configuração de mão que corresponde à representação da grafia do topônimo em língua portuguesa. Mas os parâmetros movimento e ponto de articulação apresentam uma gama maior de possibilidades, podendo expressar características icônicas.

Os sinais das cidades de Dueré (TO) e de Natividade (TO) são exemplos de topônimos inicializados sem características icônicas. Diferente, o sinal de Ponte Alta do Bom Jesus (TO) exibe características icônicas, pois o movimento do sinal remete à altura de uma antena de telecomunicação da cidade.

Figura 6 – Sinal de Dueré (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 194).

Figura 7 – Sinal de Natividade (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 195).

Figura 8 – Sinal de Ponte Alta do Bom Jesus (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 195).

Nem sempre é possível perceber as características icônicas dos topônimos. Os sinalizantes podem não conseguir recuperar a (possível) iconicidade do sinal. Pode também acontecer uma mudança

na dinâmica visual do lugar, tanto em relação a referentes materiais, quando em relação às experiências de vida das pessoas que, uma vez terem motivado o sinal topônimo, podem se perder a longo prazo. Além disso, de acordo com Zeshan (2003), a partir da frequência de uso, pode haver uma mudança na complexidade de representação icônica de um sinal que, em um processo diacrônico, essas representações se tornam mais simplificadas, sutis e podem levar uma perda da transparência entre forma e significado.

A segunda categoria mais frequente foram os topônimos nativos, que inclui os topônimos motivados por calque. Isso significa que nem todo sinal nativo exibe características icônicas. Os sinais das cidades de Almas (TO) e de Palmas (TO) são exemplos de topônimos nativos por calque.

Figura 9 – Sinal de Almas (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 195).

Figura 10 – Sinal de Palmas (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 196).

Por fim, a categoria de menor frequência são os topônimos soletrados. Todos os sinais soletrados são motivados apenas pela grafia do topônimo em língua portuguesa. Em uma análise da configuração de mão dos topônimos soletrados, observamos uma variação da “letra” do nome em português que compõe o sinal. Observamos topônimos formados por configuração de mão que correspondem (1) à primeira letra do nome em língua portuguesa, considerando também as iniciais de nomes compostos; (2) à última letra do nome; (3) à primeira e à última letra do nome; ou ainda, (4) à primeira letra e uma outra letra do nome (diferente da última). A figura 11 ilustra essa variação. As “letras”, nos topônimos soletrados, estão destacadas na cor vermelha.

Figura 11 – Variação de “letras” nos topônimos soletrados



ARAGUAÍNA



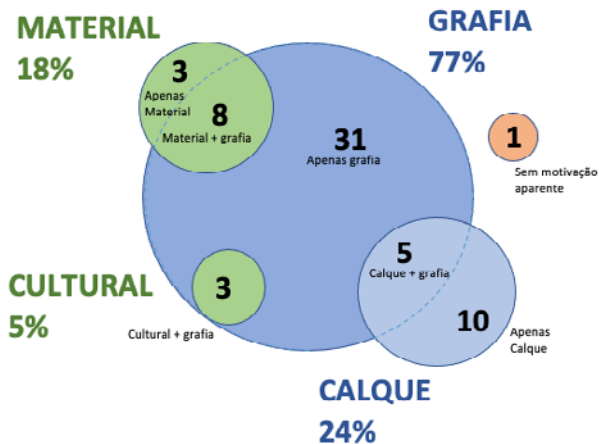
ARAGUANÃ



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 196-197).

Em relação à motivação, estabelecemos as categorias Motivação Icônica, abrangendo os tipos (1) *material* e (2) *cultural*, e Motivação em Português, abrangendo os tipos (3) *calque* e (4) *grafia*. Durante a análise, houve topônimos categorizados em mais de um tipo, ou seja, apresentaram mais de uma motivação, inclusive de domínios distintos. As categorias que representam mais de um tipo de motivação foram (5) *material e grafia*, (6) *cultural e grafia*, e (7) *calque e grafia*. A motivação do tipo grafia é a mais prevalente nos topônimos das cidades do Tocantins. A figura 12 ilustra a frequência absoluta e a frequência relativa (percentagem), considerando a prevalência dessas categorias de motivação, a partir de nosso *corpus* de análise.

Figura 12 – Distribuição dos topônimos nos tipos de motivação



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 198).

De acordo com a figura 12, vemos que 77% dos topônimos apresentam a motivação do tipo grafia, seja apenas grafia, seja combinada com alguma outra motivação – (5) material e grafia, (6) cultural e grafia, e (7) calque e grafia. Em seguida, vem a motivação do tipo calque, presente em 24% dos topônimos, seja apenas calque, seja calque combinado com grafia. Por fim, temos a motivação do tipo material em 18% dos topônimos e a motivação cultural em 5% dos topônimos.

Ainda de acordo com a figura 12, 11 topônimos apresentaram uma motivação (1) material e, dentre esses, 8 apresentaram motivação do tipo (5) material e grafia. O sinal de Arraias (TO) é um topônimo motivado apenas por material. O sinal é icônico e motivado pela geografia da cidade. O centro da cidade de Arraias fica em uma depressão, onde é possível reconhecer que a cidade está rodeada por uma região mais elevada. Dessa maneira, o sinal remete à concepção dos sinalizantes sobre a imagem visual do centro da cidade.

Figura 13 – Sinal de Arraias (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 198).

O sinal de Tabocão (TO) é um topônimo motivado por (5) material e grafia. O sinal é motivado pela ortografia do nome do topônimo em língua portuguesa e, por isso, a mão não dominante configura-se em T. A configuração, a posição e o movimento da mão dominante remetem a um posto de gasolina da cidade, que serve de parada para veículos na BR-153, e fazem referência ao teto deste estabelecimento.

Figura 14 – Sinal de Tabocão (TO)

Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 199).

Durante a análise, 3 topônimos apresentaram motivação (6) cultural e grafia. Não houve topônimos motivados apenas por (3) cultural. Em relação à motivação do tipo cultural, dois topônimos foram motivados pela concepção dos sinalizantes sobre os povos indígenas, como em Itacajá (TO) e em Tocantínia (TO), e um topônimo foi motivado pelas praias fluviais, que motivou uma construção icônica. No sinal de Praia Norte (TO), a configuração da mão dominante remete a uma pessoa na praia e o movimento das mãos remete às ondas do Rio Tocantins. A mão não dominante está configurada em “N” e remete à palavra norte (Praia Norte).

Figura 15 – Itacajá (TO)

Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 199).

Figura 16 – Tocantínia (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 199).

Figura 17 – Sinal de Praia Norte (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 200).

Ainda de acordo com a análise, 15 topônimos apresentaram motivação do tipo (3) calque, sendo que 5 destes apresentaram motivação do tipo (7) calque e grafia. Os sinais motivados apenas por calque acontecem a partir de uma tradução literal do termo, bem como a partir do que a comunidade surda entende ser a tradução literal do termo. Ou seja, há os calques perfeitos e os calques imperfeitos. O sinal de Peixe (TO) é um exemplo de calque perfeito.

Figura 18 – Sinal de Peixe (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 200).

O sinal de Brejinho de Nazaré (TO) é um exemplo de calque imperfeito. O sinal é motivado pelo que a comunidade surda entende ser a tradução literal do topônimo em língua portuguesa. A grafia da palavra “Brejinho” lembra a palavra “beijinho”, que motivou o calque (beijo). Dessa forma, o sinal de Brejinho de Nazaré (TO) é homônimo do sinal BEIJAR.

Figura 19 – Brejinho de Nazaré (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 200).

O sinal de Formoso do Araguaia (TO) também é um calque imperfeito. O sinal é motivado pela tradução literal do topônimo em língua portuguesa. A grafia da palavra “Formoso” lembra a palavra “famoso”, que motivou o calque. Dessa forma, o sinal Formoso do Araguaia (TO) é homônimo do sinal FAMOSO.

Figura 20 – Formoso do Araguaia (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 201).

Por fim, 43 topônimos apresentaram motivação do tipo (4) grafia, sendo 31 destes apenas por grafia, enquanto que 16 foi uma combinação de grafia com outras motivações. Apenas 1 topônimo não apre-

sentou uma motivação aparente. O topônimo de Araguañã (TO) é um sinal motivado apenas por grafia. A mão dominante configura-se em A e, posteriormente, configura-se em dedo indicador estendido e demais dedos fechados, que movimenta-se fazendo um contorno da imagem visual de “~”. O sinal é realizado no espaço neutro, lateralmente.

Figura 21 – Sinal de Araguañã (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 201).

Ainda em relação à motivação, identificamos topônimos icônicos que também apresentam uma motivação a partir da grafia do nome em língua portuguesa. Em outras palavras, há topônimos cuja configuração de mão representa uma “letra” do nome, mas que exibe características icônicas em outros parâmetros. Mais uma vez, as categorias relacionadas à motivação que se sobrepõem. Considerando apenas os domínios Motivação Icônica e Motivação em Português, temos a seguinte distribuição:

Figura 22 – Distribuição dos topônimos em Motivação Icônica e em Português

Motivação Icônica		Motivação em Português
30%	!	93%

Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 202).

Fizemos um levantamento dos pontos de articulação dos sinais topônimos, por percebemos que grande parte dos sinais das cidades do Tocantins são realizados no antebraço. Sugerimos que o antebraço, enquanto ponto de articulação, pode ser considerado um morfema preso para a criação de sinais topônimos. Na discussão que propomos, o antebraço pode estar relacionado ao significado de cidade no contexto do Tocantins. Segundo alguns dos entrevistados, o antebraço remete às pontes do estado. As figuras, a seguir, ilustram alguns desses topônimos.

Figura 23 – Sinal de Tocantins



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 203).

Figura 24 – Sinal de Araguaína (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 203).

Figura 25 – Sinal de Natividade (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 203).

Figura 26 – Sinal de Chapada de Natividade (TO)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 204).

Figura 27 – Sinal de Formoso do Araguaia (TO) (variação)



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 204).

Um reforço à hipótese de que o antebraço remete à ponte é o sinal de Ponte Alta do Tocantins, ilustrado na figura 28. Este sinal é icônico e remete à imagem visual de uma ponte que há na cidade (figura 29). A configuração de mão e o movimento que a mão realiza remetem ao arranjo dessa ponte, sendo realizados no braço não dominante, que parece ser uma representação de uma ponte mapeada no corpo

da sinalizante (mais especificamente no antebraço), conforme mencionamos. Esse ponto de articulação parece ser produtivo para a criação de topônimos.

Figura 28 – Sinal de Ponte Alta do Tocantins



Fonte: Miranda, Carneiro e Andrade (2021b, p. 204).

Figura 29 – Principal ponte em Ponte Alta do Tocantins (TO)



Fonte: Conexão Tocantins (2017).

Considerações Finais

Este capítulo apresenta os procedimentos de levantamento, registro e categorização de sinais de cidades do estado do Tocantins, bem como os resultados da análise da forma e motivação desses topônimos. A coleta de dados aconteceu a partir de observação participante e de entrevistas.

A partir de uma análise das propriedades articulatórias dos sinais, os topônimos foram categorizados em (1) nativos, (2) inicializados e (3) soletrados. Estas são categorias exclusivas e não remetem à motivação que perpassa pela forma desses sinais. A maioria dos sinais foram considerados (2) inicializados. A segunda categoria mais frequente foram os topônimos categorizados como (1) nativos, que inclui os topônimos motivados por calque. Por fim, a categoria de menor frequência foram os topônimos (3) soletrados.

Em relação à análise da motivação, os topônimos foram categorizados em (1) material e em (2) cultural, dentro de um domínio maior, intitulado de Motivação Icônica, e em (3) calque e em (4) grafia, dentro de outro domínio maior, intitulada de Motivação em Português. Essas categorias não são exclusivas. Nesse sentido, há sinais topônimos que representam mais de um tipo de motivação: (5) material e grafia, (6) cultural e grafia, e (7) calque e grafia. A motivação do tipo grafia é a mais prevalente nos topônimos das cidades do Tocantins.

Em relação à motivação do tipo material, observamos que os sinais topônimos foram motivados pela geografia do lugar, como o relevo e a vegetação, presença de cachoeiras, monumentos, pontes, antena de televisão e arranjo de estabelecimento comercial (posto de gasolina). Características dessas localidades estão presentes nos parâmetros dos respectivos sinais topônimos. Dessa forma, os traços articulatórios relacionados a movimento, configuração, orientação e posição das mãos codificaram, em alguma medida, a concepção dos sinalizantes sobre as características do lugar. Em relação à motivação do tipo cultural, há topônimos motivados pela população indígena dessas localidades e pelo lazer nas praias fluviais.

Os sinais motivados apenas por calque podem ser a partir de uma tradução literal do termo, bem como a partir do que a comunidade surda entende ser a tradução literal do termo. Nesse sentido, há os calques perfeitos e os calques imperfeitos. Houve também os sinais

topônimos que foram motivados por calque a partir de parte do nome do topônimo em língua portuguesa.

Mais pesquisas precisam ser desenvolvidas sobre os sinais topônimos das cidades do Tocantins, de forma a descrever com detalhes aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos relacionados à comunidade surda local. Importante também discutir a variação lexical e fonológica dos topônimos encontrada em nossos dados.

Referências

ADAM, Robert. Language contact and borrowing. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (org.). **Sign language: an international handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 841-861.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Gesto, sinal ou classificador? Reflexões sobre o processo de lexicalização na Libras. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves; COURA, Felipe; SOUSA, Aline Nunes. **Língua Brasileira de Sinais: linguística aplicada, educação e descrição linguística**. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 318-347.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, v. 1, n. 67, p. 104-119, 2016.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. **Antares**, v. 7, n. 14, jul./dez. 2015.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua de sinais brasileira. **Via Litterae**, v. 9, n. 1, 2017.

FARIA DO NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais na língua de sinais brasileira (LSB)**. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FERREIRA, Lucinda Brito. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2010. Reimpressão.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. [S. l.; s. d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to.html>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JOHNSTON, Trevor Alexander; SCHEMBRI, Adam. On defining lexeme in a signed language. **Sign Language & Linguistics**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 115-185, 1999.

LIDDELL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, Scott; JOHNSON, Robert E. American Sign Language: the phonological base. **Sign Language Studies**, New York, v. 64, p. 195-277, set./ nov. 1989.

MCCLEARY, Leland. VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas online** – atemática. V. 1, PPG Linguística/UFJF. Juiz de Fora. 2011.

MIRANDA, Roselba Gomes de. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais das cidades do Tocantins. Dissertação (Mestrado) – Porto Nacional, Universidade Federal do Tocantins, 2020.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila Santos. Toponímia em Libras: levantamento, registro e categorização de sinais dos municípios do Tocantins. **Acta Semiótica et Linguística**, v. 25, n. 44, 2021a.

MIRANDA, Roselba Gomes de; CARNEIRO, Bruno Gonçalves; ANDRADE, Karylleila Santos. Toponímia em língua brasileira de sinais: aspectos formacionais e motivacionais dos sinais dos municípios do Tocantins. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 66, 2021b.

NASCIMENTO, Cristiane Batista. Alfabeto manual da língua de sinais brasileira (libras): uma fonte produtiva para importar palavras da língua portuguesa. **Revista Trama**, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez** – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOOP, Lodenir Beker. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **Toponímia urbana no Brasil** – estudos. Campo Grande: EDUFMS, 2023. p. 16-52.

XAVIER, André Nogueira. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989). *In*: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológico dos sinais da língua de sinais brasileira (libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2006.

ZESHAN, Ulrike. Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: grammaticalization and lexicalization processes. *In*: EMMOREY, Karen. **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. Cap. 6. p. 113-141.

ONIONÍMIA, TEONÍMIA E ZOONÍMIA

Onionímia em Libras: as relações entre iconicidade e identidade visual nos sinais que nomeiam instituições financeiras

Beatriz França de Moraes
Alexandre Melo de Sousa

Introdução

O léxico desempenha papel importante em qualquer idioma, uma vez que, por meio dele, os elementos (concretos e abstratos) que compõem o mundo são nomeados. Biderman (2001) afirma que, por intermédio do léxico, podemos explorar a cultura de uma sociedade, já que ao nomear elementos, as particularidades culturais do grupo humano são registradas: sua visão de mundo, crenças, história, entre outros.

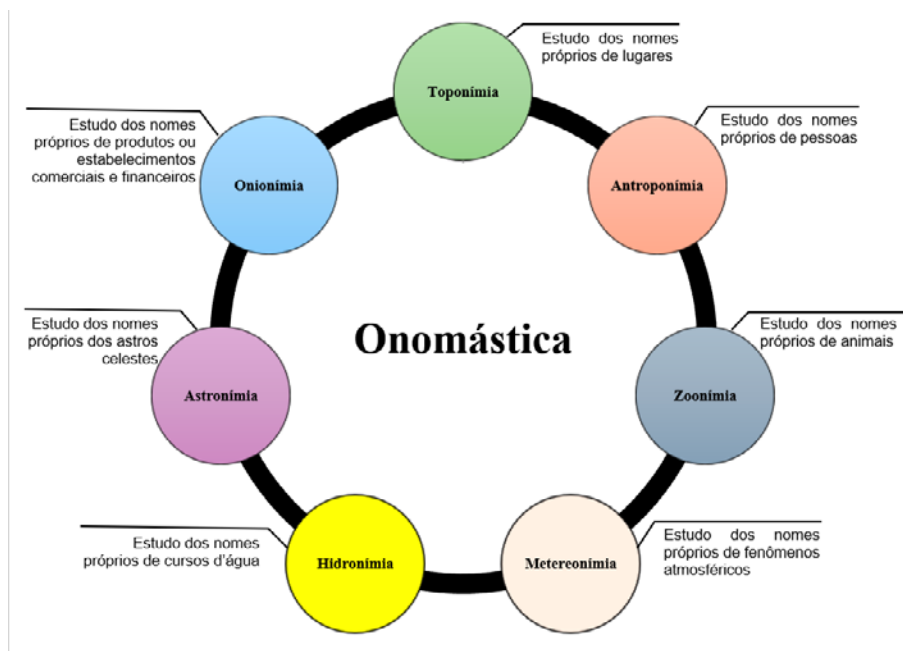
Dubois *et al.* (2005 p. 441) refere-se à Onomástica como “um ramo que estuda a origem dos nomes próprios” e é subdividida, segundo Sousa (2022), em sete subáreas – dentre as quais destacamos a Onionímia, que estuda os sinais dos nomes próprios dos comércios, instituições financeiras, artigos ou produtos industriais.

Neste texto, temos por objetivo verificar as relações entre os sinais em Libras dos Bancos e/ou Instituições Financeiras e os elemen-

tos das identidades visuais dos referentes. Para atingir esse objetivo, analisamos 10 (dez) sinais onionímicos, em Libras, dos seguintes Bancos e/ou Instituições Financeiras: Banco do Brasil, Bradesco, Banco da Amazônia, Caixa Econômica Federal, Banco Itaú, Banco Santander, Banco Cooperativo Sicoob, Banco Cooperativo Sicredi, Banco Digital Inter e Banco Digital Nubank.

A Onomástica e a Onionímia

A Onomástica tem como finalidade investigar os nomes próprios em suas diversas dimensões, desde suas gêneses até suas possíveis transformações ao longo do tempo, levando em conta fatores geográficos, sociais, históricos, entre outros. O ato de dar nomes próprios é uma característica humana e tem total relação com os aspectos culturais dos povos (Biderman, 2001), sejam eles surdos ou não-surdos. As esferas de atuação da Onomástica, segundo Sousa (2022), são: Antroponímia (quando estuda os nomes próprios de pessoas), Zoonímia (quando estuda os nomes próprios de animais), Meterenímia (quando estuda os nomes próprios de fenômenos da natureza), Hidronímia (quando estuda os nomes próprios de cursos d'água), Astronímia (quando estuda os nomes próprios de corpos celestes) e a Onionímia (quando estuda os nomes próprios de estabelecimentos comerciais, marcas e produtos). O autor utiliza a figura a seguir para ilustrar as subáreas onomásticas.

Figura 1 – Esferas de atuação da Onomástica

Fonte: Sousa (2022, p. 11).

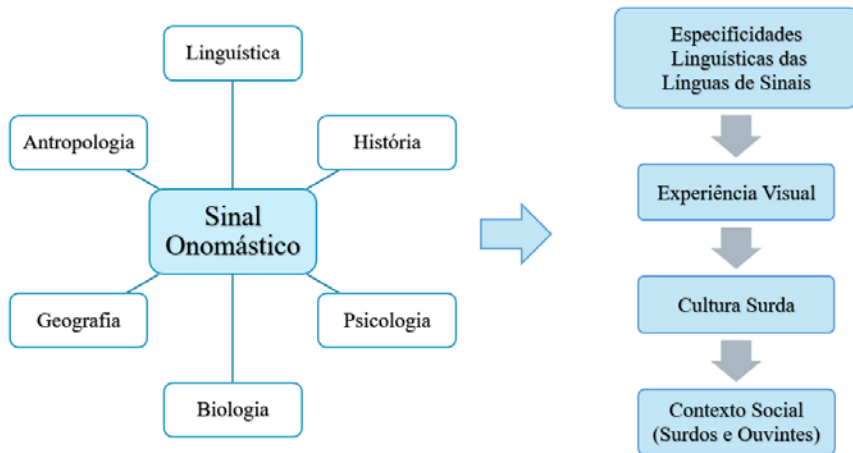
Sousa e Dargel (2017, p. 11) explicam que a Onomástica é uma área do léxico que possui característica interdisciplinar: embora seu objeto seja o elemento linguístico – o nome próprio – é necessário dialogar com outros campos do conhecimento para que seu entendimento e análise sejam plenos.

Assim, ao estudar o nome próprio de lugar, devemos considerar conhecimentos geográficos, históricos, antropológicos etc.; ao estudar os nomes de pessoas, precisamos considerar questões culturais, históricas, sociais, psicológicas, jurídicas etc.; ao estudar nomes de animais, damos atenção às questões biológicas, culturais, midiáticas, entre outras.

Considerando a perspectiva interdisciplinar da Onomástica com foco na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o sujeito nomeador

surdo, concordamos, com Sousa (2022) que outros elementos devem ser considerados, como pode ser visualizado na imagem a seguir:

Figura 2 – O estudo onomástico em Libras e sua abordagem interdisciplinar



Fonte: Adaptado de Sousa (2022, p. 12).

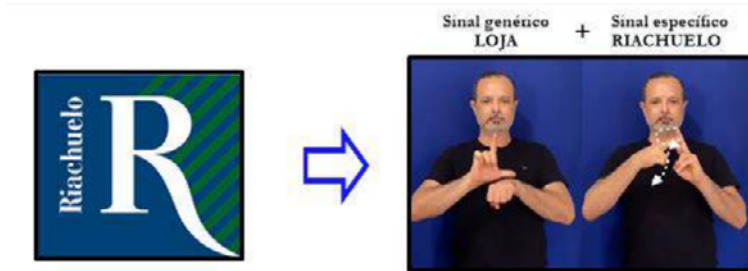
A Onionímia é um dos ramos da Onomástica que trata dos estudos dos nomes próprios de estabelecimentos comerciais, financeiros ou produtos industriais (Sousa, 2022). Sobre a análise dos sinais onionímicos, Sousa (2022, p. 15) diz:

Os oniônimos em Libras podem ser analisados como os demais dados onomásticos em línguas de sinais: estrutura do sintagma (sinal genérico e sinal específico), estrutura morfológica do sinal específico (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido), aspecto semântico-motivacional (a partir do referente que influenciou a criação do sinal) e relação icônica.

Nessa perspectiva, nota-se que a criação de um sinal cumpre um processo bastante particular, significando que a relação da iconicidade do sinal com os aspectos semântico-motivacionais bem como

a estrutura morfológica desses sinais específicos e outras características, fazem parte da aquisição, incorporação e compreensão do surgimento desse sinal específico. Vejamos o exemplo a seguir, apresentado por Sousa (2022):

Figura 3 – Exemplo de oníônimos em Libras (Loja Riachuelo)



Fonte: Sousa (2022a, p. 15).

O sinal RIACHUELO foi criado tomando como referência o logotipo da empresa associado ao empréstimo linguístico da configuração de mão em “R”. Esse tipo de empréstimo é bastante comum entre as línguas de sinais, dados os contatos entre as duas línguas e a característica bilíngue dos surdos. Sousa (2022, p. 15) esclarece que:

Em relação à criação de sinais onionímicos em Libras, também poderão ser encontrados empréstimos da língua oral, uma vez que, na paisagem urbana e virtual (redes sociais, sites de vendas etc.) os nomes estão escritos em língua portuguesa (ou em língua estrangeira como inglês, espanhol etc.).

Os sinais onionímicos, como itens do léxico, podem sofrer influências semelhantes ao nomear Bancos, Instituições Financeiras e/ou produtos comerciais, marcas etc. A identidade visual, a logomarca e o logotipo de qualquer instituição ou empresa pode também influenciar o desenvolvimento dos sinais onionímicos em Libras.

Venâncio (2023) pesquisou os sinais dos estabelecimentos comerciais do Via Verde Shopping e destacou como as marcas das lojas e restaurantes influenciam a criação dos sinais em Libras para os referidos espaços comerciais.

A identidade visual e iconicidade

Para uma instituição, independentemente do setor, a identidade visual é extremamente relevante, pois não apenas caracteriza a empresa, como também se transforma em um símbolo de *marketing* (Souza, 2019). Essas características identitárias devem ser fortes o suficiente para que sejam capazes de transmitir confiança ao seu público-alvo e serem lembradas e repassadas em situações de interação. Os sistemas de identidade visual são de tal importância que “uma identidade visual mais forte leva a nossa atenção ao objeto e, principalmente, faz com que nos lembremos dele quando o vimos de novo – ou seja, dá maior preguiância ao objeto” (Peón, 2000, p. 11).

A identidade visual é o “símbolo” (o logotipo) que a empresa cria para representá-la. Dessa maneira, o logotipo é a singularização da escrita de um determinado nome, pois sempre que visualizamos um nome, este é representado por um mesmo tipo de letra: “Toda marca tem sempre um logotipo. Um logotipo sempre tem letras” (Strunk, 2001, p. 70). Por outro lado, “o logotipo muitas vezes é chamado simplesmente de logo [...] ele é necessariamente composto por letras. Legalmente, os logotipos são denominados marcas normativas” (Peón, 2000, p. 33). O que, na prática, nota-se que há diferentes perspectivas para o significado de “logotipo” e suas variações linguísticas e culturais, a depender do autor(a).

A marca, nesse contexto, é entendida como uma identidade visual. Quando combinada com o logotipo, ela forma uma logomarca.

Quando uma marca é composta pelo logotipo e por algum outro elemento que não possa ser aplicado isoladamente, então o que temos não é uma marca composta por um símbolo e um logotipo, mas sim uma marca que é composta simplesmente por um logotipo conjugado a grafismo. Em contrapartida, quando temos um sistema que não possui símbolo, mas apenas logotipo, não o chamamos de logotipo, mas sim de marca: o logotipo é a própria marca, e esta denominação suplanta a de logotipo. A marca é, assim, o elemento que sintetiza os elementos primários do sistema e que os suplanta (Peón, 2000, p. 36).

As Línguas de Sinais possuem uma característica que pode ter relação no processo de nomeação onomástica e remete à identidade visual do referente: a iconicidade. Quadros e Karnopp (2004) e Quadros (2019) explicam que a iconicidade nas línguas sinalizadas constitui uma característica natural, favorecida pela modalidade visual-espacial da língua.

Para Perniss (2007), a iconicidade faz parte da estrutura das línguas de sinais e isso é favorecido pela maneira tridimensional como os sinais são produzidos. Vários estudos têm apontado a presença marcante da iconicidade nos sinais onomásticos: Douettes (2023) apontou a iconicidade nos sinais toponímicos selecionados em textos bíblicos; Sousa (2023) destacou a iconicidade em sinais zoonímicos utilizados por surdos para nomear seus animais de estimação; Marins (2024) mostrou a iconicidade em sinais toponímicos em Libras que nomeiam espaços de saúde de Feira de Santana (BA); Moreira (2023) destacou a iconicidade ao estudar a Teonímia em Libras dos sinais atribuídos aos Orixás do Candomblé.

Procedimentos metodológicos

Neste trabalho de pesquisa reunimos 10 (dez) sinais onionímicos em Libras que são responsáveis por dar nome às Instituições Financeiras e/ou Bancos, sinais esses que são utilizados pelos indivíduos surdos, a saber, relacionados aos: 1) Banco da Amazônia; 2) Banco do Brasil; 3) Bradesco; 4) Caixa Econômica Federal; 5) Banco Digital Inter; 6) Banco Itaú; 7) Banco Digital Nubank; 8) Banco Santander; 9) Banco Cooperativo Sicoob e 10) Banco Cooperativo Sicredi. Os dados desta pesquisa foram obtidos por intermédio de vídeos disponibilizados pelas respectivas Instituições Financeiras supramencionadas, que podem ser acessadas na plataforma YouTube.

A princípio, os dados foram coletados em vídeos institucionais na plataforma YouTube. A partir dessa coleta foi possível observarmos a caracterização dos procedimentos de sinalização, que ocorre na seguinte ordem: a) Datilologia; e b) Execução do sinal onionímico.

Os vídeos foram organizados e armazenados no canal do YouTube nomeado “Onomástica em Libras” sob coordenação do professor Alexandre Melo de Sousa. O *link* de acesso aos vídeos específicos de cada sinalização das Instituições Financeiras pesquisadas neste trabalho está disponível na tabela a seguir:

Tabela 1 – Links dos sinais das instituições bancárias

Nome do Banco/Instituição financeira	Link da Plataforma YouTube
Banco do Brasil	https://youtu.be/GvaOV_C8GZk
Banco Bradesco	https://youtu.be/O4yAJx2nEUs
Banco da Amazônia	https://youtu.be/RQPnnDn686Y
Banco Caixa Econômica Federal	https://youtu.be/2QJr_PouUsw
Banco Itaú	https://youtu.be/1uRYiCZ-mRY
Banco Santander	https://youtu.be/-B1ITxtYfr0
Banco Cooperativo Sicoob	https://youtu.be/y9ExEHvdoSg
Banco Cooperativo Sicredi	https://youtu.be/UFH50KibskM
Banco Digital Inter	https://youtu.be/ySJ1uaedSZk
Banco Digital Nubank	https://youtu.be/54SO6LSfIMI

Fonte: Dados da pesquisa.

Após o armazenamento dos vídeos, passamos para o preenchimento das fichas lexicográfico-onionímicas com as análises estruturais referentes a sua iconicidade e motivação. Para isso, nos orientamos na proposta de Sousa (2022) que descreve as características dos sinais em Libras que nomeiam lugares a partir de seus elementos mínimos – os parâmetros fonético-fonológicos – as formações lexicais e os aspectos semântico-motivacionais e icônicos dos sinais.

Figura 4 – Ficha Léxico-onionímica para coleta de dados

FICHA LEXICOGRÁFICO - ONIONÍMICA	
Sinais das Instituições Financeiras	
Nome em língua oral	Banco do Brasil
Logotipo	
Nome em SignWriting	
Tipo de estrutura morfológica	Composto Híbrido
Fontes	https://www.signbank.org/signpuddle/ https://www.bb.com.br/docs/pub/siteEsp/dilog/dwn/mbbCC11.3192.pdf
Pesquisadora	Beatriz França de Moraes
Supervisor	Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Local e Data	Rio Branco, Acre, 22 de julho de 2024

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Utilizam-se, ainda, as escritas dos sinais em *SignWriting* e as fontes de consultas utilizadas no preenchimento das fichas. Para as descrições dos sinais, especialmente quanto ao parâmetro Configuração de Mão (CM), utilizaremos o quadro a seguir, fornecido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)¹:

1 Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1kAXCzfzz9QckvHsfaijXjyabW2O_joQE/view.

Figura 5 – Conjunto de Configurações de Mão (CM) em Libras

Fonte: Adaptado (INES, 2024).

Morfologicamente as análises tomarão como base a proposta de Sousa (2019) que classifica as formações lexicais dos sinais em quatro tipos, que são: a) **Simples**: sinal que possui um único formante em Libras; b) **Simples Híbrido**: sinal que possui um único formante e que tem influência da língua oral marcada na configuração da mão referente ao alfabeto manual; c) **Composto**: sinal que possui mais de um formante, todos em Libras; d) **Composto Híbrido**: sinal que possui mais de um formante em que um desses tem como origem a influência da língua oral, marcada na configuração da mão referente ao alfabeto manual.

No que se refere à iconicidade dos sinais, levaremos em conta as motivações que influenciam o sujeito ao nomear. Portanto, examinamos se existe alguma semelhança entre a logomarca do banco e os sinais utilizados em Libras, considerando que o surdo (aquele que cria o sinal) utiliza com maior ênfase o seu aspecto visual e por isso tem como referência para essas nomeações os elementos captados pela visão e que têm relação com o espaço nomeado.

Resultados e discussões

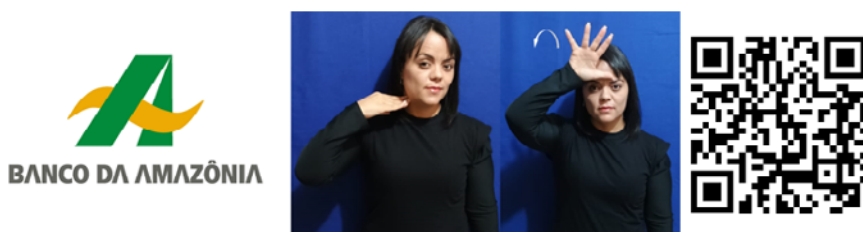
A seguir, apresentaremos as análises dos sinais onionímicos em Libras selecionados. Cada sinal é descrito quanto à sua estrutura fonológica e classificado de acordo com sua formação lexical. Além

disso, investigamos se os sinais onionímicos estão relacionados com a identidade visual do Banco e/ou da Instituição Financeira (seu referente). Os logotipos de todos os Bancos, a seguir analisados, podem ser acompanhados pela sinalização em Libras e um QR-code que direciona para os vídeos disponíveis na plataforma YouTube. As configurações de mãos podem ser consultadas na figura 5.

Sinal BANCO DA AMAZÔNIA

Quanto à forma, o sinal BANCO DA AMAZÔNIA é produzido com um único sinal, começando com a mão direita na configuração nº 05, posicionada na parte superior frontal da cabeça (na região da testa) à direita. O movimento é angular, com um leve deslizamento para a direita, concluindo na configuração de mão nº 67, conforme podemos ver na figura 7, a seguir.

Figura 7 – Sinal BANCO DA AMAZÔNIA



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse sinal é classificado como **simples**, o que significa que é formado por um único formante e não tem influência da Língua Portuguesa. No que se refere à iconicidade, não há uma relação evidente entre o logotipo e o sinal. Contudo, notamos que o sinal utilizado para designar o Banco é idêntico ao que representa o estado do Amazonas, localizado na região norte do Brasil.

Sinal BANCO DO BRASIL

O sinal BANCO DO BRASIL é produzido em dois momentos distintos. No primeiro, a mão direita é posicionada na configuração nº 03, com a palma voltada para baixo, que toca o pescoço com dois toques. No segundo momento, a palma é voltada para o lado, com uma posição neutra, que começa da esquerda para a direita, com um leve movimento semicircular, sem a necessidade de repetições (figura 8).

Figura 8 – Sinal BANCO DO BRASIL



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Sob a perspectiva morfológica, o sinal é classificado como **composto híbrido**, pois é formado por dois elementos léxicos, ambos influenciados pela letra B – inicial do nome Brasil. No que se refere à iconicidade, o sinal está associado ao seu logotipo. Isso sugere que sua razão de existir está relacionada ao grafema (língua oral), representado pela sigla BB, escrita em itálico e em letras minúsculas no seu logotipo, onde um dos grafemas aparece de forma invertida.

Sinal BRADESCO

A figura 9 nos mostra o sinal BRADESCO, que é gerado com a mão esquerda que assume a configuração nº 21, posicionada em um espaço neutro e imóvel, enquanto que a mão direita está na configuração nº 42, situada sobre a mão esquerda, com a palma voltada para baixo, sem tocar na outra mão.

Figura 9 – Sinal BRADESCO

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No que diz respeito à morfologia, o sinal é considerado **simples**, pois é composto por um único formante morfológico na língua nativa. Em termos de iconicidade, o sinal guarda relação com o logotipo do Banco do Bradesco. Os traços superiores da marca remetem à copa de uma árvore, e a parte inferior representa seu tronco, fazendo com que o sinal iconicamente represente seu logotipo.

Sinal CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

O sinal CAIXA ECONÔMICA FEDERAL é formado por um único elemento léxico, utilizando as duas mãos, ambas configuradas como nº 21, com as palmas voltadas uma para a outra e posicionadas de lado. As mãos estão em um espaço neutro, com a mão esquerda ligeiramente à frente, e a mão direita um pouco atrás. O movimento consiste em dois toques da mão direita na esquerda, seguindo uma direção específica (figura 10).

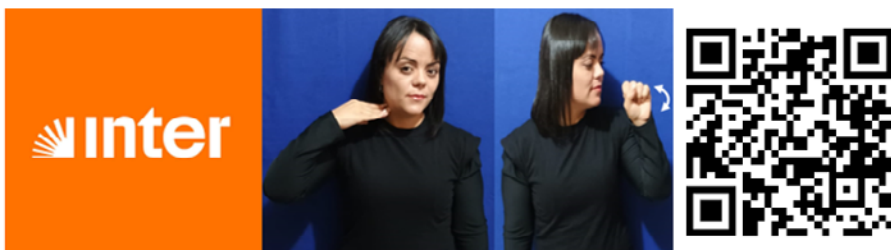
Figura 10 – Sinal CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O sinal examinado apresenta uma estrutura morfológica **simples**, pois é composto por apenas um formante morfológico. Em relação à iconicidade, é possível notar uma forte conexão com o logotipo, visto que o sinal representa iconicamente a formação da letra X (embora não se refira à letra X em Libras).

Sinal INTER

O sinal INTER, mostrado na figura 11, é produzido em dois momentos diferentes. Primeiramente, utiliza-se apenas a mão direita, na configuração nº 03, com a palma voltada para baixo, que é posicionada no pescoço, onde são realizados dois toques. Logo após, durante essa mesma fase, a mão direita é posicionada à frente da boca, configurada como nº 12, e é feito um gesto interno que consiste em um movimento repetido de “abre e fecha”.

Figura 11 – Sinal INTER

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse sinal é classificado como **simples**, pois, morfologicamente, se apresenta como um único elemento em sua estrutura léxica. No que diz respeito à iconicidade, observa-se que não há uma relação direta entre o sinal e o logotipo. O sinal remete à cor laranja do logotipo, que compõe a identidade visual do Banco Digital Inter.

Sinal BANCO ITAÚ

O sinal BANCO ITAÚ é produzido usando a mão direita. A mão está na configuração nº 49, com a palma voltada para baixo, em um espaço neutro. O movimento ocorre de forma linear e de cima para baixo, seguido por um movimento circular, que é concluído ao realizar um toque no ponto de partida do sinal, conforme podemos ver na figura 12, a seguir.

Figura 12 – Sinal BANCO ITAÚ



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse sinal é classificado como **simples**, pois é composto apenas por um único elemento morfológico na língua nativa. Em termos de iconicidade, ele não guarda relação com o logotipo atual da empresa, mas remete à letra I e ao *slogan* “Feito para você”. O sinal começa com a letra I e realiza um círculo em referência ao mundo, terminando com o “pingo do i” e, ao mesmo tempo, apontando para o consumidor, o que está em sinergia com seu *slogan*, criado em 2006.

Sinal NUBANK

O sinal NUBANK é gerado em um único instante, utilizando ambas as mãos. Primeiramente, a mão esquerda está na configuração nº 21, com o dorso voltado em diagonal para baixo, em direção à parede. A mão direita também se encontra na configuração nº 21, com o dorso em diagonal para cima, igualmente voltada para a parede. As duas mãos estão em um espaço neutro e se movem intercaladamente em um movimento de “vai e vem” (figura 13).

Figura 13 – Sinal NUBANK



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Sob a perspectiva morfológica, esse sinal é classificado como **simples híbrido**, visto que é composto apenas por um elemento que remete às letras N e U da Língua Portuguesa. Quanto à iconicidade, o sinal não mantém relação com o logotipo. No entanto, segundo um comentário de um surdo na plataforma YouTube², ele se relaciona à letra N, no contexto de “vai e vem”, uma vez que o Banco é virtual, facilitando a ideia de envio de dados via internet.

Sinal BANCO SANTANDER

O sinal BANCO SANTANDER, representado na figura 14, é realizado em um único momento utilizando ambas as mãos, em que a mão esquerda forma a configuração nº 69, com a palma voltada para bai-

2 YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/ndvfiQZbLoA?si=JCmcBwuLk9iHOnI6>. Acesso em: 12 jul. 2024.

xo e posicionada em um espaço neutro, e a mão direita se encontra na configuração nº 06, com a palma virada para cima, se encontra sobre o dorso da mão esquerda, realizando movimentos dos dedos que simulam uma chama, representando o fogo do logotipo.

Figura 14 – Sinal BANCO SANTANDER



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Essa representação do símbolo do Banco Santander caracteriza-se como um sinal morfológico do tipo **simples híbrido**, composto por dois elementos. Sobre a iconicidade, é evidente que existe uma ligação com o logotipo, uma vez que o sinal evoca a ideia de uma “chama de fogo”. O logotipo, além de retratar a “chama”, enfatiza a forma da letra S, que é a letra alfabética inicial dessa Instituição.

Sinal SICOOB

O sinal SICOOB, do Banco Cooperativo Sicoob, como podemos ver na figura 15, é realizado com ambas as mãos. Inicialmente, a mão esquerda está na configuração nº 49, e a mão direita, na configuração nº 54, ambas em uma posição neutra. A mão esquerda executa um movimento semicircular lateral da esquerda para a direita, tocando na mão direita, que permanece parada na posição neutra. O sinal apresentado possui uma estrutura morfológica **simples**, constituindo-se por um único formante na língua nativa.

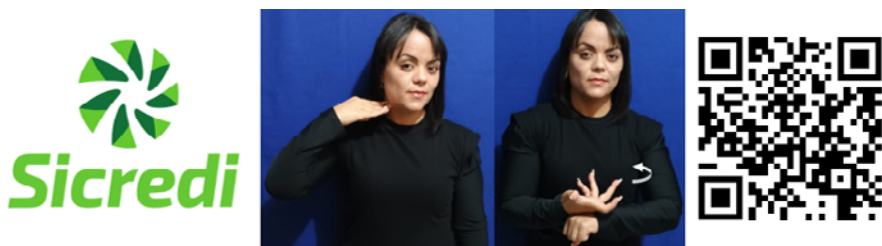
Figura 15 – Sinal SICOOB

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em relação à iconicidade, esse sinal mantém uma conexão com o formato de seu logotipo, funcionando como um ícone que representa todas as cooperativas e empresas do Banco Cooperativo Sicoob.

Sinal SICREDI

Conforme a figura 16, o sinal do SICREDI, do Banco Cooperativo Sicredi, é executado em um único momento, com ambas as mãos. A esquerda está configurada como nº 69, com a palma voltada para baixo em um espaço neutro, enquanto a mão direita assume a configuração nº 06, com a palma voltada para cima e colocada sobre o dorso da mão esquerda. Os dedos da mão direita se flexionam alternadamente na articulação proximal, começando pelo dedo mínimo e finalizando no polegar.

Figura 16 – Sinal SICREDI

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse sinal é classificado como **simples**, pois consiste em apenas um elemento lexical em Libras. É possível observar, em sua iconicidade, a conexão entre o sinal e o logotipo, uma vez que a sua representação lembra um cata-vento. De acordo com o *site* institucional, esse símbolo “representa os sete princípios universais do cooperativismo”. Os princípios que fundamentam essa ação incluem: adesão voluntária e livre; participação econômica, autonomia e independência; gestão democrática; educação, formação e informação; intercooperação; e um compromisso com a comunidade.

Considerações finais

Este estudo mostrou que a Onionímia tem bastante produtividade em Libras, uma vez que os surdos, como sujeitos sociais, usufruem dos serviços comerciais, educacionais e financeiros e que atribuem sinais a todos esses espaços para utilização em suas interações.

Os dados analisados revelaram que, dentre os 10 sinais selecionados, 7 deles estão relacionados de forma icônica com os logotipos das Instituições Financeiras nomeadas. Os outros 3 sinais dos Bancos/ Instituições Financeiras foram observados semanticamente da seguinte maneira: a) O logotipo do Banco da Amazônia é o mesmo usado para representar o estado brasileiro do Amazonas; b) O Banco Digital Inter é associado à cor laranja do seu logotipo, que é parte da sua identidade visual; e c) O Banco Itaú é motivado pelo símbolo gráfico arroba (@) que é utilizado em seus comerciais.

Os estudos onionímicos ainda são escassos nos domínios da Língua Brasileira de Sinais. Outras pesquisas, com mais dados, poderão mostrar características próprias desse domínio lexical, favorecendo a descrição do léxico onomástico em Libras.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: leitura crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DOUETTES, Brenno Barros. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais: levantamento, catalogação e motivação linguística**. 2023. 263f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean Pierre. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MOREIRA, Gabrielly Oliveira. **Teonímia em Libras: análise motivacional dos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco, 2023. Disponível em: http://www2.ufac.br/cela/libras/documentos/copy_of_GABRIELLYOLIVEIRAMOREIRA.pdf. Acesso em: 6 maio 2024.

PEÓN, Maria Luísa. **Sistemas de identidade visual**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

PERNISS, Pamela. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937>. Acesso em: 5 jan. 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Beker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Zoonímia em Libras: como os surdos nomeiam seus animais de estimação e proposta taxionômica**. 2023. 120 f. Tese (Promoção para Professor Titular) – Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. *In*: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos (org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. Rio Branco: Edufac, 2022. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/PerspectivasEnsino.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, v. 3, n. 1, p. 7-22, 20 abr. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SOUZA, Antônio Jorge. **Criação lexical em textos publicitários**: análise de oníônimos. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística/Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31678/1/Antonio%20Jorge%20de%20Souza-pdf.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

STRUNK, Gilberto. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2001.

VENANCIO, Atilto Alves. **Onionímia em Libras**: os sinais em Libras que nomeiam os estabelecimentos comerciais do Via Verde Shopping a relação entre o sinal e a logomarca. 2023. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco, 2023.

Teonímia em Libras: a iconicidade presente nos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé do Recôncavo da Bahia

Carlos Messias de Jesus
Liliane Lemos Santana Barreiros

Introdução

O ato de nomear é uma das atividades essencialmente humana, pois, é a partir do ato de nomeação que as coisas, os objetos, os lugares, as pessoas e os animais ganham uma significação, ou seja, tudo que nos rodeia ganha uma identificação nominal.

Nomear é uma atividade inerente à espécie humana, portanto, um privilégio dos humanos! Desde os primórdios da humanidade, o ser humano nomeou pessoas, sensações, coisas, espaços como forma de identificá-los, de garantir o pertencimento, de marcar territórios, de imprimir a sua marca a tudo que o rodeia (Amaral; Seide, 2020, p. 10).

A nomeação não se restringe ao mundo físico, visível, também nomeamos as coisas invisíveis e espirituais; é comum atribuímos diversos nomes para as divindades, os deuses. No que diz respeito às religiões de matrizes africanas não é diferente, e a comunidade surda,

no intuito de dinamizar o processo de comunicação, atribui um sinal em Libras para identificar cada Orixá. Para dissertar sobre essa temática usaremos o método da autoetnografia que será descrito mais à frente.

Sobre a escolha do método autoetnográfico

O método da autoetnografia se faz relevante na construção desta pesquisa por considerar a vinculação entre o campo de análise e a minha experiência pessoal enquanto Tradutor Intérprete e Professor de Língua Brasileira de Sinais – Libras¹.

Minha trajetória junto a comunidade surda começou no ano de 1981, com o aprendizado dos primeiros Sinais em Libras. Em 1991, conclui minha formação e me tornei intérprete de Libras, atuando na Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (AFADA), entre outros locais, e em 2006 optei também pela docência, onde passei a ensinar Libras as mães dos surdos. Paralelo ao trabalho com as mães fiquei responsável por uma turma com crianças surdas, onde trabalhei com letramento.

A viabilidade dessa pesquisa deve-se ao meu contato e a participação nas comunidades surdas. Atualmente faço parte do quadro efetivo como Tradutor Intérprete de Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), lotado no Núcleo de Política de Inclusão (NUPI) na cidade de Cruz das Almas (BA). Atuo também no Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL), localizado na cidade de Cachoeira (BA), cidade localizada no Recôncavo da Bahia.

Outra justificativa para esse trabalho é o fato de ser iniciado no candomblé; por ser praticante da religião me sinto confortável em abordar sobre essa temática. Dentro do terreiro ao qual pertencemos não temos ainda, filhos de santo surdos, no entanto, muitos surdos da comunidade frequentam o terreiro como visitantes em momentos festivos, fazendo-se necessário a interpretação da parte litúrgica,

1 Refere-se ao primeiro autor do capítulo.

dos cânticos, rezas, entre outros. O léxico dessa religião é específico e a maioria dos registros são (re)produzidos na língua yorubá. No que diz respeito aos Orixás também se estabeleceu sinais-nomes específicos para identificar cada um, o que facilita a comunicação no momento da interpretação para Libras. Abordaremos mais sobre os Orixás à frente. Cabe, nesse momento, explicar mais sobre o método autoetnográfico, sendo importante destacar que se trata de um:

[...] gênero da etnografia e método de pesquisa qualitativo [...] pode ser reconhecida como metodologia científica e crítica, capaz de desvendar, em sua maneira autorreflexiva, novos e profícuos caminhos para a pesquisa sociológica [...] a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um ‘modelo triádico’ baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo (Santos, 2017, p. 214-218).

Diante do exposto, reconheço e me sinto responsável em articular experiências pessoais com aportes teóricos situados às temáticas pertinentes ao artigo, tratando sobre a iconicidade presente nos sinais-nomes dos Orixás em Libras. Para isso vamos recorrer à área de estudos que se dedica ao nome próprio: a Onomástica.

Onomástica e a Onomástica em Libras

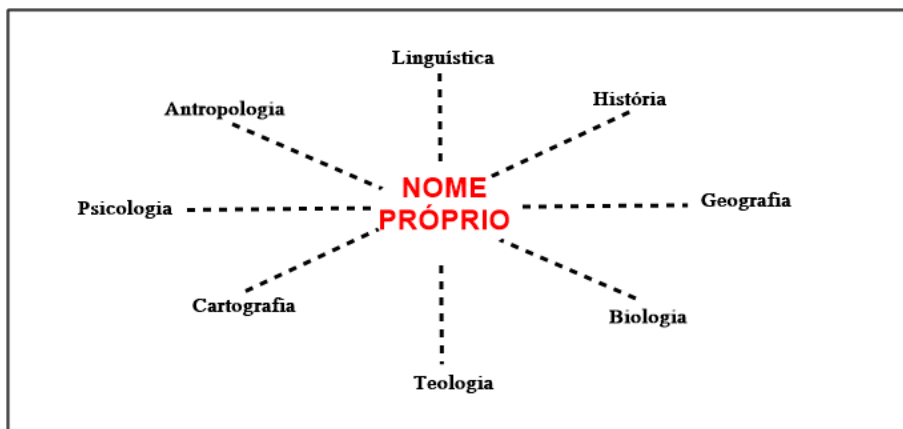
Podemos conceituar a Onomástica como área de estudos do léxico que se dedica ao estudo dos nomes próprios em geral. Seabra e Isquierdo (2018, p. 993) afirmam que:

Os estudos onomásticos remontam ao nosso passado, às nossas origens e assim sempre despertam a curiosidade, não só dos estudiosos, mas também das pessoas em geral. Ultrapassando a mera função de nomenclatura, os nomes de pessoas e lugares são produtos de um sistema de denominações que refletem o modo de vida de uma determinada cultura e como isso representa seus valores. Embora possam nos parecer familiares, porque os conhecemos e fazemos uso deles rotineiramente, quando paramos para contemplar a natureza os nomes próprios de pessoas e lugares, quase sempre percebemos que estes decorrem de significados incompreensíveis que nos são estranhos, mesmo quando se referem a pessoas e lugares conhecidos.

Para Sousa (2022), quando atribuímos um nome a algo, estamos individualizando aquele referente, nomeamos não somente os indivíduos e os lugares, mas também outros seres de modo geral e coisas existentes no mundo, como as obras de arte, os meios de transportes, os animais, as instalações comerciais, as coisas fictícias, os eventos festivos, os seres sobrenaturais e espirituais e tudo que o homem queira distinguir e particularizar.

Sousa e Dargel (2017) acrescentam ainda que a Onomástica é uma área interdisciplinar, uma vez que interage com outras áreas de conhecimentos para o estudo dos nomes próprios. Para ilustrar essa relação entre o nome próprio e as diferentes áreas do conhecimento, os autores propõem a seguinte definição, conforme a figura 1 a seguir:

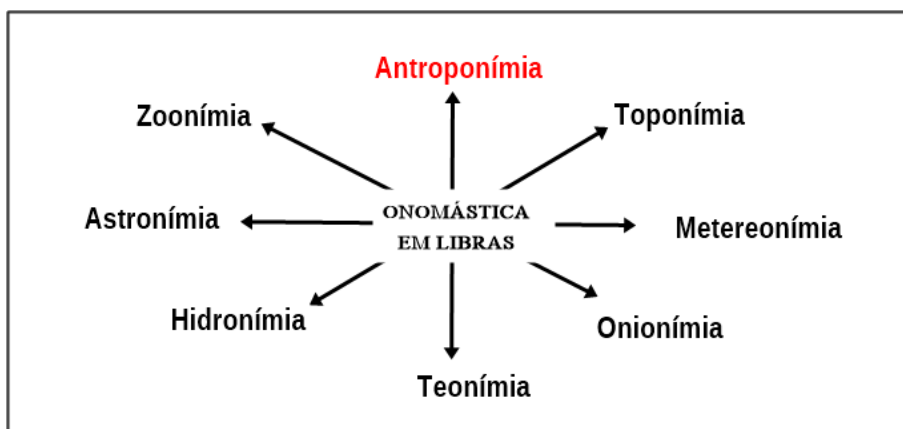
Figura 1 – Onomástica e interdisciplinaridade



Fonte: Adaptado de Sousa e Dargel (2017, p. 12).

Desse modo, podemos inferir que, para estudar o nome próprio das diferentes manifestações religiosas e espirituais, por exemplo, é necessário recorrermos a conhecimentos teológicos, psicológicos, antropológicos, históricos, culturais, filosófico, entre outros. Tratando sobre a Onomástica em Libras, Sousa (2022) apresenta os diferentes campos que se interessam pelos nomes próprios com suas subdivisões e suas definições, conforme mostra a figura 2 abaixo.

Figura 2 – Onomástica e suas subáreas



Fonte: Adaptado de Sousa (2022, p. 14).

Seguindo essa rota argumentativa, Sousa (2022) esclarece que a *Antroponímia* se dedica aos nomes próprios de pessoas; enquanto que a *Toponímia* descreve os nomes próprios de lugares geográficos; já a *Onionímia*, segundo o autor, estuda os nomes próprios de produtos e estabelecimentos comerciais, educacionais e bancários; enquanto que a *Astronímia* descreve os nomes próprios de diferentes astros celestes; a *Metereonímia* estuda os nomes próprios dos fenômenos atmosféricos; e a *Hidronímia* tem como objeto de estudos os nomes próprios dos cursos d'água em geral; a *Zoonímia* estuda os nomes atribuídos aos animais. Por sua vez, a *Teonímia* pesquisa os nomes próprios atribuídos a deuses das diferentes manifestações religiosas e espirituais. Essa última subárea em especial nos interessa, uma vez que vamos estudar os designativos dos sinais em Libras para as divindades os Orixás.

Sabendo que a Onomástica possui suas subáreas, e que os nomes de lugares são objeto de estudo da toponímia, assim como os nomes próprios são da antroponímia e os nomes dos deuses e das entidades espirituais da Teonímia, é importante atentar-se para os sinais Teonímicos por um viés antropológico, buscando identificar e compreender a relação entre os sinais dos Orixás em Libras com a simbologia e as características destes referentes, e considerar a motivação destes sinais a partir da percepção da pessoa surda. Para tanto, convém explicar brevemente sobre a iconicidade das Línguas de Sinais, uma vez que para os surdos a apreensão do mundo se dá através de uma experiência visual onde a iconicidade exerce forte influência no ato de nomeação. Moreira e Sousa (2024) analisaram 10 sinais dos Orixás em Libras, quanto à forma e à iconicidade. O estudo mostrou que “há forte relação das nomeações dos Orixás do Candomblé em Libras com a experiência visual dos surdos, especialmente por meio da relação icônica dos sinais com seus referentes” (Moreira; Sousa, 2024, p. 2).

A Iconicidade nas Línguas de Sinais

Os surdos posicionam-se no mundo a partir da diferença surda (Perlin, 2005). Nesse sentido, carregam traços específicos em suas construções simbólicas e na forma de entender e significar o mundo. Desse modo, as línguas de sinais refletem o modo como concebem a realidade a partir de uma experiência visual. Estudos sobre as Línguas de Sinais têm demonstrado que a Iconicidade é uma característica marcante dessas línguas.

Para Perniss (2007) a modalidade em que as línguas de sinais são produzidas (no espaço tridimensional) influencia as relações entre os articuladores (configurações de mão, locação e os movimentos) e seus referentes. Desse modo, a iconicidade pode ser verificada em vários níveis linguísticos das línguas sinalizadas (embora nem sempre as relações icônicas sejam as mesmas em todas as línguas). Podemos citar como exemplo a palavra ÁRVORE em diferentes línguas de sinais, conforme a figura 3 a seguir:

Figura 3 – sinal de ÁRVORE em diferentes Línguas de Sinais

		
Língua de Sinais Americana – ASL	Língua Dinamarquesa de Sinais	Língua Chinesa de Sinais

Fonte: Elaborado pelos autores.

Vemos no exemplo anterior que a ASL toma para si a representação da árvore como um todo, ou seja, base, tronco e copa. Por sua vez, a língua dinamarquesa também representa o tronco e a copa, mas fazendo uso de uma outra produção articulatória. Já a língua de sinais

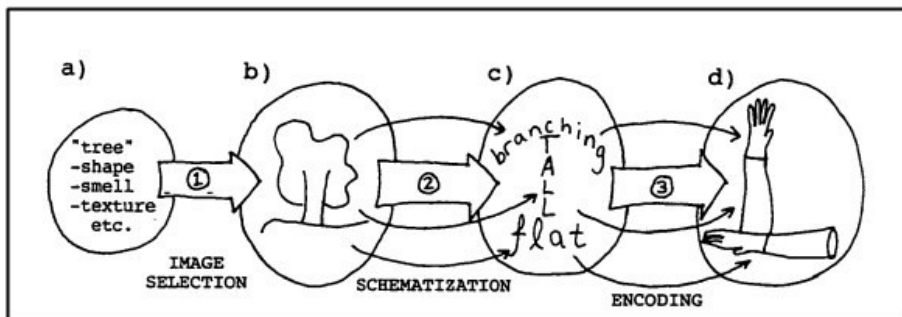
chinesa toma como motivação para construir o sinal de ÁRVORE apenas parte do referente, que é o tronco.

Tratando da Iconicidade, Quadros (2019) assevera que:

[...] um termo usado em referência a sinais que apresentam motivação icônica, ou seja, que remetem às formas e modos do mundo real e são representados de forma visualmente semelhante ao que está sendo referido. É uma representação mais direta do mundo real [...] (Quadros, 2019, p. 24).

Tomando como base o exposto no parágrafo anterior, recorremos a Taub (2001), que em seus estudos sobre iconicidade demonstrou que a produção de sinais icônicos se dá a partir de três etapas: a) seleção de imagem (*image selection*), ou seja, o momento da escolha de uma imagem representativa do referente; b) esquematização (*schematization*), que é o momento da reformulação da imagem representativa do referente, com base em suas características mais relevantes e possíveis de serem estruturadas fonética e semanticamente; c) a codificação (*encoding*), que constitui o momento da materialização do sinal propriamente dito, forma linguística, ou seja, do sinal. Para exemplificar esse processo, recorreremos à figura 4 a seguir:

Figura 4 – Processo de criação do sinal icônico



Fonte: Taub (2001).

Podemos observar que a partir dessas 3 etapas se formam os sinais icônicos. No que concerne as divindades Orixás, a iconicidade se faz presente na nomeação, como veremos mais à frente. Antes, porém, vamos apresentar os aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa tem por objetivo analisar 18 sinais Teonímicos que nomeiam os Orixás do Candomblé, a saber: *EXU*; *OGUM*; *OXÓSSI*; *OMOLUM*; *OSSAIYN*; *OXUMARÉ*; *NANÃ*; *OXUM*; *OBÁ*; *EWÁ*; *IANSÃ*; *LOGUM EDÉ*; *IYEMANJÁ*; *XANGÔ*; *OXALÁ*; *OXAGUIÃ*; *IBEJI* e *IROKO*, com a finalidade de descrevê-los quanto à sua estrutura fonológica; classificá-los a partir dos tipos morfológicos; e descrever as características icônicas nos sinais selecionados.

Quanto à natureza, nossa pesquisa se classifica como aplicada, pois, segundo Paiva (2019, p. 11), a investigação aplicada tem por objetivos, “gerar novos conhecimentos” e “resolver problemas, inovar ou desenvolver novos processos e tecnologias”. Queremos analisar os sinais-nome dos orixás. Para isso, os dados serão analisados aplicando-se as teorias onomásticas, especificamente, de base teonímica.

Quanto aos objetivos, este estudo é classificado como descritivo. Gil (1991) diz que as pesquisas descritivas

[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 1991, p. 45).

No nosso estudo, o objetivo é analisar e descrever os sinais próprios das divindades Orixás, portanto, trata-se também de uma pesquisa documental que utiliza “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (Gil, 1991, p. 47).

Gil (1991) ainda acrescenta que uma pesquisa de abordagem qualitativa tem como objetivo a investigação de aspectos reais e busca entender e explicar o porquê das coisas. Esses aspectos não são quantificados na pesquisa qualitativa, pois esse método de estudo tem por objetivo analisar e identificar dados de uma determinada questão para obter resultados que sejam refletidos e analisados com base no objeto de pesquisa. Nesse sentido, nosso estudo se enquadra nessa abordagem, pois buscamos analisar e identificar a iconicidade presente nos sinais teonímicos com a finalidade de compreender a relação entre os sinais e as características dos Orixás.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa documental se assemelha com pesquisa bibliográfica, pois ambas trilharam os mesmos caminhos, porém, a diferença entre elas está na natureza das fontes. Normalmente, a pesquisa bibliográfica utiliza fontes como livros ou artigos científicos, já a pesquisa documental se apropria de materiais que não receberam ainda uma análise aprofundada, ou seja, reportagens de jornal, cartas, contratos, filmes, fotografias, gravações etc. Sendo assim, esta pesquisa caracteriza-se também como documental, pois os dados foram coletados com a comunidade surda a partir do meu contato e por transitar por esta comunidade reconhecer a carência e a necessidade de se ter terminologias específicas voltadas para os Orixás. Posteriormente, os sinais foram gravados e armazenados para a presente análise.

Análise dos dados

Os sinais selecionados para este estudo foram analisados quanto aos seus aspectos morfológicos e fonológicos. As unidades fonológicas das línguas de sinais são formadas a partir de cinco parâme-

tros que, quando combinados, formam os signos/sinais, sendo eles: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação (O) e Expressões não Manuais (EnM). Segundo Quadros e Karnopp (2004) sendo as mãos os principais articuladores. Na perspectiva de Sousa (2022) os sinais em Libras podem ser classificados morfológicamente a partir de quatro tipos de formação, sendo elas:

- simples – quando o sinal apresenta um único formante em língua nativa (ou seja, em Libras);
- simples híbrido – quando o sinal apresenta um formante em língua nativa com incorporação de um elemento morfológico influenciado pela língua oral;
- composto – quando o sinal apresenta mais de um formante (todos de língua nativa);
- composto híbrido – quando o sinal apresenta mais de um formante, mas pelo menos um deles incorpora elementos morfológicos influenciados pela língua oral.

No que diz respeito a iconicidade, foram consideradas neste estudo as ideias de Trask (2004, p. 141) que explicam “a relação direta entre a forma de uma palavra e seu significado”. Pernis (2007) ainda destaca que a iconicidade pode ser considerada como parte de um sistema de linguagem que reflete uma relação entre uma forma linguística e seu significado. A base para um signo icônico é a “imagem” do referente que representa.

Quadros (2019, p. 115-116), acrescenta que “a iconicidade pode motivar a formação de vários sinais”, especialmente no nível fonológico e na construção do léxico em Libras. Portanto, para que possamos entender a relação dos sinais com os seus referentes, serão trazidas na seção seguinte algumas características dos orixás. Neste momento, apresentaremos as análises dos sinais dos Orixás em Libras. A análise dos sinais ocorreu de forma individual, sequencial e respectiva. Assim, nesta seção traremos as principais características dos Orixás, segundo Castro (2001) e Vidigal e Teixeira (2014).

Quanto à descrição fonológica dos sinais, tomaremos como base as configurações de mãos (CM) expostas por Felipe (2007). Quanto à estrutura dos sinais em Libras, será considerado o que aponta Quadros e Karnopp (2004), sobre os demais parâmetros fonológicos. As imagens que representam os Orixás, nas quais as pessoas estão caracterizadas de acordo com a simbologia e como eles se vestem nos terreiros quanto às cores, vestimentas e artefatos são de Vidigal e Teixeira (2014). Os autores também apontam características e lendas a respeito dos Orixás, o que nos permitiu conhecer um pouco sobre eles e o que eles representam para o povo de santo. Quanto ao tipo morfológico dos sinais, tomaremos os estudos de Sousa (2017) como norteadores para essa classificação.

Em relação às imagens dos sinais em Libras, foram elaboradas pelo autor deste trabalho. Cada sinal será analisado e descrito, individualmente, quanto à sua estrutura fonológica, seu tipo morfológico e a relação icônica entre seus referentes.

Exu

Deus da comunicação e guardião das encruzilhadas e da porta da rua. É Exu o mensageiro entre os humanos e os demais orixás. Ele está presente em tudo e em todos que existe. É a capacidade dinâmica de tudo que tem vida. Seu símbolo é um porrete chamado *ogó*. Exu é o mais astuto dos Orixás. São inúmeras as peças que prega. Não expressam malignidade, e sim resultam da pluralidade, da polivalência, da multiplicidade que faz parte da essência de Exu. Os filhos de Exu são inteligentes, astutos, rápidos, sensuais e gulosos. Exu gosta de receber em oferendas comidas bem apimentadas; gosta de carne de bode e de galo; gosta de azeite de dendê, farofa e aguardente. Sua saudação nos candomblés é *laroiê*. Suas cores são o vermelho e o preto. Seu elemento é o fogo, mas a terra e o ar são bem conhecidos de Exu. Seu dia da semana é segunda-feira e 1 é seu número.

De acordo os estudos de Sousa (2022), o sinal EXU se classifica morfologicamente como tipo simples, pois é formado por um único formante na língua nativa.

O sinal de Exu é realizado em espaço neutro, com a mão ativa em configuração de mão nº 2 e a mão passiva nº 51b. O sinal possui movimento retilíneo no sentido diagonal para cima. A mão ativa, representando o Ogó (artefato utilizado por Exu) passa pela mão passiva e o sinal se concretiza com a mão passiva segundo o antebraço da mão ativa. A iconicidade, que na maioria das vezes implica na motivação semântica, pode ser percebida por meio da representação de segurar ou empunhar o Ogó, que é um dos símbolos do Orixá.

Figura 5 – Sinal de EXU

Imagem EXU	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Ogum

É o orixá senhor das contendias, Deus da guerra, da metalurgia e da tecnologia. Ogum é o orixá que detém o poder de abrir caminhos, facilitando as viagens e os progressos na vida. Seu símbolo é a faca,

o obé. Os filhos espirituais de Ogum são determinados, inventivos, teimosos e muito trabalhadores, especialmente quando se trata de trabalhos manuais e atividades técnicas. Dão bons guerreiros, policiais, soldados, mecânicos, técnicos. Seu dia é segunda-feira e 7 é seu número. Azul-real é sua cor. *Ogunhê* é a saudação a Ogum. Gosta de comer cabrito, galo, inhame assado e uma boa feijoada.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural. O sinal OGUM é realizado em espaço neutro, ou seja, frente ao corpo. As mãos, que inicialmente estão cruzadas e com as palmas para frente, assumem a CM nº 64, se descruzam assumindo a CM nº 2. Em relação à motivação semântica, podemos perceber que o sinal faz referência às insígnias de Ogum. Por ser considerado um grande guerreiro, como dito, acredita-se que a iconicidade presente neste sinal tem relação com o ato de empunhar as espadas.

Figura 6 – sinal de OGUM

Imagem de OGUM	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Oxóssi

Deus da caça, orixá da fartura. Esse orixá vive no mato; seus filhos são curiosos e solitários, elegantes e graciosos. São também pacientes, amigáveis, e muitas vezes ingênuos. Os filhos de Oxóssi têm aparência jovial e dão impressão de estar sempre à procura de alguma coisa. Não se sentem obrigados a comparecer a um encontro marcado. Oxóssi gosta de comer animais de caça, cabrito e pratos preparados com milho e coco, e não suporta mel de abelha. Saúda-se Oxóssi com o grito *Oquê aro*, seu número é o 6 e seu dia da semana a quinta-feira. O ofá, arco com a flecha, é o seu símbolo. Sua cor é o azul-turquesa ou o verde-claro.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural. O sinal OXÓSSI é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado na altura do peito, com a palma da mão voltada para frente, a mão passiva assume a CM nº 2, enquanto a mão dominante também assume, inicialmente, a CM nº 2 e faz um movimento circular na altura do rosto. Em seguida, a mão ativa vai soltando os dedos até assumir a CM nº 64 como exposto na figura abaixo.

Em relação à motivação semântica, foi percebido que a iconidade está presente e possui relação com uma característica do Orixá: o arco e flecha. Conforme segue a figura 7:

Figura 7 – sinal de OXÓSSI

Imagem de OXÓSSI	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

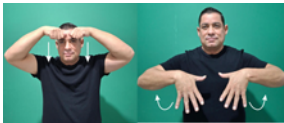
Omolu

Deus da varíola, das pestes e de outras doenças contagiosas. É relacionado com todo tipo de mal físico e conhece suas curas. Seus filhos espirituais têm um aspecto deprimido. Parecem pouco amistosos, mas é porque são tímidos e envergonhados. Quando envelhecem, alguns se tornam sábios, outros parecem alheios à vida, preferindo ficar sozinhos. Omolu gosta de cabrito, porco e galo e jamais dispensa pipoca. O símbolo de Omolu é uma espécie de vassoura, chamada xaxará, com a qual ele varre a peste para longe de nós. Sua saudação é *atôtô*. Omolu é louvado às segundas-feiras, seu número é o 11 e suas cores são o branco, o vermelho e o preto.

Quanto à sua classificação morfológica, pode-se considerar do tipo simples, pois é constituído por um único formante da língua de sinais. O sinal OMOLU é reproduzido, com ambas as mãos em CM nº 1 e o ponto de locação inicial do sinal é na testa. Em seguida, com a palma das mãos para trás, com um movimento retilíneo para baixo em espaço neutro, ambas as mãos assumem a CM nº 64. Os olhos e a

cabeça também se movimentam e acompanham as mãos, que inicialmente estão voltados para frente e no fim, para baixo. A motivação semântica do sinal de Omolu é bem translúcida quando se conhece um pouco deste Orixá. Omolu é conhecido por suas vestimentas que cobrem todo seu corpo, incluindo o rosto, conforme demonstrado na imagem, portanto, a motivação semântica pode ser associada a aspectos “físicos” do Orixá, pois é possível perceber a iconicidade entre a imagem que representa o referente e o sinal em Libras.

Figura 8 – sinal de OMOLU

Imagem de OMOLU	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Ossaiyn

Deus das folhas. É o conhecedor do poder mágico e curativo das ervas, raízes e caules. É sempre invocado na preparação de remédios e banhos medicinais. Seus filhos são sábios, de gênio difícil, com tendência a ter dificuldades com as pernas. Ossaiyn é simbolizado por um pássaro de ferro; gosta de caprinos e de aves de ambos os sexos, aprecia milho-cozido e frutas. Não dispensa o tabaco. *Euê assá* é a sua saudação, seu número é o 6, quinta-feira é o seu dia e suas cores são o branco e o verde.

O sinal OSSAIYN pode ser classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa. O sinal OSSAIYN é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado em frente ao peito com a palma da mão voltada para dentro, ambas as mãos com a CM nº 60, muda para CM nº 18 com movimento reto fazendo o sinal de folha. A motivação semântica pode ser associada a aspectos “físicos” como as folhas, que é uma das características desse Orixá, pois é possível perceber a iconicidade entre a imagem que representa o referente e o sinal em Libras.

Figura 9 – sinal de OSSAIYN

Imagem de OSSAIYN	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Oxumaré

Deus do arco-íris, também representado como deus-serpente. Quando dança, move-se como uma cobra, e é com uma cobra de latão que o representam. Dizem muitos que Oxumaré é andrógino, que tem os dois sexos. Seus filhos são ágeis, bonitos e imprevisíveis. Há quem diga que são traiçoeiros como as cobras. Oxumaré gosta de receber oferendas de cabrito e cabra, além de uma comida à base de batata-doce.

Arrumboboi é a sua saudação, 11 o seu número, amarelo, verde e preto as suas cores e terça-feira o seu dia.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural.

O sinal OXUMARÉ é reproduzido da seguinte forma: com o passivo com a CM nº 31 posicionado em frente ao peito com a palma da mão voltada para frente, a mão dominante inicialmente com CM nº 8 faz um movimento abrindo, simulando as cores do arco-íris, a motivação semântica pode ser associada a aspectos “físicos” – as cores do arco-íris que representam o Orixá –, pois é possível perceber a iconicidade entre a imagem que representa o referente e o sinal em Libras.

Figura 10 – sinal de OXUMARÉ

Imagem de OXUMARÉ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nanã

Nanã é a mais velha de todos os orixás, divindade da água doce. Responsável pelo equilíbrio do mundo do ponto de vista da alma. É mãe por natureza.

As filhas e filhos de Nanã são pessoas normalmente equilibradas, gentis, cumpridoras das responsabilidades, rigorosas no trato das questões sagradas, simplicidade delicadeza e rigor ritual são características que se distinguem entre as filhas de Nanã. Suas contas são azuis-claras e branco-opacas. Seu dia é segunda-feira.

Quanto à sua classificação morfológica, pode-se considerar do tipo simples, pois é constituído por um único formante da língua de sinais.

O sinal NANÃ é reproduzido da seguinte forma: as mãos assumem a CM nº 2, e com os punhos fechados, o dorso de ambas as mãos, especificamente os dedos, se unem. Em seguida, em espaço neutro, com as mãos unidas, é executado um movimento semicircular para a direita, onde os braços são levados para trás ao mesmo tempo que o corpo se debruça para a frente. A motivação semântica pode ser associada a aspectos físicos do Orixá.

Figura 11 – sinal de NANÃ

Imagem de NANÃ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Oxum

Deusa da água doce, do ouro, da fertilidade e do amor. Senhora da vaidade, foi a esposa favorita de Xangô. Os filhos e as filhas de Oxum são pessoas atraentes, sedutoras, manhosas e insinuantes. São orgulhosas de sua beleza. Podem ser muito vaidosas, atrevidas e arrogantes. Não gostam de pobreza nem de solidão. O símbolo de Oxum é um espelho em forma de leque, o abebé; sua saudação é *Ora ieiê ô*; sua comida votiva inclui cabra, galinha e um prato feito com feijão-fradinho, camarão seco, ovo cozido e mel. Seu número é o 5, seu dia o sábado e suas cores o amarelo e o dourado.

Morfológicamente, o sinal é considerado como simples, pois possui um único formante em língua de sinais.

O sinal OXUM é reproduzido com as mãos assumindo CM diferentes. Com o braço na altura do peito, com a palma da mão direcionada para o sinalizante, mais precisamente para o rosto, a mão passiva tem como CM a forma nº 62 enquanto a mão dominante assume a CM nº 4 e faz movimentos semicirculares ao lado do rosto.

A motivação semântica deste sinal pode ser percebida e relacionada com uma característica específica da Orixá Oxum: o pente e o espelho. Como dito, Oxum é vaidosa e esses artefatos fazem parte de seus símbolos. Assim, a iconicidade está identificada entre o referente e o sinal em questão.

Figura 12 – sinal de OXUM

Imagem de OXUM	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Obá

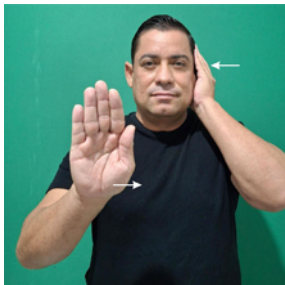
Deusa do rio, foi uma das esposas de Xangô. Protetora do lar, transforma-se em guerreira quando necessário, tendo como símbolos a espada e o escudo. Suas filhas espirituais são ótimas cozinheiras e donas de casa, mas dizem que não têm muita sorte no casamento. São pessoas meticolosas, mas às vezes desastradas. Obá recebe oferendas de galinhas e cabras e gosta muito de omelete e quiabo. Obá é louvada na quinta-feira, usa as cores vermelho e amarelo-dourado, e tem como número o 4. Sua saudação no candomblé é *Obaixi*.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural.

O sinal OBÁ é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado na altura da orelha, com a palma da mão voltada para dentro, a mão passiva assume a CM nº 56 e encosta cobrindo a orelha, enquanto a mão dominante também assume a CM nº 56 com a palma da mão voltada para fora e para frente com movimento retilíneo no espaço

neutro. A motivação semântica deste sinal pode ser percebida e relacionada com uma característica específica da Orixá Obá, que é a orelha.

Figura 13 – sinal de OBÁ

Imagem de OBÁ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Ewá

Deusa das fontes. É dona de segredos que guarda dentro de uma cabaça, o adô, que é seu símbolo. Também é representada por uma cobra metálica. Saudada com *Rirrô*, come cabra, feijão-preto com ovos cozidos e banana-da-terra frita no azeite de dendê. Os descendentes espirituais de Ewá, que são raros, são ótimos pais e mães, mas são pessoas misteriosas e desconfiadas, às vezes consideradas perigosas, que se queixam, com razão, de serem pouco compreendidas. Sábado é dia de Ewá e seu número é o 3. Vermelho, terracota e rosa são suas cores.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural

O sinal EWÁ é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado em frente ao peito com a palma da mão voltada para dentro,

a mão passiva assume a CM nº 8, enquanto que a mão dominante assume a CM nº 8 com a palma da mão voltada para baixo com movimento retilíneo no espaço neutro, durante o movimento muda a CM para o nº 60. A motivação semântica deste sinal pode ser percebida e relacionada com uma característica específica da Orixá EWÁ, foi percebido que a iconidade está presente na vestimenta do Orixá.

Figura 14 – sinal de EWÁ

Imagem de EWÁ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Iansã

Deusa dos raios, dos ventos e das tempestades. É a esposa de Xangô que o acompanha na guerra. Guia a alma dos mortos ao outro mundo e protege os humanos da fúria dos raios. Os filhos de Iansã são brilhantes, espalhafatosos e corajosos. Iansã é simbolizada por uma espada e pelo espanta-mosca feito de rabo de cavalo, o eruquerê, com o qual afasta o espírito dos mortos. Gosta de comer cabra e galinha. Seu prato predileto é o acarajé, bolinho feito de feijão-fradinho frito em azeite de dendê. É saudada nos candomblés com *Eparrei*, usa marrom, vermelho e branco, tem como número o 7 e a quarta-feira é o seu dia.

Morfologicamente, o sinal pode ser classificado como composto, pois é constituído por dois formantes da língua natural.

O sinal de Iansã é reproduzido em espaço neutro, frente ao corpo. Inicialmente, com as palmas das mãos posicionadas uma para a outra, as duas mãos assumem a configuração de mãos nº 2 e os pulsos se tocam duas vezes em um movimento retilíneo. Em seguida, as mãos assumem formas diferentes: a mão ativa assume a configuração de mão nº 32, enquanto a mão passiva assume a configuração de mão nº 64. Quanto ao movimento, nesse segundo momento, é do tipo circular e sinuoso.

A motivação semântica do sinal IANSÃ tem relação com o que a Orixá simboliza, já que ela é a rainha dos ventos e das tempestades. Podemos perceber isso nas configurações de mãos que assumem a mesma forma nos sinais VENTO e TEMPESTADE. Assim, é possível identificar uma relação icônica entre o sinal e o seu referente por meio de aspectos culturais associados à Iansã.

Figura 15 – sinal de IANSÃ

Imagem de IANSÃ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Logum Edé

Deus da caça e da pesca, é filho de Enrilé, no Brasil considerado um tipo de Oxóssi, e Oxum, dos quais herdou as qualidades, as preferências e o temperamento, que transmite a seus descendentes espirituais. Dizem que ora habita as matas, como o pai, ora habita as águas doces, como a mãe. Daí o caráter ambíguo de seus filhos espirituais. Seus símbolos são o arco e a flecha de Oxóssi e o leque-espelho de Oxum. Recebe em oferenda animais, sempre formando casais. Gosta de milho-cozido com coco, peixes e frutas. É saudado com *Lôssi aro*. Azul-turquesa e amarelo são suas cores, 6 é o seu número e quinta-feira o seu dia.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural.

O sinal LOGUM EDÉ é reproduzido com as mãos assumindo CM nº 62. Com o braço na altura do peito, com a palma da mão direcionada para o sinalizante, mais precisamente para o rosto, a mão passiva tem como CM a forma nº 62, enquanto que a mão dominante assume a CM nº 4 e faz movimentos semicirculares ao lado do rosto.

É possível identificar uma relação icônica entre o sinal e o seu referente por meio de aspectos culturais associados à LOGUM EDÉ nos artefatos que o mesmo carrega, a flecha chamada de abebé e o leque-espelho chamado de ofá.

Figura 16 – sinal de LOGUM EDÉ

Imagem de LOGUM EDÉ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Iemanjá

Deusa dos grandes rios, do mar, da maternidade. Venerada como mãe dos orixás, dos seres humanos, dos peixes. Representada por uma sereia, sua estátua pode ser vista em muitas cidades ao longo da costa brasileira. Os filhos e as filhas espirituais de Iemanjá são bons pais e boas mães, sempre superprotetores. Seu maior defeito é falar demais; são incapazes de guardar segredos. Seu símbolo é um espelho e peixes de prata. Saudação: *Odoiá*. Iemanjá come ovelha, pata e peixe, além de arroz e canjica. Usa branco e azul-claro, seu dia é sábado e seu número o 9.

O sinal IEMANJÁ pode ser classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa, conforme aponta Sousa (2022).

De acordo com as configurações de mãos (CM) expostas por Felipe (2017) e os demais parâmetros apontados por Quadros e Karnopp (2004), o sinal acontece da seguinte forma: a mão dominante assume

diferentes configurações desde o início do sinal, como podemos ver no vídeo. Inicialmente a mão ativa está fechada em CM nº 3, faz movimento semicircular ao lado do rosto, passando por cima da cabeça e depois assume a forma nº 9, reproduzindo um movimento retilíneo para baixo, com a palma da mão voltada para o rosto e, por fim, ambas as mãos assumem a forma nº 62 em espaço neutro com um movimento sinuoso.

As características físicas, sabemos que Iemanjá utiliza uma coroa com franjas, o que explica a mão que passa frente ao rosto. Quanto aos aspectos culturais, sabemos que ela é a rainha das águas, o que pode evidenciar as formas e movimentos que as mãos assumem ao final do sinal IEMANJÁ, pois trazem referência a água e estabelecem uma relação icônica entre o referente e o sinal.

A motivação semântica do sinal IEMANJÁ pode ter relação de iconicidade tanto quanto nos aspectos físicos das representações de Iemanjá (acessórios e símbolos) quanto nas características culturais associadas à Orixá

Figura 17 – sinal de IEMANJÁ

Imagem de IEMANJÁ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Xangô

Deus do trovão e da justiça. Quando mortal, foi um rei poderoso. Entre suas mulheres contam-se Obá, Iansã e Oxum. Seus filhos espirituais dão-se muito bem em atividades e assuntos que envolvam política, justiça, negócios e burocracia. São bons dirigentes e líderes. Gostam muito do poder, são teimosos, resolutos, glutões e gananciosos. O símbolo de Xangô é um machado de duas lâminas chamado oxé, que representa a justiça. Seus pratos prediletos são preparados com carneiro, galo e quiabo, e seu brado é *Caô Cabiessi*. 12 é o seu número e quarta-feira é o seu dia. Suas cores são o vermelho, ou marrom, e o branco.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois, é constituído por um único formante da língua nativa.

O sinal XANGÔ é realizado em espaço neutro. Com ambas as mãos em CM nº 2, o sinal possui um movimento retilíneo para cima e expressões faciais como o franzir da testa.

Ao analisar a motivação semântica deste sinal, é possível identificar uma relação de iconicidade entre o sinal e o seu referente a partir de características particulares de Xangô quando manifesto nos filhos de santo: o jeito de dançar. Outra característica que pode ser representada por meio das expressões faciais é a seriedade do Orixá, visto que ele é considerado uma entidade viril e com forte senso de justiça. Assim, a iconicidade também foi percebida neste sinal como um aspecto semântico motivacional.

Figura 18 – sinal de XANGÔ

Imagem de XANGÔ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Oxalá

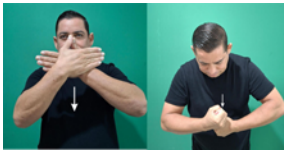
Deus da criação, o orixá que criou o homem. É profundamente reverenciado por todos os adeptos da religião dos orixás, assim como pelos próprios orixás. Chamado “o Grande Orixá”, é representado nas cerimônias de candomblé como velho, cansado e vagaroso, quase incapaz de dançar, mal suportando a luz do sol, sempre protegido por panos brancos que o cobrem completamente. Os filhos de oxalá gostam do poder, do trabalho criativo, são mandões e determinados. Oxalá, o Velho, também é chamado de Oxalufã e Obatalá. É representado pelo cajado, o opaxorô, no qual se apoia para dançar. Aprecia caracol, inhame, melão e comidas brancas, jamais preparadas com azeite de dendê ou sal. Seu grito é *Epa Babá*. O branco é a sua cor, a sexta-feira o seu dia e seu número é o 10.

Morfológicamente, o sinal é considerado do tipo composto, pois é constituído por dois formantes da língua de sinais

O sinal OXALÁ é feito no espaço neutro, com as palmas das mãos direcionadas para o corpo. Inicialmente, ambas mãos assumem a CM nº 63 e os polegares se encostam, como demonstra a imagem abaixo, e em seguida, com um movimento retilíneo para baixo, as mãos assumem a CM nº 2 e se tocam, posicionadas uma em cima da outra. A cabeça também faz um movimento retilíneo para baixo.

Quanto a motivação semântica deste sinal foi possível perceber duas coisas: em um primeiro momento as mãos assumem uma forma que nos faz criar uma imagem mental pictórica de um pássaro, que nesse contexto representa a pomba branca de Oxalá, e no segundo momento do sinal, as mãos assumem uma forma como se estivessem segurando o paxorô, que é o cajado de Oxalá. Enquanto isso, a cabeça é movimentada para baixo, como se estivesse fazendo reverência a algo. Em ambas as observações é possível identificar o aspecto da iconicidade.

Figura 19– sinal de OXALÁ

Imagem de OXALÁ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Oxaguiã

Oxaguiã caracteriza-se por uma vitalidade marcante, considerado jovem guerreiro, exuberante, jovem ou velho, oxalufã ou oxaguiã, oxalá é o pai maior, pai de todos os orixás, tem ação no mundo sobre a promoção da paz entre as pessoas, simbolizado nos voos de um pombo-branco, espalhando concórdia e bem-aventurança, facilitando a relação entre as pessoas.

Morfológicamente, o sinal é considerado do tipo composto, pois é constituído por dois formantes da língua de sinais.

O sinal OXAGUIÃ é feito no espaço neutro, com as palmas das mãos direcionadas para o corpo. Inicialmente, ambas mãos assumem a CM nº 63 e os polegares se encostam, como demonstra a imagem abaixo, e em seguida, com um movimento retilíneo para baixo, as mãos assumem a CM nº 2 e se tocam, posicionadas uma em cima da outra. A cabeça também faz um movimento retilíneo para baixo. Quanto a motivação semântica deste sinal foi possível perceber duas coisas: em um primeiro momento do sinal, as mãos assumem uma forma como se estivessem segurando o paxorô, que é o cajado de Oxalá. No segundo momento as mãos assumem uma forma que nos faz criar uma imagem mental pictórica de um pássaro, que nesse contexto representa a pomba branca de Oxalá.

Figura 20 – sinal de OXAGUIÃ

Imagem de OXAGUIÃ	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Ibeji

Deuses gêmeos de infância. Não se conhecem filhos espirituais dos Ibejis, mas eles são muito venerados no Brasil. Considerados protetores das crianças, são representados por bonecos e brinquedos; comem caruru, prato preparado com quiabos cortados e fritos no azeite de dendê; gostam de aves e adoram bolos, balas e tudo quanto é tipo de guloseima. Sua saudação é *Ebé Ibeji oro*. Na sua festa anual, comida, doces e brinquedos são oferecidos a todas as crianças. Seu número é o 2 e seu dia o domingo. Os Ibejis são relacionados a todas as cores alegres.

O sinal IBEJI pode ser classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa. O sinal IBEJI é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado na altura do peito, com a palma da mão voltada para dentro, a mão assume a CM nº 15, e faz um movimento circular para baixo. Em seguida, ambas as mãos com a CM nº 57.

É possível identificar uma relação icônica entre o sinal e o seu referente por meio do sinal de criança.

Figura 21 – sinal de IBEJI

Imagem de IBEJI	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Iroko

Iroko é uma entidade orixá representada por uma árvore sagrada, parte fundamental na constituição dos espaços sagrados dos terreiros. Essa árvore recebe o tratamento de orixá; ela é sempre amarrada no tronco com uma toalha branca, onde recebe oferendas.

Quanto ao tipo morfológico, o sinal pode ser considerado do tipo simples, pois é formado por um único formante da língua natural.

O sinal IROKO é reproduzido da seguinte forma: com o braço posicionado em frente ao peito com a palma da mão voltada para dentro, ambas as mãos com a CM nº 60, sobem com movimento para cima simulando o tronco e a copa da árvore. É possível identificar uma relação icônica entre o sinal e o seu referente árvore.

Figura 22 – sinal de IROKO

Imagem de IROKO	Sinal em Libras	QR-code com vídeo
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objeto de estudo os sinais em Libras dos Orixás do Candomblé do Recôncavo da Bahia, numa perspectiva Teonímica. Os estudos onomásticos em Libras evidenciam uma relação interdisciplinar entre o estudo dos nomes próprios e as outras áreas do saber, como Antropologia, História, Religião, principalmente porque, para compreender o ato de nomear, que é uma característica inata do ser humano, em línguas orais ou em línguas de sinais, que é o nosso caso, é preciso compreender as motivações que levam à atribuição de um nome, seja a uma pessoa, um lugar, um animal, um astro ou a uma entidade religiosa.

Compreendendo a importância de expandir os estudos Onomásticos, nos interessou estudar os sinais dos Orixás, para tanto selecionamos os sinais que seriam analisados, descritos e classificados quanto aos parâmetros de formação, quanto ao seu tipo morfológico e buscamos identificar a motivação semântica dos sinais coletados.

Quanto à descrição fonológica dos sinais, tomamos como base as ideias de Felipe (2017) e Quadros e Karnopp (2004) sobre os parâmetros formacionais.

Quanto ao tipo morfológico, tomamos como base os estudos de Sousa (2019) onde o autor aponta quatro tipos de classificação morfológica: simples, simples híbrida, composto e composto híbrido. Ao fim da análise, pudemos perceber que, dos 17 sinais, 11 são do tipo simples (possuem um único formante em Libras) e 6 do tipo composto (possuem dois formantes ou mais da língua natural). Não há sinais que possuam classificação híbrida ou composta híbrida, assim, é possível afirmar que nenhum sinal possui empréstimo da língua oral, portanto, todos os sinais são constituídos por formantes da língua natural.

Quanto à motivação semântica, percebemos os aspectos da iconicidade presente em todos os sinais dos Orixás. Desse modo, este trabalho contribui significativamente com os estudos Teonímicos em Libras para preencher as lacunas que existiam no que diz respeito aos sinais que nomeiam os Orixás em Libras.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavícius. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponimia-brasileira-1614>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- AMARAL, Rita de Cássia; SILVA, Vagner Gonçalves. A cor do Axé. Brancos e Negros no Candomblé em São Paulo. **Estudos Asiáticos**, v. 25, p. 99-124, 1993.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- FELIPE, Tania A.; MONTEIRO, Myrna. **Libras em Contexto: Curso Básico** – Livro do Professor. 6. ed. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOREIRA, Gabrielly Oliveira; SOUSA, Alexandre Melo de. Teonímia em língua brasileira de sinais: os sinais dos Orixás. **Working Papers**, v. 25, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2024.e94418>. Acesso em: 12 set. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos lingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEDRASSANI, Julio Sonaglio; ECKERT, Kleber; RÖHRING, Maiquel. Onomástica literária: os nomes dos personagens do romance *Lucíola* de José de Alencar. **Revista Gtlex**, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 294-312, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53112>. Acesso em: 21 ago. 2024.

PERLIN, Gladis Terezinha Telles. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 51-74.

PERNISS, Pamela. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**. 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937>. Acesso em: 5 ago. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTOS, Silvio Matheus A. O método da etnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, p. 214-241, 2017.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Onomastics in different perspectives: research results. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SOUSA, Alexandre Melo de. Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico-semântico do vocabulário umbandístico. **Revista Philologus**, v. 39, p. 40-55, 2007.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro. **Perspectiva para o ensino de línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022. p. 7-20.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex.**, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 4 ago. 2024.

TAUB, Sarah F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TEIXEIRA, Monalisa Abreu. **Zoonímia em libras**: análise estrutural e semântico-motivacional dos sinais de animais de estimação de surdos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Letras Libras, Rio Branco, 2022.

TRASK, R. Larry. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIDIGAL, Juliana; TEIXEIRA, Duda. **Coleção divindades afro-brasileiras**. 2. ed. Revistas das Religiões. São Paulo: Editora Abril, 2014.

Meu pet tem um sinal porque ele faz parte do meu mundo! – uma análise dos sinais zoonímicos em Libras

*Alexandre Melo de Sousa
Monalisa Abreu Teixeira
Ivani Rodrigues Silva*

Introdução

Neste texto, apresentamos uma análise semântico-motivacional de 86 sinais atribuídos por surdos aos seus animais de estimação. O objetivo é verificar quais as motivações mais frequentes na escolha, pelos surdos, dos sinais para seus animais de estimação.

Os dados foram gerados a partir de entrevistas, via WhatsApp, realizadas com 45 surdos residentes em sete cidades: Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Porto Velho, Rio Branco, Rio de Janeiro e São Paulo. A pesquisa é de abordagem quantitativa e qualitativa e a classificação taxonômica segue a proposta de Sousa (2023). As discussões dos dados levam em consideração, também, outros trechos das entrevistas – que foram traduzidas e transcritas para o português.

Estudos onomásticos: a zoonímia em foco

As línguas são formadas, basicamente, pelo léxico e pela gramática, de forma interdependente. O léxico é o vasto conjunto vocabular

necessário para a constituição dos enunciados, discursos. A gramática, por sua vez, são os mecanismos (as regras) de formação e combinação dos itens lexicais, de modo que constitua um todo significativo (Polguère, 2018).

Há várias disciplinas que se dedicam ao estudo do léxico: a Lexicologia, que trata, entre outros, dos processos de expansão e inovação lexical; a Lexicografia, que se dedica ao estudo das construções de glossários e dicionários; a Terminologia, que se dedica ao estudo dos termos de especialidades; a Onomástica, que se interessa pelo estudo dos nomes próprios em geral. Esta última é o foco do estudo que apresentamos aqui.

De acordo com Sousa e Dargel (2020), a Onomástica tem caráter interdisciplinar – embora seu objeto, o nome, seja um elemento linguístico por excelência, sua formação requer diferentes ângulos e métodos de análise advindos de outros campos do saber. Por exemplo, para a análise do nome próprio de lugar, o topônimo, é preciso buscar a) na Geografia os conhecimentos de cartografia, de paisagem geográfica, de topografia; b) na História os conhecimentos sobre a formação dos povos, as miscigenações dos agrupamentos humanos; c) na Antropologia os fundamentos das diferentes culturas e suas relações com as identidades dos povos etc.

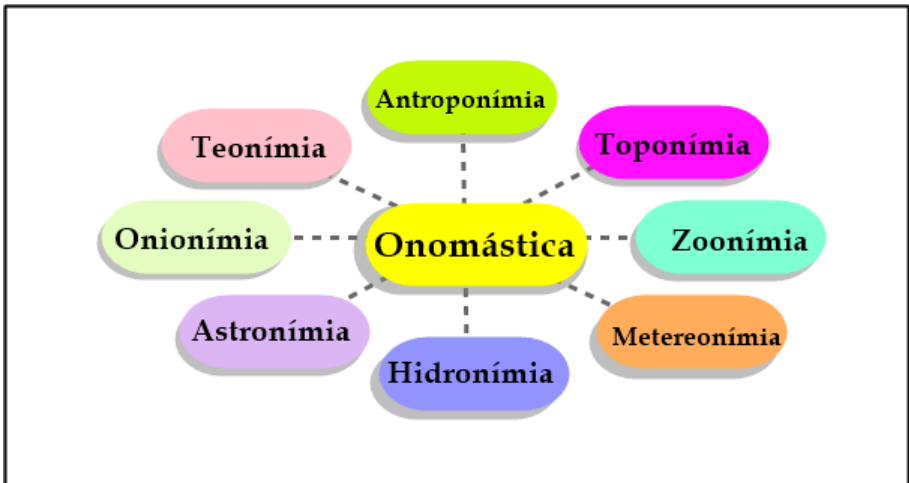
E quando tratamos dos nomes próprios em línguas de sinais, como lembra Sousa (2022), é necessário considerar – além da interdisciplinaridade – as especificidades linguísticas das línguas de modalidade visual-espacial, a cultura surda e os contatos linguísticos que existem entre as línguas de sinais e as línguas escritas.

Sousa (2022) chama atenção para o fato de que o surdo nomeia aquilo que faz parte do seu universo interacional. Os nomes próprios se constituem como referentes espaciais e, ao mesmo tempo, fator de pertencimento espacial, social. Desse modo, por exemplo, se uma pessoa é nomeada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) significa

que ela pertence à comunidade surda (os próprios surdos, os familiares, os intérpretes, os professores, os amigos) ou é uma personalidade (artista, político etc.) que precisa ser referenciada nas interações sociais de um modo geral.

Em Libras, há estudos sobre as nomeações próprias para pessoas – *Antroponímia* (Barros, 2018); para espaços geográficos – *Toponímia* (Sousa; Quadros, 2021); para estabelecimentos comerciais e produtos – *Onionímia* (Venâncio, 2023); para deuses e divindades – *Teonímia* (Moreira, 2023); para os animais de estimação – *Zoonímia* (Sousa, 2023). Todos esses estudos buscaram revelar as relações entre os sinais próprios e seus referentes a partir das análises formais e semântico-motivacionais, destacando questões de iconicidade, influências do português na formação dos sinais e, principalmente, a natureza visual da pessoa surda refletidas nos itens lexicais. A imagem a seguir mostra as subáreas da Onomástica.

Figura 1 – Subáreas da Onomástica



Fonte: Adaptado de Sousa (2022).

Além das subáreas já mencionadas, há, ainda, a Hidronímia, que estuda os nomes próprios de cursos d'água; a Metereonímia, que estuda os nomes de fenômenos atmosféricos; a Astronímia, que estuda os nomes de corpos celestes. Contudo, não foram encontrados estudos científicos que tratassem dessas subáreas em Libras. Trataremos, aqui, das nomeações de animais: a Zoonímia.

A revista *The New York Times*, no artigo intitulado “Como a ciência se comportava em relação aos cães (e gatos)”¹ (Anthes, 2024) enfatiza o crescimento das pesquisas relacionadas aos animais de estimação e atribui esse fato ao relacionamento cada vez mais em evidência dos tutores com seus animais – o que tem representado uma movimentação nos mercados de veterinárias e *pet shops*. Os tutores de cães e gatos querem que seus animaizinhos tenham uma vida mais saudável e os consideram membros da família. Em outra reportagem intitulada “É Brutus, não Bruno! A etiqueta de lembrar os nomes dos animais de estimação dos seus amigos”², Richtel (2024) discute sobre os impactos de esquecer ou trocar os nomes dos animais de estimação dos amigos a partir de entrevistas com os tutores. Para alguns, a troca dos nomes pode soar como uma ofensa, um pouco-caso com a relação entre tutor e pet. Uma das entrevistas sugere que dar nomes engraçados aos pets pode ser uma boa estratégia para que os nomes não sejam esquecidos. A questão da nomeação é tão importante para alguns tutores que, em alguns casos, os animais recebem nomes, sobrenomes e apelidos (mais curtos e de sonoridade mais marcante).

Neethling (2017) estudou 425 nomes atribuídos a babuíños da África do Sul. De posse dos dados, ele distribuiu os nomes a partir de categorias: comportamento dos babuíños, características físicas dos babuíños, homenagens a celebridades, referências a cores, referências a músicas, referências a personagens da ficção ou a personali-

1 *How Science Went to the Dogs (and Cats)* (Anthes, 2024).

2 *It's Brutus, Not Bruno! The Etiquette of Remembering Your Friends' Pets' Names* (Richtel, 2024).

des históricas. A pesquisa mostra a criatividade na escolha de nomes para os primatas.

Chen (2017), por sua vez, estudou os nomes de pets em Taiwan. Foram selecionados 321 nomes atribuídos a animais de estimação e observadas questões de formação dos nomes e as inspirações para as escolhas. Quanto à formação, o estudo apontou que a reduplicação foi preponderante nos dados analisados (ex. *rou rou*). Em relação às inspirações para as escolhas, o comportamento dos animais foi mais marcante nos dados analisados.

Guarnieri (2023), no texto “Qual o nome do seu pet?” – publicado no *blog da Revista My Pet* – afirma que:

Um nome, além do significado em si, pode ser uma forma de homenagem a um personagem de série, de filmes, de familiares, pessoas queridas e muito mais. Quando falamos em nomeação de pets, a criatividade vai além e não tem limites. Vale tudo: comida, personagens de desenhos animados, de histórias em quadrinhos, da literatura, de novelas, de pessoas ou até mesmo animais que marcaram a história.

Vemos, assim, que são muitas as possibilidades de nomear e particularizar os animais de estimação. A autora afirma, ainda, que a inclusão dos animais de estimação no interior das residências contribui com a afetividade e o cuidado familiar nas relações entre tutores e pets. Guarnieri (2023) ilustra sua matéria com uma pesquisa realizada pela plataforma *DogHero-Petlove*, chamada *PetCenso*, que apresentou os nomes de animais de estimação mais populares do Brasil em 2023.

Figura 2 – Nomes de cães e gatos mais populares no Brasil

Fonte: Adaptado de Guarnieri (2023).

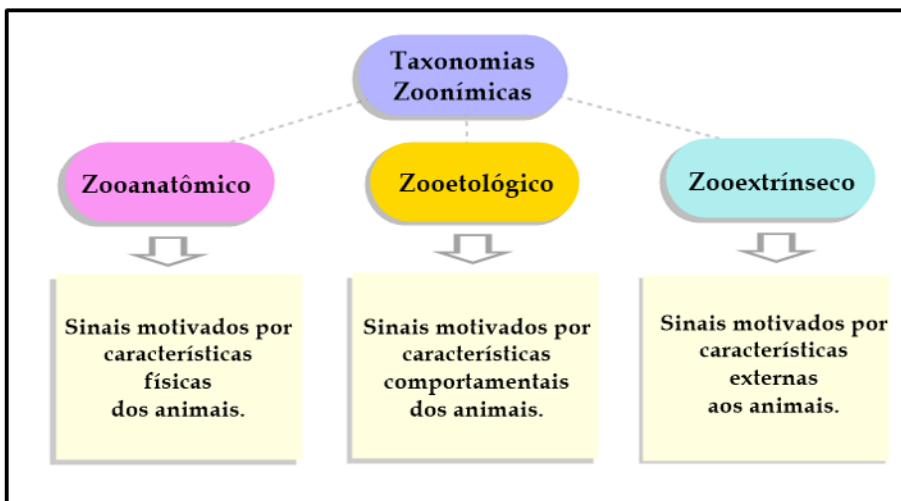
Os dados, segundo Guarnieri (2023), incluem nomes de cães e gatos coletados a partir da referida plataforma, que registra mais de 2,5 milhões de animais de estimação. Entre os cães, *Mel* foi o nome mais popular; entre os gatos, *Nina* foi o nome mais informado.

Em relação às nomeações de animais de estimação em Língua Brasileira de Sinais (Libras), Sousa (2023) analisou sinais (próprios) atribuídos por surdos aos seus animais de estimação. Os dados foram extraídos de entrevistas com surdos de Campinas (São Paulo) e Rio Branco (Acre), com idades entre 10 e 20 anos. Inicialmente, foi verificado se os participantes da pesquisa possuíam animais. Foram informados os seguintes animais: cães, gatos, peixe, jabuti, hamster, cavalo.

Em seguida, os participantes informaram os sinais atribuídos a eles. Foram indicados 106 sinais.

A partir dos sinais apresentados, Sousa (2023) os distribuiu em categorias e propôs um conjunto de taxonomias para a classificação semântico-motivacional dos sinais em Libras que nomeiam animais, como mostrado na figura a seguir.

Figura 3 – Taxonomias zoonímicas



Fonte: Sousa (2023).

Nos dados analisados por Sousa (2023), as características físicas dos animais foram mais utilizadas para nomear os animais de estimação: 62,26% (*zooanatômicos*). Em segundo lugar, apareceram os sinais motivados por características comportamentais dos pets: 24,53% dos casos (*zooetológicos*). Por fim, os sinais motivados por fatores externos aos animais (por exemplo, acessórios, empréstimos do português) somaram 13,21% (*zooextrínsecos*). Utilizaremos, no presente estudo, a proposta de Sousa (2023) para a classificação dos sinais zoonímicos. A metodologia desta investigação é descrita a seguir.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo, de natureza aplicada e abordagem qualitativa e quantitativa (Gil, 2008), se caracteriza, quanto aos objetivos, como descritivo. Adotamos o procedimento da pesquisa documental apoiado pela análise de conteúdo de Bardin (2011).

Os dados são gerados a partir de entrevistas com 45 surdos de diferentes cidades brasileiras que possuem animais de estimação.

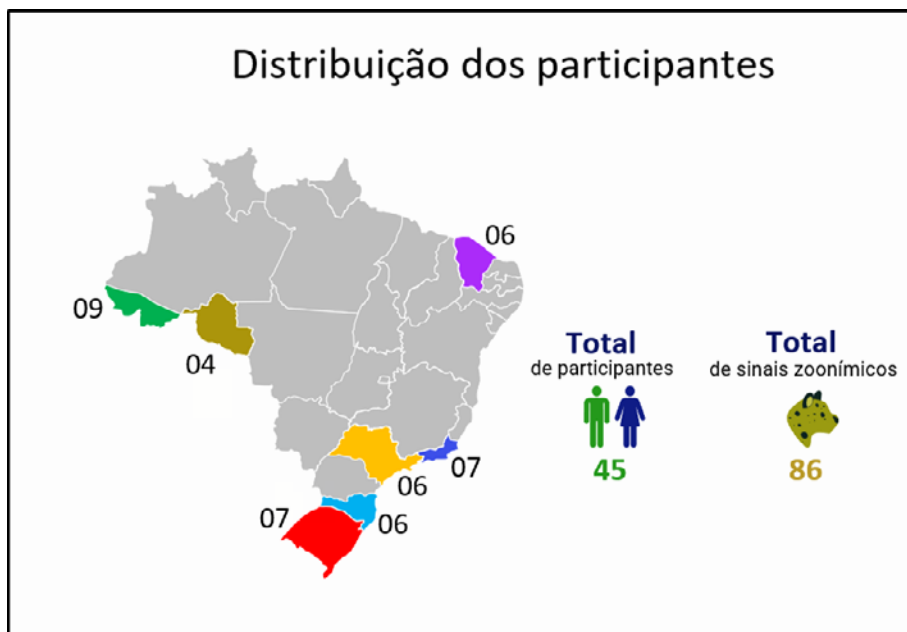
Tabela 1 – Quantitativo de participantes e dados zoonímicos

CIDADE	NÚMERO DE PARTICIPANTES	NÚMERO DE SINAIS
Florianópolis	06	17
Fortaleza	06	09
Porto Alegre	07	14
Porto Velho	04	07
Rio Branco	09	18
Rio de Janeiro	07	11
São Paulo	06	10
TOTAL	45	86

Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram realizadas via WhatsApp (devido às distâncias geográficas em que se encontravam os participantes). Eles responderam a três perguntas: 1) Você possui animal de estimação? 2) Qual o sinal do seu animal de estimação? 3) Por que você escolheu esse sinal para ele?

Na figura a seguir, podemos visualizar a distribuição dos participantes da pesquisa em seus respectivos estados.

Figura 4 – Distribuição dos participantes e sinais

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando o participante possuía mais de um animal de estimação, foram informados todos os sinais e seus motivadores. Os participantes também apresentaram os animais (ou foto deles) durante as entrevistas, como forma de demonstrar os aspectos motivadores dos sinais atribuídos.

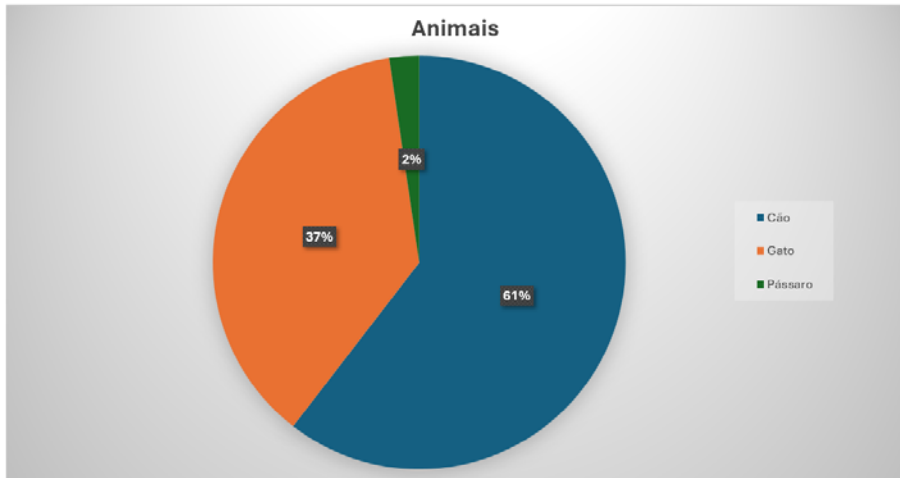
Análise dos dados

Como vimos, é muito comum a atribuição de nomes próprios para animais de estimação, seja em línguas orais (Neethling, 2017; Chen, 2017; Guarnieri, 2023), seja em línguas de sinais (Sousa, 2023).

Neste estudo foram selecionados 86 sinais de animais de estimação que foram distribuídos, de acordo com os tipos apresenta-

dos: 52 cães, 32 gatos e 2 pássaros. Em números percentuais, temos o seguinte:

Gráfico 1 – Tipos de animais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Tal como ocorreu na pesquisa de Sousa (2023), os cães representaram o maior percentual: 61% dos casos. Em seguida foram os gatos (37%) e, por fim, os pássaros com apenas 2 casos (2%).

A etapa seguinte foi distribuir os dados, quantitativamente, com base na classificação de Sousa (2023), conforme a tabela 2, apresentada a seguir.

Tabela 2 – Categorias zoonímicas

TAXES		QUANTITATIVO
Zooanatômicos (ZAt)		46
Zooetológicos (ZEt)		18
Zooextrínseco (ZEx)		10
Híbrido	ZAt + ZEt	04
	ZAt + ZEx	02
Opaco		01
Não se aplica		05
TOTAL		86

Fonte: Elaborado pelos autores.

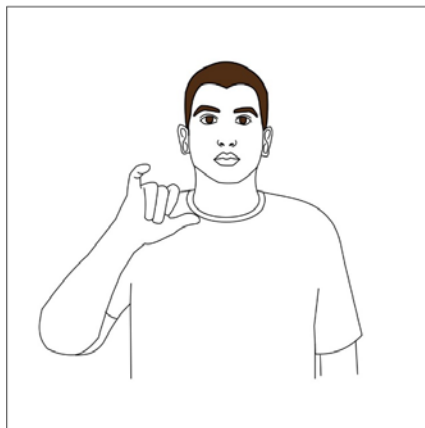
A classificação taxonômica preponderante foi de sinais motivados por características físicas de animais – zooanatômicos. Para os participantes, a percepção visual que eles têm dos animais parece prevalecer no ato de nomeação, como podemos verificar nos trechos das entrevistas transcritos³ a seguir:

Meu cãozinho tem um rabinho quebrado desde que nasceu. Veja [mostra o animal] como ele é lindo! Dei o sinal a ele mostrando o rabinho quebrado (Participante 5).

No início eu dei o sinal pela cor branca dos pelos. Mas ele foi crescendo e o pelo mudou de cor. Agora é cinza. Eu mudei o sinal também. Agora o sinal é CINZA (Participante 18).

Meu gato tem listas no rosto. [Ele mostra a foto]. Eu dei o sinal assim [passando o dedo indicador duas vezes na própria face abaixo do olho direito]. O sinal combinou com ele (Participante 20).

³ Embora as interações das entrevistas tenham ocorrido em Libras, para este trabalho, transcrevemos trechos para ilustração nas análises.

Figura 5 – Sinal do cão (Participante 5)

Fonte: Imagem produzida para este estudo.

A segunda taxonomia mais presente foi a zooetológica, que se refere ao comportamento dos animais. Os participantes indicaram 18 sinais que faziam referência ao modo como os animais se expressavam ou ao temperamento dos pets. Eis alguns trechos das entrevistas:

Ele sempre dormiu muito. Acho que os gatos todos gostam de dormir. Então dei o sinal DORMIR (Participante 1).

Meu cão é muito bravo. Vive estressado. Eu dei o sinal SÉRIO. Ele é assim mesmo. Não gosta das pessoas. Só de mim (Participante 4).

Meu animal de estimação é um passarinho. Esse é o sinal dele: SORRIR. Eu acho que ele é muito feliz. Ele é livre e voa na hora que quer. Mas sempre volta. Essa é a foto dele [mostra a foto] (Participante 45).

Figura 6 – Sinal do gato (Participante 1)

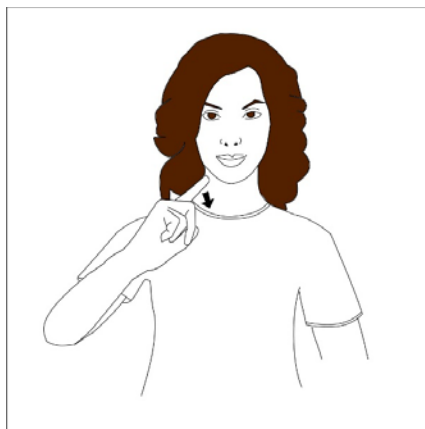


Fonte: Imagem produzida para este estudo.

A taxonomia zooextrínseco foi identificada em 10 sinais. Em todos os casos os sinais faziam referências a acessórios usados pelos pets, como podemos observar nos trechos a seguir:

Esse laço na cabeça é uma marca dela. Minha cadelinha tem esse sinal [faz o sinal tocando dois dedos no lado direito da cabeça] (Participante 2).

Meu gato não gostava de coleira quando era pequeno. Foi difícil, mas ele se acostumou a usar. A coleira sempre verde. Então dei esse sinal a ele [faz o sinal passando o dedo indicador no lado direito do pescoço] (Participante 15).

Figura 7 – Sinal do gato (Participante 15)

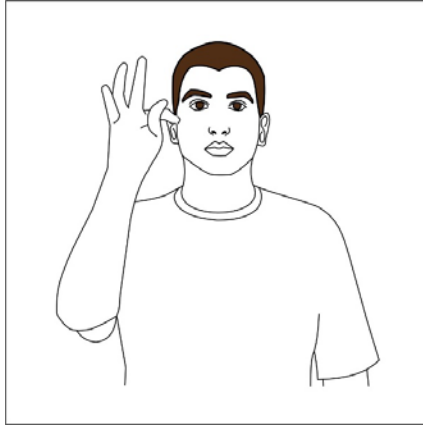
Fonte: Imagem produzida para este estudo.

Entre os dados, ocorreram classificações híbridas, associando duas taxonomias. Em 4 casos, os sinais eram formados por uma motivação física e outra externa ao animal (letras dos nomes em língua oral), como nos exemplos:

O nome dele na minha família é T-H-O-R [faz a soletração manual do nome]. Mas eu queria dar um nome em língua de sinais. Ele tem marcas escuras no rosto, veja [mostra o cão]. Esse é o sinal dele [na configuração relacionada à letra T, o participante toca o próprio rosto próximo à orelha direita (Participante 41).

O sinal do gato é assim [a participante toca a ponta do nariz com a mão em configuração referente à letra F]. O nome dela é F-I-L-Ó e ela tem o focinho rosado (Participante 16).

Figura 8 – Sinal do cão (Participante 41)

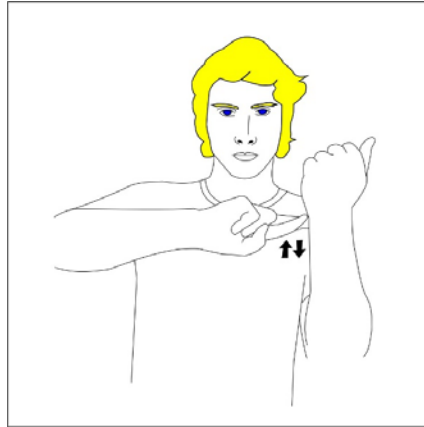


Fonte: Imagem produzida para este estudo.

Em dois sinais, também híbridos, os participantes associaram uma característica comportamental (zooetológico) com uma referência ao nome do animal em português, como pode ser verificado no trecho a seguir:

[O participante tenta pegar o animal, mas ele foge] Ele é assim, agitado, muito nervoso. Corre o dia todo e não cansa. Eu dei o sinal dele desse jeito [usa a configuração relacionada à letra R passando na parte interna do braço]. É o sinal NERVOSO junto com a letra inicial do nome dele R-A-L-F [faz a datilologia do nome em língua oral] (Participante 7).

Figura 9 – Sinal do cão (Participante 7)

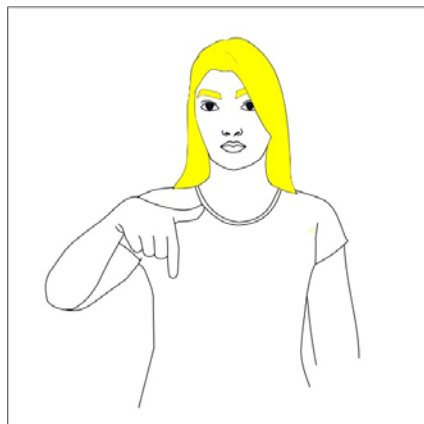


Fonte: Imagem produzida para este estudo.

Houve, ainda, um caso que não conseguimos classificar na proposta de Sousa (2023). Vejamos o trecho a seguir:

Para este [mostra o cão] eu dei o sinal SETE a ele. Nasceram vários filhotes e ele foi o último. Foi o número 7. Então dei o sinal assim: SETE [risos] (Participante 4).

Figura 10 – Sinal do cão (Participante 4)

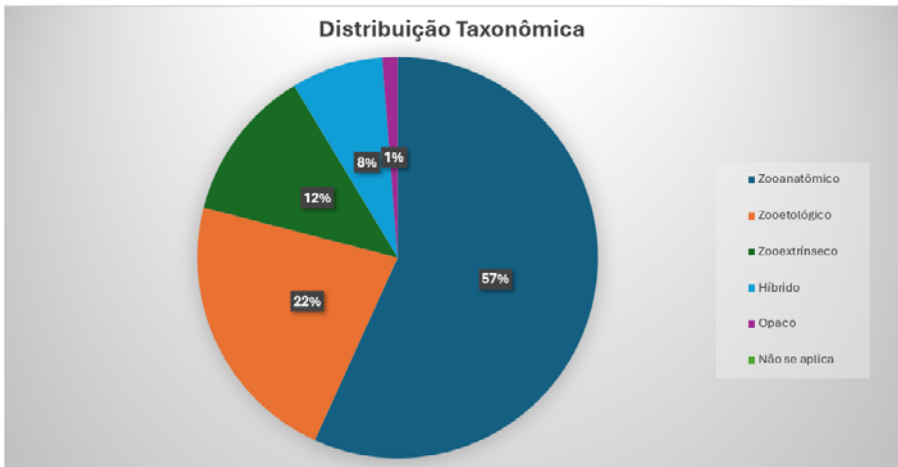


Fonte: Imagem produzida para este estudo.

Como se vê, embora o sinal tenha relação com o animal, não se trata de uma característica física e nem comportamental. Também não é coerente dizer que é uma característica externa ao animal. Então, resolvemos classificar como *opaco*. Vale ressaltar que 5 animais apresentados pelos participantes não possuíam sinais em Libras.

A distribuição classificatória, em números percentuais, pode ser visualizada no gráfico 2:

Gráfico 2 – Distribuição Taxonômica



Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como ocorreu na investigação de Sousa (2023), os sinais classificados como zooanatômicos foram preponderantes, seguidos dos zooetológicos e, depois, pelos zooextrínsecos. No nosso caso, ocorreram casos de sinais com taxonomias híbridas e de classificação opaca.

Embora não tenha sido objetivo deste trabalho, nos chamou atenção a fala de uma das participantes quando explicava a motivação do sinal em Libras do seu cachorro. O trecho é apresentado a seguir:

Eu achei importante meu cãozinho ter um sinal. Uma amiga me perguntou: ‘Por que você deu um nome em Libras pra ele? Ele nem entende’. Eu respondi pra ela: **‘Meu pet tem um sinal porque ele faz parte do meu mundo!’** Meu mundo é visual, meu pet também tem um nome visual. Não quero o nome em português [risos] (Participante 43).

Biderman (2001) diz que nomeamos as coisas que fazem parte do nosso mundo referencial. E Sousa (2023) argumenta que, quando o surdo nomeia as coisas ao seu redor (pessoas, lugares, animais, objetos), ele dá existência na sua perspectiva, na sua visão de mundo, na sua cultura. Então, a fala da participante 43 se alinha com o que afirmam Biderman (2001) e Sousa (2023).

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo analisar os sinais de animais de estimação de 45 surdos residentes em sete cidades brasileiras: Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Porto Velho, Rio Branco, Rio de Janeiro e São Paulo. Foram selecionados 86 sinais que foram classificados a partir da proposta de Sousa (2023).

Os resultados mostraram que a perspectiva visual do surdo prevalece no ato de nomear seus pets – especialmente as características físicas (zooanatômicas) dos animais, que somaram 57% dos casos. Em seguida, as características comportamentais e temperamentais (zooetológicas) foram representadas em 22% dos sinais próprios dos animais.

A Zoonímia em Libras é uma área de estudos ainda com poucas investigações, mas tem se mostrado um terreno fecundo para descrever o léxico em Libras, de modo especial, no âmbito da Onomástica.

Agradecimentos:

Agradecemos à desenhista Kerolaine Cristina da Silva Soares pela produção das imagens 5, 6, 7, 8, 9 e 10 que ilustram este texto.

Referências

ANTHES, Emily. How Science went to the dogs (and cats). **The New York Times**, 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/06/30/science/pets-research-dogs-cats.html>. Acesso em: 24 jul. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: a motivação dos sinais-nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

CHEN, Lindsey. Pet-Naming practices in Taiwan. **Names**, v. 65, n. 3, p. 1-11, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUARNIERI, Ana Lúcia. Qual o nome do seu pet? **Revista My Pet**, 2023. Disponível em: <https://revistamypet.com.br/2023/08/31/qual-e-o-nome-do-seu-pet/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

MOREIRA, Gabrielly Oliveira. **Teonímia em Libras: análise motivacional dos sinais que nomeiam os Orixás do Candomblé**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco, 2023.

NEETHLING, Bertie. **Onomastics** – a multidisciplinary field of study. What's in a name? Republic of Moldova: Lambert Academic Publishing, 2017.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. São Paulo: Contexto, 2018.

RICHTEL, Matt. It's Brutus, Not Bruno! The etiquette of remembering your friends' pets' names. **The New York Times**, 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/06/27/science/pets-names-etiquette.html>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro (org.). **Perspectivas para o ensino de Línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Zoonímia em Libras**: como os surdos nomeiam seus animais de estimação e proposta taxonômica. 120 f. Tese (Professor Titular) – Centro de Educação, Letras e Artes. Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7-22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 9 jul. 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. **Sign Language Studies**, v. 22, n. 1, Estados Unidos: Gallaudet University Press, 2021. p. 75-105.

VENANCIO, Atilto Alves. **Onionímia em Libras**: os sinais em libras que nomeiam os estabelecimentos comerciais do Via Verde Shopping a relação entre o sinal e a logomarca. 2023. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco, 2023.

Organizadores e autores

Alexandre Melo de Sousa (Organizador/Autor)

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2007) com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018-2019). Foi professor da Universidade Federal do Acre (2005-2023). Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, relacionadas à Linguística (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL/UFAL), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFAC) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UNEMAT). Líder do Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Atua nas áreas de Descrição e Análise Linguística (Libras), Educação de Surdos, e Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais. Vice-coordenador do G.T. de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Vice-coordenador da Comissão Científica e Estratégica das Ciências do Léxico da ABRALIN. Membro do Observatório Onomástico (O-Onoma). Membro da Academia Acreana de Letras – Cadeira n 1. Bolsista Produtividade CNPq (PQ-2).

E-mail: alexandre.sousa@fale.ufal.br

Antonio Hercles Coêlho Almeida

Mestrando em Educação pelo programa de Formação Docente em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão – PPGFOPRED/UFMA, Campus Imperatriz. Atua como professor de Libras como língua adicional (L2) a alunos ouvintes no CAS/MA em São Luís. Pesquisa assuntos relacionados

à Libras, ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos e formação de professores surdos.

E-mail: hercles.almeida86@gmail.com

Ariel Novodvorski

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor associado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). Como docente, atua no curso de Graduação em Letras Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Seus interesses de pesquisa incluem: Estudos Descritivos, Linguística de *Corpus*, Estudos da Tradução, Língua Espanhola, Fraseologia e Terminologia. Tem experiência de mais de vinte anos na docência, pesquisa e tradução. Conta com publicações em diversos periódicos indexados e em livros. Diretor do Instituto de Letras e Linguística da UFU (2017-2025).

E-mail: arivorski@ufu.br

Beatriz França de Morais

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Graduada em Licenciatura em Letras Libras pela mesma instituição.

E-mail: beatriz.morais@sou.ufac.br

Brenno Barros Douettes

Doutor em Linguística (2023) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professor adjunto do Magistério Superior da Coordenação do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Toponímia bíblica, Terminologia bíblica, Letras Libras e Tradução Bíblica, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais – Libras.

E-mail: bdouettes@gmail.com

Bruno Gonçalves Carneiro

Doutor em Letras e Linguística (2020) pela Universidade Federal de Goiás, com estágio na Universidad Autónoma del Estado de Morelos (UAEM/México (2012). Certificado pelo Prolibras em tradução e interpretação/nível médio (2007) e no Uso e Ensino de Libras/ nível superior (2008). Professor da Universidade Federal do Tocantins, no curso de Letras – Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Atua também no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua nos seguintes temas: tipologia linguística, descrição e análise de categorias gramaticais na língua de sinais brasileira, e educação de surdos.

E-mail: brunocarneiro@mail.uft.edu.br

Carlos Messias Alves de Jesus

Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Tradutor e Intérprete de Libras na UFRB. Pesquisador vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: karlostils@gmail.com

Daniela Betânia dos Santos Ferreira

Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professora de Libras da UEFS. Tradutora e Intérprete de Libras na UFRB. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: dbsferreira@uefs.br

Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas

Mestre em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professora Substituta de Libras da UEFS e Tradutora/Intérprete de Libras. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS)

e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: erscdantas@uefs.br

Fabiola Sucupira Ferreira Sell

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em estrutura sentencial e ensino de língua materna, bem como na área de Tradução e Interpretação de Libras. É professora associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no Centro de Ciências Tecnológicas (CCT), ministrando as disciplinas de Libras e Língua Portuguesa na graduação. Professora efetiva do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias (PPGECMT – UDESC), nas linhas de pesquisa Práticas Educativas e Processos de Aprendizagem no Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias e Educação Inclusiva em Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias e Demandas Educativas em Diferentes Contextos. Coordena projetos de pesquisa e extensão na área de Ensino, Educação de Surdos e Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa.

E-mail: fabiola.sell@udesc.br

Gabriele Cristine Rech

Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e em Letras – Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente, é professora efetiva da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), ministrando a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura. Coordena projetos de pesquisa e extensão na área de Ensino e Libras. É membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero, Raça e Etnia (CEPEGRE) e do Observatório Onomástico (O-Onoma).

E-mail: gabriele@uems.br

Higor Soares Pereira

Graduado em Educação Física pela Uninorte (2023) e especialista em Libras e Educação de Surdos pela Faculdade Santo André (2024). Atualmente é Tradutor e Intérprete da Secretaria Municipal de Maceió.

E-mail: higorsoarespereira@gmail.com

Iago Gusmão Santiago

Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professor Assistente do Departamento de Letras e Artes da UEFS, em regime de Dedicação Exclusiva. Pesquisador vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: igsantiago@uefs.br

Israel Queiroz de Lima

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestre em Educação (2022) pela Universidade Federal do Acre. É professor de Libras da Universidade Federal do Acre e pesquisador do Grupo ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão).

E-mail: israel.lima@ufac.br

Ivani Rodrigues Silva

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2005). É docente do Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Campinas e do Curso de Pós-Graduação Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Tem experiência na área de Educação de Surdos (formação de professores, Educação Bilíngue, Letramento(s) na diversidade, Construção de materiais para o ensino de português como L2 e na área de dificuldades de leitura/escrita), atuando principalmente nos seguintes temas: educação bi/multilíngue; letramento(s) na diversidade e formação de professores para atuar com alunos surdos. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem

e Educação da ANPOLL. Líder do grupo de pesquisa do CNPq “Educação intercultural bi/multilíngue: ensino de português como segunda língua para surdos”.

E-mail: ivani.rodrigues.silva@gmail.com

João Carlos Paiva Xavier

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas. Graduado em Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre (2023) e pesquisador do Grupo ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Atualmente é Tradutor e Intérprete na Universidade Federal do Acre.

E-mail: joao.xavier@ufac.br

João Renato dos Santos Junior

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestre em Educação (2022) pela Universidade Federal do Acre. É professor de Libras da Universidade Federal do Acre e pesquisador do Grupo ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão).

E-mail: joa0.junior@ufac.br

Karime Chaibue

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2022). Atua no ensino desde 1997, exercendo diversas funções, tais como: secretária escolar, professora regente na educação infantil em salas de aulas com alunos surdos e ouvintes, intérprete de Libras e coordenadora pedagógica no Núcleo de Capacitação dos Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS-GO). Professora efetiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) desde 2012.

E-mail: karime.chaibue@ifg.edu.br

Karylleila dos Santos Andrade

Doutora em Linguística (2006) pela Universidade de São Paulo. É professora Titular da Universidade Federal do Tocantins e atua nos cursos de Pós-graduação em Letras da UFT e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da UFNT. Tem experiência na área de Linguística e Antropologia Linguística, com ênfase em Etnotoponímia, toponímia, léxico, interdisciplinaridade, ensino e educação.

E-mail: karylleila@uft.edu.br

Kássia Mariano de Souza

Doutora em Linguística e Linguística Aplicada (2023) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), onde coordena o projeto de pesquisa Língua Brasileira de Sinais: estudos do léxico, políticas linguísticas e aspectos socioculturais e pesquisadora dos Grupos de Estudos e Pesquisas em História do Português (GEPHPOR) e Grupo de Estudos Contrastivos (GECon). Desenvolve pesquisas no campo da Linguística da Libras com ênfase na Lexicologia, Terminologia e Terminografia e Toponímia da Língua Brasileira de Sinais.

E-mail: kassia_mariano@ufcat.edu.br

Liliane Lemos Santana Barreiros (Organizadora/Autora)

Doutora em Língua e Cultura (PPGLINC/UFBA). Estágio de Pós-Doutorado no POSLIN/UFMG. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Núcleo de Estudos Lexicais (NEL/UNEB). Coordena o Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras. Professora Titular da UEFS, em regime de Dedicação Exclusiva, lotada no Departamento de Letras e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL).

E-mail: lilianebarreiros@uefs.br

Magno Prado Gama Prates

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre em Letras (2018) pela Universidade Federal de Rondônia. Foi Coordenador do Programa dos Direitos Humanos da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), e Conselheiro Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Conade). Atualmente é professor de Libras da Universidade Federal de Rondônia, lotado no Departamento de Língua Brasileira de Sinais (Dlibras), Coordenação da Área de Libras no Departamento, Vice-coordenador do Núcleo Docente Estruturante (NDE). Vice-Presidente da Feneis. Tem experiência na área de Política Linguística, Estudos linguísticos em Libras e Estudos surdos.

E-mail: magno.prates@unir.br

Maria Célia Dias de Castro

Doutora em Letras – Linguística pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professora associada da Universidade Estadual do Maranhão, UEMA/*Campus Balsas*. É professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Uemasul, *Campus Imperatriz*. Atua principalmente nos seguintes temas: Linguística Ecológica, Estudos do Léxico, Onomástica (Toponímia e Antroponímia) – Municípios Maranhenses, Região Sul Maranhense, Sertanejo, Língua, Cultura e História.

E-mail: maria.castro@uemasul.edu.br

Mariana Ferreira Albuquerque

Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL), do *Campus* de Araguaína. Atualmente é professora de Libras e Supervisora Pedagógica da SEMED/Araguaína.

E-mail: mari.ferreiraa@hotmail.com

Marianne Rossi Stumpf (Organizadora)

Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio na Universidade de Paul Sabatier e Universidade de Paris 8 (2001-2005). Realizou Pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa (2013-2014). Atualmente é professora da Universidade Federal de Santa Catarina em níveis de Graduação e Pós-Graduação. Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting (CNPq) e do Grupo de Pesquisas Avançadas em Estudos Surdos (GRUPES).

E-mail: stumpfmarianne@gmail.com

Mariângela Estelita Barros

Possui licenciatura e bacharelado em Letras com habilitação em Português e em Inglês pela Universidade Federal de Goiás (1992), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1997), doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008), pós-doutorado pela University of Chicago (2015). Atua no ensino superior desde 1994 nas áreas de: linguística, língua de sinais e línguas estrangeiras. Atua principalmente nos seguintes temas: ELiS, escritas de Línguas de Sinais, aquisição de língua escrita, Libras, linguística e educação de surdos. Criadora do sistema brasileiro de escrita das Línguas de Sinais ELiS. Professora efetiva na Universidade Federal de Goiás desde 2009. Diretora do Laboratório de Leitura e Escrita em Língua de Sinais (LALELIS).

E-mail: estelita@ufg.br

Midian Jesus de Souza Marins

Doutora em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professora Assistente da UFRB. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: midiansouza@ufrb.edu.br

Monalisa Abreu Teixeira

Graduada em Licenciatura em Letras – Libras pela Universidade Federal do Acre. Professora de Libras com experiência na Secretaria Municipal de Rio Branco. Pesquisadora/Estudante do Grupo ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão).

E-mail: monalisa.teixeira@sou.ufac.br

Pablo Henrique Lira Cruz

Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica CNPQ.

E-mail: pablo.cruz@sou.ufac.br

Ronice Müller de Quadros (Organizadora/Autora)

Doutora (1999) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998), realizou Pós-doutorado na Gallaudet University, na University of Connecticut e na Harvard University (2015-2016) e na Humboldt Universität, em Berlin, Alemanha (2020-2021). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais brasileira, gramática da Libras, aquisição da língua de sinais, bilinguismo bimodal, línguas de herança, políticas linguísticas, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais. Consolidou o Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais (NALS) na Universidade Federal de Santa Catarina com dados longitudinais e experimentais de crianças surdas e crianças ouvintes bilíngues bimodais (2002-2012), os dados da documentação da Libras (2012-atual) e o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras (2014-atual). É bolsista Produtividade CNPq (PQ-1B).

E-mail: ronice.quadros@ufsc.br

Rosane Garcia

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (2012). Professora Associada da Universidade Federal do Acre, atuando em níveis de Graduação e Pós-Graduação Stricto Senso. Atuou como Coordenadora Institucional dos Programas de Iniciação à Docência Pibid e Residência Pedagógica da Universidade Federal do Acre. As linhas de pesquisa de investigação envolvem as temáticas de formação de professores e produção de textos acadêmicos, aquisição de linguagem na perspectiva da Fonologia Gestual. Participa dos Grupos de Pesquisa: NELL/Ufac (Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários) na investigação de novas metodologias para o ensino de Língua Portuguesa e aprimoramento do ensino na Educação Básica e no Ensino Superior; ESLIN/Ufac (Educação de Surdos, Libras e Inclusão) com pesquisas no âmbito da educação de surdos, da Língua Brasileira de Sinais e da Inclusão do Sujeito Surdo; DINAFON/Unicamp (Dinâmica Fônica).

E-mail: garcia.rosane@gmail.com

Roselba Gomes de Miranda

Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Professora surda da Universidade Federal do Tocantins, no curso de Letras – Libras. Atua nos seguintes temas: cultura surda e toponímia em Libras.

E-mail: roselba@uft.edu.br

Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

Doutora em Linguística. Professora adjunta da UnB. Professora aposentada da SEDF (32 anos de atuação na educação básica – todas as etapas, como professora regente, itinerante da educação de surdos e coordenadora do Núcleo de Deficiências Sensoriais). No Ensino Superior (graduação e pós-graduação) acumula experiência de várias instituições públicas e particulares, com ensino, pesquisa e extensão. A nível federal participou de projetos, comissões assessoras e avaliadoras e coordenou cursos de formação continuada vinculados ao PAR e ao PARFOR. Como extensionista, propõe, organiza e coordena ações, entre as quais estão eventos, cursos e produtos. Coordenou a Extensão do Instituto de Letras da UnB (10/2020 a 3/2024). Como

pesquisadora criou e coordena o Laboratório LEPEBS, acompanha o Inventário Nacional da Libras – DF, orienta TCCs, PIBICs e, mais recentemente, o PIBID.

E-mail: sandra.nascimento@unb.br

Thaiane Souza Macambira

Mestranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Tradutora e Intérprete de Libras na UFRB e na UEFS. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD/UEFS) e ao Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (UEFS).

E-mail: thai_macambira@hotmail.com

Zanado Pavão Sousa Mesquita

Doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins PPGLIT/UFNT; mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – PPGLe/Uemasul. Atua como professor de Libras como língua adicional (L2) aos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, no município de Davinópolis (MA).

E-mail: zanado.mesquita@uemasul.edu.br

(ORGANIZADORES)



Ronice Müller de Quadros é Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998). Realizou Pós-doutorado na Gallaudet University, na University of Connecticut e na Harvard University (2015-2016) e na Humboldt Universität, em Berlin, Alemanha (2020-2021). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. É bolsista Produtividade CNPq (PQ-1B).



Marianne Rossi Stumpf é Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio na Universidade de Paul Sabatier e Universidade de Paris 8 (2001-2005), com Pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa (2013-2014). Professora da Universidade Federal de Santa Catarina em níveis de Graduação e Pós-Graduação. Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting (CNPq) e do Grupo de Pesquisas Avançadas em Estudos Surdos (GRUPES).

(ORGANIZADORES)



Alexandre Melo de Sousa é Doutor em Linguística (PPGL/UFC) com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2018-2019). Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), atuando na Graduação e na Pós-Graduação nas seguintes áreas: Libras, Linguística Aplicada à Libras. É líder do Grupo de Pesquisa ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Bolsista Produtividade CNPq (PQ-2).



Liliane Lemos Santana Barreiros é Doutora em Língua e Cultura (PPGLINC/UFBA), com Pós-Doutorado no POSLIN/UFMG. Professora Titular da UEFS, lotada no Departamento de Letras e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Coordena o Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia baiana: Português-Libras.

A obra ***Onomástica em Libras*** reúne trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras, surdos e ouvintes, que se dedicam aos estudos da *Antroponímia* (estudo dos nomes próprios de pessoas), *Toponímia* (estudo dos nomes próprios de lugares), *Onionímia* (estudo dos nomes próprios de marcas, produtos e estabelecimentos comerciais), *Teonímia* (estudo dos nomes próprios de deuses e divindades religiosas em diferentes culturas) e *Zoonímia* (estudo dos nomes próprios de animais de estimação). A obra é pioneira no Brasil nessa temática e abre espaço para outros estudos onomásticos em línguas de sinais. Além do texto de abertura (assinado pelos organizadores), há outros 16 capítulos que apresentam, numa relação entre língua e cultura, os processos de nomeação (de pessoas, de lugares, de animais etc.) na perspectiva da pessoa surda.



UFES



PPGEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

